Uma Biblioteca para a Mulher

BIBLIOTECA AUREA

Volumes «mignons», belamente impressos e encadernados em percalina finissima, chagrin, camurça e cretones de fantasia, dourados por folha

1 — *Mulheres e corações,* na obra de Camilo Castelo Branco, coordenação de Branca dos Reis.

2 — *Amor cruel,* novela, por João Grave.

3 — *Cartas de Sóror Mariana,* com um prefácio de Júlio Brandão.

4 — *Cantares,* por Júlio Brandão

5 — *Pensamentos d'amor,* extraídos de autores celebres.

6 — *Memorias de um amoroso,* por Julio Brandão.

7 — *Cartas escolhidas de M.me Sevigny.*

8 — *Vida do espirito,* por João Grave, pensamentos extraídos da obra literaria do autor.

Outros volumes se seguirão.

Preços, vêr a tabela em vigor

Abel Botelho

Romances de Patologia Social

I — Barão de Lavos.
II — Livro d'Alda.
III — Amanhã.
IV — Falal Dilema.
V — Próspero Fortuna.
Sem remedio, romance.
Os Lázaros, romance.
Mulheres da Beira, contos.
Amor Crioulo, novela.

Alfredo Varela

Revoluções cisplatinas — A República Riograndense, 2 grossos volumes com gravuras.

Augusto Casimiro

Sidónio Pais, notas sôbre a intervenção de Portugal na grande guerra.

Basilio Teles

Problema Agrícola
Estudos históricos e economicos.
Carestia da vida nos campos.
Problema do trabalho Nacional.
Do ultimatum ao 31 de Janeiro, esbôço de história política.
O livro de Job.
Prometeu Agrilhoado.
A guerra, opinião sôbre o conflito europeu.
Agricultura e tributo, no prelo.
Figuras portuguesas — Pedro Alvares Cabral, Vasco da Gama; D. Francisco de Almeida; Fernão Magalhães, no prélo.

Preços, vêr a tabela em vigor.
Todos estes volumes vendem-se egualmente encadernados.

O CRITERIO

ERNESTO CHARDRON — EDITOR

OBRAS DE D. JAYME BALMES

12 vol. in-12... 7$200 rs.

O Criterio, philosophia pratica, traducção de *João Vieira*..... 1 volume.
O Protestantismo comparado com o Catholicismo nas suas relações com a civilisação europêa, traducção do mesmo..... 4 volumes.
Philosophia fundamental, traducção do mesmo..... 4 volumes.
Miscellanea politica, litteraria e religiosa, traducção do mesmo..... 2 volumes.
Cartas a um sceptico em materia de religião, traducção de *A. A. Leal*..... 1 volume.

CADA VOLUME..... 600 REIS

O CRITERIO

PHILOSOPHIA PRATICA

POR

D. JAYME BALMES

TRADUCÇÃO DE JOÃO VIEIRA

SEGUNDA EDIÇÃO

LIVRARIA INTERNACIONAL
DE
ERNESTO CHARDRON — Porto
EUGENIO CHARDRON — Braga

1877

PORTO

TYP. DE ANTONIO JOSÉ DA SILVA TEIXEIRA

62, Rua da Cancella Velha, 62

1877

PREFACIO [1]

Já não precisa de louvores o nome de Jayme Balmes. Por todos vai sendo reconhecido o merito d'este excellente escriptor. O seu livro sobre o *Protestantismo e o Catholicismo em suas relações com a civilisação europêa* é hoje considerado, não só na França, mas em toda a Europa culta, como um verdadeiro manual da historia da civilisação. Seus escriptos politicos, sua sabedoria e perspicacia, no meio dos debates que agitaram seu paiz, asseguram á sua memoria um segundo titulo de honra.

[1] Este prefacio acompanha a traducção franceza de M. Manec, já sete vezes editada em França; traducção que, na generalidade, preferimos ao texto hespanhol, porque, effectivamente, n'ella se aperfeiçoára o texto original.

(*Nota do traductor*).

Só resta traduzir os escriptos philosophicos do douto hespanhol, para que cabalmente entre nós sejam julgadas as suas obras.

O primeiro d'estes escriptos é, pela ordem das datas, o que ora offerecemos ao publico.

O author o intitulou: *O Criterio,* isto é, meios para chegar á verdade, arte de julgar, arte do bom senso. É um tratado de logica ao alcance dos espiritos juvenis, uma philosophia pratica e popular, e todavia digna das mais exercitadas intelligencias. N'esta obra, desenvolveu Balmes todas as riquezas habituaes do seu talento: profundo conhecimento das leis que regem o sêr humano; perfeita clareza e simplicidade na linguagem; um senso pratico que jámais o abandona, e que o guia immediatamente para o lado util das verdades que considera.

O que principalmente sobresahe nos pensamentos e escriptos de Balmes, é um caracter que ordinariamente falta aos espiritos mais eminentes formados na atmosphera do seculo XIX. Este caracter é simplesmente o que em nossa lingua se chama *bom senso,* isto é, uma certa justeza, habitual, constante nas opiniões e sentimentos, tranquillidade de coração junta á serenidade de espirito; silencio nas paixões; desinteressado exercicio das faculdades intellectuaes.

Ora este caracter impresso nos escriptos de Balmes se assignala em todos os actos de sua exis-

tencia. É um merito que não deve exclusivamente aos dons geraes da natureza; estes dons aperfeiçoou-os elle em si por meio d'uma educação sã, e d'uma instrucção bebida em fontes irreprehensiveis. Do mesmo modo que o nosso corpo tira seu vigor da terra em que vive e da atmosphera em que respira, o espirito, o coração colhe sua força na educação nacional, na atmosphera intellectual e moral que nos rodeia. A nosso vêr, Balmes deve aos costumes e tradições catholicas de Hespanha tudo que n'elle notamos de raro e superior.

O temor de Deus, a obediencia estricta formaram a regra de sua infancia; a sublimidade do ensino theologico constituiu o alimento de seu espirito durante a adolescencia; sua juventude foi simultaneamente contida e desenvolvida sob a disciplina d'uma universidade orthodoxa, disciplina que, dominando ao mesmo tempo a intelligencia e o coração, perfez nos seculos crentes, tão grandes espiritos e nobres caracteres.

É facil de vêr que o nivel geral da intelligencia e da razão nas sociedades modernas se elevou muito acima do ponto em que o havia collocado a antiguidade. Ora este phenomeno não póde explicar-se por uma superioridade *intrinseca* da intelligencia humana, nas idades presentes. Não só tal superioridade poderia ser negada, mas tambem a igualdade entre os espiritos da antiguidade e os dos tempos modernos daria lugar a contestação. O

phenomeno de que fallamos liga-se por tanto a outra causa. Explica-se pela diffusão e pelo imperio das verdades christãs no seio da humanidade.

Assim o ensino das verdades sobrenaturaes, este ensino que, na sociedade christã é ao mesmo tempo o leite dos meninos, o pão dos fortes e o vinho dos velhos; este ensino tão desastradamente enfraquecido em nossos tempos pela acção do racionalismo, realisava, realisa ainda d'algum modo em alguns paizes do mundo civilisado um duplo beneficio: d'uma parte familiarisa as mais humildes intelligencias com a mais sublime sciencia; de outra parte inculca aos espiritos e lhes faz experimentar as regras d'uma sabedoria sobrehumana. Por virtude d'estas lições divinas, a intelligencia christã se acha, mesmo antes de dar por isso, transportada a uma altura a que os mais bellos espiritos da antiguidade estiveram longe de chegar. D'ahi, a vista nascente do genio percorre, sem se extraviar, longinquos horisontes. Exercita-se a medir vastas distancias. Considerada d'esta elevação, a terra só lhe apresenta grandes espectaculos, ao passo que o céo, encarado de mais perto, o encanta indefinidamente com suas perspectivas infinitas.

Balmes não se contenta só em applicar seu bom senso ás realidades da ordem terrestre; com uma mesma vista d'olhos abrange o destino passageiro do homem e seu futuro immortal. Com a mesma sabedoria, com a mesma rectidão, traça as regras

que constituem no mundo a arte de bem viver e as que conduzem a uma felicidade imperecedoura. O sêr humano apresenta-se-lhe sempre em sua plenitude e em sua unidade: plenitude de duração, unidade de faculdades; alma e corpo; sensibilidade e intelligencia; paixão e vontade; natureza inclinada para o mal, revirada divinamente para o bem; ligada á fraqueza, ás enfermidades, porém presentindo a gloria; tirada da terra, mas preparando-se para o céo.

Antes de se ter percorrido inteiramente o *Criterio* mal se fará idéa justa dos fructos que este livro encerra. O ultimo capitulo, intitulado *Do entendimento pratico,* de per si só formaria uma obra util. Este capitulo não contém menos de sessenta paragraphos, nos quaes Balmes trata da influencia das paixões sobre as operações da intelligencia. Silvio Pellico, no seu opusculo *Dos deveres dos homens,* deixa fallar sua alma amante, santificada pelo sacrificio; Balmes, no *Criterio* faz ouvir o grave e atilado genio que modera o coração ardente da Hespanha.

Em muitos lugares, em que o moralista hespanhol escruta os mysterios da alma humana, rivalisa em justeza e penetração de entendimento com La Bruyère; porém, desprezando as frivolidades de espirito e as particularidades que só a curiosidade interessariam, impellido por sagrado zelo, corre para as consequencias uteis.

Já descrevi as circumstancias que acompanharam o nascimento d'este livro. (*Jayme Balmes, sua vida e suas obras*). Permitta-se-me no em tanto que relembre o exposto. Ainda Balmes não tinha terminado a sua grande obra sobre o *Protestantismo*. Residia em Barcelona. Do seio d'esta cidade atormentada pela revolução, a sua voz, já conhecida em toda a Hespanha, juntava-se ás protestações dos que impugnavam o impio poder de Espartero. Barcelona, em que a revolução havia consummado o seu triumpho, por tres vezes foi bombardeada no espaço de tres annos. O ultimo d'estes bombardeamentos teve lugar depois da expulsão do dictador. Em vão a nação inteira applaudia a restauração do throno, um punhado de facciosos tornados senhores da capital da Catalunha, pretendia fazer prevalecer maximas quasi republicanas. Em quanto as insurreições precedentes, dirigidas contra o espoliador da Hespanha, tinham encontrado na população barcelonense notavel sympathia; foi esta odiosa á propria massa do povo. O canhão de Montjuich troou d'esta vez com geral applauso da Peninsula.

Balmes, antes do bloqueio, retirára-se ao campo, para casa d'um amigo. O tempo do assedio havia passado, isto é, um pouco mais d'um mez. Ahi, sem outros livros que a *Imitação* e Escriptura Sagrada, vencendo as preoccupações e os pezares do presente, havia composto uma nova obra.

Percorria eu a Hespanha por este tempo. Entrei em Barcelona no mez de novembro de 1843, no dia seguinte em que as portas d'esta cidade se tinham aberto diante do exercito de Isabel. Os soldados acampavam por toda a parte. Sob esta protecção, os habitantes reentravam em suas habitações. A esperança renascia no meio da desolação. A piedade visitava, derramando lagrimas, os monumentos sagrados profanados por uma facção em delirio. Particularmente a igreja de Santa-Maria-del-Mar, maravilha de arte gothica, depois de ter servido de corpo de guarda e insurreição, esperava que suas naves purificadas fossem restituidas á oração e ao recolhimento. Fui ter com Balmes no meio d'estas tristezas de Barcelona. Em seu pequeno aposento, situado no andar mais alto da casa d'um seu irmão, uma bomba, ferindo a parede, havia posto em pedaços o canapé sobre o qual, para tratar sua debil saude, costumava encostar-se escrevendo ou dictando. No meio de sua bagagem de viajeiro trazia Balmes o manuscripto do livro que acabava de compôr. No em tanto, esta obra que a Hespanha estima como uma das melhores do author só foi publicada em 1845. É exactamente a que o nosso publico vai lêr com o titulo de *Criterio*.

Relembrando a origem d'este livro não temos de nenhum modo em vista louvar a Balmes por o haver escripto em tão pequeno numero de dias.

de louvor a perfidia, a ingratidão, a injustiça, seria cahir em erro.

Para bem pensar, busque-se conhecer a verdade, isto é, a realidade das cousas. De que serve discutir com subtileza, ou apparentar profundeza, se o pensamento não é conforme a realidade? Um lavrador, um modesto artista que conheçam bem os objectos de sua profissão, pensam e fallam melhor sobre estes objectos do que um philosopho que, revestindo sua ignorancia de formulas abstractas, pretende ensinar o que ignora.

II

DIFFERENTES MANEIRAS DE CONHECER A VERDADE

Algumas vezes só imperfeitamente conhecemos a verdade. A realidade apresenta-se-nos então, não tal como effectivamente é, mas incompleta, augmentada ou mudada. Assim, se a certa distancia desfila uma columna de homens, de sorte que vemos brilhar as armas, mas sem distinguir os trajes, o que podemos concluir é que é gente armada; mas em que circumstancias? será um ajuntamento popular, ou um corpo de tropas regulares? a que parte do exercito pertence? Não o podemos saber. A verdade não se nos apresenta toda; só temos um conhecimento imperfeito; *falta-nos* vêr distinctamente o uniforme.

Se illudidos pela distancia ou qualquer outra causa, suppômos gratuitamente que taes homens estão fardados de modo que realmente não estão, ainda n'este caso ha imperfeição de conhecimento; *ajuntamos* alguma cousa que na realidade não existe.

Emfim, se tomamos uma cousa por outra, como por exemplo, um vestido amarello por branco, alteramos ainda a verdade; *mudamos* um objecto em um outro.

O entendimento que possue uma verdade em toda a sua extensão é como estes bons espelhos que representam os objectos exactamente como elles são. Na posse do erro, o entendimento póde ser comparado com os kaleidoscopios que enganam a vista offerecendo-lhe imagens sem realidade. Finalmente, nos casos em que só possue parte da verdade, é como os espelhos mal estanhados, ou dispostos de certa maneira, os quaes apresentam os objectos reaes, mas de modo que elles não são, por que lhes alteram as proporções e a figura.

III

DIVERSIDADE DOS ESPIRITOS

O espirito bem nascido e bem formado procura vêr nos objectos tudo o que elles contém, mas não mais do que contém. Homens ha que teem o talento

de vêr muito em todas as cousas; porém cabe-lhes a desgraça de verem o que ahi não ha e de não verem o que realmente ha. O successo mais indifferente, uma circumstancia qualquer lhes fornece materia abundante para superabundantemente discorrer; para, como se costuma dizer, levantar castellos em Hespanha. Grandes fazedores de projectos, bellos dizedores!

Outros padecem de defeito contrario; vêem bem, mas pouco. Penetram as cousas d'um só lado, e se este lhes desapparece ficam sem vêr mais nada. Estes espiritos são propensos a serem sentenciosos e obstinados. Como camponios que jámais sahiram de sua patria, para elles o mundo termina onde termina o horisonte.

Um entendimento lucido, exacto e vasto abraça em seu estudo o objecto plenamente; encara-o sob todas as suas faces, em todas as suas relações. A conversação e os escriptos dos homens assim dotados distinguem-se por sua clareza, precisão, exactidão. Cada palavra sua põe em relevo uma idéa e esta idéa corresponde á realidade das cousas; elucidam e persuadem, deixam-nos plenamente satisfeitos. Dizemos com assentimento sem reserva: *isto é verdade, tem razão.* Nenhum esforço é mister para o seguir em seus raciocinios. Caminhamos por caminho plano, no qual o que nos conduz nos faz notar a proposito as maravilhas que se encontram na passagem. — Se a materia é abstracta e difficil, e

o caminho é escuro e se some nas entranhas da terra, não importa! O nosso guia conhece as sinuosidades; sabe como se diminue a fadiga, como se economisa o tempo; tem nas mãos o archote que illumina as profundezas mais tenebrosas.

IV

A PERFEIÇÃO DAS PROFISSÕES DEPENDE DA PERFEIÇÃO COM QUE SE CONHECEM OS OBJECTOS D'ELLAS

O conhecimento perfeito das cousas na ordem scientifica constitue o verdadeiro sabio; na ordem pratica e para a conducta da vida, caracterisa os prudentes; na administração dos negocios publicos, fórma os grandes estadistas. Emfim, em todas as profissões, o mais habil é o que conhece melhor as materias de que se trata e os instrumentos de que se serve. Acrescentemos que este conhecimento deve ser pratico e deve abranger tambem os pormenores da execução que, para assim dizer, são pequenas verdades, de que se não póde prescindir para o conhecimento complcto das cousas. Estas verdades são numerosas, até nas profissões mais simples. Um exemplo: qual será o melhor agricultor? O que melhor conhecer as qualidades dos terrenos, das sementes e das plantas, os melhores methodos e os melhores instrumentos de lavoura; o que á terra fizer produzir melhores fructos, com

menos despeza, em menos tempo e com mais quantidade, finalmente que possuir mais verdades relativas á pratica da agricultura.

O mesmo acontece com o carpinteiro, com o commerciante : o mais habil d'elles será o que possuir maior numero de verdades concernentes a sua arte; o que mais a fundo conhecer a realidade das cousas de que se occupa.

V

A TODOS INTERESSA PENSAR BEM

A arte de bem pensar interessa não só aos philosophos, mas a todos os homens, qualquer que seja a sua condição. O entendimento é um dom outorgado pelo Creador, dom precioso na verdade, mas não isento de perigos; é a luz que nos deve guiar em todos os actos da vida. Velar sobre esta luz é, por tanto, para o homem o dever por excellencia; se ella se apaga, ficamos ás escuras, caminhamos ás apalpadellas. Não devemos ter o entendimento em inacção, sob pena de se embotar e tornar estupido; porém na alimentação do seu fóco, na excitação de sua chamma é mister que nada se altere de sua pureza. Esta chamma deve esclarecer sem deslumbrar, mostrar o caminho a seguir e ao mesmo tempo os espinhos de que esteja semeado.

VI

COMO SE DEVE ENSINAR A ARTE DE PENSAR BEM?

A arte de pensar bem é uma arte pratica, não se aprende tanto com regras como com exemplos. Aos que professam esta arte multiplicando os preceitos e observações analyticas, perguntamos o que pensariam d'uma ama que, para ensinar os meninos a fallar ou andar, empregasse semelhante methodo? Mas não se infira que condemno todas as regras; não é este o nosso pensar. O que sustentamos é que d'ellas se deve usar com sobriedade, sem pretenção philosophica e sobre tudo que devem ser simples e praticas. Ao lado da regra, o exemplo. Um menino pronuncía defeituosamente certas palavras; que faz a mãi para o corrigir? Pronuncia-as ella como devem ser pronunciadas, e lh'as manda repetir em seguida. «Escuta bem como eu digo... vá, agora tu... não ponhas os labios d'esse modo, não faças tanto esforço com a lingua». Eis o exemplo ao lado do preceito; a regra e logo a maneira de a pôr em pratica.

*

CAPITULO II

A' attenção

Assim como ha meios que nos conduzem ao conhecimento da verdade, tambem ha obstaculos que nos impedem de a ella chegar. Ensinar a empregar uns e desviar dos outros; eis a arte de bem pensar.

I

DEFINIÇÃO DA ATTENÇÃO, SUA NECESSIDADE

A attenção é a applicação do espirito a um objecto qualquer. Para bem pensar, é mister, antes de tudo, saber ser attento. O machado não corta, se não é applicado á arvore; a foucinha é inutil nas mãos do ceifador, se não encontra espigas.

Algumas vezes, os objectos se apresentam ao espirito, sem que elle attenda, de modo que succede vermos sem olhar, ouvir sem escutar; porém o conhecimento adquirido por tal modo é sempre ligeiro, superficial, muitas vezes inexacto ou completamente erroneo. O espirito inattento fica por assim dizer fóra de si, não vê o que se lhe mostra. Esforcemo-nos por adquirir o habito da attenção, quer no movimento dos negocios, quer na quietação dos estudos. Temos tido muitas vezes occasião de observar que o que nos falta para comprehender é menos a intelligencia sufficiente, do que sufficiente applicação do espirito, a attenção.

Se escutamos a narração d'um successo qualquer, distrahidos e deixando fluctuar ao acaso a imaginação, interrompendo o narrador com mil questões e digressões estranhas, o que d'aqui resulta é que circumstancias importantes nos escapam, que traços essenciaes passam sem nos impressionar, e que, se depois quizermos contar o facto, ou meditar sobre elle afim de formarmos nosso juizo, elle se apresenta á reminiscencia incompleto e desfigurado. Procederá o erro de nossa incapacidade, ou de não termos prestado sufficiente attenção ao narrador?

II

VANTAGENS DA ATTENÇÃO E INCONVENIENTES DE SUA FALTA

A attenção multiplica as forças do espirito de um modo incrivel, e como que alonga o tempo. Por meio da attenção o homem enriquece-se incessantemente; é á attenção que elle deve a precisão e clareza de suas idéas; deve-lhe até as maravilhas da memoria, pois que em virtude da attenção é que as idéas se classificam no cerebro com ordem e methodo.

Os que só frouxamente attendem, passeiam seu entendimento por lugares distinctos ao mesmo tempo; aqui recebem uma impressão, além uma mui differente; accumulam d'este modo cem cousas inconnexas que, longe de os ajudar para a aclaração e retenção, se confundem, se embaralham, se destróem umas ás outras. Não ha leitura, conversação, espectaculo, que não possam, por mais insignificantes que pareçam, offerecer algum objecto de instrucção. A attenção toma nota e recolhe as cousas mais insignificantes, a distracção deixa cahir ao chão, como refugo, o ouro e as pedras preciosas.

III

COMO DEVE SER FEITA A ATTENÇÃO. ESPIRITOS FRIVOLOS E CONCENTRADOS

Poder-se-ha crêr que tal attenção demanda muita fadiga, mas é um erro. Quando digo attenção, não entendo a fixidez d'um espirito que, por assim dizer se crava nos objectos, mas sim uma applicação serena, repousada, que permitte que cada cousa tenha a sua hora e nos deixa a agilidade necessaria para passar d'um trabalho ao outro. Esta attenção não é incompativel com as diversões ou recreio. Com effeito, recrear-se a gente não é deixar de pensar, é dar tréguas aos assumptos de estudo laborioso e consagrar-se a estudos mais faceis. O sabio que interrompe os seus estudos arduos e profundos para ir saborear um momento os encantos do campo compraz-se em observar o estado das cousas; attende aos trabalhos dos lavradores, ao murmurio das fontes, ao canto das aves; esta attenção distrahe-o, não o fatiga.

Estou tão longe de considerar a attenção como uma abstracção sevéra e continua, que conto como homens distrahidos não sómente os estouvados, mas ainda os absorvidos em si mesmos. Aquelles dissipam-se fóra de si; estes perdem-se dentro de si mesmos, nas vagas profundezas de suas divaga-

ções. Tanto uns como os outros carecem de conveniente attenção, isto é, aquella que se deve applicar ao objecto de que se occupa.

O homem attento é tambem o que tem mais urbanidade e cortezia. Ferís o amor proprio d'aquelles a quem não escutaes. E' de notar aqui que um acto de urbanidade ou um acto contrario se chamam attenção ou falta de attenção.

IV

AS INTERRUPÇÕES

Acrescentemos que até os estudos mais profundos, raramente exigem uma attenção tal que os não possamos interromper sem grave damno. Pessoas ha que se queixam amargamente se a deshoras uma visita ou um ruido qualquer inesperado lhes vem cortar o fio das idéas. Fracos cerebros! verdadeiros daguerreotypos em que o mais leve movimento, a interrupção mais passageira basta para confundir tudo. Este defeito, natural em algumas pessoas, em outras, affectação vaidosa e pueril, accusa sempre completa ausencia de concentração ou recolhimento interior. Como quer que seja, esforcemo-nos por adquirir uma attenção que seja ao mesmo tempo forte e flexivel. É mister que nossas concepções não sejam a guisa de imagens da-

guerraotypicas, mas sim quadros bem desenhados. Interrompido o pintor, deponha seus pinceis para os retomar quando poder proseguir em sua obra. Se um corpo estranho lhe faz sombra, desvio-o e tudo fica reparado.

CAPITULO III

Escolha da carreira

I

VAGA SIGNIFICAÇÃO DA PALAVRA TALENTO

Cada um deve consagrar-se inteiramente á profissão para a qual sentir maior aptidão. Esta regra é da maior importancia; muitas vezes tem sido esquecida ou desprezada, e d'ahi vem, segundo a minha convicção, que as artes e as sciencias não teem ainda feito os progressos decisivos de que são susceptiveis. Para alguns a palavra *talento* significa capacidade absoluta; um espirito fadado para uma cousa deve sêl-o igualmente para todas. Erro capital. Um homem póde ser d'uma capacidade prodigiosa n'um ramo de conhecimentos humanos, e mostrar-se mediocre ou completamente nullo em outros. Certamente Napoleão e Descartes são dous

grandes espiritos e todavia nenhum ponto de semelhança teem. Supponhamos que mudavam seus pensamentos: o genio da guerra não comprehenderia o genio da philosophia; o conquistador collocaria o pensador em o numero d'aquelles que com desdenho chamava ideologos.

Poder-se-hia escrever um livro sobre os talentos comparados, assignalando as differenças radicaes que os distinguem. A cada um sua parte de força e de fraqueza. Ha poucos homens, não ha talvez nenhum que chegue a uma igual superioridade em todas as cousas. Não nos mostra a observação que certas aptidões se contrariam e prejudicam mutuamente? Com effeito um espirito generalisador raramente possue a exactidão minuciosa. Pedi ao poeta que vive de inspirações e imagens grandiosas, que se sujeite á regularidade compassada das mathematicas!

II

O INSTINCTO NOS INDICA A CARREIRA QUE MELHOR SE NOS ADAPTA

Ás faculdades que o Creador nos distribue em graus differentes, acrescenta um instincto precioso que nos indica o seu emprego. Se um espirito se compraz com certos trabalhos, elle os busca com

perseverança; se pelo contrario, experimenta repugnancia quasi invencivel, constante para a esses trabalhos se dedicar. Não nos enganamos n'isto. A natureza nos adverte que recebemos, no primeiro caso, disposições felizes, e no segundo, inaptidão para tal mister. O sentido do gosto, se não está alterado por alguma doença ou maus habitos, distingue os alimentos sãos dos que os não estão. O mesmo acontece com o olfacto. Deus não podia ter menos cuidado pela alma que pelo corpo.

Os paes, os mestres, os directores de estabelecimentos de educação farão bem se prestarem a devida attenção a esta verdade. Quantos talentos, com effeito, que, bem dirigidos teriam dado os mais preciosos fructos, se consomem inutilmente, pelo facto de terem sido consagrados á carreira para que não haviam sido feitos!

Todos podem fazer este exame. O mesmo alumno, desde a idade de doze annos por diante está nos casos de comprehender quaes são os trabalhos que lhe custam menos e os estudos em que se acha com mais aptidão e intelligencia.

III

MEIOS PARA DISCERNIR AS APTIDÕES PARTICULARES D'UM MENINO

Fazei passar diante dos meninos productos diversos, obras notaveis da industria e da intelligencia humana; conduzi-os aos lugares em que o instincto de cada um possa ser posto em presença de objectos de sua escolha. Tal methodo vos será muito util, muito seguro. Na revelação das aptidões, a natureza faz aqui o que seria incapaz de conseguir o estudo mais attento.

Um mecanismo engenhoso attrahe a attenção d'um grupo de meninos de doze annos. O maior numero admira um momento e passa; um só se detem e parece longo tempo esquecido do mais. A curiosidade de seu exame, as questões cheias de senso que dirige, a comprehensão rapida do machinismo que assim o interessa, tudo isto não terá alguma significação para o observador attento?

Lêdes o trecho d'uma bella poesia e se entre elles está algum Lope de Véga, um Ercilla, um Calderon, vêdes brilharem os seus olhos, altear-lhe o peito; e a imaginação do menino sente-se inflammada por um sôpro que nem elle comprehende. Fallou a natureza; designa-vos um poeta.

É mister não contrariar as aptidões, não as forçar. De dous meninos extraordinarios, confiados á

vossa conducta, podeis não dar á sociedade senão dous homens d'extrema mediocridade. A aguia e a andorinha distinguem-se pela força e agilidade de suas azas; porém jámais a aguia lançou o seu vôo á maneira da andorinha, nem a andorinha á maneira do rei dos ares:

....Tentate diu quid ferre recusent
Quid valeant humeri.

Este conselho de Horacio, dirigido aos escriptores, nós o dirigimos a todo o homem que se decide a abraçar uma profissão qualquer.

CAPITULO IV

Da possibilidade

I

CLASSIFICAÇÃO DOS ACTOS DE NOSSO ENTENDIMENTO. QUESTÕES A PROPOR

Para dar a meu assumpto toda a clareza de que o julgo susceptivel, dividirei os actos de nosso entendimento em duas classes: actos especulativos e actos praticos. Chamo especulativos os que param no conhecimento, e praticos os que conduzem a acção ou a determinam.

Quando simplesmente se trata de conhecer uma cousa, podemo-nos propôr as questões seguintes: 1.ª tal cousa é ou não possivel? Existe ou não existe? Qual é a sua natureza? As regras, com cuja ajuda se podem resolver satisfactoriamente estas tres questões abrangem tudo o que diz respeito á sciencia especulativa.

Em toda e qualquer acção, é evidente que nos

propômos um fim. D'ahi as questões: 1.º qual é esse fim? qual o melhor meio de o conseguir?

Peço instantemente ao leitor para que fixe a attenção e se podér, grave na memoria as precedentes divisões. Facilitar-lhe-hão a intelligencia do que deve seguir-se e lhe serão de grande auxilio para estabelecer a ordem em seus pensamentos.

II

O POSSIVEL E O IMPOSSIVEL. CLASSIFICAÇÃO

Possibilidade. A idéa contida n'esta palavra é correlativa á de *impossibilidade.* Com effeito, a affirmação d'uma arrasta á negação da outra.

As palavras possibilidade e impossibilidade exprimem idéas differentes, segundo se applicam ás cousas em si mesmas ou sómente á causa que as póde produzir. Todavia estas idéas teem relações muito intimas, como vamos vêr. Consideradas relativamente a um sêr, independente da causa, a possibilidade e impossibilidade chamam-se intrinsecas; extrinsecas se se applicam ás causas. Apesar da simplicidade e clareza apparente d'esta definição, para completamente alcançar o sentido, é indispensavel seguir-me nas differentes classificações que vou expôr nos seguintes paragraphos.

Poder-se-ha estranhar que definamos a *impos-*

sibilidade antes de definir a *possibilidade*. Mas um pouco de reflexão fará vêr que este methodo é logico. A palavra impossibilidade, não obstante ter sentido negativo, não deixa de apresentar uma idéa positiva, a idéa de contradicção entre as cousas, de exclusão, de opposição, de lucta, por assim dizer; de modo que, vindo a desapparecer esta contradicção, concebemos a *possibilidade*. D'ahi veem estes modos de dizer: tal cousa é possivel, pois que nada se lhe *oppõe;* não tem *contradicção*. Como quer que seja, o conhecimento do impossivel dá o de possivel e *vice-versa*.

Alguns philosophos distinguem tres especies de impossibilidade: impossibilidade *metaphysica, physica* e *moral*. Adoptarei esta divisão, acrescentando-lhe um novo membro: a *impossibilidade do senso commum*. Em seu lugar se verá em que me fundo. Talvez, melhor seria dar á impossibilidade *metaphysica* o nome de impossibilidade *absoluta;* o nome de impossibilidade *natural* á impossibilidade *physica* e á impossibilidade *moral* o nome de impossibilidade *ordinaria*.

III

EM QUE CONSISTE A IMPOSSIBILIDADE METAPHYSICA OU ABSOLUTA

A *impossibilidade metaphysica* ou *absoluta* é a que se refere á mesma essencia das cousas; por

outra, um facto é absolutamente impossivel, quando sua existencia envolver comsigo o absurdo: ser e não ser ao mesmo tempo. Um circulo triangular é um impossivel absoluto; porque seria e não seria ao mesmo tempo um circulo; porque seria e não seria um triangulo. Cinco igual a seis é impossivel absoluto, porque cinco seria cinco e não cinco, e o seis seria seis e não seis. Um vicio virtuoso é impossivel absoluto, porque seria vicio e não vicio ao mesmo tempo.

IV

A IMPOSSIBILIDADE ABSOLUTA E A OMNIPOTENCIA DIVINA

O que é absolutamente impossivel não poderia existir em caso algum. Quando dizemos que Deus é omnipotente, não queremos dizer que haja n'elle o poder de fazer absurdos. A existencia e a não existencia ao mesmo tempo, do mundo, de Deus, o vicio virtuoso e outras incoherencias d'esta ordem, evidentemente não podem estar debaixo da acção da omnipotencia. Como muito bem observou S. Thomaz, devemos dizer que taes cousas não podem ser feitas e não que Deus as não póde fazer: segue-se d'ahi que a impossibilidade intrinseca envolve igualmente a impossibilidade extrinseca absoluta, isto é, que nenhuma cousa é capaz de produzir o que de si mesmo é absolutamente impossivel.

V

A IMPOSSIBILIDADE ABSOLUTA E OS DOGMAS

A affirmação d'uma impossibilidade absoluta implica idéa perfeitamente clara de termos julgados contradictorios. Declarar uma cousa impossivel, só porque a não podemos comprehender, é simultaneamente dar a conhecer o orgulho e a impotencia de nossa razão. Relevemos a este proposito a sem razão dos que rejeitam certos mysterios do christianismo, arguindo-os de pretendida impossibilidade. O dogma da Trindade, o da Incarnação, seguramente estão acima da fraca intelligencia do homem; mas que podemos nós concluir da nossa impotencia? Deus trino e uno; uma mesma natureza e tres pessoas distinctas, como póde ser isso? Não o sei; porém minha ignorancia não me permitte o inferir que haja contradicção. Por ventura comprehendo o que é essa natureza, o que são essas pessoas de que me fallam? Não: logo quando quero julgar se é possivel ou não o que d'ellas dizem, acho-me com o desconhecido. Que sabemos nós dos segredos da Divindade? O Eterno quiz pronunciar algumas palavras mysteriosas para exercitar nossa obediencia e humilhar nosso orgulho, porém não quiz levantar o denso véo que separa esta vida mortal do oceano de luz e de verdade.

*

VI

IMPOSSIBILIDADE PHYSICA OU NATURAL

A impossibilidade physica ou natural consiste em um facto estar fóra das leis da natureza. É naturalmente impossivel que uma pedra, deixada de ser sustida no ar, não cáia; que a agua, abandonada a si mesma, não tome o seu nivel; que um corpo, mergulhado n'um fluido de menos densidade, não afunde; que o sol pare em sua carreira, etc..., porque as leis da natureza prescrevem a queda dos graves, o nivelamento das aguas, e assim por diante. Deus, que estabeleceu estas leis, tem poder para as suspender; o homem é que o não póde. O que naturalmente é possivel para Deus, não o é para a creatura.

VII

MODO DE JULGAR DA IMPOSSIBILIDADE NATURAL

Podemos affirmar que um facto qualquer é naturalmente impossivel, quando saibamos que existe lei que se opponha á realisação d'este facto, e que esta opposição não é destruida ou neutralisada por nenhuma outra lei. É lei da natureza que o homem, deixando de ter ponto de apoio, cáia para o

chão, porque é mais pesado que o ar; porém existe uma outra lei, em virtude da qual um corpo formado de diversas partes e especialmente menos pesado do que o meio em que se acha mergulhado, ahi se sustenha ou eleve, mesmo quando uma das suas partes seja mais pesada que o fluido ambiente. Assim um homem collocado n'um balão aerostatico, convenientemente construido, eleva-se aos ares, e este phenomeno está perfeitamente em harmonia com as leis da natureza. A extrema pequenez de certos insectos impede que a sua imagem se pinte na retina de nossos olhos de modo perceptivel para nós; mas, em virtude das leis a que a luz está submettida, a direcção dos raios póde ser modificada de tal modo que, por meio d'uma lente microscopica, estes raios, partidos d'um objecto pequenissimo, se desviem em seu ponto de contacto com a retina, e ahi tracem uma imagem muito maior que a realidade; de modo que não será naturalmente impossivel que certos sêres imperceptiveis á vista desarmada, se nos apresentem, com auxilio do microscopio, com proporções consideraveis.

Por estas considerações se vê quanto importa não proclamar tal ou tal phenomeno como naturalmente impossivel, senão depois de maduro exame.

A natureza é prodigiosamente poderosa e a maior parte de seus segredos nos são desconhecidos. Se no seculo V se dissesse que ainda havia de vir tempo em que, por acção d'um pouco de

vapor comprimido, se havia de vencer distancias em uma hora que então levariam um dia inteiro a vencer, este facto seria declarado *naturalmente* impossivel; e, todavia o menino que hoje viaja em caminho de ferro comprehende perfeitamente que é levado na rapida carreira por agentes puramente naturaes. Quem sabe as descobertas destinadas ao futuro e qual o aspecto que apresentará o mundo d'aqui a dez seculos? Sejamos embora cautos em crêr a existencia de phenomenos extraordinarios; não nos deixemos embalar por sonhos dourados; porém não classifiquemos de naturalmente impossivel o que um descobrimento feliz poderá mostrar mui realisavel. Não prestemos fé levianamente a transformações inconcebiveis, mas não as malsinemos de extravagancias e absurdos.

VIII

SOLUÇÃO D'UMA DIFFICULDADE SOBRE OS MILAGRES

D'estas observações surge apparentemente uma difficuldade de que os incredulos não se teem esquecido de lançar mão. Eil-a em toda a sua força: «Os phenomenos chamados milagres são produzidos por causas desconhecidas, mas naturaes; de modo algum provam a intervenção divina, e, portanto, em nada apoiam a verdade da religião christã.»

Este argumento é tão especioso quanto futil.

Um homem de nascimento obscuro, sem letras, perdido na multidão, sem meios humanos de attrahir a si a attenção dos outros, não possuindo ao menos um lugar em que repousar a cabeça, este homem apresenta-se á sua nação, trazendo-lhe uma doutrina tão nova quanto sublime. Pedem-lhe os testemunhos de sua missão e elle os dá. Á sua voz, os cegos vêem, os surdos ouvem, os mudos fallam, os paralyticos andam; as mais rebeldes enfermidades desapparecem repentinamente; os que hão expirado, os que desceram ao tumulo levantam-se de seu esquife; até os que ha dias jaziam, lançando já as exhalações empestadas da morte sahem de seus tumulos obedientes á voz que lhes diz: Levantai-vos! — Eis o conjuncto dos factos.

Empenhar-se-ha o mais obstinado naturalista por descobrir aqui a acção das leis naturaes occultas? Com boa fé, ousar-se-ha taxar de imprudencia os christãos que crêrem que taes prodigios se não podiam operar sem intervenção divina? Crêdes que com o tempo se descubra o segredo de resuscitar os mortos, e não por meio da sciencia, mas ao chamamento d'uma voz que manda? A operação da cataracta terá alguma semelhança com a acção de abrir os olhos a um cego de nascimento? Os processos empregados para dar movimento a um membro paralysado assemelham-se por ventura a este outro: *Levanta-te, toma o teu leito e volta para tua*

casa? Virá dia em que as sciencias hydrostaticas e hydraulicas dêem á simples palavra humana o poder de acalmar as vagas enfurecidas e forçal-as a tornarem-se mansas debaixo dos pés de quem caminha sobre ellas, como um rei sobre prateadas alfombras?

E que diremos se a tão imponente testemunho se ajuntam o cumprimento das prophecias, a santidade d'uma vida sem manchas, a elevação da doutrina e a pureza da moral; em fim o sacrificio da vida, uma morte heroica no meio de tormentos e ultrajes; o ensinamento sustentado, proclamado até ao fim com uma serenidade, uma doçura cheia de magestade, até ao ultimo suspiro que exhala n'estas solemnes palavras deixadas á terra: Amor e perdão?

Não se nos falle, pois, de leis occultas, de impossibilidades apparentes; não se opponha a tão convincente evidencia esta palavra desconsoladora «*quem sabe?*» Esta difficuldade, que seria razoavel se se tratasse d'um facto isolado, envolto em obscuridades, sujeito a mil combinações differentes, se se objecta contra o christianismo é não só infundada, senão tambem contraria ao senso commum.

IX

IMPOSSIBILIDADE MORAL OU ORDINARIA

A *impossibilidade moral* ou *ordinaria* é a que está em opposição com o curso regular dos successos. Esta definição é susceptivel de numerosas interpretações; pois que a idéa de curso ordinario é tão elastica, é applicavel a tão differentes objectos, que pouco póde dizer-se em geral que seja proveitoso na pratica. Esta impossibilidade nada tem que vêr com a absoluta ou a natural; as cousas *moralmente* impossiveis não deixam por isso de ser muito possiveis *absoluta* e *naturalmente*.

Daremos uma idéa mui clara e simples da impossibilidade ordinaria, se dissermos que um facto é impossivel d'esta maneira, quando no curso regular das cousas, tal facto raras vezes ou nunca se dá. Vejo um grande personagem cujo nome e titulos andam na bocca de todos e a quem se tributam as honras devidas á sua dignidade. É moralmente impossivel que o nome seja supposto, que o personagem seja um impostor; e todavia tem havido enganos d'esta ordem.

Vemos a cada passo que a impossibilidade moral desapparece por intervenção d'uma causa extraordinaria ou imprevista que muda o curso dos acontecimentos. Um commandante que acaudilha

um punhado de soldados, partidos de longes terras, aborda a plagas desconhecidas e se encontra com um immenso continente povoado por milhões de habitantes. Lança fogo ás naus e diz: *Marchemos.* Aonde vai? conquistar vastos reinos com alguns soldados. É impossivel, este aventureiro é um louco! Deixai-o! sua demencia é a do heroismo e do genio. A impossibilidade vai tornar-se um successo historico. O aventureiro chama-se Fernando Cortez, e a sua loucura dá á Hespanha um novo mundo.

X

IMPOSSIBILIDADE DO SENSO COMMUM, IMPROPRIAMENTE CONFUNDIDA COM A IMPOSSIBILIDADE MORAL

A palavra impossibilidade moral tem algumas vezes um sentido muito differente do que lhe havemos dado até aqui. Ha factos impossiveis, cuja impossibilidade absoluta ou natural se não póde affirmar; e com tudo nós estamos de tal modo certos de que são irrealisaveis que nem a impossibilidade absoluta produziria certeza mais completa. Um homem tem encerrado n'uma urna uma grande quantidade de caracteres de imprensa, que suppomos todos cubicos para que não haja mais probabilidade que cáiam e fiquem sobre tal ou tal face. Mistura-os, agita-os muitas vezes sem ordem e os lança em fim ao acaso. Será possivel que em sua

queda estes caracteres componham o episodio de Dido?

Não, responde instantaneamente todo o homem de senso. Esperar sería loucura. Estamos tão profundamente convencidos da impossibilidade do facto, que apostariamos a vida com a maior tranquillidade.

É de notar que nenhuma impossibilidade metaphysica ha aqui, porque nos caracteres nenhuma repugnancia existe a collocarem-se do modo desejado. Um compositor os distribuiria d'esta maneira em pouco tempo e com a maior facilidade. Nenhuma lei da natureza se oppõe a que estes caracteres cáiam sobre uma ou sobre outra face, ao lado uns dos outros, de modo a produzir o effeito desejado; não se póde invocar a impossibilidade natural. Existe por tanto uma impossibilidade d'outra ordem, que nada tem de commum com as duas primeiras e que igualmente differe da que appellidamos impossibilidade moral, pelo unico facto de que ella está fóra do curso regular dos successos. Dámos-lhe o nome de impossibilidade do senso commum.

A theoria das probabilidades e a das combinações evidenceiam esta impossibilidade, medindo, por assim dizer, a distancia immensa que separa a possibilidade d'um phenomeno, da sua realisação. Não quiz o Author da natureza que certas convicções de soberana importancia precisassem de ser medi-

tadas; pois que, d'outro modo, muitos homens ficariam d'ellas privados. Eis porque nol-as deu sob a fórma de instincto. Em vão vos esforçarieis por as combater, nem ainda aos mais rudes. Não saberiam responder-vos; porém, meneando a cabeça, diriam de si para si: Este philosopho, que crê na possibilidade de taes despropositos, deve não estar são do juizo.

Quando a natureza falla no fundo de nossa alma com voz tão clara, tão imperiosa, seria toleima não a escutar. Só ás vezes alguns homens chamados philosophos se obstinam n'este labor ingrato. Esquecem que fóra do senso commum não ha philosophia e que o absurdo é mau caminho para chegar á sabedoria.

CAPITULO V

Da existencia; conhecimentos adquiridos pelo testemunho immediato dos sentidos

I

NECESSIDADE DO TESTEMUNHO DOS SENTIDOS; DIFFERENTES MODOS COM QUE NOS APRESENTAM AS COUSAS

Depois de termos estabelecido os principios e as regras que nos devem guiar nas questões da possibilidade, passemos ás questões da existencia, que nos offerecem um campo muito mais vasto e de mais uteis e frequentes applicações.

Por duas maneiras distinctas podemos adquirir a certeza da existencia ou não existencia d'um sêr, a certeza de que uma cousa existe ou não existe: por nós mesmos ou por meio d'outrem.

O conhecimento que adquirimos por meio dos sentidos póde ser mediato ou immediato. Ou os sen-

tidos nos apresentam os objectos á nossa intelligencia, ou das imagens que estes objectos produzem, a intelligencia infere a existencia d'uma ordem de phenomenos e de factos collocados acima da esphera dos sentidos. A vista me adverte immediatamente da existencia d'um edificio que apparece diante de mim. O pedaço d'uma columna, alguns restos de mosaico, uma inscripção me fazem saber que no lugar onde descubro estes objectos se elevava outr'ora um templo romano. Em ambos os casos devo aos sentidos o conhecimento adquirido: immediatamente no primeiro, de modo mediato no segundo.

Sem o auxilio dos sentidos o homem nem ao menos chegaria a conhecer a existencia dos entes immateriaes. Na verdade, a intelligencia mergulhada n'um eterno adormecimento não poderia adquirir este conhecimento, a menos que Deus não viesse em seu auxilio por meios sobrenaturaes, meios de que não temos a occupar-nos aqui.

Á distincção que acabamos de expôr em nada obstam os systemas que possam adoptar-se sobre a origem das idéas. Quer ellas sejam innatas ou adquiridas, quer provenham directamente dos sentidos, ou sómente despertadas por estes, é evidente que nada poderiamos, que nada saberiamos sem que préviamente estes poderosos auxiliares da intelligencia não tenham sido postos em acção. Deixemos os ideologos imaginarem o que quizerem so-

bre as operações intellectuaes d'um homem privado de todos os seus orgãos; como verificar o erro ou a verdade de seus systemas? O infeliz não poderia communicar nem pela palavra, nem mesmo por signaes. De mais não se trata aqui d'um ente excepcional, mas do homem, do homem dotado de orgãos, e a experiencia nos ensina que, n'estas condições, o homem conhece, e que conhece o que sente e por meio de que o sente.

II

ERROS A QUE ESTAMOS SUJEITOS POR OCCASIÃO DOS SENTIDOS. MEIOS DE OS REMEDIAR. EXEMPLOS

Se o conhecimento immediato que os sentidos nos dão da existencia d'uma cousa é algumas vezes affectado de erro, é porque não sabemos servir-nos d'estes admiraveis instrumentos. Quando os objectos materiaes obrarem sobre nossos orgãos, excitando impressões em nossa alma, procuremos descobrir d'onde vem esta impressão, e até que ponto ella corresponde á existencia do objecto que parece produzil-a. Eis a regra. Alguns exemplos melhor a farão comprehender.

Apercebo ao longe uma cousa que se move, e digo: Acolá está um homem. Aproximando-me porém do objecto, vejo que tomei por um homem um arbusto agitado pelo vento. Enganou-me o sentido

da vista? não, porque a impressão que me transmittira não era outra que a d'um corpo em movimento, e se eu tivesse dado á impressão sufficiente attenção teria reconhecido que não me apresentava um homem. Havia transformado minha impressão. O erro pertence por tanto á insufficiencia da attenção, e não ao sentido da vista.

Pelo facto de achar certa semelhança entre um objecto confuso em movimento e um homem visto ao longe, passei da semelhança para o homem e conclui d'uma cousa para a outra, esquecendo que a apparencia e a realidade são duas cousas inteiramente distinctas.

Tendes algumas razões para crêr que se deve dar uma batalha a certa distancia do lugar em que vos achaes, e por isso parece-vos ouvir o troar do canhão e crêdes abertas as hostilidades. Todavia não ha nada d'isso. Quem deveis accusar de vosso erro? o ouvido? De nenhum modo. Accusai a vós mesmos. Havia um ruido, com effeito; mas era o que, n'uma floresta proxima, produziam as machadadas d'um lenhador; era o ruido d'uma porta que se fechava ou qualquer outro que d'algum modo semelhava o troar do canhão ao longe. Estaveis por ventura bem seguros de que a causa da illusão não estava junta de vós? Tinheis o ouvido sufficientemente exercitado para discernir a verdade, attenta a distancia em que se deviam dar as descargas de artilheria, a posição do lugar, a direcção do

vento? Não foi o sentido da audição que vos enganou, foi a leviandade, a precipitação. A sensação era o que devia ser: vós é que lhe fizestes dizer o que realmente não dizia.

Supponhamos que se apresenta a alguem um manjar delicioso; prova-o e affirma ser mau, detestavel; o seu paladar estragado assim lh'o faz sentir. Onde está a causa do erro? não no orgão do gosto que apenas foi occasião, senão na importancia que lhe deu, devendo ter em vista, que só quando o paladar está bem disposto é que póde indicar as qualidades do alimento.

III

É MISTER, EM CERTOS CASOS, EMPREGAR MAIS D'UM SENTIDO A FIM DE COMPARAR SEU TESTEMUNHO

Observemos que para chegar a conhecer por meio dos sentidos a existencia d'um objecto qualquer, é preciso algumas vezes empregar mais d'um sentido, e que sempre é mister estar premunido contra a illusão. Discernir até que ponto a existencia d'um objecto corresponde á sensação recebida, é evidentemente a obra da comparação, fructo da experiencia. Um cego a quem se faz a operação da cataracta não precisa as distancias, e só depois de ter adquirido a conveniente pratica da vista é que póde julgar das fórmas e das propor-

ções. Tal pratica nós a adquirimos desde a infancia, sem dar por isso, e eis porque crêmos que basta abrir os olhos para conhecermos os objectos taes quaes elles são. Uma bem simples experiencia, e que podemos renovar muitas vezes, nos convencerá do contrario.

Um adulto e um menino vêem, através d'um vidro d'optica, algumas pinturas representando uma paisagem, animaes ferozes, uma batalha, etc. Ambos recebem a mesma impressão, porém nem a batalha, nem os animaes ferozes amedrontam o adulto, que bem sabe que não tem a realidade diante dos olhos. Não é sem esforço que conserva a illusão, e por vezes precisa de supprir por meio da imaginação as imperfeições do instrumento ou dos quadros para melhor saborear o espectaculo.

Pelo contrario, o menino que não compara, que attende só á sensação isolada, e que n'ella se absorve, agita-se e chora á vista dos soldados que se degolam, e dos animaes ferozes de que tem medo.

IV

OS SÃOS DO CORPO E DOENTES DO ESPIRITO

Costumam os que tratam do bom uso dos sentidos advertir que é mister cuidar em que alguma indisposição nos affecte os orgãos, de modo que assim nos transmittam sensações enganosas. É sem

duvida conselho prudente; porém não dá a utilidade que se crê. Os enfermos raramente se dedicam a estudos serios, e assim os seus erros são de minima importancia; além de que a doença d'um orgão logo adverte que se não deve confiar em seu testemunho. Mas sobre tudo, precisam de advertencias e de regras os que, sendo sãos do corpo o não são da intelligencia; que põem ao serviço de uma idéa que os preoccupa todos os sentidos ao mesmo tempo, e os forçam a perceber (quem sabe? de boa fé talvez) tudo que venha em auxilio do systema que adoptam. Que não descobrirá nos corpos celestes o astronomo, que se arma com telescopio, não para escrutar serenamente as profundezas dos céos, mas para n'elles achar a todo o custo as provas que apoiem alguma asserção aventurada?

Disse eu intencionalmente que semelhantes erros podiam ser de boa fé. Effectivamente, muitas vezes o homem se engana a si, antes de enganar os outros. Dominado por sua opinião favorita, atormentado pelo desejo de achar provas que d'ella estabeleçam a verdade, estuda os objectos, não para comprehender, mas para ter razão. D'este modo, descobre tudo o que busca; o mais das vezes, os sentidos lhe dizem outra cousa ou não dizem nada; não importa: as mais leves apparencias bastam para sua preoccupação. «É isto!» exclama elle com transporte. E suffoca com cuidado as duvidas que

se levantam em seu espirito. Imputa-as á falta de fé em seu incontrastavel saber e se impõe a obrigação de estar satisfeitos, fechando os olhos á luz a fim de enganar os outros, sem se vêr na necessidade de mentir.

Basta ter estudado o coração do homem para reconhecer a verdade d'estas observações: debatemos em nós certas questões com deploravel parcialidade. Se temos falta de convicção, trabalhamos para a formar em nosso espirito. O labor é penoso a principio, a tarefa é difficil, porém logo o habito vem fortalecer os fracos, se o orgulho intervem a não permittir retrocesso; e o que começou luctando contra si mesmo com um engano que se lhe não occultava de todo, acaba por ser realmente enganado e se abysma em sua illusão com obstinação invencivel.

V

SENSAÇÕES REAES, MAS SEM OBJECTO EXTERNO

Nem sempre os nossos erros provém das exagerações dos juizos, ou das transformações que fazem experimentar á sensação: ha outra especie d'elles. Sob impulso d'uma idéa fixa a imaginação solicitando incessantemente o mesmo orgão, acaba por dominar, por alterar a acção vital, e por crear sen-

sações reaes, que não teem outra causa que a mesma imaginação. Chega-se a sentir o que não existe. Para comprehender este phenomeno, lembremo-nos que a sensação não se verifica no orgão, mas sim no cerebro, posto que a força do habito nos leve a referir a impressão á parte affectada do organismo. Perdemos a vista se se der lesão grave no nervo optico, e todavia o olho fica são. Toda a sensibilidade se extingue no membro que deixa de estar em communicação com o cerebro. Infere-se d'estes phenomenos que o cerebro é o centro das sensações e que, se a impressão que um orgão exterior costumava ahi produzir é excitada, após um acto interno, a sensação dá-se independentemente da impressão exterior.

Supponhamos que um orgão recebe d'um corpo qualquer uma impressão e a communica ao cerebro por meio do nervo A, produzindo n'este nervo a vibração B. Se por qualquer outra causa, puramente interior e moral, se produzir no mesmo nervo A a mesma vibração B, experimentaremos necessariamente o que experimentariamos se o orgão fosse materialmente affectado.

A razão e a observação acham-se accordes n'este ponto. A alma adquire conhecimento dos objectos exteriores por meio dos sentidos, mediatamente, ou immediatamente por meio do cerebro; por tanto, logo que este recebe tal ou tal impressão, a alma não póde deixar de a referir ao orgão do qual

ordinariamente procede, e ao objecto que a costuma produzir. Se ella advertir que o corpo está doente, saberá tomar as devidas precauções contra o erro; mas não deixará de receber a sensação, pelo facto de desconfiar de seu testemunho. Quando Pascal via ante si um abysmo aberto, embora a razão lhe dissesse que estava no imperio da illusão, experimentava a sensação que se experimenta á beira d'um abysmo; seus esforços não logravam subjugar a illusão. O phenomeno nada tem de estranho para os que teem algumas noções sobre estas materias.

VI

OS MANIACOS E OS SCISMATICOS

A exaltação é uma especie de loucura intermittente e parcial. Uma imaginação exaltada póde cahir nos mesmos erros que um cerebro doente. As manias são um phenomeno d'este genero; contínuas ou momentaneas, extravagantes ou serias, differem tanto em suas especies como em sua intensidade. O cavalleiro da Mancha via formidaveis exercitos em simples rebanhos de ovelhas e gigantes desmesurados nos moinhos de vento. Levado por sua imaginação, por sua phantasia, por a mania que o domina, tal sabio, tal astronomo, tal naturalista verá

em seu telescopio, em suas retortas, em seu microscopio os mais bizarros e estranhos phenomenos.

Os grandes pensadores, os homens absorvidos em si mesmos estão mais arriscados a cahir em manias scientificas ou illusões sublimes. A triste humanidade sempre arrasta após de si a sua herança de fraqueza. O mesmo genio está a ella sujeito. Uma mulher nervosa ouve, no murmurio das brizas lamentosos gritos, vê espectros n'um raio da lua brincando através das clareiras, os gritos estridentes das aves nocturnas são para ella evocações de demonios. Infelizmente, nem só as mulheres são dotadas d'estas imaginações ardentes que tomam por realidades as extravagancias de suas phantasias.

CAPITULO VI

Conhecimentos adquiridos mediatamente pelos sentidos

I

TRANSIÇÃO DO CONHECIDO PARA O DESCONHECIDO, DO QUE É PERCEBIDO PELOS SENTIDOS PARA O QUE ELLES NÃO PERCEBEM

Aos sentidos devemos o conhecimento immediato de grande numero de objectos; mas maior é ainda o d'aquelles que os sentidos não attingem, porque estes são incorporeos ou fóra de seu alcance. O edificio levantado sobre a base estreita dos conhecimentos adquiridos por meio dos sentidos é tão gigantesco, que o espirito hesita assombrado á sua vista, e só lhe resta crêr em sua solidez.

Onde os sentidos não podem chegar, suppre o entendimento passando do conhecido ao desconhecido, dos objectos sensiveis aos que o não são. A lava derramada por sobre o solo nos revela a exis-

tencia d'um vulcão que não vimos; as conchas e outros mariscos, achados no alto das montanhas, fazem crêr a existencia d'um transbordo de aguas e nos indicam uma catastrophe de que estamos longe de ser testemunha. Certos trabalhos subterraneos mostram que em tempos anteriores se exploravam minas nos lugares que visitamos. As ruinas d'uma cidade antiga assignalam habitações de homens ha muito desapparecidos da scena do mundo. D'este modo os sentidos nos apresentam objectos, e por meio d'estes objectos, o entendimento nos leva ao conhecimento d'outros differentes.

Mas é mister ter em vista, que esta transição do conhecido para o desconhecido suppõe uma idéa geral previa, mais ou menos geral do objecto desconhecido, e que ao mesmo tempo conhecemos tal ou qual dependencia entre os dous. Assim nos exemplos dados, se é certo que não conhecemos precisamente nem o vulcão, nem os minerios, nem os habitantes da cidade em ruinas, ao menos conhecemos d'uma maneira geral estes objectos e as suas relações com os objectos que os sentidos nos apresentam. Da contemplação do admiravel machinismo do universo, o homem não poderia elevar-se ao conhecimento do Creador, se não possuisse as idéas de effeito e de causa, de ordem e intelligencia. Diga-se de passagem: só esta observação destróe o systema dos que não querem vêr no entendimento senão sensações transformadas.

II

COEXISTENCIA E SUCCESSÃO

Não estamos authorisados a inferir a existencia simultanea de dous phenomenos senão de sua mutua dependencia. É por tanto preciso conhecer esta dependencia; toda a difficuldade está aqui. Se podessemos penetrar nas profundezas onde se occulta a natureza das cousas, bastar-nos-hia fixar-nos sobre um objecto para conhecer logo todas as propriedades, todas as relações que ligam estes objectos aos outros. Infelizmente não é assim. Tanto na ordem physica como na moral, as idéas que possuimos sobre os principios constitutivos dos sêres são poucas e incompletas: segredos preciosos cuidadosamente velados pela mão do Creador. Assim a natureza occulta nas profundezas de seu seio os seus thesouros mais raros e mais preciosos.

Esta carencia de luzes relativamente á essencia das cousas nos leva muitas vezes a concluir a dependencia de phenomenos do simples facto de sua existencia ou successão. Inferimos que uma cousa depende d'outra só porque existem simultaneamente, ou porque uma se produz em seguida á outra. D'ahi frequentes erros. E quem é que possue espirito assás seguro e esclarecido para conhecer sempre em que caso ou em que circumstancia

a existencia e successão são ou não signaes de dependencia?

Estabeleçamos em primeiro lugar como incontestavel que nem a existencia simultanea de dous entes ou factos, nem sua successão immediata, consideradas em si mesmas, provam sufficientemente, n'estes entes ou factos, relação de dependencia.

As plantas venenosas e empestadas entrelaçam algumas vezes as suas flôres com as flôres de plantas medicinaes e aromaticas; um reptil carregado de veneno arrasta-se ás vezes ao lado da borboleta com azas d'ouro; o assassino que foge á justiça humana occulta-se nas mattas onde caça o honesto caçador; uma briza fagueira passa e rarefaz o ar, e logo muge o furacão, trazendo em suas negras azas tremenda tempestade.

É por tanto temerario julgar das relações que dous phenomenos teem entre si pelo simples facto de que algumas vezes os vimos unidos ou succedendo com curtos intervallos. Não será a tal sophisma que devemos imputar as predicções sempre renovadas e sempre desmentidas sobre as variações atmosphericas; as conjecturas aventuradas sobre fontes, metaes preciosos, etc.? Algumas vezes tem acontecido que as nuvens depois de terem affectado tal ou tal posição se dissolvem em chuva; a tal ou tal direcção dos ventos ou nevoeiros sobrevenha tempestade, e ha logo quem se apresse a concluir que havia relação entre os dous phenomenos; to-

ma-se um como indicação do outro, e esquece-se que a coexistencia, aqui, podia ser inteiramente indifferente ou casual.

III

DUAS REGRAS SOBRE A COEXISTENCIA E A SUCCESSÃO

A importancia da materia exige que estabeleçamos algumas regras.

1.ª Quando a experiencia prolongada nos mostra dous phenomenos cuja existencia é simultanea, de modo que a apparição ou ausencia d'um arrasta constantemente a apparição ou ausencia do outro, podemos legitimamente affirmar que taes phenomenos teem entre si certa ligação, e partindo da existencia d'um inferir a existencia do outro.

2.ª Se dous phenomenos se succedem invariavelmente, de sorte que o primeiro seja sempre seguido do segundo, tendo a existencia d'este sempre assignalada a existencia d'aquelle, concluamos sem medo de errar que elles estão ligados entre si por certa dependencia.

Seria difficil talvez demonstrar philosophicamente estas proposições; porém os que tentarem pôl-as em duvida devem observar que o bom senso, razão superior da humanidade, as toma por regras; que a sciencia, em grande numero de casos, se inclina diante d'elles, e que, na maior parte de

suas investigações, o nosso entendimento não tem outro guia.

Está universalmente reconhecido que certo tamanho, fórma, côr, etc., são para os fructos signaes de maturidade. Como é que o camponez que os colhe sabe esta relação? Como é que da fórma, da côr e outras apparencias que percebe por meio dos sentidos, infere uma qualidade que não experimenta, o sabor? Se lhe pedirdes que vos explique a theoria d'este encadeamento de idéas, não saberá responder; mas esforçai-vos por lhe provar que elle se engana e elle rirá da vossa philosophia; inabalavel em sua crença, por a simples razão «de que elle tem visto sempre a cousa asssim.»

Sabe-se que certo grau de frio congela os liquidos, que certo grau de calor os reduz ao estado primitivo.

A razão d'estes phenomenos é geralmente ignorada, e todavia ninguem põe em duvida a relação que existe entre a congelação e o frio, entre a liquefacção e o calor. Talvez se poderiam suscitar algumas difficuldades sobre as causas que os physicos assignam a estes factos, porém vulgarmente não se attende ao parecer dos sabios para formar opinião. Os dous factos existem, sempre reunidos; consoante se diz, por tanto estão ligados por alguma relação.

Será facil fazer innumeras applicações d'esta regra; porém as que precedem bastarão para que

qualquer as encontre de per si. Sómente direi que a maior parte dos nossos actos se baseiam sobre o principio seguinte: a existencia simultanea de dous phenomenos, observada durante tempo consideravel, nos authorisa a concluir que, produzindo-se um, o outro se deverá produzir tambem. Se esta regra não fosse tida como certa, o commum dos homens não poderia obrar, e os mesmos philosophos se achariam mais embaraçados do que talvez cuidem. Pouco mais longe iriam do que o vulgo.

A segunda regra tem grande analogia com a primeira; repousa sobre os mesmos principios e applica-se á mesma ordem de factos. A constante experiencia nos ensina que as aves sahem dos ovos. Ninguem até hoje explicou satisfactoriamente como do liquido encerrado na casca se fórma aquelle pequeno sêr tão admiravelmente organisado. Se a sciencia conseguisse dar explicação completa do phenomeno, tal explicação não seria para uso do povo; e todavia, nem o commum da gente, nem os sabios hesitam em crêr que existe relação de dependencia entre o alludido liquido e a ave; não se duvída que esta maravilha animada teve origem em uma substancia informe contida na casca do ovo.

Poucos homens comprehendem, ou para melhor dizer, todos ignoramos de que modo a terra vegetal concorre para a germinação das sementes, para o desenvolvimento das plantas, e qual é a causa que

apropria certas qualidades de terrenos, antes que outros a producções determinadas; mas isso é constantemente observado; temos dados bastantes para crêr que uma cousa depende da outra; para, pela presença da segunda, podermos inferir seguramente a existencia da primeira.

IV

CAUSALIDADE. OBSERVAÇÕES. UMA REGRA DE DIALECTICA

Importa no entanto distinguir entre a successão uma só vez observada e a que o é muitas vezes. No primeiro caso, a successão não implica causalidade, nem relação de especie alguma; no segundo, se não suppõe sempre dependencia de causa e effeito, indica pelo menos uma causa commum. Se o fluxo e o refluxo das aguas do mar, tão sómente algumas vezes, coincidisse com tal ou tal posição da lua, não se poderia legitimamente concluir existencia da relação entre os dous phenomenos; porém sendo constante a coincidencia, com razão se conclue d'esta persistencia que, se um d'estes dous factos não tem o outro por causa, ambos teem, pelo menos, uma causa identica, e que andam ligados em sua origem.

Como quer que seja, com razão os dialecticos taxam de sophisma o racicionio seguinte: *Post hoc, ergo propter hoc.* «Depois d'este successo, logo por

causa do mesmo successo»: porque, em primeiro lugar, não se trata da successão produzindo-se d'uma maneira constante; e em segundo lugar, bem póde esta successão indicar dependencia d'uma causa commum, mas não que dos dous phenomenos um seja a causa do outro.

Em nossos juizos sobre os phenomenos da natureza, procedemos exactamente como nas cousas da vida, modificando a applicação da regra segundo a importancia do objecto. Em certos casos contentamo-nos com uma ou poucas experiencias; em outros, queremos numerosas e repetidas; de resto somos sempre conduzidos pelo mesmo principio: dous factos que se succedem invariavelmente teem entre si certa dependencia; a existencia d'um revela a existencia do outro. A simultaneidade suppõe um laço, uma relação entre os factos, ou uma relação de dous factos com um terceiro.

V

RAZÃO D'UM ACTO QUE NOS PARECE PURAMENTE INSTINCTIVO

A inclinação natural que nos leva a inferir da coexistencia ou successão de dous factos uma relação entre estes factos, inclinação que nos parece uma cega inspiração do instincto, é na realidade a applicação intelligente, ainda que desapercebida, d'um principio primitivo gravado no fundo de nos-

sa alma. Podemos considerar como accidental a coincidencia que se dá algumas vezes, e por tanto não lhe ligar idéa alguma de relação; mas quando a coincidencia se repete e se renova incessantemente: «Ha aqui encadeamento, dizemos nós sem hesitar, ha mysterio. O poder do acaso não vai tão longe.»

D'este modo estudando a fundo as faculdades do homem reconhecemos em tudo a mão poderosa da Providencia que se comprazeu em enriquecer nosso entendimento com os dons mais preciosos e diversos.

CAPITULO VII

A logica d'accordo com a caridade

I

SABEDORIA DA LEI QUE PROHIBE OS JUIZOS TEMERARIOS

A lei christã, que prohibe os juizos temerarios, não é sómente caridade, é tambem uma lei de prudencia e boa logica. Nada mais temerario do que julgar, por simples apparencias, d'uma acção qualquer, e principalmente da intenção que a produziu.

No curso ordinario das cousas os menores successos são tão complicados, os homens acham-se collocados em situações tão diversas, obram por motivos tão differentes, querem as cousas sob pontos de vista tão oppostos, que, muitissimas vezes, nos bastaria mudar de lugar para passar da colera á indulgencia, para comprehender, para desculpar uma acção, um modo de pensar ou de obrar

de que antes nos tinhamos admirado e escandalisado, e que estavamos resolvidos a condemnar sem appello.

II

EXAME DA MAXIMA: «JULGA MAL DAS COUSAS E NÃO TE ENGANARÁS»

Crêem alguns dar uma regra de conducta muito sábia dizendo: *Pensa mal e não te enganarás,* e corrigir d'este modo a moral do Evangelho. «É preciso não ser demasiado ingenuo, dizem a cada passo; é tolice fiar-se a gente em palavras. Os homens são maus. A amizade está nas acções e não em boas palavras»: como se o Evangelho aconselhasse a imprudencia e imbecilidade; como se Christo, recommendando-nos que fossemos simples como a pomba, nos não advertisse logo que fossemos prudentes como a serpente; como se não ensinasse a não crêr em todo o espirito, e que pelos fructos se conhecessem as arvores; como se nas primeiras paginas da Sagrada Escriptura, a proposito da malicia humana não lêssemos: «O espirito do homem inclina-se ao mal desde a sua adolescencia!»

Esta maxima perniciosa, que arvoraria em meio de chegar á verdade a malignidade de nosso coração, é tão contraria á sã razão como á caridade

evangelica. Não nos ensina com effeito a experiencia que ainda o maior mentiroso sempre diz mais verdades que mentiras? que o mais depravado entè pratíca mais acções boas que más? Por natureza o homem ama a verdade e o bem; só pelo imperio das paixões se desvia d'estes sentimentos. O mentiroso cede á sua inclinação, quando a mentira favorece seus interesses, ou serve sua vaidade. O ladrão rouba, o homem de má fé falta á sua palavra, o rixoso disputa, mas quando a occasião solicíta ou a paixão arrasta. Se taes homens cedessem constantemente a seus maus instinctos, tornar-se-hiam monstros; seu vicio degeneraria em demencia, e a sociedade, para bem da ordem e da moral, vêr-se-hia forçada a expulsal-os de seu seio.

Concluamos. Seria por tanto contra a razão e a justiça acreditar no mal sem razões sufficientes, e em nossos juizos tomar nossa malicia como garantia da verdade.

Supponhamos que n'uma urna estão algumas espheras negras misturadas com outras brancas, cem vezes mais numerosas; poder-se-ha tirar, á primeira vez, uma esphera negra? — Póde ser... Mas vós affirmaes, e eis o erro!

III

ALGUMAS REGRAS PARA JULGAR DA CONDUCTA DOS HOMENS

Estas regras são judiciosas precauções. Filhas da prudencia, não alteram a simplicidade.

Regra primeira

Não devemos fiar-nos da virtude do commum dos homens posta a prova muito dura.

Resistir a tentações violentas é o triumpho das almas fortes, da virtude passada pelo cadinho das contrariedades, e poucos homens possuem semelhante virtude. A experiencia nos ensina que, nas situações extremas, quasi sem a fraqueza humana succumbe; os livros sagrados confirmam esta experiencia: «Quem ama o perigo, no perigo morrerá.»

Sabeis que um honrado commerciante se acha nas circumstancias mais precarias quando todos o crêem em posição florescente. Sua reputação, o futuro de seus filhos depende d'uma operação pouco delicada, mas muito lucrativa. Se a realisa tudo fica reparado; no caso contrario, descobre-se o se-

gredo de sua posição; a ruina é inevitavel. Que fará elle?... — Se a operação vos póde prejudicar, acautelai-vos a tempo. Afastai-vos d'um edificio que, nas circumstancias ordinarias, resistiria sem duvida, mas que poucas garantias terá de segurança, chegado o furacão.

Duas pessoas jovens, de trato amavel e bella figura, travaram relações intimas e frequentes; são virtuosos, bem o sei; quando não houvesse outros motivos bastaria a honra para os manter nos limites do dever, bem o sei tambem. Em todo o caso se a cousa vos interessa, tomai immediatamente as vossas medidas, senão calai-vos. Não julgueis temerariamente, mas pedi a Deus por elles, que bem póde ser que as preces não sejam inuteis.

Fazeis parte do governo de vosso paiz; os tempos correm maus, as circumstancias criticas, um de vossos subordinados, incumbido d'um cargo importante, está sendo sitiado noite e dia por um inimigo que dispõe de inesgotaveis meios de ataque... sonantes e de boa lei. Segundo se vos figura, o empregado é homem honrado e demais está ligado á vossa causa por fortes e numerosos compromissos. Sobre tudo, é enthusiasta em certos principios e os defende com ardor. Não importa. Não percaes este negocio de vista. Fazeis bem em crêr que a honra e convicções do subordinado podem resistir a uma machina de guerra do peso de... cincoenta mil peças d'ouro; porém o melhor será

não o pôr á prova, principalmente se as consequencias forem irreparaveis.

Vêdes a authoridade em perigo; querem impôr a seu representante um acto, a que elle não póde subscrever sem se aviltar, sem faltar aos deveres mais sagrados, sem comprometter interesses da primeira ordem. O magistrado é d'um caracter naturalmente recto; em toda a sua carreira não ha a exprobrar-lhe nem uma só perfidia e sua rectidão é acompanhada de certa firmeza. Os antecedentes são os melhores; em todo o caso, quando ouvirdes roncar a tempestade, quando virdes a sedição subir as escadas do pretorio e o ousado demagogo bater á porta, levando em uma mão o auto para assignar e na outra o punhal ou trabuco, receai mais pela honra do que pela vida do magistrado! É provavel que o homem não morra; a integridade não é o heroismo.

É por tanto permittido, e até muito prudente, em certos casos, não confiar muito na virtude dos homens, principalmente quando para praticar a virtude precisam d'uma superioridade d'alma que a razão e a experiencia nos apresentam muito raramente. É de notar ainda que para suspeitar mal não é preciso esperar que o apuro seja tal qual o acabamos de pintar. Para os maus, uma simples occasião equivale a uma tentação violenta. Assim na applicação, antes de formar juizo (é a unica regra que se póde estabelecer) devemos considerar qual

é a pessoa, graduando as probabilidades de resistencia ou de queda pela sua inclinação habitual de fazer mal, ou pela longa pratica do bem.

Estas considerações dão origem a novas regras.

Regra segunda

Intelligencia, inclinações, caracter, moralidade, interesses, n'uma palavra, tudo o que póde influir sobre as determinações d'um homem, eis o que nos é preciso conhecer para conjecturar com alguma probabilidade qual será a sua conducta n'um dado caso.

Ainda que dotado de livre arbitrio, o homem não deixa de estar submettido a uma multidão de influencias que poderosamente contribuem para determinar suas decisões e o esquecimento d'uma d'estas influencias póde levar os nossos juizos a erro. Por exemplo, um homem está collocado n'uma posição que o expõe a trahir seus deveres; parece á primeira vista que basta conhecer a moralidade d'este homem e as difficuldades que á moralidade fazem contrapeso, para prognosticar mal sobre o seu exito; mas deixamos de ter em conta uma qualidade importante sem a qual, em semelhantes casos, todas seriam compromettidas — firmeza de caracter. Que provém do esquecimento

d'esta qualidade? serem nossas esperanças algumas vezes enganadas com um homem de bem, e excedel-as um homem mau. Na lucta que a virtude sustenta contra o mal, está longe de ser inutil que as paixões energicas combatam por ella. Uma alma ardente e fortemente temperada exalta-se e adquire no perigo novas forças. O orgulho vem em auxilio ao sentimento do dever. O homem que se compraz em arrostar os perigos e vencer as difficuldades sente-se mais resoluto, mais ousado com os applausos da propria consciencia. Para elle, ceder é fraqueza, recuar é cobardia, é mostrar que tem medo, é cobrir-se de infamia.

O homem de intenção recta e coração puro, mas pusillanime olhará as cousas de modo muito differente. A linha do dever está traçada, mas para a seguir é preciso arrostar a morte, «deixar uma familia ao abandono. O sacrificio, além de tudo, não remediará o mal, quem sabe? talvez o augmente. É mister dar ao tempo o que o tempo exige; demais, o dever não é alguma cousa abstracta e absoluta. As virtudes que a prudencia não modera deixam de merecer o nome de virtudes.»

Finalmente o homem honesto encontrou o que buscava, um parlamentario entre o bem e o mal. O medo com seu proprio traje não serviria para o caso; tomou a mascara da prudencia, a capitulação não se fará esperar muito.

O exemplo é palpavel e nada tem de imagina-

rio; é preciso attender a todas as circumstancias que dizem respeito ao individuo, antes de formar juizo sobre elle. Desgraçadamente o conhecimento dos homens é um dos mais difficeis estudos. Aprender a julgar rectamente dos caracteres não é obra d'um só dia.

Regra terceira

Devemos cuidadosamente despojar-nos de nossas idéas e affeições particulares e guardar-nos de crêr que os outros obrarão necessariamente como nós obrariamos.

Todos temos experimentado que o homem se inclina a julgar dos outros, tomando-se por termo de comparação. D'ahi o seguinte proverbio: «Quem mal não faz mal não pensa»; e est'outro: «O ladrão desconfia da propria sombra». Esta inclinação natural constitue obstaculo quasi invencivel á imparcialidade de nossos juizos. Expõe o homem de bem a cahir nas armadilhas do mau, e muitas vezes fornece armas á maledicencia contra a innocencia mais pura, contra as mais altas virtudes.

A reflexão, ajudada por custosos desenganos, chega algumas vezes a curar este defeito, origem de innumeros males para o individuo e para a sociedade.

Mas como tem raizes tanto no entendimento como no coração do homem, é preciso sempre es-

tar álerta para que se não reproduza incessantemente.

Na maior parte dos raciocinios, o homem procede por analogia. «Tem-se dado sempre um facto; por tanto continuará a dar-se; tal phenomeno segue-se commummente a tal causa, logo tambem hoje deve seguir-se.» Quando temos a formar um juizo, chamamos logo a comparação em nosso auxilio. Se um exemplo isolado confirma nosso modo de pensar, temos mais segurança n'elle; se a experiencia nos fornece muitos, temos logo a causa como demonstrada. Pois não é natural que, quando buscamos comparações, as empregamos dos objectos que nos são mais conhecidos e familiares? Ora, como para formar juizo ou conjecturas sobre a conducta dos outros é necessario ter em conta os motivos que influem sobre as determinações da vontade, instinctivamente attendemos ao que costumamos fazer em iguaes circumstancias, e attribuimos aos outros as nossas maneiras de vêr e de apreciar os objectos.

Esta explicação, tão simples quanto verdadeira, nos dá a razão das difficuldades que o homem encontra sem se despojar de suas idéas e sentimentos particulares quando julga dos outros. E no em tanto, nada ha mais indispensavel.

O que só conhece os usos de seu paiz tem por estranho tudo que d'elles se desvia; quando pela primeira vez deixa a terra natal, cada novo obje-

cto é para elle occasião de admiração e surpreza. Acontece o mesmo na ordem moral. Com ninguem vivemos em tanta intimidade como com nós mesmos; o homem mais irreflectido, forçosamente tem consciencia da direcção habitual de sua intelligencia e vontade. Dá-se occasião de apreciar um acto de suas faculdades, e esquecemos que o facto psychologico se realisa na alma d'outrem, em terra estranha; por isso somos naturalmente levados a julgar que tal acto se passará ahi, com pouca differença, como em nós, em nosso territorio. Continuando a comparação: assim como os que teem viajado muito se não espantam com a diversidade dos usos, conformando-se com elles sem repugnancia e sem hesitação; assim tambem os que teem estudado o coração humano estão mais aptos para fazer abstracção de sua maneira de vêr e de sentir, collocando-se mais facilmente no ponto de vista d'outrem. Viajeiros experimentados, com facilidade adoptam os trajos, usos e maneiras dos naturaes do paiz que percorrem.

CAPITULO VIII

Da authoridade humana em geral

I

DUAS CONDIÇÕES PARA AVALIAR UM TESTEMUNHO

Nem sempre nos é possivel assegurar-nos por nós mesmos da existencia das cousas, e por tanto somos forçados a recorrer ao testemunho alheio.

Duas condições são necessarias para avaliar este testemunho: 1.ª que o testemunho se não enganasse; 2.ª que não busque enganar-nos. É evidente que a ausencia d'uma d'estas condições tiraria ao testemunho todo o valor.

Que importa que o que falla conheça a verdade, se os seus labios proferem a mentira? que importa sua veracidade e boa fé se a si mesmo se enganou?

II

EXAME E APPLICAÇÕES DA PRIMEIRA CONDIÇÃO

É estudando os meios de que a testemunha dispõe para chegar á verdade, que conheceremos se ella se enganou ou não. Entre estes meios comprehende-se a capacidade e todas as qualidades pessoaes que a tornam mais ou menos digna de fé.

Um narrador conta um facto de que não foi testemunha ocular. Talvez as leis d'uma boa educação nos impeçam perguntar-lhe a quem o ouviu; porém as leis da boa logica nos prescrevem o dever de ter em muita conta esta circumstancia, e não prescindir de escrupulos a tal respeito.

Atravesso um paiz desconhecido e ouço dizer: «O anno presente é muito abundante, ha muito tempo que não houve colheita assim.» Que devo eu fazer antes de deter meu juizo? Inquirir em primeiro lugar quem é a pessoa que falla. — É um velho, proprietario, estabelecido em suas terras, além de apaixonado pela estatistica, de que muito se occupa. Seu interesse, profissão, gostos particulares e longa experiencia lhe fornecem todos os meios de se esclarecer; sabe o que affirma, devo acredital-o.

— É o filho do velho; este occupa-se pouco das cousas do campo; distrahe-se pelas grandes ci-

dades e povoações. Bem póde saber o que avança por o ter ouvido dizer; porém, á parte esta circumstancia, seu testemunho é pouco seguro.

— É um viajeiro que de tempos a tempos percorre este paiz, mas por negocios que nenhumas relações tem com a agricultura. O testemunho d'este merece pouca fé; os meios que tivera de saber o que dá como certo, não teem valor. Falla á ventura.

III

EXAME DAS APPLICAÇÕES DA SEGUNDA CONDIÇÃO

Se devemos estar premunidos contra o erro involuntario em que uma testemunha póde cahir, não importa menos precaver contra a falta de veracidade. A este respeito, informemo-nos da opinião que d'ella se faz sobre este ponto, e sobre tudo examinemos se alguma paixão ou interesse a levou a mentir.

Quem prestaria inteira confiança a narrações de feitos d'armas, em recompensa dos quaes o narrador esperasse accesso de posto, emprego ou condecoração? É facil de comprehender o uso que de tal meio poderia fazer o aventureiro sem honra e sem delicadeza. Tende por suspeita a testemunha fortemente interessada pela admissão de seu teste-

munho. Crêr em sua veracidade sob sua palavra fôra, pelo menos, andar muito de leve.

Quando queremos calcular a probabilidade de qualquer acontecimento, que só conhecemos por testemunho d'outrem, é indispensavel ter em conta simultaneamente as duas condições de que fallamos : conhecimento de facto e veracidade da parte da testemunha. Além do testemunho d'outrem, possuimos muitas vezes certos dados que nos ajudam a apreciar o que nos contam, dados de que devemos fazer uso para diminuir as probabilidades do erro. Experiencia e reflexão, eis os melhores mestres.

IV

UMA OBSERVAÇÃO

Ha circumstancias em que, por mais que a testemunha pareça interessada em mentir, não o ousaria ; quando, por exemplo, descoberta abertamente a mentira, cahisse sobre a mesma testemunha toda a sua ignominia.

N'este caso, uma objecção: Devemos admittir o depoimento da testemunha interessada em enganar? Se as circumstancias são taes que o engano deve apparecer quasi logo em sua nudez e em sua vergonha, sem que o mentiroso possa dar por desculpa que o enganaram ou que se enganou a si

mesma, admitta-se o facto; poder-nos-hemos enganar talvez, mas ha probabilidade para a opinião contraria e em grau superior.

V

É DIFFICIL CHEGAR Á VERDADE, QUANDO ELLA ESTÁ LONGE PELO TEMPO E PELA DISTANCIA

Se é difficil discernir a verdade da falsidade nos successos contemporaneos acontecidos em nosso paiz, o que será dos acontecimentos realisados ha seculos, e em paizes longinquos, ou dos que simultaneamente estão afastados de nós pelo tempo e pelo espaço?

Como verificar a sinceridade das narrações d'um viajeiro, ou d'um historiador? Em que estado nos apresentarão a verdade?

Sente-se a gente desanimada, depois de observar como os factos succedidos á nossa vista apparecem augmentados, exagerados, attenuados, desfigurados ou confundidos, e tem de buscar a verdade em livros de historia ou de viagens, nos jornaes, principalmente estrangeiros.

O que vive no paiz e no tempo em que se dão os factos que estuda, ainda possue certos meios de evitar os erros. Vê as cousas de per si; ouve e lê differentes relações que póde comparar; como sabe os antecedentes das pessoas e das cousas, como está

em constantes relações com homens de interesses e opiniões oppostas, como segue os successos em sua marcha geral, não lhe é impossivel, á força de trabalho e juizo, verificar certos factos e chegar de algum modo á verdade. Mas que acontecerá a quem um hemispherio inteiro e talvez muitos seculos separam da verdade que busca; que não tem outro guia senão os jornaes ou alguns livros encontrados n'uma bibliotheca, n'um gabinete de leitura, obras e jornaes que adopta com confiança pelo simples facto de lhe haverem sido recommendados, ou gabados diante de si?

Jornaes, relações de viagens, historias: tres meios pelos quaes se costuma buscar instruir-se dos successos em tempos e lugares afastados. Direi alguma cousa de cada um d'estes meios.

CAPITULO IX

Os jornaes

I

UMA ILLUSÃO

Persuadem-se alguns que, nos paizes onde floresce a liberdade de imprensa, onde os negocios geraes se discutem em toda a luz, onde cada um póde livremente emittir sua opinião, é facil chegar á verdade pelo menos a respeito das pessoas e das cousas. «Lá todos os interesses, todos os systemas se produzem simultaneamente; os contrarios se corrigem mutuamente e se fazem contrapeso. A luz resalta do choque das opiniões. Uma só opinião apenas diria uma parte da verdade; podendo todas as opiniões levantar a voz, dirão a verdade toda.»

Pura illusão! Os jornaes não dizem, não podem

dizer a verdade toda, nem a respeito das pessoas, nem a respeito das cousas, mesmo nos paizes mais livres.

II

OS JORNAES NÃO DIZEM A VERDADE TODA SOBRE AS PESSOAS

Exaltar ou rebaixar sem medida, prodigalisar louvores ou vituperio, fazer d'um personagem politico, segundo os interesses ou as circumstancias — Um genio raro, um heroe, um salvador, — um homem sem talentos, um homem incapaz, um flagello da humanidade; taes são, não se ignora, as obras da imprensa soprada pelo espirito de partido.

Que se ha-de crêr ou deixar de crêr n'este conjunto de opiniões encontradas, sempre que o homem que se aggride ou glorifica se nos não apresenta bem accentuado por feitos ruidosos faceis de caracterisar? Onde procurar a verdade? Como é que o estrangeiro principalmente, forçado a escolher entre estes extremos, chegará a formar a sua opinião?

Cousa estranha! não é raro ouvir certos circulos professar ao mesmo tempo, a respeito do mesmo personagem, duas opiniões differentes, a opinião verdadeira e a de circumstancia; e, como se tem visto, póde dar-se o mesmo n'um paiz inteiro

em que uma opulencia irritante e apaixonada sobreexcita o amor proprio e perturba a razão.

Os juizos oppostos ou contradictorios não os poderão os estrangeiros conhecer, nem comprehender; para elles a imprensa é n'este sentido defeituosa, insufficiente para chegar á verdade, e tambem para os nacionaes que tão sómente pelos periodicos ajuizam dos homens e das cousas.

Quasi sempre os escriptores separam o homem publico do particular, e bem é que assim seja. Sem esta distincção, a polemica quotidiana, desabrida e violenta já em excesso, tornar-se-hia por ultimo arena impura onde as mais vergonhosas paixões viriam patentear suas negruras ou digladiarem-se. No entanto, é certo que a vida privada d'um homem fornece bons dados para se julgar da sua conducta nos destinos publicos. O que nas transacções ordinarias não attende e respeita o bem dos outros, é natural que tambem na administração dos dinheiros publicos não conserve as mãos muito puras. Tambem o homem de má fé, sem convicções, sem moralidade, sem religião, não é muito crivel que seja consequente nos principios politicos que apparenta professar, e que o governo que se serve de seus serviços possa descançar tranquillo em suas palavras e promessas. O epicurista por systema, que no seu povo insultava sem pudor a moral publica, mau esposo, mau pai, crêr-se-ha que, assumindo a magistratura, deponha suas paixões, e que a inno-

cencia injustamente perseguida, que a fortuna da gente honesta nada tenha a recear da insolencia e injustiça dos maus? E todavia os jornaes nada dizem, nada podem dizer d'estas cousas, ainda mesmo que sejam perfeitamente conhecidas pelo escriptor.

III

OS JORNAES NÃO DIZEM A VERDADE TODA A RESPEITO DAS COUSAS

Até nos acontecimentos politicos não é verdade que os jornaes digam a verdade toda. As grandes scenas representam-se com um pequeno numero de actores ou interessados; só por incidente ahi intervem a multidão; além d'isso todos sabem como a expressão das opiniões manifestadas nas conversações familiares, differe da que se entrega á discussão publica por meio da imprensa.

Ha mil considerações particulares a que forçosamente se curva um publicista. Entre os que fallam em publico, muitos dizem o contrario do que sentem, e os mais rigidos em materia de veracidade se vêem obrigados, senão a dizer o que não sentem, pelo menos a calar a melhor parte do que pensam. Importa não esquecer estas considerações, se queremos vêr um pouco mais longe e melhor do que vulgarmente se vê.

Ha no mundo politico uma como especie de moeda corrente reconhecida falsa, mas que tacitamente se convencionou receber. Os iniciados é que se não enganam sobre o seu verdadeiro peso e valor real.

CAPITULO X

Relações de viagens

I

DUAS PARTES MUI DIFFERENTES NAS RELAÇÕES DE VIAGENS

Este genero de escriptos contém duas ordens de factos que é mister cuidadosamente distinguir: a descripção das scenas e objectos que o viajante observou, e as noções e observações de toda a especie que faz entrar no corpo da obra e a completam.

Aos primeiros appliquem-se as regras que estabelecemos sobre a veracidade, acrescentando as duas seguintes observações: 1.ª que a desconfiança da fidelidade dos quadros deve guardar alguma proporção com a distancia do lugar da scena; como diz o proverbio: «longas terras, longas mentiras»; 2.ª que os viajantes correm risco de exagerar, desfigurar e até fingir, fazendo formar idéas

mui equivocas sobre o paiz que descrevem, pelo vaidoso prurido de se tornarem interessantes, e dar-se importancia, contando peregrinas aventuras.

Difficil será, se não impossivel, estabelecer regras para discernir a verdade do erro entre os factos e observações de todo o genero que podem entrar nas relações de viagem.

Encheremos esta lacuna com algumas observações que servirão, segundo espero, para que se não deposite demasiada confiança no que a não merece.

II

ORIGEM E COMPOSIÇÃO DE CERTAS RELAÇÕES DE VIAGENS

A maior parte das viagens fazem-se atravessando os lugares mais famosos, detendo-se alguns dias em alguns pontos notaveis, e o resto atravessa-se tão rapido quanto é possivel, em harmonia com a economia de tempo, de dinheiro e de enfado. Se o paiz visitado é culto, se está sulcado de caminhos em bom estado, de canaes e de rios, se as costas são de facil navegação, o viajante passa d'uma á outra capital com a rapidez da flecha, dormindo ao balanceio do navio, encostado á portinhola d'uma carruagem para admirar alguma paisagem, ou passeando na coberta d'um paquebote, contemplando as

margens do rio, em cuja corrente navega. Os espaços intermediarios não existem para elle. Costumes, leis, usos, religião, caracter physico e moral dos homens ou do paiz, nada d'isso viu. Que é o que elle conhece? Apenas póde formar, na passagem, uma idéa vaga do aspecto das terras, e observar com a vista algumas paisagens fugitivas.

Então em que conceito, em que apreço devemos nós ter estas noticias circumstanciadas sobre paizes de muitas mil leguas quadradas visitados do modo que acabamos de dizer?

O que conta viu, por tanto é verdade. Assim raciocinaes, persuadidos de que para recolher esta multidão de factos, o guia arrostou innumeros perigos, supportou immensas fadigas, consagrando annos laboriosos ao serviço da sciencia e da humanidade. Suppondes o que deveria ser, mas como estaes longe da realidade!

Chegado á capital do paiz, cuja lingua conhece pouco ou nada, o viajeiro pára como estupefacto ante mil maravilhas. Está no termo de sua viagem; tocou as columnas de Hercules. Rapidas visitas aos palacios, aos monumentos, aos theatros, aos museus, ás ricas collecções, cuja lista encontra no *Guia dos viajantes,* eis seu programma e as suas horas estão contadas. Avia-se; outra capital, outros palacios, outros monumentos, outras maravilhas o esperam. Em fim, carregado de experiencia, de saber e de poeira, depois d'alguns mezes de au-

sencia, volta a vêr sua terra natal; consagra o inverno a pôr em ordem, a *completar* as suas observações, seus estudos, suas impressões, suas pesquizas, suas confidencias de viajeiro, e nos primeiros dias da primavera apparece pompeando nas livrarias uma magnifica brochura em oitavo.

Agricultura, artes, commercio, sciencia, politica, crenças populares, religião, costumes, tradições, caracteres, tudo ahi está; o author viu tudo, observou tudo. Com o seu livro tendes a estatistica universal do paiz que elle percorreu. Acreditai-o sob palavra, ficaes dispensados de vos levantardes de vossa poltrona e vos pôrdes á janella.

Mas tantas minudencias, conhecimentos tão variados! como é que elle os pôde recolher? como pôde saber o que se passava nos lugares aonde não foi? Em tão pouco tempo, um Argus não seria capaz de vêr tantas cousas.

— Eis o segredo.

Da carruagem publica em que ia assentado, o nosso viajeiro vê desenrolar-se a seus olhos uma paisagem que attrahe sua attenção, e trava com seu visinho o seguinte dialogo: «O senhor conhece este paiz que atravessamos? — Alguma cousa. — Como se chama aquelle povo acolá ao fundo da collina? — Se me não engano é o povo de... — E quaes são os recursos principaes d'esta provincia? — A industria. — E que tal é o caracter dos habitantes? — Fleugmaticos como os cavallos que

puxam a esta carruagem. — E de riqueza?... — Como judeus.»

Pára a carrugem; o homem de respostas laconicas sahe e ausenta-se, talvez sem se despedir, e as indicações que elle deu anonymas como a sua pessoa, figuram, entre os factos positivos, nas notas do viajante.

Em verdade, taes livros tambem não teem pouco de traducção e plagiato, porque as viagens de maior folego, as mais carregadas de aventuras terriveis, ou narrações pitorescas e sábias fazem-se muitas vezes nas bibliothecas, através de innocentes e passiveis volumes em oitavo.

Não é intenção minha rebaixar, em geral, o merito que exige um trabalho serio de exploração; mas quantas idéas falsas não correm ahi, quantos absurdos vulgarisados, cridos por pretendidas relações de viagens! Quantas vezes as cidades, povos inteiros teem sido bem ou mal tratados, criticados com furor ou elogiados, consoante o humor, o caracter, o capricho de pintores indiscretos e frivolos que ousam dar copias de originaes que jámais viram!

III

MANEIRA DE ESTUDAR UM PAIZ

Habitar longo tempo nos mesmos lugares, formar ahi relações numerosas, conhecer a fundo a lingua do paiz, não perder nunca occasião de observar e enriquecer-se, taes são as condições necessarias para se formar idéa d'um paiz, sob o ponto de vista moral e material. Fóra dos conhecimentos adquiridos d'este modo não vejo senão banalidades, generalidades, incertezas, erros. A maior parte das descripções que se acham pelos livros assemelham-se a cartas geographicas sem escala de proporção. Estão cheias de nomes, o papel está coberto de signaes de toda a especie, cadêas de montanhas, rios, canaes, etc.; mas tomai o compasso para medir as distancias, e vereis como as cousas estão deslocadas; a cada passo julgareis estar perto d'uma cidade, d'um rio, d'um monte que dista nada menos de cem leguas.

Em summa, quereis adquirir noticias exactas sobre um paiz e formar de seu estado cabal e verdadeiro conceito? estudai-o do modo que indicamos ou consultai os authores que assim o estudaram.

Se isto se vos não proporcionar, contentai-vos com alguns conhecimentos geraes, de modo a sahir

airosamente em qualquer conversa relativa a essas cousas com pessoas de iguaes conhecimentos; mas nunca pretendaes estabelecer sobre taes dados um systema philosophico, economico, ou politico. Evitai sobre tudo alardear saber a tal respeito; tornar-vos-hieis objecto de riso.

CAPITULO XI

Historia

I

IMPORTANCIA DOS ESTUDOS HISTORICOS. MODO DE ESTUDAR A HISTORIA

O estudo da historia não é sómente util, é indispensavel. Quando a historia não fosse considerada como meio de chegar á verdade, a sua importancia, como ornamento do espirito, seria incontestavel. Acrescentemos que ha grande numero de factos, contra os quaes a ninguem é permittido levantar-se, sem se pôr em lucta com o senso commum.

Assim, um dos primeiros cuidados que deve ter-se n'esta classe de estudos é distinguir o que n'elle ha de absolutamente certo. Não confiando á memoria senão verdades incontestaveis, deixaes ao espirito, livre de peias, a liberdade de classificar o

resto segundo o grau de probabilidade, de certeza ou de erro, como lhe aprouver.

Que grandes imperios floresceram no Oriente; que as artes e a civilisação da Grecia foram levadas a grau mui alto de perfeição; que Alexandre fez grandes conquistas na Asia; que os romanos submetteram quasi todo o mundo conhecido em seu tempo; que Carthago foi rival de Roma; que o imperio dos senhores do mundo foi a seu tempo assolado por invasões de barbaros vindos do Norte; que os musulmanos invadiram a Africa septentrional, sendo em Hespanha destruido o poder dos godos e ameaçado o resto da Europa; que o feudalismo foi na idade média a fórma social, verdades são estas de que estamos tão certos como da existencia de Paris ou Londres.

II

DISTINCÇÕES ENTRE O FACTO E AS CIRCUMSTANCIAS DO FACTO. APPLICAÇÕES

Ha factos universalmente admittidos; todavia pelas particularidades e circumstancias com que o historiador os acompanhou, estes mesmos factos revelam erudição, critica, philosophia de historia, em summa. Vasto campo aberto á discussão.

Não se póde pôr em duvida a existencia das luctas sangrentas em que Roma e Carthago se dis-

putaram o imperio do Mediterranco, das costas de Africa, da Hespanha e da Italia, e cujo desfecho foi o triumpho dos Scipiões, a derrota de Annibal e a ruina da cidade de Dido. Mas ser-nos-hão bem conhecidas as circumstancias d'estas luctas?

No retrato que se nos faz da fé punica, na exposição das causas que provocaram o rompimento entre as duas republicas rivaes, em a narração das batalhas, das negociações etc., será impossivel que tenhamos sido enganados? Não terão os historiadores romanos, que nos transmittiram o maior numero de factos, lisonjeado a propria nação em detrimento da inimiga? Aqui entra a duvida, o discernimento; ha que admittir com desconfiança, que rejeitar sem hesitação, e o mais das vezes cumpre suspender o juizo.

Que seria da verdade aos olhos das gerações vindouras se, por exemplo, a historia das luctas entre duas nações modernas fosse exclusivamente escripta pelos historiadores d'uma das rivaes? Entretanto, hoje, por assim dizer, os historiadores escrevem em presença uns dos outros; podem desmentir-se e corrigir-se mutuamente, e, graças aos meios faceis de communicação e diffusão, é muito mais difficil que outr'ora sustentar erros evidentes. Que será, por tanto, d'estas narrações que nos vieram por uma via unica; via muito suspeita como interessada, narrações de factos passados em tempos tão remotos, em que eram tão raras as commu-

nicações e desconhecidos os actuaes meios de publicidade?

E estas legendas maravilhosas em que os historiadores gregos nos apresentam um punhado de espartacos e de athenienses desbaratando milhares de persas e propõem á nossa admiração o heroismo desinteressado, a dedicação sublime de seus guerreiros, devemos adoptal-as sem exame? Bem observamos como em nossos tempos se desnaturam, como se exageram os factos mais simples. O homem sensato dará o desconto devido ao enthusiasmo e patriotismo do escriptor: esperemos, dirá elle antes de formar o seu juizo, esperemos que tambem os persas se levantem dos plainos de Maratonia ou das Thermopylas para contar as circumstancias do combate.

Esta regra de prudencia é d'uma applicação frequente; no estudo da historia, não a percamos de vista, e evitaremos numerosos erros em que de outro modo poderiamos cahir. Pelo menos, nos ensinará a não nos transviarmos em particularidades inuteis.

III

ALGUMAS REGRAS PARA O ESTUDO DE HISTORIA

Sendo a historia um dos assumptos que não devem ficar em silencio, quando se trata da arte de

chegar á verdade, darei alguns conselhos simples e breves, — mas sem pretender tratar a fundo a materia, o que exigiria um grosso volume.

Regra primeira

Consoante o que atraz havemos estabelecido (capitulo VIII), é mister ter em grande conta os meios de que o escriptor dispunha para chegar á verdade, e as probabilidades favoraveis ou desfavoraveis de sua veracidade.

Regra segunda

Em igualdade de circumstancias, devemos preferir a testemunha ocular.

Sempre a verdade corre algum perigo com os intermediarios. As narrações successivamente transmittidas são como correntes, cujas aguas sempre levam alguma cousa do canal por onde passam; nos canaes da historia abundam a paixão e o erro.

Regra terceira

Entre as testemunhas oculares, escolham-se, se no resto houver igualdade, as que não tiverem tomado parte no successo, e que nada perderam ou ganharam com elle.

Cesar conta as proprias campanhas e seu teste-

munho é sem duvida uma authoridade. E, todavia é evidente que o general romano não póde denegar coragem aos povos por elle vencidos, que não póde represental-os inferiores em numero aos exercitos que commandava sem diminuir as difficuldades da empresa e por tanto da sua gloria. Os prodigios de Annibal contados pelos proprios inimigos teem outro valor historico.

Regra quarta

Prefiram-se os historiadores contemporaneos, mas examine-se o seu testemunho pelo d'outros da mesma época que defendam opiniões e interesses differentes, e haja cuidado em separar, nos seus escriptos, o facto das causas que lhe assignam, os resultados que lhe attribuem e os juizos que lhes são pessoaes.

Quasi sempre ha nos successos um facto dominante que sobresahe com muita evidencia para que a parcialidade do escriptor ouse negal-o. Em taes casos, o historiador exagera ou attenua; prodigalisa côres favoraveis ou desfavoraveis; busca explicações, inventa causas, assignala consequencias, etc.; porém o facto persiste, e os esforços da má fé devem advertir o leitor judicioso para que não attenda senão ao facto, não veja senão o facto, e o veja tal qual elle é.

Os admiradores apaixonados de Napoleão falla-

rão á posteridade do fanatismo e crueldade da nação hespanhola, nação barbara e sem intelligencia, que recusou viver feliz debaixo do sceptro glorioso d'um heroe; referirão os mil favoraveis motivos que forçaram o grande caudilho a intervir na peninsula, e assignarão mil causas favoraveis para explicar os resultados pouco satisfactorios, concluindo que em caso algum se empanam as glorias do heroe.

Apesar de tudo, o leitor judicioso, se quizer prestar a devida attenção, descobrirá facilmente a verdade sob os véos que a encobrem. Com effeito, qualquer que seja a sua repugnancia, o historiador será forçado a convir que antes de principiar a lucta, e em quanto as forças do marquez de la Romana serviam a França em o Norte, o chefe dos francezes, sob pretextos de amizade mandou passar para Hespanha um numeroso exercito, que se apoderou das principaes cidades e fortes, inclusa a capital do reino; que collocou no throno seu irmão José, e que em fim, depois de seis annos de encarniçadas luctas, o exercito francez e José, repellidos do solo hespanhol, se viram obrigados a passar a fronteira.

Eis o facto; dêem-se as côres que se quizer ás circumstancias que o acompanharam; o leitor sensato é que nunca deixará de dizer: « O historiador defende com talento a reputação de seu heroe; porém da propria narração se deprehende: 1.º que oc-

cupou um paiz amigo sob pretextos cavillosos; 2.º que o invadiu sem motivos; 3.º que atacou alliados fieis no proprio coração de seu paiz; 4.º que usou de traição para arrebatar de seu throno um infeliz monarcha; 5.º que combateu durante seis annos, sem poder implantar sobre os montes ibericos a sua invencivel bandeira. Por tanto temos d'uma parte a boa fé do alliado, a lealdade do vassallo, a intrepida constancia do guerreiro patriota; o heroismo e a justiça; d'outra parte, o genio e o valor, mas tambem a má fé, a usurpação, as estereis desgraças d'uma guerra longa e ruinosa. Injustiça e astucia na concepção da empresa; calamidades na execução d'ella.»

Regra quinta

Os escriptos anonymos merecem pouca confiança.

Talvez o author occultasse o nome por modestia; mas o publico que o ignora não está obrigado a crêr na veracidade d'um livro que, para assim dizer, cobre a cara com um véo.

Se um dos freios mais poderosos, qual é o temor de perder a boa reputação, não é todavia bastante para manter os homens nos limites da verdade, como nos havemos de fiar em quem carece d'elle?

Regra sexta

Antes de lêr uma historia convém estudar a vida do historiador.

Ouso affirmar que esta regra é da maior importancia. Verdade é que ella está comprehendida no que dissemos no capitulo VIII; porém não será inutil estabelecel-a aqui separadamente, fazendo-a seguir d'algumas observações.

Como se ha-de apreciar a veracidade d'um historiador ou os meios de que dispunha para chegar á verdade, se ignoramos sua vida?

Quereis possuir a chave de suas exclamações ou reticencias? Quereis saber porque sobre taes scenas tão levemente passa o pincel, ao passo que carrega certos quadros com as mais negras côres? Indagai as suas virtudes ou seus vicios, estudai sua posição particular, o espirito de seu tempo, as fórmas politicas de sua patria; o mais das vezes, tudo ahi se encontra.

Não se escrevia a historia durante os revoltosos tempos da Liga, como no reinado regular e glorioso de Luiz XIV.

Desçamos a tempos mais afastados de nós, á revolução franceza, ao imperio, á restauração, ou á dynastia d'Orleans; acharemos que em cada uma d'estas épocas se escreve a historia, por assim dizer, com a côr das circumstancias. Cada tempo com

sua linguagem. Se conheceis a época e o paiz em que tal ou tal livro viu a luz, isto é, as influencias que presidiram a seu author, se vos fazeis cargo da situação do escriptor; aqui tereis que supprimir, além que ampliar; n'uma parte decifrareis uma palavra obscura, n'outra comprehendereis uma periphrase; n'esta pagina apreciareis em seu justo valor um protesto, um elogio, uma restricção; em outra adivinhareis a omissão d'uma censura, d'uma confissão, ou determinareis o verdadeiro sentido de uma proposição demasiadamente arrojada.

Poucos são os homens que sobrepujam completamente o dominio das circumstancias; ha poucos que saibam arrostar os grandes perigos na defeza da verdade; ha poucos que, nas circumstancias criticas, não busquem transacção entre seu interesse e a consciencia. Permanecer fiel á virtude nos momentos de crise, eis o que é heroismo, mas o heroismo é raro.

De mais, nem sempre é acto culpavel o conformar-se o escriptor com o tempo, uma vez que não fira os direitos imprescriptiveis da justiça e da verdade. Ha casos em que o silencio é prudente e quasi obrigatorio; e é exactamente n'estes casos que se deve perdoar ao escriptor o não ter dito todo o seu pensamento, com tanto que contra o seu pensamento nada tenha dito. Quaesquer que fossem as convicções de Bellarmino sobre o poder indirecto dos Papas, exigireis que elle as expozesse

em Paris, com a mesma liberdade que o faria em Roma? Fôra o mesmo que dizer-lhe: « Escrevei: e desde que o parlamento tiver conhecimento do vosso livro, os exemplares serão recolhidos á mão armada e queimados, e vós provavelmente expulso da França ou lançado n'uma prisão.»

Regra setima

As obras posthumas editadas por desconhecidos e tendo passado por mãos pouco seguras, devem ser consideradas como apocryphas, e recebidas com reserva; pouco serve em taes casos a authoridade d'um illustre fallecido; não é elle que nos falla, mas o editor, seguro de que o interessado o não poderá desmentir.

Regra oitava

As historias fundadas em memorias secretas ou desconhecidas e documentos ineditos; os manuscriptos em que o editor affirma nada ter feito senão pôr em ordem, corrigir o estylo e esclarecer certas passagens, não merecem mais credito que a que nos inspira o editor.

Regra nona

As relações de negociações secretas, segredos de estado, anecdotas picantes sobre a vida privada

de personagens celebres, sobre tenebrosas intrigas e outros factos d'este genero, não devem ser admittidas senão depois de severo exame. Se difficilmente descobrimos a verdade á luz do sol e sobre a face da terra, pouco podemos contar com a verdade do que se passa nas sombras da noite e nas entranhas da terra.

Regra decima

Tratando-se de povos antigos ou muito remotos, é mister dar pouco credito a quanto se nos refere sobre riquezas do paiz, numero de habitantes, thesouros de monarchas, idéas religiosas e costumes domesticos.

Effectivamente, como se ha-de verificar a exactidão d'estas relações? A distancia, o tempo, a ignorancia da lingua, tudo se nos oppõe. Como chegar á verdade em cousas muitas vezes occultas, desconhecidas aos proprios indigenas? Acaso se penetrou no interior da familia, nas confidencias intimas do lar para que se possam descrever os costumes domesticos?

CAPITULO XII

Considerações geraes sobre os meios de conhecer a natureza dos serês, suas propriedades e relações.

I

UMA CLASSIFICAÇÃO DAS SCIENCIAS

Conhecidas as regras que nos podem guiar para conhecermos a existencia d'um objecto, resta-nos formular as que nos podem ser uteis ao investigar a natureza, propriedade e relações dos sêres.

Chamaremos sêres ou factos *naturaes* tudo o que pertence á ordem natural, isto é, sem excepção, todos os factos submettidos ás leis necessarias da creação. Chamamos *moraes* os factos pertencentes á ordem moral; *historicos* ou *sociaes* os que pertencem á ordem social; e *religiosos,* os que

derivam d'uma providencia superior e extraordinaria.

Não insistirei sobre a exactidão d'esta divisão, confessando até que, em rigor, póde ser contestada; em todo o caso, não se poderá negar que é fundada sobre a propria natureza das cousas e em harmonia com ellas, e pelo modo com que o entendimento humano costuma distinguir os principaes pontos de vista.

A fim de pôr em relevo as razões em que se apoia, apresentarei em poucas palavras a filiação das idéas.

Creou Deus o universo, e tudo que n'elle se contém, submettendo-o a leis constantes e necessarias. D'aqui a ordem natural: ao estudo d'esta ordem poder-se-hia chamar philosophia da natureza.

Deus creou o homem racional e livre, sujeito a certos deveres, leis que, sem o forçar, o obrigam. D'aqui a ordem moral, objecto da philosophia moral.

A sociedade humana dá origem a uma serie de factos e relações; d'ahi a ordem social; o estudo d'esta ordem de factos poder-se-hia chamar philosophia social, ou, se assim o quereis, philosophia da historia.

Deus não está ligado por as leis a que submetteu a obra de suas mãos, por consequencia póde obrar em harmonia com estas leis, e tambem contrariamente a ellas; eis porque admittimos a exis-

tencia d'uma ordem de factos e revelações superiores á ordem natural e social. D'aqui o estudo da religião ou a philosophia religiosa.

Demonstrada a existencia d'um objecto, pertence á philosophia estudal-o a fundo, aprecial-o, julgal-o. Philosopho, na accepção commum, significa — homem versado no estudo das leis que regem os entes, no estudo de suas propriedades e relações.

II

PRUDENCIA SCIENTIFICA; MEIOS DE A ADQUIRIR

O verdadeiro espirito philosophico é inseparavel do espirito de prudencia; prudencia mui semelhante á que deve presidir ás nossas relações com os homens e as cousas na pratica da vida. Eis algumas observações que nos poderão ajudar a adquiril-a.

Observação primeira

A natureza intima das cousas nos é quasi sempre inteiramente desconhecida. Sabemos pouco e mal.

Não esqueçamos jámais esta verdade, que nos fará vêr a necessidade de trabalho energico e perse-

verante em nossas pesquizas sobre a natureza dos entes. Tornar-nos-ha modestos e circumspectos, preservando-nos d'esta curiosidade irreflectida que leva o homem a sondar segredos, para elle cobertos de véo impenetravel.

Verdade pouca lisonjeira para o nosso orgulho, mas verdade incontestavel, verdade perfeitamente evidente para quem tenha meditado sobre a sciencia: o homem sabe poucas cousas. Recebemos do Creador uma intelligencia em harmonia com as nossas necessidades physicas e moraes, pois que esta intelligencia está em estado de conhecer, para a satisfação de nossas necessidades, o uso que podemos fazer dos sêres collocados ao nosso alcance.

Mas o resto, aprouve á sabedoria divina occultar-nol-o; reservou para si o privilegio de, mais tarde, ella propria levantar o véo que occulta a nossos olhos o ineffavel espectaculo da creação. Para que lastimarmo-nos? Se a ignorancia é a prova da vida, a esperança é a consolação da morte.

A sciencia fornece algumas noções sobre as propriedades da luz; nós applicamos muitas vezes estas propriedades; mas a essencia da luz, qual é ella? sabemos dirigir, até apressar a vegetação; mas que sabemos nós da natureza e segredos d'este maravilhoso phenomeno?

Fazemos uso dos nossos sentidos, conservamol-os e ajudamol-os; porém os mysterios da sensação nos são desconhecidos. Conhecemos, em geral, as sub-

stancias nocivas ou salutares ao corpo; mas ignoramos porque é que taes substancias são uteis ou prejudiciaes. Temos acabado? Calculamos o tempo de mil modos, e no entanto a metaphysica ainda não logrou definir o tempo. Existe uma sciencia chamada geometria, sciencia elevada a um alto grau de perfeição, e a idéa fundamental d'esta sciencia, a extensão não se póde comprehender. Vivemos no espaço; todo o universo se move no espaço; medimol-o; submettemol-o a rigorosos calculos; e nem a metaphysica, nem a ideologia sabem dizer em que o espaço consiste, se é cousa distincta dos corpos, se é simplesmente uma idéa, se tem natureza propria. Não sabemos se elle é um sêr, ou se não é cousa alguma. Pensamos, e não sabemos o que vem a ser o pensamento; as idéas geram-se em nossa intelligencia, e não sabemos o que é uma idéa. O espectaculo do universo, em toda a sua variedade, em todo o seu esplendor se desenrola em nosso cerebro como em magnifico theatro. Ahi, uma força incomprehensivel cria, segundo nossos caprichos, mundos phantasticos, ora sublimes e cheios de bellezas, ora cheios de extravagancias, e não sabemos nem o que é a imaginação, nem o que são estas prodigiosas scenas, nem como ellas apparecem ou se esvaem.

Ha uma multidão de affeições de que temos consciencia intima, profunda, invencivel, a que chamamos sentimentos. Mas que é um sentimen-

to? Podemos dizel-o? O que ama sente amor, e não sabe o que é o amor.

O philosopho que pretende analysar esta affeição assignala sua origem, suas tendencias e seu fim; dá regras para a dirigir; porém quanto á natureza intima do amor, permanece na mesma ignorancia que o vulgo.

Os sentimentos são como o fluido que circula por canaes inaccessiveis á vista. Conhecem-se-lhes alguns effeitos exteriores; em certos casos, sabe-se onde vão ou d'onde vem estes fluidos; póde-se até accelerar ou retardar seu giro, mudar a direcção; porém a vista não póde sondar o mysterio de seu movimento; o agente permanece incognito.

Nosso proprio corpo, todos os que nos rodeiam, sabemos por ventura o que elles são? Ha philosopho que possa explicar o que é um corpo? e todavia vivemos no meio de substancias corporeas; usamos d'ellas a cada instante. Conhecemos muitas de suas propriedades, definimos as leis que as regem, um corpo faz parte da nossa propria natureza.

Não percamos pois de vista estas considerações, quando tivermos de estudar os principios constitutivos de qualquer sêr, sua essencia. Attentos e cheios de ardor em nossas pesquizas, sejamos sobrios e rigorosos nas definições. Se não exercitarmos com rigoroso escrupulo esta qualidade, acontecer-nos-ha muitas vezes collocar na ordem das realidades vãs creações da phantasia.

Observação segunda

Nas mathematicas ha duas maneiras de resolver os problemas: a demonstração directa, e a prova por impossibilidade.

O mesmo acontece em toda e qualquer questão. Para o maior numero das difficuldades, provar que nos achamos na impossibilidade de as resolver seria a melhor das soluções. E que se não creia que tal maneira de raciocinar seja desprovida de merito, ou que seja sempre facil discernir o posssivel do impossivel.

Um espirito capaz d'este discernimento manifesta que conhecia a fundo a materia e que sondou seriamente as difficuldades.

O conhecimento da impossibilidade em que nos achamos de resolver certas difficuldades é mais vezes historico e de experiencia, que scientifico. Logo que um homem competente avança que tal ou tal solução é impossivel, ou que toca o impossivel, nem sempre se segue que elle esteja em estado de o demonstrar; mas a inutilidade dos esforços que tentou, a historia dos esforços antes d'elle tentados por homens especiaes, confirmam n'esta questão a impotencia do espirito humano. Algumas vezes a impossibilidade resalta da propria natureza do problema; todavia, para o affirmar com certe-

za, é mister abranger com a mesma vista d'olhos o conhecimento d'esta impossibilidade e o conhecimento que seria preciso ter para a fazer desapparecer.

Observação terceira

Como os entes differem muito em sua natureza, propriedades e relações, igualmente as nossas apreciações a seu respeito devem ser mui variadas.

Imaginam alguns que sabendo-se pensar sobre uma classe de objectos, está aberto o caminho para se lograr o mesmo a respeito de todos; bastando dirigir a attenção para o que se quer estudar de novo. D'aqui vem ouvir-se da bocca de muitos, e lêr-se em alguns authores, a insigne falsidade de que a melhor logica são as mathematicas, por isso que acostumam a pensar em todas as materias com rigor e exactidão.

Para vêr desvanecida esta pretensão illusoria e fatal, basta observar que os objectos que se offerecem a nosso espirito são de mui differentes ordens; que os meios de que dispomos para observar nada teem de commum entre si, que as relações em que nos achamos para com elles variam infinitivamente, e que finalmente a experiencia nos mostra muitas vezes, tanto nas artes como nas sciencias, talentos especiaes e nunca talentos universaes.

Ha verdades mathematicas, verdades physicas, ideologicas, metaphysicas; ha verdades moraes, religiosas, politicas, historicas, litterarias; verdades da razão pura e outras que são um mixto de sentimento e imaginação. Ha verdades especulativas e ha outras praticas; algumas que só se podem adquirir com auxilio do raciocinio, e outras que se adquirem por intuição; outras, emfim, que só a experiencia nos ensina. Poder-se-hiam dividir em tantas classes que fôra impossivel contal-as.

III

OS GRANDES HOMENS. EVOCAÇÃO

Evoquemos, com auxilio d'esta potencia mais forte que a propria morte, com auxilio da imaginação, os homens illustres que foram o ornamento de seu seculo e cujos nomes a humanidade conserva com orgulho. Mandemos ao tumulo que nol-os restitua taes quaes elle os recebeu, com seu genio, suas paixões, suas faculdades diversas, e em morada digna de taes personagens, em um novo Elyseu, no qual todas as artes, todos os productos do espirito humano estejam reunidos, onde cada qual encontre o que fôra objecto de sua paixão e sua gloria; sigamos com o pensamento estes individuos privile-

giados. O segredo de seus gostos nos revelará o segredo de seu genio.

Que imponente assembléa! Gonçalo de Cordova, Richelieu, Christovão Colombo, Fernando Cortez, Napoleão, Torquato Tasso, Milton, Corneille, Racine, Boileau, Calderon, Molière, Bossuet, Massillon, Bacon, Kepler, Galileu, Pascal, Newton, Leibnitz, Miguel Angelo, Raphael, Linneu, Buffon, e mil outros, que, por titulos differentes, mereceram ser contados em o numero dos reis da intelligencia.

Gonçalo deleita-se com a narração das campanhas de Scipião em Hespanha. Napoleão medita na passagem dos Alpes por Annibal. Indigna-se com a hesitação de Cesar depois de passar o Rubicon: mas quando vê o futuro dictador marchar sobre Roma, vencer em Pharsalia, subjugar a Africa, apoderar-se do poder supremo, e com a ponta da sua espada traçar estas celebres palavras — cheguei, vi e venci, — então a sua vista parece scintillar.

Tasso e Milton inspiram-se na Biblia, em Homero e Virgilio; Corneille e Racine buscam modêlo em Euripedes e Sophocles; Molière em Aristophanes e em Calderon; Bossuet e Massillon estudam com amor a Santo Agostinho e S. Chrysostomo: e no entretanto Erasmo e Mabillon, envolvidos no pó dos manuscriptos, folheam com ardor os archivos.

Cada um tem o seu heroe, seu enthusiasmo, seu estudo apaixonado. Este, com o telescopio na mão, surprehende o segredo de Deus na creação; aquell'outro, curvado sobre o microscopio, descobre um mundo de viventes n'um grão de pó. Mecanicos, artistas, naturalistas, Linneu no meio das flôres, Raphael nas galerias de quadros, Watt entre as machinas, todos escolheram seu lugar no meio que lhes convém, e desenvolvem no proseguimento do seu ideal, as mais altas faculdades.

Mas deslocai estas grandes intelligencias, ponde em contacto os genios oppostos, as aptidões diversas, trocai-lhes a occupação, o poeta com o mecanico, o philosopho com o poeta, o guerreiro com o philosopho, o pintor com o geometra, o homem dado a phantasias com o homem positivo, o homem de movimento e acção com o pensador, e vereis como a scena muda. O genio torna-se mediocridade, e quem sabe? a sabedoria em toleima.

Ainda que Boileau tenha lido mil vezes a epistola aos pisões ou as satyras d'Horacio não deixa de sempre descobrir novas bellezas, e de cada vez admirar mais o seu predilecto.

Descartes medita sobre as côres, e prova invencivelmente que ellas não passam de sensações. Esta descoberta o enche de alegria. Aproximai no entanto estes dous grandes espiritos; supponde que elles se communicam em seus pensamentos: o philosopho terá por homem superficial e frivolo o

que assim se deixa mover por uma palavra ou por uma imagem bonita; ao passo que o poeta, sorrindo com desdem, prepara um verso mordente contra o que elle chama sonhador, e cujas doutrinas a seu vêr, offendem o senso commum e tendem a desencantar a natureza.

Eis Mabillon com um velho pergaminho nas mãos; recorrendo mil vezes ao vidro d'augmento, recomeça suas indagações. Pretende restabelecer uma linha apagada, em que espera achar uma palavra, um texto perdido. Totalmente absorvido n'este trabalho, esquece o resto do mundo; quando sobrevem um naturalista que, dirigindo o microscopio, se põe a buscar com não menos ardor e paixão, no pergaminho que disputa ao erudito, os ovos d'um insecto roedor.

Tasso e Milton, declamando suas estrophes sublimes, calcam com os pés, sem até duvidar que destroem n'um instante a obra paciente de muitos dias, as plantas microscopicas, das quaes Linneu fazia a analyse. Em fim brilha a guerra entre estes semi-deuses, que se não entendem. Cuidai em reenvial-os a seu tumulo, sob pena de comprometterem sua gloria.

O que um rejeita com desdem o outro o busca e admira; o que um vê com clareza, o outro nem ao menos o entrevê. Genio sublime para o primeiro, visionario absurdo para o segundo; inapreciaveis thesouros para este, miseraveis bagatellas

para aquelle. E porque? D'onde vem que estes espiritos privilegiados estão entre si em tal desaccordo? Como é que as verdades se não apresentam a todos os olhos da mesma maneira? É que a verdade, embora una em Deus, é multiplice na creação; é que a regoa e o compasso são inuteis para apreciar as cousas do coração; é que o sentimento nada tem que vêr com os calculos da geometria; é que as abstracções metaphysicas nenhuma relação teem com a sciencia social; é que a verdade pertence a ordens tão diversas como a mesma natureza; é que a verdade é a realidade das cousas.

A pretensão de pensar e raciocinar, sobre todos os objectos, do mesmo modo, é uma abundante fonte de erros; applicadas as faculdades inconvenientes tornam-se inuteis, porque se submette a uma o que unicamente convém á outra. Até os homens de intelligencia privilegiada, a quem Deus dotou de comprehensão universal, tornam esteril este dom, se, quando se applicam a qualquer objecto particular não sabem despojar-se, por assim dizer, d'uma parte de si mesmos, não deixando funccionar senão as faculdades de que precisam para o objecto de que se trata.

CAPITULO XIII

A percepção

I

IDÉA

Perceber com clareza, exactidão e viveza, julgar com verdade, discorrer com rigor e solidez, eis os tres dotes do bom pensador; examinemol-os separadamente, emittindo sobre cada um d'elles algumas observações.

Não definirei idéa ou percepção. Basta dizer, sem aspirar á precisão rigorosa da linguagem philosophica, que percepção é este acto interior pelo qual concebemos uma cousa; e que a idéa é a imagem, a representação que serve como de alimento á percepção. Assim, nós percebemos o circulo, a ellipse; percebemos a resultante d'um systema de forças, a razão inversa d'estas forças nos braços

d'uma alavanca, a gravitação dos corpos, a lei de acceleração em sua queda, o equilibrio dos fluidos, a contradicção que implica ser e não ser ao mesmo tempo, a differença entre a essencia e o accidente; percebemos os principios da moral; percebemos nossa existencia e a do mundo exterior, percebemos as bellezas ou os defeitos n'um quadro, n'um poema; percebemos a simplicidade ou a complicação em um negocio, a impressão favoravel ou desfavoravel que sobre os nossos semelhantes fazem uma palavra, um gesto, um successo; finalmente, concebemos tudo o que o nosso espirito concebe; e este espelho interior no qual os objectos parecem pintar-se para se offerecerem aos olhos do espirito, esta cousa que ora enche o entendimento com sua presença, ora se occulta ou adormece, esperando, para reapparecer, que alguma occasião a desperte ou que nós mesmos a chamemos, este não sei quê, esta incognita cuja existencia não podemos de modo algum pôr em duvida, é o que chamamos *Idéa*.

As opiniões dos ideologos sobre a origem das idéas são aqui de pouca importancia. Para bem pensar, que necessidade ha de saber se a idéa é ou não distincta da percepção; se é ou não uma sensação transformada; em fim, d'onde provém e se é innata ou adquirida? A solução d'estas questões sobre que sempre se disputou e disputará exigiria observações psychologicas, ás quaes nos não podemos consagrar sem dar de mão a qualquer ou-

tro trabalho, sob pena de embaraçar ou transviar a intelligencia. O que pensa não póde estar continuamente a pensar que pensa e como pensa. Nosso entendimento não preencheria seu fim. Não se occuparia de sua missão, occupando-se sómente de si proprio.

II

BEM PENSAR. REGRAS

Perceberemos com clareza e viveza, se nos habituamos a ser attentos ao que se nos offerece, e se além d'isso procuramos adquirir o necessario tino para empregar, em cada caso, as faculdades convenientes, e só ellas.

Trata-se, por exemplo, d'uma definição mathematica? nada de vago, nada de abstracções, nada de sentimental, nada de phantastico, nada do mundo em sua complicação e variedade. A imaginação deve calar-se ou, quando muito, fazer officio das telas sobre que se traçam signaes e figuras. Esclarecerei a regra, dando uma das definições mais elementares da geometria. «A circumferencia é uma linha curva, fechada, cujos pontos são equidistantes d'um ponto commum chamado centro.» Vê-se immediatamente que não se trata aqui da circumferencia entendida em sentido metaphorico, em sentido vago e indeterminado, mas sim d'uma

definição rigorosa, definição que deve ser considerada como a expressão d'um ideal de que a realidade se aproxima mais ou menos.

Todavia, como as figuras geometricas se submettem á vista e á imaginação, valer-me-hei d'uma d'estas faculdades ou d'ellas ambas para me representar o que quero conceber. Traço pois uma circumferencia ou n'uma pedra, supponhamos, ou na imaginação, e vejo ou imagino esta figura. Mas vêr uma cousa não é comprehender a sua natureza. O homem menos intelligente vê ou imagina uma circumferencia tão bem como o mais habil mathematico, e não sabe dar conta do que vê. Se bastasse vêr, o mesmo animal teria idéas geometricas tão perfeitas como Newton ou Lagrange.

Que é pois preciso para que haja percepção intellectual? Conhecer as condições indispensaveis para a existencia da cousa. É o que explica a definição. A percepção não é exacta e completa senão quando concebemos cada uma de suas condições; o conjunto d'ellas fórma, em nosso entendimento, a idéa verdadeira, a idéa que devemos ter do objecto definido.

Interrogai sobre a definição que démos de circumferencia a um homem rude, e vereis por suas respostas que não sabe dar-se conta do conjunto das condições necessarias para a existencia d'esta figura. Vêr e conceber estão longe de ser uma e a mesma cousa.

Se um geometra a analysa por sua vez, que differença!

— Na definição de circumferencia póde empregar a palavra *linha?*

— Sim, porque não obstante não se tratar de linhas n'esta parte da geometria, não se poderia dizer simplesmente curva, visto que curva tambem se applica ás superficies.

— Exprimindo a palavra *linha,* é mister exprimir tambem o qualificativo *curva?*

— Parece-me que não; porque, ajuntando a palavra reintrante, a distinguimos de linha recta, que, além d'isso, não poderia ter todos os seus pontos equidistantes do centro.

— E a palavra *fechada,* não se poderia passar em silencio?

— Não; porque se a curva não reentra sobre si mesma, se não é fechada deixa de ser circumferencia, etc., etc.

Eis uma percepção clara, exacta, completa, pela qual o espirito entrou na posse da realidade.

Passemos á analyse d'uma idéa litteraria, e procuremos determinar a maior ou menor perfeição que póde ter.

Ainda aqui ha a percepção d'uma verdade; a attenção, isto é, a applicação do espirito ao objecto de seu estudo é portanto necessaria. Precisamos de insistir sobre a seguinte observação: As mesmas faculdades estão longe de ser igualmente uteis em

todas as especies de trabalhos: e, por exemplo, o espirito de classificação de divisão, faculdade importante no geometra, tornar-se-ha um defeito no litterato?

Dous homens eminentes, mas por titulos diversos, lêem conjuntamente uma obra prima poetica ou oratoria; um d'elles não póde conter o enthusiasmo: «Que sublimes imagens! — exclama — que fogo! que delicadeza de sentimentos! que profundeza! que inimitavel enlace de concisão, de abundancia, de regularidade, de vigor!»

E os seus olhos derramarão lagrimas de admiração.

«Com tudo está conforme ás regras — responderá o companheiro — isto é que é para admirar!»

Um percebe as bellezas da obra que acaba de lêr; todavia, raciocina pouco, apenas analysa, só pronuncía palavras entrecortadas. O outro não as percebe; raciocina e disserta, sempre encostado ás regras de rhetorica: o primeiro vê toda a verdade que o segundo só em parte percebe. E porque? Porque a verdade, aqui, é um conjunto de relações entre o entendimento, a imaginação e o coração; porque estas faculdades devem ser postas em acção ao mesmo tempo, naturalmente, sem esforço, sem violencia, sem serem distrahidas ou empuxadas pela lembrança de tal ou tal regra. Era mister deixar o raciocinio, a analyse, a critica, só lembrar d'estas cousas depois de ter sentido.

O que se embaraça em definições, e chama em seu auxilio os preceitos, antes de se haver penetrado da obra que se julga, como que pensa a alma; quando mais precisava de dilatar, de desenvolver todas as suas faculdades, obriga-a a não empregar senão uma; quando devia levantar mais arrojado vôo, priva-a de suas azas.

III

ESCOLHOS DA ANALYSE

Até nos assumptos em que nenhum papel desempenha o sentimento e a imaginação, convém não comprimir a intelligencia obrigando-a a seguir um methodo qualquer determinado, quando por caracter particular precise da independencia e liberdade. É innegavel que a analyse ou decomposição serve em muitos casos para dar ás idéas precisão e clareza; porém não esqueçamos que a maior parte dos sêres são compostos, são um conjunto e que o melhor modo de os perceber é vêr com uma só vista geral as partes que os constituem.

Sem duvida uma machina desmontada apresenta de maneira mais distincta as peças que a compõem; mas para bem comprehender o uso d'estas partes, para apreciar o seu concurso particular no movimento geral, é preciso que ellas tenham sido tornadas a pôr em seu lugar. Á força de decom-

pôr, de dividir, de analysar, Condillac e sua escóla veio a não reconhecer no homem senão sensações transformadas. Pelo contrario, Descartes e Mallebranche não viram n'elle senão idéas puras: tendencia, d'uma parte, para o materialismo, d'outra parte, para o espiritualismo exagerado. Condillac pretende dar a razão de todos os phenomenos da alma partindo d'este facto: o perfume d'uma rosa percebido por um homem-machina privado de todos os sentidos á excepção do olfato. Mallebranche, buscando a explicação dos mesmos phenomenos e não a encontrando nas creaturas, não hesita em fazer intervir em tudo a essencia divina.

A cada passo vemos homens intelligentes afundarem-se, de raciocinio em raciocinio com apparente rigor de deducção, nas mais estranhas extravagancias e dislates. É que não souberam vêr a questão senão por um dos lados. Será o espirito de analyse que lhes falta? Não. Apenas um objecto está em suas mãos, logo o decompõem. Mas um só ponto negligenciado compromette seu trabalho; e, nos raros casos em que sua analyse é completa, esquecem que o objecto decomposto é um, que cada uma das suas partes está unida a outra por relações estreitas, e que, se não tiverem em conta este facto essencial, uma obra prima póde em suas mãos tornar-se um absurdo.

IV

O TINTUREIRO E O PHILOSOPHO

Um habil tintureiro estava em seu laboratorio, entregue aos trabalhos de sua profissão; aconteceu entrar um philosopho, grande pensador, apaixonado admirador da analyse. Travou-se entre elles uma discussão a respeito das côres, e o philosopho, analysando em particular cada uma das substancias que o artista misturava e combinava, lhe demonstrava que por taes meios não poderia obter os resultados que esperava. A analyse era exacta, as provas numerosas, as razões evidentes, os raciocinios sem replica. — Terá o senhor muita razão — respondeu o artista ao fim dos argumentos — tudo o que avança é possivel, mas queira voltar ámanhã.

O philosopho voltou effectivamente, e o tintureiro apresenta-lhe ricos tecidos, que tira fumegantes das caldeiras. Que é feito da infallibilidade da analyse? O azul, o alaranjado, o vermelho, as mais vivas e delicadas côres scintillam nos ricos estofos.

Conhecer a parte isolada do todo, ou combinada com o todo, não é pois a mesma cousa. Decompôr e dividir não é senão uma parte da sciencia. É preciso tambem saber reunir e compôr.

V

OS OBJECTOS VISTOS D'UM SÓ LADO

Ha certos espiritos, aliás muito lucidos e penetrantes, que se transviam ás vezes deploravelmente. Já demos a razão. Não encaram as cousas senão por um lado, e estabelecem sobre o conhecimento assim adquirido, sobre esta base imperfeita, uma serie de raciocinios que conduzem fóra de termos e o resultado é chegarem a conclusões absurdas. D'ahi a opinião que com auxilio do raciocinio tudo se póde impugnar, tudo defender. Muitas vezes, com effeito, posto que o homem tenha por seu lado a verdade e o bom senso, vê-se forçado a calar-se, espantado, ainda que não convencido, por sophismas que, penetrando pelas menores frestas, como agua através dos poros, superam as mais impenetraveis defezas. O excesso de agilidade faz com que certas pessoas não possam caminhar a passo regular e grave; o excesso d'espirito é um defeito do mesmo genero.

VI

INCONVENIENTES D'UMA PERCEPÇÃO MUITO RAPIDA

A rapidez de percepção é uma qualidade preciosa; porém é preciso precaver-se a gente contra

o effeito ordinario d'esta rapidez, a inexactidão. Frequentemente acontece aos que percebem com muita presteza, não perceber senão as exterioridades dos objectos. A andorinha, tocando em seu rapido vôo a superficie das aguas, só consegue apanhar os insectos que sobrenadam; as aves mergulhadoras vão até ao fundo procurar sua prêsa.

Os homens dotados de percepção mui rapida fazem-se notar por uma facilidade cheia de seducções e attractivo. Sabem dar aos objectos de que tratam certa apparencia de methodo, de clareza, de precisão que illude os espiritos desattentos. Nas sciencias primam pela simplicidade das definições, pela feliz applicação dos principios que põem; esta qualidade caracterisa os espiritos de concepções fortes e profundas, mas póde tambem mascarar a impotencia da frivolidade. Tambem as aguas pouco profundas encantam a vista, porque deixam vêr a arêa de seu leito em que scintillam algumas palhetas d'ouro.

CAPITULO XIV

O juizo

I

QUE É JUIZO? CAUSAS DE ERROS

O juizo será um acto distincto da percepção? Será simplesmente a percepção das relações que duas idéas teem entre si? Não era nosso plano o resolver estas questões abstractas, as quaes substituiremos vantajosamente, segundo creio, por definições praticas. Julgar é affirmar mentalmente que uma cousa é ou não é; que é ou não de certa maneira.

Proposição é a expressão d'um juizo.

Os axiomas falsos, as proposições tomadas em sentido muito extenso, as definições incompletas, as expressões vagas, as supposições gratuitas, os

prejuizos, taes são as fontes dos erros de nosso juizo.

II

AXIOMAS FALSOS

Toda a sciencia precisa d'um ponto de apoio. É o fundamento sobre que o architecto levanta o edificio. Mas nem todos os architectos do pensamento encontram, da primeira vez que lançam a sonda, o fundo solido; e o homem não sabe esperar. O que exigiria a experiencia e labor de muitos seculos, elle o quer produzir n'um só dia; se o não encontra, inventa. Se a realidade lhe falha, levanta suas frageis construcções sobre os sonhos da phantasia, e á força de sophismas chega a illudir-se a si proprio.

Converte em verdades incontestaveis o que bem sabia não ter sido, a principio, senão uma fórma vaga de seu pensamento, senão uma apparencia sem fixidez. As excepções embaraçariam o systema que inventa, formúla portanto uma proposição geral, que erige em axioma. Este axioma deve prestar-se a mil interpretações, contrahir-se ou distender-se á vontade, segundo as necessidades das circumstancias e da causa, por isso elle o concebe em termos vagos, geraes, confusos, inintelligiveis. Se em seu espirito se levantam escrupulos

tocantes ás verdades que d'esta sorte estabeleceu, se teme vêr desabar inteiramente o edificio construido com tanto trabalho, cousa estranha! esquecendo seu ponto de partida, tranquillisa-se dizendo: não ha perigo, o meu edificio está fundado sobre base segura, sobre um axioma, e um axioma é uma verdade eterna!

Um axioma deve tocar nosso espirito, arrastar nossa adhesão, como os raios do sol tocam nossos olhos e nos fazem crêr na luz. A toda a proposição que se não apresente com esta evidencia não se confira tal nome. Se comprehendeis cada um dos termos da proposição e não estaes convencidos, não ha axioma; desconfiai de vós. Viciadas as idéas por um axioma falso, todas as cousas se vêem de modo mui diverso do que realmente são, e os erros são tanto mais perigosos quanto o entendimento descança em mais enganosa segurança.

III

PROPOSIÇÕES DEMASIADO GERAES

Se nos fosse conhecida a essencia das cousas, poderiamos com respeito a ellas estabelecer proposições geraes sem excepção alguma; porque sendo a essencia a mesma em toda a especie, o que affirmassemos d'um só individuo seria igualmente

affirmado de todos. Mas o mais das vezes só temos das cousas conhecimentos imperfeitos, ou nada sabemos d'ellas; eis porque não podemos avaliar dos sêres senão pelas suas propriedades que estão ao nosso alcance; ignoramos até se estas propriedades teem sua raiz na essencia das cousas, ou se são puramente accidentaes. As proposições geraes que nós estabelecemos resentem-se d'esta impotencia do nosso espirito; e, como emfim ellas não exprimem senão nossas concepções e juizos, não podem estender-se além do circulo que a nossa intelligencia abraça. D'ahi tantas excepções imprevistas, d'ahi tambem a excepção tomada muitas vezes como regra. Quem estabelece uma proposição geral está sujeito ao erro, qualquer que seja a applicação do seu espirito. Que será então das proposições de tanta leveza no fundo como imperfeição na fórma?

IV

DEFINIÇÕES INEXACTAS

O que deixamos dito dos axiomas, póde igualmente applicar-se á definição. A definição é o archote da percepção e do juizo; graças á sua luz, o raciocinio póde proseguir confiadamente.

Uma boa definição é cousa difficilima, impossivel até em grande numero de casos. Definir é explicar a essencia da cousa definida; ora como se

ha-de explicar o que se não conhece? Não obstante esta difficuldade, não ha sciencia que se não valha d'uma multidão de definições postas em circulação como moeda de boa lei. Cousa estranha! Tem-se visto escriptores levantarem-se contra este abuso, combaterem as definições dos outros, mas que para as substituir por definições novas acabam por reedificar, sobre hypothese de sua escolha, o edificio de erros por elles derribado. Se a definição se propõe dar a conhecer a essencia das cousas, e se tão difficil é chegar a este resultado, para que nos apressaremos tanto a definir? Sendo o fim de nossas indagações o conhecimento da natureza dos entes, e devendo a definição expôr o resultado d'estas indagações, como se ha-de começar pela conclusão? Definir é pôr a equação d'onde se deduza a incognita, e na solução de todo o problema, esta equação é a ultima.

O que podemos mui bem definir é o puramente convencional, porque a natureza do ente convencional é aquella que nós mesmos lhe damos por motivos que bem nos parece. Assim, já que em muitos casos nos não é possivel definir a cousa, ao menos devemos fixar bem o que entendemos quando d'ella fallamos; por outra, devemos definir a palavra com que pretendemos exprimir a cousa. Não sei o que é o sol, não conheço a sua natureza, ser-me-ha impossivel definil-o. Todavia como sei o que entendo pela palavra sol, deve-me ser facil

explicar o sentido que ligo a esta palavra. Que é o sol? não sei. Que entendo pelo sol? Entendo este astro cuja presença nos traz o dia e cuja ausencia nos tira o dia. Isto me leva a fallar das expressões vagas e mal definidas.

V

EXPRESSÕES MAL DEFINIDAS. EXAME DA PALAVRA « IGUALDADE »

Apparentemente, nada menos difficil do que definir uma palavra, pois que é natural que quem falla saiba o que diz; todavia, prova a experiencia que nem sempre é assim. Raros são os homens capazes de apreciar o sentido das palavras que empregam. A confusão dos termos nasce da confusão das idéas, e augmenta esta confusão. Uma questão animadissima se debate em nossa presença, de ambas as partes sustentada com talento pouco commum. Verdade é que a cada instante a questão se desloca e muda de objecto; mas nem por isso a lucta é menos encarniçada e ardente: dir-se-hiam dous inimigos mortaes em campo de batalha.

Quereis apagar este ardor? notai a palavra sobre que versa a discussão e perguntai aos campeões em que sentido a empregam. Vereis como elles tergiversam, atacados por lado que não esperavam; talvez d'este modo os forçareis a dar con-

ta, pela primeira vez, do verdadeiro sentido d'uma expressão de que se tem feito innumeras applicações. Se por ventura acontece que cada qual dê facilmente e de prompto a definição pedida, estai certos que um não aceitará a definição do outro, e que a discordancia que antes versava ou parecia versar sobre o fundo da questão, se trasladará de repente a novo terreno entabolando-se disputa sobre o sentido da palavra. Disse parecia versar, porque quem houvesse observado o giro da questão, bem acharia que debaixo do nome da cousa se occultava frequentemente a significação da palavra.

Em todas as linguas ha excepções vagas, muito geraes, mal definidas. Cada um as traduz segundo o seu modo de vêr; multiplas como o sentimento ou a paixão que as interpreta, fazem o desespero da logica e parecem inventadas para confundir tudo.

Demos um exemplo:

«A igualdade — dirá um declamador — é obra do mesmo Deus, lei por Elle estabelecida. Todos nascemos chorando e todos morremos suspirando: a natureza não faz differença entre pobres e ricos, nobres e plebeus; tambem a religião nos ensina que todos temos a mesma origem e o mesmo destino. A igualdade é obra de Deus; a desigualdade é obra do homem; só a maldade pôde introduzir no mundo essas horriveis desigualdades de que o ge-

nero humano é victima; só a ignorancia e ausencia do sentimento da propria dignidade as tem podido tolerar.»

Esta definição declamatoria não deixa de soar bem ao ouvido de certos amores-proprios; não se póde negar que alguma cousa apresenta de precioso, e tambem estranha mistura de erros e verdades, sem relação e sem ligação; ridicula confusão de palavras para o pensador. É que na mesma phrase se dá á palavra *igualdade* differentes significações; é que ella se applica em um mesmo sentido a assumptos tão afastados como o céo e a terra; é que passando-se resolutamente d'um conjunto de contradicções a conclusões geraes, se erige um sophisma em axioma, e se impõe aos espiritos fracos e entenebrecidos.

— Defini — diria eu — a palavra *igualdade*.

— Esta palavra define-se a si mesma.

— Em todo o caso...

— A igualdade é o principio em virtude do qual um homem não é mais nem menos que outro homem.

— Definição mui vaga, na verdade. Dous homens são iguaes na estatura; segue-se d'aqui que o devem ser em tudo mais? Um, por exemplo, é obeso como o illustre governador da ilha Barataria, o outro magro como o cavalleiro da Triste-Figura; de mais os homens são iguaes ou desiguaes em saber, em virtude, em nobreza d'alma e em mil

outros accidentes; convém, por tanto, que accordemos no sentido exacto, positivo, que convém dar á palavra *igualdade*.

—Fallo da igualdade da natureza, d'esta igualdade que o proprio Creador estabeleceu e contra cujas leis nada podem os homens.

—O que certamente quer dizer é que por natureza todos somos iguaes... Porém a natureza nos faz nascer feios ou bonitos, fracos ou robustos, ageis ou pesados; somos naturalmente violentos ou pacificos, intelligentes ou faltos de intelligencia, e assim indefinidamente. Contai as ondas do mar e sabereis então o numero das desigualdades naturaes.

—Mas estas desigualdades não implicam a igualdade de direitos.

—A questão muda de face. Abandonamos a igualdade natural, ou a restringimos consideravelmente. Talvez não tardemos tambem a conhecer que a igualdade de direitos tambem tem seu lado defeituoso. Haverá quem conceda ao menino, por exemplo, o direito de reprehender e castigar o proprio pai?

—Para que suppõe absurdos?

—Não ha tal; apenas exponho uma consequencia forçada da igualdade absoluta dos direitos; se não é assim, assignalai-me então aquelles de que fallaes; quaes são os direitos para os quaes deve ser ou não ser admittida?

— É evidente que quero fallar dos direitos civis, da igualdade social.

— Breve tomaremos esta palavra em sentido geral e mais absoluto; mas o facto é que v. expulso d'uma trincheira pretende refugiar-se n'outra. Não importa. Igualdade social quer dizer, certamente, que na sociedade todos os homens são ou devem ser iguaes. Iguaes em que? Em authoridade? Não haveria governo possivel. Em fortuna? Deixemos de lado a justiça e procedamos á partilha; no fim d'uma hora, d'um dia, com fortuna desigual, um achar-se-hia arruinado, outro com dobrado capital; reapparece a desigualdade. Faça-se mil vezes a partilha, acontecerá sempre o mesmo. Iguaes em consideração? É impossivel consagrar igual estima a um infame e a um homem de bem. Tendes a mesma confiança em cada um d'elles? Encarregareis indifferentemente de negocios publicos a um homem sem capacidade alguma e a um Richelieu? Além d'isso, todo o homem será apto para tudo?

— Não, reconheço que não, mas o que me não podereis negar pelo menos é igualdade perante a lei.

— Nova questão; todavia sigamol-a. A lei diz: o transgressor será submettido á multa; e, no caso de ser insoluvel, á prisão. O rico paga e ri-se da lei; o pobre expia de ferros a dentro tanto o seu crime como a sua pobreza. Onde está aqui a igualdade perante a lei?

—Mas estas desigualdades é preciso acabar com ellas. O castigo deve chegar a todos os culpados, pesar igualmente sobre todos.

—Aboli então as multas, unica maneira de castigar certos culpados e algumas vezes tambem preciosa fonte de receita para o thesouro; e, com tudo, a desigualdade no castigo ficará sempre uma impossibilidade. Admittamos que para um certo e determinado delicto, a multa seja fixa; multam-se dous culpados; um d'elles paga e continúa opulento, o outro fica arruinado...

—E será impossivel remediar estas imperfeições da lei?

—Póde ser; mas eu só quero provar que a desigualdade no mundo é irremediavel.

No caso dos castigos serem corporaes, temos a mesma desigualdade. O homem despido de dignidade pessoal soffre indifferentemente a ignominia, a exposição publica, etc., ao passo que, para certos culpados, taes castigos seriam mais crueis que a morte. A pena deve ser apreciada não em si, mas em relação a quem a soffre; sem isso, não se tocariam os dous fins que ella se propõe, a expiação e o exemplo. Em um mesmo castigo applicado a criminosos de classe differente não ha de igual senão o nome. Reconheçamos estas imperfeições das cousas humanas e deixemo-nos de sonhar loucamente sobre a igualdade absoluta, porque tal igualdade é absolutamente impossivel.

A definição d'uma palavra e o exame das applicações diversas que d'ella se podem fazer, nos fornecerão occasião de sondar um especioso sophisma e de provar, até á evidencia, que este texto de declamações, tantas vezes empregado não é, no fundo, senão uma verdade banal, um pretencioso absurdo. Pois não se reduz, com effeito, a esta descoberta: que todos nascemos e morremos da mesma maneira?

VI

SUPPOSIÇÕES GRATUITAS

Á mingoa de principios geraes, estabelecemos ás vezes nossos raciocinios sobre factos cuja certeza só repousa em nossa credulidade. Declaramol-os certos, porque precisamos que elles o sejam. D'ahi a multidão de systemas a proposito de certas leis e certos phenomenos da natureza, fundando cada inventor o edificio de seus conhecimentos sobre supposições gratuitas. Até os talentos de primeira ordem se deixam arrastar por este defeito, sempre que careçam de dados positivos sobre a natureza e origem das cousas, e não obstante queiram explicar tudo. Um effeito póde proceder d'uma infinidade de causas; mas saber que *póde proceder*

não é ter achado a verdade; é preciso saber que procede. Se uma hypothese explica satisfactoriamente certos phenomenos que tenho á vista, poderei admirar o talento de seu inventor; porém pouco adianto para o conhecimento da realidade das cousas.

Attribuir um effeito a uma causa em virtude da possibilidade, principalmente quando se póde invocar a coexistencia ou successão, é um sophisma mais commum do que se pensa. O mais das vezes nem ao menos se inquire da existencia do phenomeno designado como causa; basta que tenha podido existir, e que em sua existencia podesse produzir o effeito, cuja explicação se busca.

Achou-se no fundo d'um precipicio o cadaver d'uma pessoa conhecida. Muitas supposições explicam esta morte: uma queda, um suicidio, um assassinato. Em qualquer d'estes casos, o effeito seria o mesmo, e na ausencia de dados não se póde dizer que um o explique mais satisfactoriamente que o outro. Numerosos espectadores estão contemplando a desastrosa scena, e todos anceiam por descobrir a causa. Ao mais leve indicio apparecem mil conjecturas. Algumas circumstancias que acompanham a supposição gratuita lhe darão caracter de verosimilhança. Já se não duvída, affirma-se. Esta supposição cahe diante d'uma observação mais attenta; succede-lhe outra e outra e os factos invocados em apoio da primeira servem algumas ve-

zes para estabelecer a segunda. O homem é o joguete do proprio pensamento.

VII

PRECONCEITOS

Fonte inesgotavel de erros, verdadeiro escolho das sciencias, e um dos maiores obstaculos a seus progressos! Difficilmente imaginariamos quão grande é a influencia que os preconceites exercem, se a historia do espirito humano a não attestára a cada pagina.

O homem a quem um preconceito domina não vê nos livros nem nas cousas o que os livros e as cousas contém, mas só vê aquillo de que precisa para apoiar suas opiniões; e muitas vezes procede de boa fé: crê amar a verdade. A educação, os mestres que nos deram as primeiras noções das sciencias, os amigos, a profissão, a posição social, eis as origens de nossos preconceitos. Estas influencias reunidas contribuem para crear em nós o habito de vêr as cousas sempre debaixo do mesmo aspecto e vêl-as sempre da mesma maneira.

Nos primeiros passos que damos na carreira das sciencias, apresentam-nos certos axiomas, certas proposições, como verdades eternas, incontestaveis, e nós as aceitamos com plena confiança e sem hesitação. As razões que militam em favor das opi-

niões contrarias, longe de nos serem submettidas á attenção como argumentos, são taxadas de sophismas ou difficuldades a resolver. É preciso impugnar, e as provas são abundantes e a escolher; e, na lucta desigual, a arma que o mestre maneja ao abrigo de perigo fere sempre o calcanhar do Achilles inimigo. Facil victoria em que os vencidos são a nossa inexperiencia e boa fé.

É facil de observar: nas discussões das escólas, ou antes em todas as discussões, trata-se menos de convencer que de vencer. O amor-proprio entra na liça; e que armas não fornecerá elle á discussão! Exagera-se o favoravel; o desfavoravel attenua-se, desfigura-se ou se cala. Se a boa fé alguma vez protesta do fundo do coração, impõe-se-lhe silencio; abafa-se a sua voz como se abafam as palavras de paz em um combate de morte.

Eis a razão porque, durante seculos, certas escólas existiram disciplinadas como exercitos á sombra da respectiva bandeira, e porque, quasi sempre, para conhecer a opinião de certos authores, basta saber a que ordem religiosa pertenceram e de que escóla sahiram. Seu erro não póde provir de ignorancia; consagraram ao estudo a vida inteira; os livros dos adversarios não lhes eram desconhecidos; consultavam-n'os quotidianamente... mas para os combater. Seria má fé? Estes homens eram sinceros christãos.

Temos nos preconceitos uma das principaes fon-

tes do erro. O homem precisa enganar-se a si antes de enganar os outros. Chega ás vezes a tomar a sua importancia e miseria por energia e grandeza d'alma; obstina-se n'um systema, entrincheira-se n'elle, fortifica-se com todos os argumentos que favorecem sua opinião, e fecha os olhos a tudo mais. Seu espirito se inflamma e exalta á proporção da vivacidade do ataque, até que emfim, não contando nem o numero nem o valor dos adversarios, parece dizer-se: «Estás em teu posto, deves defendel-o; mais vale morrer com gloria que viver com deshonra!»

Eis porque muito importa, quando se trata de convencer e persuadir, separar cuidadosamente a causa do amor-proprio da da verdade. Ha certas formulas de cortezia e deferencia que convém não prodigalisar muito. Não ponhaes em duvida a extensão e penetração de espirito do adversario, e principalmente fazei-lhe comprehender que, cedendo, nada perderá da boa opinião de que goza. — Se deixaes de ter esta precaução, a lucta se tornará pessoal, e, por tanto, encarniçada; tel-o-heis debaixo dos pés, a espada apontada á garganta, e elle sem se confessar vencido.

CAPITULO XV

O raciocinio

I

O QUE VALEM AS REGRAS DA DIALECTICA

Costumam os authores que tratam d'esta operação do entendimento amontoar muitas regras para dirigil-a, apoiando-as em alguns axiomas. Admitto a verdade dos axiomas, mas não posso crêr que a utilidade das regras seja tanta quanto se suppõe. Com effeito ninguem ousará pôr em duvida os seguintes principios: duas cousas iguaes a uma terceira são iguaes entre si; de duas cousas iguaes, se uma differe d'uma terceira, a outra differe igualmente; o que se affirma, ou o que se nega do genero ou da especie, é igualmente affirmado ou negado do individuo. As regras de argumentação fundadas sobre taes principios são infalliveis; concordo. Porém estas regras é preciso applical-as, e da theoria á pratica vai muito longe.

Diz-se que teem a vantagem de habituar o es-

pirito á precisão, e de em certos casos dar a conhecer os defeitos das proposições, cuja fraqueza vagamente sentiamos; seja assim: mas estas vantagens não raro são neutralisadas pela presumpção que este genero de estudos inspira. Persuadem-se alguns que saber as regras do raciocinio é saber raciocinar, como se bastasse para ser artista conhecer as regras da arte. Póde haver quem recite, de memoria, todos os preceitos da rhetorica, e não seja capaz de escrever uma pagina, já não digo sem offender as regras do bom gosto, mas as do senso commum.

II

DO SYLLOGISMO; OBSERVAÇÕES

Quando proseguimos em um raciocinio, e sem empregar a fórma escolastica (pratica cahida hoje em desuso) teremos presentes ao pensamento as regras do syllogismo? A resposta dará a medida da utilidade pratica d'estas regras. Aprende-se a conhecer se tal ou tal syllogismo está composto segundo os principios, e eis a fórma ordinaria dos exemplos propostos: —Toda a virtude é louvavel; ora a justiça é uma virtude, logo a justiça é louvavel.— Supponhamos, todavia, que, por um acto particular submettido a vosso exame, tendes a decidir se a justiça se acha ou não offendida, e se a lei deve punir; na indagação do em que consiste a justiça,

no exame profundo dos principios em que ella repousa, na consideração dos beneficios que presta ao individuo e á sociedade, de que utilidade vos será o exemplo citado e mil outros do mesmo genero? Que nos digam os theologos e juristas, se, em seus escriptos, se serviram muito das decantadas regras syllogisticas.

Nenhum animal é insensivel; ora o peixe é um animal; logo o peixe não é insensivel. O que é bom é adoravel; ora Deus é bom, logo Deus é adoravel. Esta peça d'ouro não tem o peso desejado; ora esta é a peça que Pedro me deu; por tanto a peça d'ouro que Pedro me deu não tem o peso desejado. Semelhantes raciocinios poderão por ventura formar o espirito e desenvolver o juizo? Não, certamente. Não é em futilidades d'esta ordem que se aprende a difficil arte de raciocinar. A pratica nada offerece de semelhante, e quando se chega ás applicações, ou esquecemos completamente as regras, ou, depois de termos tentado servir-nos d'ellas, abandonamos este methodo tão penoso como ingrato.

Analysemos o ultimo exemplo que demos, comparando a pratica á theoria.

« Uma moeda que não reune as condições prescriptas pela lei deve ser refusada; ora esta peça d'ouro não reune as condições prescriptas pela lei, por tanto deve ser refusada.» Raciocinio concludente, mas inutil.

Se bem conhecia a lei que rege o systema monetario, se verificasse que a moeda não era conforme ás prescripções da lei, de certo a refusaria sem discorrer. Se aconteceu levantar-se questão, de nenhum modo pôde versar sobre a legitimidade das consequencias que tirei das premissas, mas sim sobre o peso, sobre o titulo da peça d'ouro, ou cousas d'este genero.

O homem que desenvolve uma proposição não se absorve no estudo retrospectivo do proprio pensamento, do mesmo modo que os olhos que vêem os objectos exteriores não procuram simultaneamente vêr-se a si proprios. Se uma idéa se nos apresenta, percebemol-a com mais ou menos clareza. Esta idéa encerra uma ou muitas outras que, a seu turno, despertam novas idéas. E d'este modo o espirito prosegue serenamente, sem subtilezas, sem ter a cada instante de se preoccupar do porque de cada evolução da intelligencia.

III

O ENTHYMEMA

A evidencia d'estas verdades levou os dialecticos a collocarem em o numero dos argumentos o enthymema, syllogismo troncado, em que se subentende uma das premissas. O enthymema é um producto da experiencia. Na pratica, não se formu-

lam syllogismos em todas as suas partes. O que demos, por extenso, no principio d'este capitulo, se o quizessemos converter em enthymema, traduzil-o-hiamos da seguinte maneira: Esta peça d'ouro, não está nas condições exigidas pela lei, por tanto não a posso receber. Ou estylo vulgar e mais conciso: Não a recebo, é falsa.

IV

REFLEXÕES SOBRE O TERMO MEDIO

Todo o artificio do syllogismo está na comparação que deve mostrar a relação que os extremos teem entre si. Conhecidos os extremos e o termo medio, é facilimo estabelecer a comparação; mas n'esse caso a regra torna-se inutil, porque immediatamente a consequencia buscada se apresenta de per si. Achar este termo medio, que deve servir ao raciocinio como de pedra de toque, reconhecer os extremos, quando se averigue d'um objecto, cuja natureza se ignora, eis a difficuldade: Se um dado metal fosse ouro, sei que devia ter certas qualidades; mas eu não sei se realmente é ouro, e, portanto, falta-me um dos extremos. O juiz sabe que, se o homem que tem diante de si fosse o assassino que procura, o devia condemnar; mas nada lhe indica que elle é o culpado: ainda que suspeite, sem provas não o póde condemnar. Está de

CAPITULO XVI

O raciocinio não é o unico meio de achar a verdade

I

A INSPIRAÇÃO

Os grandes pensamentos não são filhos do raciocinio. Quasi todas as descobertas felizes, as mais sublimes, e as mais preciosas conquistas do espirito humano, são devidas á inspiração — a esta luz espontanea, mysteriosa, que repentinamente illumina a intelligencia do homem, sem que saiba d'onde lhe venha. Digo *inspiração,* porque me parece que nenhuma outra palavra exprime este admiravel phenomeno com mais exactidão.

Um mathematico busca com ardor a solução d'um problema; nada negligenciou, lançou mão de todos os dados, e conhece perfeitamente o enunciado, e, no entanto, os seus esforços permanecem

impotentes, não chega á solução desejada. Muda de figuras, de processo, opéra sobre quantidades differentes, mas tudo em vão. Acha-se cançado; a cabeça se lhe inclina, a penna cahe-lhe da mão, abandona por fim o trabalho e já nem sabe se pensa. Dir-se-hia um homem que, desanimado com as tentativas inuteis que havia feito para abrir uma porta que lhe estava fechada, se senta sobre a soleira, esperando que lh'a venham abrir de dentro. De repente faz-se a luz; a verdade que elle deixára de proseguir apresenta-se-lhe espontaneamente, de per si mesma; o problema está resolvido. Este mathematico é Archimedes sahindo do banho para as ruas de Syracusa e exclamando para a multidão: «Encontrei, encontrei!»

Acontece frequentes vezes, que, depois de longas horas de meditação, o espirito cançado suspende seus esforços, ainda, apparentemente, muito longe do fim a que se propunha; ora é exactamente no meio d'este estado de repouso, de distracção ou mui differente occupação que a verdade, antes vãmente buscada, se lhe apresenta de improviso. Parece que as almas meditativas teem o privilegio de jámais interromperem o estudo, e ainda quando teem deixado a meditação em que estavam embebidas, lhe occorre frequente o ponto em questão, como se viesse chamar á porta e perguntar se ainda lhe não toca a vez. Todos sabem que, estando S. Thomaz d'Aquino á mesa do rei de França, rom-

peu, involuntarimente, n'esta exclamação: «Isto é uma prova incontestavel contra a heresia dos manicheus!...»

II

A MEDITAÇÃO

Não se creia que o homem que estuda uma questão difficil ande como com a regoa e o compasso na mão a dirigir sua meditação. Absorvido no proprio trabalho, esquecido até da propria existencia, medita, por assim dizer, sem o saber. Vê e revê o objecto que trata de examinar, já no seu conjunto, já nas circumstancias; pronuncía interiormente o nome d'este objecto; passa do ponto essencial aos accessorios; não prosegue, como por caminho traçado, direito á meta determinada; mas antes, semelhante ao que busca um thesouro escondido cujo lugar ignora, vai excavando aqui, além, em toda a parte.

Nem póde ser d'outra maneira, a não ser que a verdade que se procura seja conhecida d'antemão. O que tem á vista um mineral cuja natureza conhece, quando trata de manifestar aos outros o que d'elle sabe, serve-se do processo mais simples e mais adequado. Porém se o mesmo metal lhe fosse desconhecido, examinal-o-hia com attenção, uma e muitas vezes; por taes ou taes indicios formaria

suas conjecturas, e por fim lançaria mão de varias experiencias, não para provar de que especie é o metal, senão para descobrir o que elle é.

III

INVENÇÃO E ENSINO

Temos pois uma differença radical entre o methodo de ensino e o methodo de invenção. O que ensina sabe onde se dirige e conhece o caminho que deve seguir, porque já o tem percorrido: o que descobre talvez não tenha objecto algum determinado, se não examinar o que ha no objecto que o occupa; talvez se dirija a um alvo, porém ignorando se é possivel alcançal-o, ou duvidando se existe, receia que seja mero capricho de sua imaginação; e ainda no caso d'estar seguro de sua existencia desconhece a senda que a elle conduza.

Eis porque os principios que se empregam no ensino das sciencias differem quasi sempre dos que emprega o inventor. Deve-se á geometria a descoberta do calculo infinitesimal, e todavia é por uma serie de processos algebricos que hoje em dia se chega á applicação d'este calculo.

No meio d'uma cadêa de montanhas se eleva aos ares um pico isolado, sobre o qual se apercebem confusamente as ruinas d'um antigo edificio. Um ousado viajeiro fórma o projecto de o subir. As her-

vasinhas suspensas nos flancos dos precipicios, um tronco carunchoso, uma pedra movediça, tudo lhe serve de ponto de apoio; trepa, salta, arrasta-se, e finalmente, coberto de suor e fatigado, chega ao desejado vertice; e levantando o braço ao céo, exclama cheio d'orgulho: «Sempre venci!» Toda a cadêa de montanhas se desenrola a seus pés, os mais bellos horisontes se abrem diante d'elle. O que só via em parte, agora o abraça e domina com uma só vista. Em baixo, ao longe vê os obstaculos contra os quaes se quebraram seus primeiros esforços, e ri-se de sua inexperiencia; ao pé contempla os que finalmente vencera, e admira-se da propria audacia. Os companheiros, muito fracos para vencer as inextricaveis difficuldades do caminho, não o poderam seguir senão com a vista. Mas até este dia ficára desconhecido um atalho, porque só é visivel do alto da montanha, tem numerosos circuitos, serpeia e se alonga muito abaixo do plano, porém está ao alcance dos menos vigorosos e atrevidos, a vista penetrante do viajeiro o apercebe; é por ahi que elle vai descer; é por ahi que, caminhando á frente dos companheiros, dizendo-lhe: segui-me! os ha-de conduzir sem perigo, sem fadiga, até ao vertice cuja conquista tanto lhe custára. Graças a elle, já a montanha é accessivel. Todo o viajeiro póde admirar a sua vez as pitorescas ruinas, as vistas sublimes e os magnificos horisontes que d'alli se descobrem.

IV

A INTUIÇÃO

Não se julgue todavia que as invenções do genio sejam sempre tão laboriosas e pesadas. Uma de suas prerogativas é a *intuição,* isto é, a faculdade de vêr sem esforços o que outrem só com trabalho penoso e aturado descobre. É ainda noite escura para os demais, e é já sol nado, para o que possue esta faculdade. Uma idéa, um facto apparentemente insignificante, lhe revelam mil relações, mil circumstancias desconhecidas. Um ponto insignificante, fitado pela vista do homem de genio engrandece-se, dilata-se e distende-se como a aurora ao levantar do sol. Vêde! apenas no horisonte havia uma pequena nesga de luz, e já o firmamento brilha com immensas madeixas de prata e ouro, torrentes de fogo inundam a abobada celeste desde o Oriente ao Occidente, desde o Septentrião ao Meio-dia!

V

A DIFFICULDADE NÃO ESTÁ EM COMPREHENDER, SENÃO EM ATINAR. O JOGADOR DE XADREZ. SOBIESKI

Assignalemos aqui uma particularidade notavel, e é que certas verdades aliás accessiveis de

per si, só occorrem a intelligencias privilegiadas. Quando estas as apresentam ou as fazem advertir, a todos parecem tão claras, tão simples, tão faceis de comprehender, que se espantam por ter passado tanto tempo sem as ter visto antes.

Dous jogadores de xadrez estão empenhados em uma complicada partida. Um d'elles parece desviar-se em insignificantes combinações; abandona uma peça que teria podido defender, e parece preoccupar-se com a defeza d'um ponto que não é atacado. — Tempo perdido! — murmuram os circumstantes. — A cada um seu jogo — responde o jogador — e continúa como distrahido. O adversario não penetrára suas intenções; não vê o perigo em que está a cahir; de repente o jogador inhabil, o que estava perdendo seu tempo e peças o ataca pelo flanco descoberto, e diz com maligno sorriso: — Até que ganhei! — Tinha razão! — exclamaram os assistentes — o que parece impossivel é que não o houvessemos advertido. Era bem simples!

Os turcos acampam em volta de Vienna, e na cidade sitiada disputa-se com ardor sobre que ponto se poderá atacar á chegada de Sobieski. São innumeraveis os planos de batalha e todos differentes. Chega o heroe polaco; lança uma vista d'olhos sobre o exercito inimigo, e diz: «É meu.» No dia seguinte dá batalha: os turcos foram postos em debandada. Vienna é livre. Depois de visto o plano de ataque todos diziam: os turcos commetteram gran-

de erro; o rei tinha razão. A verdade offerecia-se a todos, todos a achavam facilima; mas depois do successo.

Que cousa mais simples do que o systema de numeração? e todavia não foi conhecido nem dos gregos nem dos romanos na mais alta civilisação da antiguidade. Que phenomeno mais simples e de frequente tendencia que tem os fluidos a pôrem-se ao nivel, e subirem á mesma altura d'onde descendem? Observa-se nas retortas dos chimicos, em todos os vasos d'um ou muitos tubos de communicação. — Não era tão facil applicar esta lei natural a objecto de tanta utilidade como é a conducção de aguas? E todavia muitos seculos se passaram antes que o homem aproveitasse a importante lição que a natureza todos os dias punha diante de seus olhos.

Conhecer e utilisar qualquer relação evidente, mas que ao geral passava desapercebida, eis um dos caracteres distinctivos do genio. Nenhuma difficuldade offerece de per si esta relação; o que o descobre como que o amostra ao dedo, dizendo: Olhai! e todos os olhos parecem abrir-se ao mesmo tempo admirados de previamente a não verem. Eis porque, arrastados pela força das cousas, damos a esta ordem de descobertas os nomes de *acasos, fortunas, inspirações;* dando a entender d'este modo que nenhum trabalho custaram, antes se apresentaram de per si ao espirito.

VI

REGRAS SOBRE A MEDITAÇÃO

Do que deixamos dito se póde concluir que para bem pensar não é bom systema torturar o espirito; antes mais vale deixal-o em desafogo e certa liberdade. Medita, e parece que sem fructo algum, a mesma attenção parece dormitar, afrouxa desalentado; não importa, é melhor não o violentar. Durante estacionamento apparente, procura indicio que lhe sirva de guia. Assim o que pretende abrir um d'estes cofres, que parecem inventados para exercer simultaneamente a sagacidade e a paciencia, o volteia muitas vezes nas mãos, apalpando com os dedos cada uma de suas faces e angulos até que emfim parando um momento pensativo, exclama: Eis o segredo! está aberto!

VII

CARACTER DAS INTELLIGENCIAS ELEVADAS. NOTAVEL DOUTRINA DE S. THOMAZ D'AQUINO

Porque será que certas verdades simples se não apresentam a todas as intelligencias? Como é que o genero humano admira como homem extraordinario o que sabe vêr certas cousas que parece que

todos poderiam vêr como elle? É perguntar a razão d'um segredo da Providencia; é perguntar porque o Creador concede a alguns espiritos privilegiados grande força de intuição, ou, se assim o querem, uma visão intellectual immediata, porque concede a estes o que denega ao maior numero.

S. Thomaz desenvolve sobre este particular uma admiravel doutrina. Segundo o santo doutor, a faculdade de raciocinar é um signal de fraqueza. Foi-nos dado o raciocinio para supprir a intuição, que é uma força. Os anjos comprehendem e não raciocinam. Quanto mais uma intelligencia é elevada, menor é o numero de suas idéas, porque esta intelligencia privilegiada encerra em pequeno numero de idéas o que as intelligencias inferiores distribuem em maior numero. Assim, os anjos de mais alta jerarchia abraçam, com limitadissimo numero de idéas, um circulo immenso de conhecimentos. O numero das idéas vai-se reduzindo nas intelligencias creadas, á medida que estas intelligencias se aproximam do Creador, e Elle, a Idéa por excellencia, o Ente infinito, a Intelligencia infinita vê tudo n'uma unica idéa, idéa simples, immensa, unica, que é a sua mesma essencia. Que sublime theoria! só ella vale um livro: mostra profundo conhecimento dos segredos do espirito, suggerindo-nos innumeraveis applicações com respeito ás faculdades do homem.

Com effeito, os genios superiores não se distin-

guem pela quantidade de suas idéas. Em pequeno numero abrangem o mundo. A ave rasteira fatiga-se, revoluteando no mesmo terreno; não ultrapassa jámais as angustias e sinuosidades do valle natal. A aguia, arrojando-se aos espaços, sobe, sobe sempre; não pousa senão nos mais elevados cimos, e de lá contempla com a sua vista penetrante as montanhas, o curso dos rios, as vastas planicies, os verdes prados e as ricas messes!

Em todas as questões ha um ponto de vista principal, dominante; n'elle se colloca o genio. D'ahi domina e abraça o conjunto das cousas. Se ao commum dos homens não é dado chegar até esse ponto ao primeiro tentamen, nem por isso deixa de envidar todos os meios possiveis para a elle chegar. Os resultados pagam centuplicadamente os esforços. Tem-se observado que toda a questão ou mesmo toda a sciencia, se resume em pequeno numero de principios essenciaes, d'onde todos os outros se derivam. É mister comprehender estes principios: o resto torna-se simples e facil. Apresentai ao espirito os objectos simplificados o mais possivel, e, por assim dizer, desembaraçados de toda a folhagem inutil. Para conseguir multiplicar a attenção, cumpre não exigir demasiado d'elle e sabel-o circumscrever. Este methodo facilita a intelligencia das cousas, dá ás percepções exactidão e lucidez, e ajuda poderosamente a memoria.

VIII

NECESSIDADE DO TRABALHO

Das doutrinas expostas n'este capitulo sobre a inspiração e a intuição, poder-se-ha concluir que devemos renunciar ao raciocinio e ao estudo e entregar-nos a uma especie de quietismo intellectual? Não, certamente. O trabalho é condição indispensavel ao progresso. Na ordem intellectual, assim como na physica, um membro que não funcciona adormenta-se e perde uma porção de sua vida: o membro que não se move paralysa. Os genios mais bem nascidos não entram plenamente na posse de suas forças, senão por meio de trabalho penoso e aturado. A inspiração não desce sobre os indolentes, exige para se produzir uma especie de fermentação de idéas e sentimentos elevados. A intuição, o *vêr* do entendimento exige longo habito de *olhar*. A vista rapida, segura e delicada de um grande pintor não é só um dom gratuito da natureza; este dom deve-o em grande parte á contemplação apaixonada, á observação, ao estudo paciente dos bons modêlos. O divino sentimento da harmonia não se desenvolveria jámais na organisação ainda mais feliz com ouvir tão sómente sons asperos e destemperados.

CAPITULO XVII

O ensino

I

DOUS OBJECTOS DE ENSINO; OS PROFESSORES

Os dialecticos estabelecem distincção entre o methodo de invenção e o methodo de ensino. Emittirei algumas observações sobre um e outro.

O ensino tem dous objectos: 1.º instruir os alumnos nos elementos das sciencias; 2.º desenvolver suas faculdades, afim de que ao sahir das escólas estejam em estado de progredir, conforme sua capacidade, na carreira que hajam escolhido.

Poder-se-hia julgar que estes dous objectos são identicos; mas não é assim. Para realisar-se o primeiro basta um mestre mediocrementc instruido; para o segundo não são bastantes os homens de verdadeiro merito. O saber, para o primeiro caso, póde limitar-se a certo encadeamento de factos e de principios cujo conjunto fórma o corpo da scien-

cia; para o segundo é mister saber como é formada esta cadêa cujas extremidades se reunem. Para o primeiro bastam os homens que conheçam os livros; para o segundo são necesarios homens que conheçam as cousas.

Não obstante, algumas vezes um professor mediocremente instruido póde ser mais apto para o ensino elementar do que um homem de saber profundo, sendo este mais atreito a deixar-se arrastar por digressões pouco compativeis com a simplicidade que devem ter os primeiros principios d'uma sciencia ensinada a intelligencias pouco desenvolvidas.

A explicação clara dos termos, a exposição corrente e simples dos elementos sobre que a sciencia repousa, o arranjo methodico dos theoremas e seus corollarios, eis o caracter especial do ensino elementar.

Porém ao que eleva mais alto suas vistas e considera a intelligencia dos jovens, não unicamente como telas onde se lançam alguns traços que ahi permaneçam para sempre, mas como terreno que póde e deve tornar-se fertil com a preciosa semente, a este incumbe mais elevada tarefa, mais difficil labor. Ser ao mesmo tempo claro e profundo, interessar e instruir, unir as combinações á simplicidade, conduzir as intelligencias por caminhos faceis, e ensinar-lhes ao mesmo tempo a vencer as difficuldades de que a senda das sciencias

está sempre erriçada, notar as difficuldades por que passaram os inventores, os obstaculos que venceram; inspirar o gosto, o enthusiasmo do bello, que é o esplendor da verdade; dar ao talento a consciencia de suas forças, sem sobre-excitar o orgulho; animar os fracos e descobrir até na deficiencia os germens do bem, taes são as attribuições do professor que considera o ensino elementar não como fructo, senão como sementeira de futuro.

II

GENIOS DESCONHECIDOS DOS OUTROS E DE SI PROPRIOS

Quão poucos são os professores dotados d'esta preciosa habilidade! Mas como é possivel que os haja no lastimoso abandono em que se acha este ramo? Quem cuida em verificar se os homens encarregados d'esta nobre missão possuem, com a sciencia, a elevação do espirito e do coração, o amor sympathico do bello e da verdade? E entretanto é sabido quão grande e formidavel é a influencia que os professores podem exercer sobre as jovens intelligencias. Affectam, por assim dizer, gerações inteiras. Se o passado se nos mostra tão cheio de ruinas, se o presente anda tão perturbado, ser-nos-hia impossivel achar a causa d'isto?

As cadeiras que ás vezes são regidas por homens de talento, são por elles olhadas como degrau para subir mais acima; tratam como distracção o

que deveria absorver sua vida inteira, e o essencial torna-se accessorio.

Assim, quando entre os jovens apparece algum em cujo espirito se sente arder o fogo sagrado do genio, nenhum guia o dirige, nenhum apoio ajuda seus primeiros passos. Sabe elle, por ventura, quaes são suas forças? já as ensaiou alguma vez sob uma direcção intelligente e paternal? O acaso decide de seus destinos. E no entanto quantas intelligencias privilegiadas passam desapercebidas! Deixastes dormir, por toda uma vida, um foco fertil de luzes; e que seria preciso para o accender? apenas um sopro amigo. Quantas vezes dons preciosos, intellectuaes ou physicos não teem sido revelados casualmente áquelle que os possuia! Teria Hercules aprendido a servir-se da massa, se jámais não tivesse manejado senão uma cana?

III

MEIOS DE DESCOBRIR OS TALENTOS OCCULTOS E APRECIAR SEU VALOR

Um professor de direito explica a seus alumnos os deveres e os direitos do pai de familias, e as obrigações dos filhos. Para conhecer os talentos do joven auditorio, termo medio, eis como tenta a experiencia: «Parece-vos que o coração nos diz alguma cousa relativamente aos deveres de que acabamos de fallar? As luzes de philosophia esta-

rão de accordo com as inspirações da natureza?» A estas perguntas saberão responder os mais mediocres alumnos, que os paes amam naturalmente os filhos e os filhos os paes; e que d'este modo os nossos sentimentos se confundem com os deveres, os primeiros ajudam o cumprimento dos segundos. Até aqui, nenhuma differença entre os alumnos intelligentes e não intelligentes. Mas o mestre acrescenta:

— Que pensaes do filho que desconhece estas leis santas de familia e corresponde com ingratidões ao amor que seus paes lhe consagram?

— Que viola um dever sagrado; que fecha os ouvidos á voz da natureza.

— Mas como é que os filhos se tornam tantas vezes culpaveis para com seus paes, ao passo que, em geral, só ha a censurar n'estes, excessos de indulgencia?

— Os homens esquecem facilmente o bem que recebem. Os jovens caminham na estrada da vida, distrahidos d'este dever sagrado por mil occupações diversas. As affeições novas que n'elles se geram, quando chegam a ser tambem chefes de familia, neutralisam a affeição que teem a seus paes: assim cada um assignalará alguma razão, mais ou menos ligada com o assumpto, mais ou menos solida, sem penetrar no intimo da questão. Ouvi agora uma intelligencia escolhida: «É certo que os filhos faltam muitas vezes ao que devem a seus

paes; mas se não me engano, é mister buscar a razão d'este facto doloroso na propria natureza das cousas. Quanto mais o cumprimento d'um dever é necessario á conservação dos entes e á ordem que os rege, tanto mais numerosas são tambem as garantias dadas pelo Creador ao cumprimento d'este dever. Não obstante o mau comportamento dos filhos, a familia e a sociedade se perpetuam; mas, no dia em que os paes se negligenciassem em prestar a seus meninos os cuidados indispensaveis, estaria em perigo a especie humana. Eis porque os filhos, ainda os mais reconhecidos e ternos, não teem para com aquelles a quem devem a vida a ardente ternura que estes teem para com elles. Sem duvida, o Creador podia estabelecer d'ambos os lados a mesma affeição, o mesmo amor apaixonado; se o não fez, é porque isso não era necessario. Cousa notavel! as mães que precisam maior grau d'este amor e ternura, o levam ás vezes até os limites do phrenesi; parece que o Creador as quiz fortificar d'este modo contra o cansaço que póde occasionar-lhes os primeiros cuidados da infancia. Portanto, se os filhos faltam a seus deveres, não é porque tenham degenerado; chegada a sua vez de serem paes, amarão como foram amados. Se o amor filial se quebranta com mais facilidade, e não arrosta tão facilmente os obstaculos, é porque este amor é menos intenso que o amor paternal; é porque exerce menor as-

cendente sobre o coração; é porque tem sobre nossas acções influencia menos activa.»

As primeiras respostas revelam apenas jovens intelligentes; este revela-nos o philosopho. D'este modo, entre os tenros arbustos se distingue, pelo seu precoce vigor, o carvalho, cujos ramos um dia devem assombrar a floresta e cujo tronco desafiará as tempestades.

IV

NECESSIDADE DOS ESTUDOS ELEMENTARES

Todo o que quizer possuir uma sciencia a fundo, deve impôr-se o tirocinio dos estudos elementares. É sabido o peso e valor que teem estes sabios formados pelos artigos dos diccionarios e das revistas, estes sabios que fallam de tudo sem saber de nada.

Toda a sciencia, assim como toda a profissão, repousa sobre um conjunto de noções primordiaes de termos, de locuções, de principios que lhe são proprios e que só nas obras elementares e especiaes se podem aprender. Á mingoa de outras considerações, bastar-nos-hia esta, para mostrar os inconvenientes de qualquer outro methodo que não fosse este. Estes primeiros principios, estas locuções, estes termos consagrados, convém olhal-os e empregal-os com certo respeito. No dominio da sciencia é que principalmente o passado tem direito á

nossa veneração. Se o neophyto da sciencia desconfia dos predecessores, e visa a reformar, ou mesmo a transformar radicalmente o que estuda, andará prudentemente se inquire o que escreveram, praticaram e pensaram os antigos. Temeraria é a empresa de tudo crear de per si. O que por louco orgulho recusa recorrer aos trabalhos dos outros, arrisca-se, pelo menos, a perder muito tempo. Não é raro que o mais habil mecanico faça seu aprendizado na officina d'um modesto artista onde, apesar de suas brilhantes disposições, não deixa de aprender o nome e manejo dos instrumentos de trabalho. Com o decorrer do tempo, os modificará talvez; mudará a fórma, a materia, o nome; mas no entanto os aceita taes como elles são; d'elles se serve até que a experiencia, até que a reflexão lhe faça vêr, com seus defeitos, os melhoramentos de que são susceptiveis.

Costumam os que começam o estudo da historia, servir-se d'um compendio; o immortal author do *Discurso sobre a historia universal,* faz a este respeito uma notavel comparação. «Este modo de estudar a historia é, diz elle, com relação ás historias de cada paiz e de cada povo, o que uma carta de geographia geral é em relação ás cartas particulares. Nas cartas particulares se vê miudamente o que é um reino ou uma provincia em si mesma; nas cartas geraes aprende-se a localisar as partes do mundo em seu todo; vê-se o lugar que Paris ou

a ilha de França occupa no reino, o que o reino occupa na Europa, o que a Europa occupa no mundo.»

A comparação do mappa-mundi com as cartas particulares applica-se perfeitamente ao estudo das sciencias. Com effeito, cada sciencia fórma um todo que é mister possuir, para apreciar o valor dos elementos que a compõem; especie de quadro em que se coordena cada parte, marcando seu valor e seu lugar. Verdade é que as idéas do conjunto são quasi sempre incompletas e muitas vezes inexactas; mas este inconveniente é menos grave do que o de caminhar como ás apalpadellas, sem ponto de apoio, sem noções, sem nenhum guia que nos esclareça. Dir-se-ha que as obras elementares são o esqueleto da sciencia. D'accordo; mas tal como é, nos poupa penosissimo trabalho; achando-o já formado, facil nos será corrigir seus defeitos, cobril-o de nervos, musculos e carne; dar-lhe calor, movimento e vida.

Entre os que hão estudado por principios uma sciencia, e os que, por assim dizer, colheram suas noções a vôo, em encyclopedias e diccionarios, ha sempre uma differença que não é difficil de verificar. Os primeiros distinguem-se pela precisão das idéas e propriedade na linguagem; os outros brilham talvez com abundantes e selectas noticias; porém na melhor occasião dão solemne tropeço que bem manifesta sua ignorante superficialidade.

CAPITULO XVIII

A invenção

I

O QUE DEVE FAZER O QUE NÃO É DOTADO DO TALENTO CREADOR

Creio haver dito o sufficiente com respeito aos methodos de ensinar a aprender; passo a tratar do methodo de invenção. Á juventude succede a idade madura, aos estudos elementares succedem tambem estudos mais profundos e extensos. Chegado a tal ponto, póde o homem tentar mais altas empresas, caminhos menos trilhados. Se a natureza os não dotou do talento de crear, preciso lhe será contentar-se com o methodo elementar, alargando todavia o quadro de seus trabalhos. Nas obras magistraes encontrará guias e modêlos. Mas não se creia, em todo o caso, que deva ficar condemnado a cego servilismo, e que não possa afoutar-se até ao ponto de se pôr em desaccordo com a authoridade dos mestres. Na milicia litteraria e scientifica, não é tão severa a disciplina. O soldado póde dirigir observações aos chefes.

II

AUTHORIDADE SCIENTIFICA

Poucos são os homens capazes de alçar e levar por diante uma bandeira. Mais vale alistar-se a gente nas fileiras d'um acreditado general, do que ir, miseravel guerrilheiro, affectando a importancia de insigne caudilho.

Mas não se collija que sómos em materia litteraria e scientifica intolerante apostolo da authoridade. Parece-me haver provado o contrario. Menciono uma necessidade para o geral das intelligencias; nada mais. A hera, aferrando ao carvalho a sua haste delgada eleva-se com elle aos ares; se vegetar isolada, não consegue levantar-se do chão. De resto, a nossa observação nada mudará ao curso das cousas; é menos um conselho do que a demonstração d'um facto. Digo um facto; porque, apesar de nossas pretensões de independencia, ninguem poderá negar que uma grande parte da humanidade caminha e sempre caminhará sob a conducta de alguns chefes, e que estes a seu talante conduzem pelo caminho da verdade ou do erro.

É este um facto de todos os tempos e lugares, porque tem o seu principio na propria natureza do homem. O fraco reconhece a superioridade do forte e humilha-se diante d'elle. O genio não é o

patrimonio de toda a especie humana, é privilegio de alguns. Tem-se notado que as massas teem tendencia para o despotismo; sentindo sua incapacidade para se dirigirem, natural e instinctivamente buscam chefe. Ora, o que se passa na guerra e na politica o vêmos igualmente no mundo das letras. A maior parte dos que as professam são tambem massas, são verdadeiro vulgo que, entregue a si mesmo, não saberia como conduzir-se; por isso se reune em torno dos mais eloquentes e mais habeis. O enthusiasmo penetra tambem a plebe sábia, e por isso, como a outra, cheia de dedicação, applaude como chefes aquelles em quem vê dotes superiores de intelligencia, saber e bom gosto.

III

MODIFICAÇÕES QUE EM NOSSOS DIAS TEM SOFFRIDO A AUTHORIDADE SCIENTIFICA

Á medida que a imprensa vulgarisa prodigiosamente a sciencia, poder-se-hia crêr que o facto de que fallamos havia desapparecido; porém, não é tanto assim; o que fez foi modificar-se. No tempo em que os chefes eram pouco numerosos e que a authoridade se concentrava em algumas escólas, as intelligencias disciplinadas sob uma authoridade commum se dividiam como exercitos, em dous ou tres campos rivaes. Hoje em dia as cousas passam-se de modo mui differente, são mais numerosas

as escólas e os chefes; a disciplina acha-se mais relaxada; os soldados passam d'um para outro campo; estes se adiantam um pouco, aquelles permanecem retardados; alguns se separam e se empenham em escaramuças sem instrucções nem ordens dos chefes; dir-se-ha que os grandes exercitos deixaram de existir e que cada qual marcha para seu lado: porém não vos illudaes; os exercitos existem apesar d'esta desordem, todos bem sabem a qual pertencem; se desertam d'um ir-se-hão reunir a outro, e quando se vejam em aperto, todos tomarão a direcção d'onde saibam que está o corpo principal para cobrir sua retirada.

Talvez que em ultima analyse acharemos que os chefes pouco mais numerosos são do que outr'ora. Formando um quadro de classificações litterarias e scientificas, facilmente encontraremos que em cada genero são mui poucos os que levam a bandeira, e que sobre seus passos se precipita a multidão agora como sempre.

No genero dramatico, no romance, não se atropella a turba dos imitadores atraz de tão raras *notabilidades?* A politica, a historia, a philosophia tem seus mestres, cujo estylo e opiniões todos adoptam servilmente. Não são as escólas da *independente* Allemanha tão distinctas, tão separadas como foram as de S. Thomaz, de Scott e de Suarez? Que são na França a turba dos philosophos universitarios, senão humildes discipulos de Cousin? e que

é este tambem por sua vez senão successor de Hegel e de Schelling? Os que pretendem ensinar a philosophia da historia, fazem por ventura mais do que apresentar trechos e idéas de Guizot ou de qualquer outro chefe de escóla? Os que se comprazem em declamações sobre elevados principios de legislação não são frequentemente plagiarios de Beccaria e Filangieri? Dizem por ventura os utilitarios alguma cousa mais do que aquillo que lêem em Bentham? Os escriptores de direito constitucional não teem sempre na bocca a Benjamin Constant?

Reconheçamos pois este facto, muito saliente para que se possa negar ou desconhecer. Não nos lisonjeemos de destruir um instincto mais forte que nossa vontade e mais forte que nós mesmos; mas, quanto ser possa, saibamos neutralisar-lhe as más influencias. Se a insufficiencia de nossas luzes nos fórça a recorrer ás luzes de outrem, seja a nossa submissão intelligente! Não abdiquemos o nosso direito de exame. O genio do homem, por grande que seja, é fallivel. Desconfiemos de nosso enthusiasmo, e tenhamos cautela em não conceder ou attribuir á creatura o que só a Deus pertence.

IV

O TALENTO DE INVENÇÃO. CARREIRA DO GENIO

Se o homem é capaz de se conduzir sufficientemente á luz do proprio entendimento, independen-

temente do exame das obras dos grandes mestres, e longe de se sentir pygmeu entre elles, se sente a elles igual, então convém-lhe de modo particular o methodo de invenção. N'esse caso não deve limitar-se a saber os livros, deve conhecer as cousas. Não são para elle os caminhos trilhados; ha atalhos que o conduzem mais depressa e mais acima. Idéas, proposições, raciocinios, tudo deve discutir, tudo analysar, tudo submetter a seu exame. Nada de lembranças plagiarias, mas observações, pensamentos, creações; sua sciencia deve ser a sua propria substancia!

As regras que se devem seguir, já as havemos estabelecido. É inutil, se não impossivel entrar em promenores: traçar o caminho que o genio deve seguir é circumscrever em alguns gestos as infinitas expressões da physionomia humana. Quando virdes o homem de genio abalançar-se brioso á sua gigantesca carreira, não lhe dirijaes vãs palavras, estereis conselhos. Sómente lhe dizei: «Imagem da Divindade, vai cumprir os destinos que te assignalou o Creador; mas não esqueças teu principio e fim! Despregas o vôo e não sabes aonde vaes; levanta os olhos ao céo e pede a quem te deu o sêr que te mostre sua vontade: *A vontade de Deus!* eis a tua grandeza, eis a tua gloria!»

CAPITULO XIX

A intelligencia, o coração e a imaginação

I

DIRECÇÃO E USO DAS FACULDADES DA ALMA. DIDO. ALEXANDRE

Disse eu no capitulo XII que, em certos casos, é necessario, para chegar á verdade, exercer simultaneamente muitas faculdades differentes, entre as quaes nomeei o sentimento. Effectivamente assim é, quando se trata de verdades que tenham alguma relação com esta faculdade, como o bello, o sublime e outras; mas é certo tambem que esta observação se não applica ás verdades d'uma outra ordem, ás verdades que em nada dizem respeito ás faculdades de sentir.

Se quero apreciar as bellezas que Virgilio semeou no episodio de Dido, não é ao raciocinio que eu recorro, mas ao sentimento, mas á imaginação; ao passo que, para julgar, sob o moral, a conducta d'esta famosa rainha de Carthago, imponho silencio áquellas faculdades, e applico friamente,

com ajuda da razão, os eternos principios da virtude.

Ao lêr em Quinto Curcio a vida de Alexandre, vejo com admiração o heroe macedonio abalançar-se ás aguas do Granico, vencer em Arbella, aniquilar os exercitos do grande rei, e submetter logo o Oriente a seu poder. Ha n'estes factos certa grandeza, certos rasgos de heroismo que mal apreciaria fechando minha alma ao sentimento. A sublime narração do texto sagrado (I. Mach., cap. I) não seria avaliada em seu justo valor por quem não fizesse mais que analysar com frialdade. «E succedeu que Alexandre, filho de Philippe, primeiro rei macedonio da Grecia, sahindo da terra de Cethim, derrotou Dario, rei dos persas e dos medos, deu numerosas batalhas, conquistou todas as praças fortes e, com seu gladio, matou os reis da terra. Avançou até aos confins do mundo, apoderou-se dos despojos das nações, e a *terra emmudeceu em sua presença*. Quando se chega a esta ultima expressão, o livro cahe das mãos, e o assombro se apodera da alma.» Em presença d'um homem, *a terra emmudece*. Aqui, analysar, discutir, epilogar, não é comprehender. Não, certamente; esqueço a philosophia e seus preceitos; a minha imaginação se inflamma; deixo minha alma sentir; vejo o filho de Philippe sahir da terra de Cethim e marchar a passos de gigante até aos confins do mundo; e, se o ouso dizer, ouço o silencio da terra tomada de

espanto, *emmudecer diante d'elle.* Agora, se me proponho examinar a justiça e utilidade das conquistas do principe macedonio, corto as azas á imaginação, imponho silencio ao enthusiasmo; esqueço o joven monarcha e seus immortaes companheiros de armas, acima dos quaes elle se eleva como o Jupiter da fabula entre os deuses que lhe fazem cortejo; já não vejo, já não escuto senão os principios eternos da justiça e os direitos imprescriptiveis da humanidade. Afasto de mim o que poderia ser grande obstaculo, a imparcialidade da razão; a aureola do conquistador me encobriria o aggressor injusto, e me inclinaria a indulgencia para com tanta gloria e tanto heroismo, e lhe perdoaria que no auge da sua gloria, na idade de trinta e tres annos, se prostre no leito e conheça que vai morrer: *Et post hæc dicit in lectum et cognovit quia morietur.* (Mach., liv. I, cap. I).

II

INFLUENCIA DO CORAÇÃO SOBRE A RAZÃO. CAUSAS E EFFEITOS

É incontestavel a influencia das paixões sobre o coração; procurarei por tanto demonstrar esta reconhecida verdade; mas o que não ha sido bastante observado é a influencia que exercem sobre o espirito relativamente ás verdades que parecem

nada ter que vêr com nossas acções. No entanto, talvez seja este um dos pontos mais importantes da arte de pensar, e eis porque me proponho expôl-o com alguma extensão.

Se a nossa alma fosse unicamente dotada de intelligencia, se podesse pôr-se em relação com os objectos sem por elles ser affectada, succederia que sendo estes objectos os mesmos, nós os veriamos sempre do mesmo modo. No caso em que a vista, a distancia, a quantidade e direcção da luz são as mesmas, tambem a impressão é a mesma, porém se uma d'estas condições muda, a impressão muda igualmente. O objecto que a excita nos parece maior ou menor, d'uma côr mais ou menos viva, modifica-se ou transforma-se inteiramente. A lua conserva sempre a mesma figura, e não obstante, nos apresenta continuamente variedade de phases; um rochedo informe e desigual se nos apresenta ao [illegible] que coisa um soberbo edifício, [illegible] que visto ao longe é uma maravilha de arte, a distancia se nos afigura uma penha irregular, lançada ao acaso na encosta do monte.

O mesmo acontece com o espirito; os mesmos objectos se mostram com aspectos differentes, não só a pessoas diversas, mas até á mesma pessoa. Em um instante, um véo se estende sobre nossos olhos; muda a scena, e nós somos transportados a um outro mundo, tudo tomou outras fórmas, ou-

tras côres. Dir-se-hia que os objectos foram tocados pela vara d'um magico.

O magico somos nós mesmos, é nosso proprio coração; nós é que mudamos, por isso tudo muda em volta de nós. Quando nos embarcamos, o porto d'onde partimos, a praia, as casas, os montes, tudo parece fugir de nós, e na realidade só a embarcação é que se moveu.

E note-se que esta mudança não se realisa tão sómente quando a alma está commovida e as paixões exaltadas; no meio d'uma tranquillidade apparente soffremos frequentemente esta alteração no modo de sentir e julgar, alteração tanto mais perigosa, quanto menos se fazem sentir as causas que a produzem. Tem-se dividido as paixões em muitas classes, mas, ou porque esta classificação philosophica as não comprehenda a todas, ou porque d'umas se derivam outras, filhas ou transformações das primeiras, o certo é que quem observa attentamente a gradação e variedade de nossos sentimentos, julgará estar assistindo ás mudaveis illusões d'uma visão phantasmagorica. Ha momentos de bonança e momentos de tormenta, momentos de mau humor e momentos de bondade, momentos de dureza e de doçura, de abatimento e de firmeza, de enthusiasmo e de desalento, de alegria e de tristeza, de orgulho e de humilhação; ha momentos de esperança e de desespero, momentos de paciencia e de colera, de prostração e de actividade, de

expansão e de recolhimento, de generosidade e de avareza, de perdão e de vingança, de indulgencia e de severidade, de bem-estar e de indisposição, de tedio e de recreio, de gravidade e de leveza, de elevação e frivolidade, momentos serios e outros cheios de chistes... Mas onde iremos parar? Quem poderia enumerar as modificações que póde experimentar a nossa alma? Menos mudavel é o mar, o mar açoutado pelos tufões, movido pelos zephyros ou enrugado pelas brizas da manhã, ou immovel sob uma atmosphera de chumbo, dourado pelos raios do sol nascente, branqueado com a luz do astro das noites, marchetado com as estrellas do firmamento, plumbeo como o rosto da morte, brilhante como os fulgores do sol do meio dia, tenebroso e negro como a bocca d'uma sepultura.

III

UM SÓ DIA DA VIDA

É n'uma bella manhã d'abril; o sol levanta-se no horisonte, matizando com as tintas mais finas as nuvemzinhas que em torno d'elle fluctuam nos ares, e em todas direcções espalha as suas madeixas de luz, semelhante á dourada cabelleira de um menino; os passaros despertam cantando, como para festejar a chegada do dia. Tudo respira

paz e harmonia; tudo falla d'uma Providencia bemfazeja.

Um homem contempla este espectaculo e a sua alma expande-se ás dôces e reconhecidas emoções; sopram-lhe favoraveis as auras da fortuna; todos os que o rodeiam se empenham em fazer-lhe a vontade; nenhuma paixão violenta inquieta seu coração, só a vinda da alva no céo interrompeu seu placido somno.

Abre por distracção um livro que tomou ao acaso; é um romance como se tem escripto muitos hoje em dia. «Um desgraçado maldiz a sociedade que o não tem sabido comprehender. Maldiz a terra e o céo, maldiz o passado, o presente e o futuro; maldiz a Deus e a si mesmo, e cançado de vêr sobre sua cabeça um sol sombrio e gelado, uma terra arida e desolada, de arrastar uma existencia que pesa sobre o seu coração e o esmaga, o infeliz trata de pôr fim á propria existencia. Pela ultima vez, antes de se atirar ao abysmo, medita sobre a natureza, sobre os destinos do homem, sobre as injustiças da sociedade e mais cousas d'estas.»

—Absurdas exagerações! — exclama com impaciencia o heroe de que fallamos. — Sem duvida, o mal existe no mundo, mas tambem ha alguma cousa que não é o mal. Não; a virtude não foi banida; ainda ha corações nobres, estou certo d'isso. Graças ao céo, os grandes crimes são excepções. A maior parte de nossos erros e crimes provém de

nossa fraqueza, além de que estes erros e crimes prejudicam menos a outrem do que a nós mesmos. Não! a felicidade não é impossivel. Embora os infortunios sejam numerosos, injusto seria imputal-os todos á maldade do homem. A propria natureza das cousas dá a razão d'estas miserias, que em todo o caso estão longe de ser horriveis como alguns se comprazem em pintal-as. Esta litteratura é falsa debaixo de todos os pontos de vista!

Dizendo isto, fecha o livro, e afastando de si os tristes pensamentos, abandona-se de novo ás dôces distracções que o encanto da paisagem n'elle desperta.

Decorre o tempo, chega a hora das occupações. O dia não será tão bello como a manhã parecia promettel-o; o céo começa a toldar-se. O nosso optimista foi chamado fóra de casa; a chuva cahe a torrentes, e n'uma rua estreita e lamacenta, um cavalleiro que passa a trote, não attende a que deixa os pedestres todos enlameados dos pés até á cabeça. Como! acaso por tão pouco mudaria de opiniões! Não; mas já a vida lhe não é tão risonha, a sua philosophia ensombrou-se como o céo. Todavia o sol não desapparecera para sempre, e posto que a vida tenha seus lances de má fortuna e posto que o benigno philosopho d'esta manhã não encommende muito caridosamente o sinistro cavalleiro, nem por isso accusa ainda assim a humanidade inteira.

Depois procura um amigo por causa d'um negocio da mais alta importancia. Recebem-no com frieza e dão-lhe poucas esperanças sobre a petição. Retira-se desanimado e triste. As suspeitas não tardam a tornarem-se em certeza. Averigua que está sendo victima d'um trama odioso, que seu amigo o trahiu. Não falta quem o lastime, quem lhe prodigalise exhortações e conselhos, mas ninguem trata de lhe ministrar auxilio; além d'isso é já tarde para precaver o perigo!

A perda é immensa, a ruina é completa. Toda a esperança está para sempre perdida. Alquebrado pela dôr, entra em casa para se entregar inteiramente nos braços do desespero. O livro que lia de manhã está ainda sobre a mesa; á sua vista lembram-lhe as primeiras impressões do dia. «Oh! — exclama elle em seu interior — quanto me enganava reputando em exageração as infernaes pinturas que os homens fazem do mundo! Não póde negar-se, teem razão, isto é horrivel, desesperador, desalentador; mas é a realidade. O homem é um animal depravado, a sociedade é uma cruel madrasta, melhor direi um verdugo que se compraz em atormentar-nos, que nos insulta e mofa de nossas angustias, ao mesmo tempo que nos cobre de ignominia e nos dá a morte. Não ha boa fé, não ha amizade, não ha gratidão, não ha generosidade, não ha virtude sobre a terra; tudo é egoismo, traição, mentira. Para tanto soffrer, porque se nos ha dado

a vida? Onde está a Providencia? Onde está a justiça de Deus?

Como se vê, a dôce, pacifica e judiciosa philosophia da manhã trocára-se no mais atroz pessimismo de sentimentos satanicos. E todavia todas as cousas proseguem na sua marcha ordinaria, nada se mudou. Não se póde dizer que a humanidade se tornou peor, pelo facto de um homem cahir na desgraça. Só elle é que mudou, sua maneira de sentir já não é a mesma. A amargura de que o seu coração está cheio transborda sobre sua intelligencia. Obedecendo ás inspirações da dôr e do desespero, vinga-se do mundo pintando-o com as mais negras côres. E não se creia que procede de má fé. Elle vê as cousas taes como as pinta, assim como de manhã as pintava taes como as julgava vêr.

Quando este homem está sepultado amargamente nas mais desesperadas considerações, e com a blasphemia já na bocca, como ultima solução dos problemas que medita, um amigo entra em seu quarto, e assim interrompe d'este modo o seu monologo:

— Soube, meu amigo, da traição que se tramou contra ti.

— Pois o mundo é isto; é para que vejas o que vale a amizade.

— Agora o que importa é o remedio.

— Remedio?... É impossivel...

— Verás que não; escuta. A noticia da tua in-

felicidade chegou ao meu conhecimento na occasião em que eu tratava um negocio importante. Pódes avaliar a profunda impressão que me causou. Pedi logo aos socios para retirar meus fundos e vir-t'os offerecer. Vêde! o exemplo do bem communica-se como o exemplo do mal. Os meus amigos quizeram seguir-me, tambem te offerecem os seus recursos. Estudamos o negocio. É preciso que não haja perda de tempo. Previne por tua actividade os manejos do inimigo. N'esta carteira estão as sommas necessarias. Adeus, amigo.

A carteira foi cahir perto do livro fatal, e tudo de novo tomou uma face nova. Não, a virtude, a amizade, o desinteresse não são palavras ôcas e sonoras! Na manhã seguinte, o sol se levantará puro e radioso, os passarinhos cantarão ao ar fresco da manhã a chegada da aurora. A Providencia terá sorrisos, a vida esperanças. Em um só dia, a philosophia d'um homem, philosophia movel como o seu coração, descreve um circulo inteiro. Como os astros no céo, depois d'uma revolução, eil-a chegada a seu ponto de partida.

IV

UMA OPINIÃO POLITICA

Verificaram-se umas eleições em que as forças musculares tiveram tanto ou mais emprego do que

o vigor do raciocinio e das convicções politicas; ao menos assim o opina o partido vencido. Em vão a campainha do presidente luctou contra as vozes de stentor e os peitos de bronze; as discussões degeneram em pugilato. O nosso heroe não pertence ao partido vencedor; teve que fugir e esconder-se. Em todo o caso, não accuseis sua coragem. É preciso não esquecer as considerações de prudencia e decoro.

Seu amor-proprio e suas esperanças foram contrariadas. A bandeira liberal hasteada ao entrar nos comicios perdeu a côr sob a tormenta popular, como estes estofos de mediocre valor que não supportam a prova da agua. «Isto é uma triste comedia, diz elle com ar de convicção profunda; estamos dando ao mundo um espectaculo de barbaros. O despotismo tem seus inconvenientes, bem o sei; mas entre dous males prefira-se o menor. O governo representativo, governo da razão esclarecida e da vontade livre, admiro-o eu nos tratados de direito constitucional ou nas paginas dos jornaes. Na realidade, só aproveita á intriga, á impudencia, á audacia. Estou desenganado.»

Em consequencia dos disturbios, declara-se estado de sitio, e domina a força militar. Desapparece o motim e a cidade recobra a antiga tranquillidade. O bom do eleitor toma de novo seus habitos pacificos; renasce a segurança publica; insensivelmente esquece o tumulto das eleições, as vo-

zes de stentor que abafaram a sua e os perigos em que havia incorrido.

No entanto, circumstancias o obrigam a fazer uma viagem e precisa para isso de passaporte. Á entrada da casa municipal ha numerosa guarda de tropa. Vai a entrar por uma das portas, e a sentinella o detem bruscamente com maneiras rudes, pedindo-lhe explicações. Explica-se como póde, e pede para que lhe permittam penetrar no interior. A hora adiantada urge, e elle pede instantemente que o conduzam ao empregado respectivo. Não terá por ventura direito a alguns favores, elle, o amigo da ordem, o zeloso defensor do poder? Mas os empregados inferiores, que medem sua polidez pela importancia que se dão no tempo de crise, respondem seccamente: «Espere pela sua vez.»

Chega em fim a sua vez; o magistrado o recebe com desconfiança. Os cabeças do ultimo motim são activamente procurados. Para que deixar a cidade? O magistrado apoquenta-o com mil questões, passa-lhe em fim o passaporte com modos frios, abaixa a cabeça e não se digna responder ao adeus que lhe dirige ao partir.

Não importa. Os dissabores que acabamos de descrever não conseguiram modificar suas convicções politicas; não; mas quem sabe? Talvez já se não encontre n'elle a mesma dedicação pelo poder absoluto. É bom, diz o despeitado, agora que todo o governo attende á dignidade humana, e não se

póde pôr em duvida que o governo absoluto tem certa rigidez que até nas ultimas ramificações da administração se fazem sentir.

Desgraçadamente o magistrado tinha levado muito longe as suas suspeitas. Denunciado por elle como homem suspeito, o nosso heroe, no momento de subir a carruagem, é preso, conduzido á prisão, posto incommunicavel, e, apesar das fortes presumpções de innocencia que proclamam um exterior decente, uma presença respeitavel e apparencias de homem pacifico, ahi é retido por oito dias. Não era preciso tanto para bater em brecha, para arruinar de alto a baixo as suas novas opiniões absolutistas, já fortemente abaladas pelas decepções anteriores. A brutalidade da captura, o enfado dos interrogatorios, o aspecto sombrio da prisão bastam para fazer rejuvenescer o seu liberalismo moribundo. Estuda os direitos do homem, detesta o arbitrio, abomina o poder absoluto; faz ardentes votos (bem que baixinho e discretamente) para que a liberdade individual, para que a constituição se torne em fim uma verdade.

Hoje é muito viva a sua fé politica; será de longa duração? Aguardemos; aguardemos que um novo motim se levante na rua entre clamorosos gritos e que venham novas eleições. Difficil será que as novas convicções resistam a tão dura prova.

V

DEVEMO-NOS PREMUNIR CONTRA AS INFLUENCIAS QUE O CORAÇÃO EXERCE SOBRE O JUIZO

As disposições da alma influem poderosamente sobre a razão. Importa não esquecer jámais esta verdade. É esta a razão porque tão poucos homens chegam a subtrahirem-se ao espirito do seu tempo e dominar as circumstancias particulares que sobre elles imperam, os prejuizos da educação, a influencia do interesse pessoal, após suas acções e até seus pensamentos em harmonia com as prescripções da lei divina; a comprehender o que se eleva acima das regiões do tempo; e preferir o futuro ao presente. O que impressiona nossa vista, o interesse ou a paixão do dia, da hora, do momento, eis o que decide de nossos actos e mesmo de nossas opiniões.

O que procura e quer possuir a verdade estude-se e possua-se a si proprio primeiramente; recolha-se diante da sua consciencia, e interrogue-se: «Tua alma não está perturbada por alguma paixão? Não occulta em seu seio alguma paixão que o domine? Não fórmas teus pensamentos, juizos e conjecturas sob a influencia de recentes impressões que, modificando teus sentimentos, modifique tam-

bem a fórma, a côr, as apparencias das cousas? Pensas e vês as cousas ha muito tempo da mesma maneira? Não é desde hontem que pensas e vês assim, desde um instante talvez; desde que um acontecimento favoravel ou contrario mudou tua fortuna? Adquiriste luzes mais intensas e novas provas, ou sómente novos interesses? Onde se operou a mudança? na razão ou nos desejos? Parecem-te infalliveis os juizos que hoje tens; se te collocarem em differente, em outro tempo, julgarás da mesma maneira?»

É facil de vêr que este methodo está ao alcance de todos, e é o melhor para dirigir o entendimento e regular a conducta. Verdade é que ás vezes as paixões se exaltam a ponto de perverterem a razão: n'esse caso o homem fica n'uma especie de alienação mental; todas as regras se lhe tornam inuteis. Mas tal não é o effeito ordinario das paixões; o mais das vezes não fazem mais do que offuscarem a intelligencia; permanece no fundo de nossa alma uma luz frouxa e vacillante, mas que se não extingue. O brilho d'esta luz se proporciona á nossa vigilancia; e a despeito das mais espessas trevas, na maior força da tormenta, ella é como um pharol de verdade que nos indica o porto, uma vez que tenhamos aprendido a reflectir, a duvidar de nós mesmos, a não considerar os affectos do coração, estes fogos fatuos, como guias que possam supprir a razão e conduzir-nos por caminhos rectos.

VI

UM EXEMPLO

As paixões cegam; verdade é esta que ninguem ousa contestar. Não é o conhecimento do principio abstracto e vago que nos é preciso, mas sim a observação perseverante da influencia das paixões, o conhecimento pratico e minucioso dos effeitos d'esta influencia sobre o entendimento. Este conhecimento só se adquire por longo e penoso exercicio. Eis porque insisto, porque multiplico os exemplos. Pois não se resume toda a philosophia em chamar a attenção da alma sobre si mesma?

Temos um amigo cujas bellas qualidades nos encantam. Não perdemos ensejo d'exaltar seu merito; não podemos duvidar de sua amizade; as provas dá-as elle. Todavia, uma vez nos dá motivos de nos queixarmos d'elle: desde esse momento tudo muda. Nem seu espirito é tão brilhante, nem seu caracter tão dôce, nem sua alma tão bella, nem seu trato tão amavel, nem seu acolhimento tão benevolo; temos que lhe exprobrar em todas as cousas. O golpe que nos fere rasgou o véo: os nóssos olhos abrem-se finalmente.

E como! haviam-nos enganado a este respeito? Não: mas a amizade de hontem nos impedia de vêr as imperfeições que nosso resentimento hoje

exagera. Não haviamos imaginado que tal amigo nos podesse refusar um favor, testemunhar pouco desvelo para nos obrigar, esquecer, n'um momento de mau humor, a habitual cortezia. Em todo o caso, se nos tivessemos interrogado previamente sobre a possibilidade do facto: «Elle é homem, teriamos nós respondido, sujeito ás leis da fraqueza humana; por tanto a cousa é possivel.» Para que pois hoje tanta severidade? Quem o não vê? fomos feridos. O que pensa, o que aprecia em nós já não é a razão esclarecida por factos novos, sim o coração irritado, ulcerado; crêmos julgar e não fazemos mais que sentir.

Ha um meio de julgar nosso proprio juizo. Imaginemos que a offensa se não dirige a nós. As circumstancias serão as mesmas, as relações igualmente affectuosas, igualmente intimas entre o offendido; não importa! do mesmo facto não tiraremos as mesmas consequencias. Reconheceremos as injustiças do amigo, censurar-lh'as-hemos, talvez, com certa emoção; descobriremos em seu caracter um defeito que nos era desconhecido; mas nem por isso deixaremos d'apreciar as suas boas qualidades; não o julgaremos indigno da nossa estima, não serão menos estreitos os laços de nossa amizade.

Se por tanto as mudanças de nossa opinião podem ter, como effectivamente teem, não um defeito, um erro, uma injustiça ou um capricho de nosso

amigo, mas sim um defeito, uma injustiça, um erro, um capricho de nosso proprio coração, convenhamos que o sentimento é base bem pouco solida para estabelecer nossos juizos. Quantas vezes bastaria, para os rectificar, estudar as cousas com desinteresse e a sangue frio!

VII

CAVILLOSAS VARIAÇÕES DOS JUIZOS POLITICOS

Estão no poder nossos amigos politicos ou os que mais nos convém, e dão algumas providencias contrarias á lei. «As circumstancias, dizemos nós, podem mais que os homens e as leis; nem sempre o governo póde ajustar-se a estricta legalidade: ás vezes, o mais legal é o mais illegitimo; de mais, como os individuos, os povos e os governos teem um instincto de conservação que tudo sobrepuja, uma necessidade, a cuja presença cedem todas as considerações e direitos.»

Se os nossos amigos confessam abertamente a infracção da lei, logo os desculpamos com razões d'estas: «É franqueza; a franqueza é o primeiro dever dos governos. Para que se ha-de enganar os povos? Que de mais immoral do que um governo de ficções e enganos?» Se pelo contrario illudem a lei por meio d'uma interpretação derisoria, aber-

tamente em opposição com o espirito do legislador: «Tal é, dizemos, o respeito que consagram ás leis, que se inclinam reverentes perante ellas, até nas mais extremas necessidades. A legalidade é cousa sagrada; não faz pouco o governo que, não podendo salvar o fundo, salva pelo menos as fórmas e sabe disfarçar o que o arbitrio tem de irritante.»

Se estão no poder os nossos adversarios, tudo muda. A violação da lei torna-se crime irremissivel. «Respeito ás leis! as leis em primeiro lugar! onde iremos nós parar se o governo se arroga o direito de as infringir a seu talante? todo o poder que viola as leis pretende justificar as suas infracções com esta palavra banal: a necessidade.»

Se confessam francamente a illegalidade: «Isto é ajuntar o insulto ao sacrilegio, exclamamos nós; ainda se empregassem alguma dissimulação! mas não! o ultimo extremo da impudencia é a ostentação da arbitrariedade mais repugnante. Isto não se soffre.»

Quiz o governo salvar as apparencias conservando as fórmas legaes? «O peor dos despotismos é o que se exerce em nome da lei. Por ventura seria a infracção menos culpavel pelo facto de ser acompanhada de hyprocrisia? Quando em circumstancias extremas o governo lança publicamente um véo sobre as taboas da lei, parece por sua franqueza pedir perdão ao povo e prometter que o abuso não será repetido; mas, commetter illegali-

dades á sombra da mesma lei, é profanar, é aviltar a lei; é abusar da boa fé dos povos, é abrir a porta a todas as desordens! Quem não respeita o espirito da lei, tudo póde fazer em seu nome. Basta que se interprete a bel-prazer uma expressão duvidosa ou ambigua, para audaciosamente se violar as intenções do legislador.»

VIII

PERIGOS D'UMA EXCESSIVA SENSIBILIDADE. OS GRANDES TALENTOS. OS POETAS

Ha erros de tal modo evidentes, juizos tão manifestamente impregnados de paixão, que só logram enganar os que querem ser enganados.

Não é ahi que está o perigo; temam-se muito mais os sophismas armados com tanta arte e adornados com tantas seducções que quasi se torna impossivel defender-se a gente d'elles. Desgraçadamente este perigo occulta frequentemente na palavra e nos escriptos dos homens superiores, como sob as mimosas e perfumadas flôres, o veneno que causa a morte.

Como estes homens são dotados de sensibilidade exquisita, as impressões que recebem, vivas, profundas, apaixonadas, decidem soberanamente

da direcção de suas idéas e opiniões; sua intelligencia penetrante facilmente encontra razões em apoio da causa que adoptaram; fascinam o vulgar das intelligencias e as dirigem a seu gosto.

Esta será sem duvida a causa da volubilidade que se nota nos homens de reconhecido genio. Adoram hoje o que ámanhã detestarão; o erro que ora condemnam o defendiam hontem como dogma sagrado. Na mesma obra, associam as mais encontradas proposições, ou estabelecem conclusões inconciliaveis com os principios postos. Não imputeis á sua intenção estas estranhas anomalias; sustentam o pró e o contra com a mesma convicção, e tal convicção a tiram elles da exaltação d'um sentimento. Quando seu genio se desentranha em imagens, em pensamentos grandiosos, não é mais do que escravo do coração, porém escravo habil, engenhoso, que correspondia aos caprichos do senhor offerecendo-lhe obras primorosas, maravilhas d'arte.

Os poetas, os verdadeiros poetas, estes homens dotados pelo Creador de intelligencia elevada, imaginação poderosa, almas de fogo, são os mais atreitos a se deixarem levar por estas impressões de momento. Collocados embora nas altas regiões do pensamento, não lhes é absolutamente impossivel moderar seu vôo e julgar com prudencia e discernimento; mas é innegavel que precisam de reflexão e decidida força de vontade mais do que o geral dos homens.

IX

NECESSIDADE DE TER IDÉAS FIXAS

As reflexões precedentes mostram a necessidade de ter idéas fixas e opiniões formadas sobre as principaes materias; e quando isto não seja dado, muito importa abstermo-nos de as improvisar e abandonar a inspirações repentinas. Tem-se dito: os grandes pensamentos veem-nos do coração; acrescentemos: e tambem os grandes erros.— O coração não reflecte nem julga; sente. O sentimento é uma mola cheia de potencia que põe em movimento e multiplica as faculdades da alma; quando a intelligencia está de posse da verdade, quando segue por bom caminho, os sentimentos nobres e puros augmentam suas forças e acceleram seu impulso; do mesmo modo que os sentimentos ignobeis ou depravados podem extraviar o entendimento mais recto. Até os sentimentos bons, exaltados em demasia, são capazes de nos conduzir aos erros mais deploraveis.

X

O POETA E O MOSTEIRO

Um viajeiro poeta, indo a atravessar uma solidão, ouve o toque d'um sino que o distrahe das

meditações em que estava absorvido. Não obstante sua alma não estar acostumada ao ensino e praticas da fé, era no entanto accessivel ás inspirações religiosas. Esta plangente voz do bronze no meio do deserto lhe communica indizivel melancolia, grave e severa. Em seguida apercebe através da ramagem de grandes carvalhos, e como occulta em sua sombra, a casa de paz em que a innocencia ou o arrependimento encontram asylo contra as vãs agitações do mundo. Aproxima-se, e pede com respeito e curiosidade que lhe permittam entrar na santa habitação. Um velho, cuja physionomia transpira a paz e serenidade, o recebe com dôce e simples cordialidade; condul-o á capella, aos claustros, á bibliotheca, a toda a parte em que o viajeiro possa achar interesse de sciencia e de prazer. Serve-lhe de guia o velho monge. Em sua conversação dá prova de bom gosto e saber, mostra-se tolerante para com as opiniões do estrangeiro, sorri dôcemente aos seus gracejos e só o deixa para ir modesto e grave onde os seus deveres o chamam. Está dôcemente movido o coração do poeta; o silencio dos claustros, sómente interrompido pelo cantico dos psalmos, os objectos piedosos que a cada passo se lhe apresentam, o recolhimento e a paz que, por assim dizer, descem das abobadas silenciosas, com a luz escassa coada através das vidraças, as amaveis qualidades, a bondade, a condescendencia do velho que o acolhe, tudo o penetra

com um sentimento profundo que não sabe definir; acha-se subjugado: Christo venceu. Bem a seu pezar chega o momento de partir; afasta-se pensando no mosteiro e levando comsigo gratas lembranças que por muito tempo viverão em seu pensamento.

Se em tal situação de espirito compraz ao nosso poeta intercalar em suas relações de viagem algumas reflexões sobre os institutos religiosos, que vos parece que dirá? É bem claro. Para elle as instituições monasticas serão personificadas n'aquelle mosteiro, e o mosteiro personificado no venerando velho, cuja imagem e lembrança tem presente ao espirito. Contai com algumas estrophes eloquentes em favor das ordens religiosas, anathemas contra a philosophia que as condemna, imprecações contra as revoluções que as destruiram, lagrimas derramadas sobre as ruinas e sobre os tumulos.

Mas, ai do mosteiro e de todas as instituições monasticas se o monge que recebera o nosso viajeiro fosse de conversação sêcca e severa, pouco affeiçoado a bellezas litterarias e artisticas e de humor nada bom para acompanhar os curiosos! Aos olhos do poeta, o monge desagradavel seria a personificação do instituto; e, em castigo de o haver recebido mal, accusado de abater o espirito e o coração, apartar os homens da sociedade, produzir innumeraveis males e nenhum bem.

E no entanto, em qualquer das supposições, a

realidade das cousas permaneceria a mesma. A differença estaria tão sómente no acolhimento frio ou benevolo que por acaso o viajeiro encontrasse no instituto visitado.

XI

DEVERES DO ESCRIPTOR, DO POETA, DO ORADOR E DO ARTISTA

Teriamos a desenvolver aqui considerações de alta gravidade sobre o emprego do talento de escrever, sobre a dignidade da arte em geral, e principalmente sobre a elevada missão das artes que, servindo-se das paixões como de auxiliar, reagem por meio do coração sobre a intelligencia. A pintura, a esculptura, a musica, a poesia, todos os ramos da litteratura teem deveres sagrados que frequentemente se esquecem. A verdade e o bem; a verdade para o espirito, o bem para o coração, eis os dous objectos essenciaes da arte, eis o ideal que as artes devem offerecer ao homem por meio das impressões que despertam. Esquecendo sua missão e limitando-se tão sómente á simples producção do prazer, tornam-se estereis para o bem e fecundas para o mal.

Pôr a arte ao serviço das paixões más! Não foi para isso que o artista recebeu do Creador os privilegios sagrados do genio! O orador que se serve do encanto de sua palavra, que outra cousa

é que um vil envenenador?—tanto mais vil, mais odioso, quanto os meios que emprega são mais perfidos e menos se podem garantir. Se a convicção deve ser um erro, o persuadir é uma traição. Parecerá severa esta doutrina, mas é verdadeira. É a linguagem da razão submettida ás prescripções da lei eterna que tambem é severa, porque é immutavel e justa.

Os artistas, os poetas, os oradores, os escriptores que desviam de seu fim os dons que receberam, são verdadeira peste publica. Pharoes enganadores, accendidos sobre escolhos, perdem aquelles a quem deviam alumiar; devem mostrar o porto e mostram o abysmo.

Não terão as nações modernas desconhecido os seus verdadeiros interesses fazendo reviver a eloquencia popular com que as antigas republicas tanto tiveram a soffrer? Nas grandes assembléas em que se debatem os negocios do estado e os grandes interesses da sociedade, nenhuma voz devia ser escutada senão a voz do bom senso, a voz da razão judiciosa, austera e clara. A verdade não é menos verdade, a realidade das cousas não muda, por isso que um orador habil, excitando o enthusiasmo, arrasta o voto d'uma maioria seduzida. O que se defende ou impugna é ou não é util; ahi está a questão; o resto não passa de brinco de meninos em que são envolvidos os mais graves interesses, interesses muitas vezes sacrificados ao vão

prazer de ostentar talentos oratorios, e arrancar applausos.

Tem-se observado que as assembléas deliberantes, mórmente no começo das revoluções, são muitas vezes como tocadas por um espirito de invasão e se inclinam a resoluções violentas. As discussões, a principio placidas e moderadas, tomam repentinamente feições perigosas; excitam-se os animos, obscurecem-se as intelligencias, apodera-se dos espiritos a exaltação, a exaltação que vai até ao delirio. Consultai, interrogai em particular até um dos membros da assembléa; em graus differentes todos comprehendem, amam e buscam a verdade; como é que então a assembléa parece uma reunião de homens no estado de demencia? Eis a razão. A impressão de momento domina tudo, vence tudo, arrasta tudo; esta impressão apaixonada, ardente, propaga-se pela sympathia com a rapidez da electricidade; adquire progressivamente uma força irresistivel, e a scentelha torna-se em alguns segundos em espantosa conflagração.

O tempo, os desenganos, a experiencia e a desgraça instrue algumas vezes os povos. Sua sensibilidade, como no individuo se embota; a fascinação da palavra torna-se menos temivel para elles. Triste remedio que não cura o mal senão pelo excesso do mal. Emfim, como nos não é dado mudar o coração do homem, tributemos os nossos respeitos áquelles que ao serviço da justiça e da verdade empre-

gam as armas que tantos outros teem posto ao serviço do erro e do mal. Ao lado do veneno costuma a Providencia collocar o antidoto.

XII

PENSAMENTOS REVESTIDOS DE IMAGENS. FONTE DE ERROS

Os erros do sentimento não são os unicos contra que nos tenhamos de premunir; ha outra especie d'elles, menos temidos, talvez, e não menos perigosos: são os pensamentos revestidos de imagens brilhantes. É indizivel o poder dos artificios da linguagem e o perigo que podem occultar. Um pensamento superficial, apresentado com traje grave e philosophico, adquire a apparencia da profundeza. Uma trivial vulgaridade, nobremente ataviada, chega a disfarçar seu plebeismo; e tal proposição falsa que, sêccamente enunciada, mostraria logo a sua falsidade, colloca-se, graças ao véo engenhoso com que a cobrem, entre as verdades incontestaveis.

Os escriptores profundos, sentenciosos, ou que visam á profundeza, frequentemente offerecem este defeito. Como a sua palavra é escutada com tanto mais assentimento e respeito, quanto mais parecem profundamente convencidos, segue-se d'ahi que o leitor toma por axiomas inabalaveis, por maximas de eterna verdade, o que não é ás vezes senão o sonho do philosopho, um laço armado á boa fé dos imprudentes.

CAPITULO XX

Philosophia da historia

I

PHILOSOPHIA DA HISTORIA; O QUE ELLA É. DIFFICULDADES D'ESTA SCIENCIA

Consideramos aqui a historia, não sob o ponto de vista critico, mas sim sob o ponto de vista philosophico. Os principios que nos devem guiar na critica dos factos foram expostos no capitulo XI.

Qual é o methodo mais a proposito para comprehender o espirito d'uma época, formar-se idéas claras e exactas sobre o seu caracter, penetrar as causas dos acontecimentos e assignalar a cada um seus proprios resultados? Isto equivale a perguntar qual é o methodo conveniente para se adquirir a verdadeira philosophia da historia.

Será com a lição dos bons authores? mas quaes são elles? quem nos assegura de que os não guiára a paixão? quem ha-de ser o fiador de sua impar-

cialidade? onde estão os historiadores cujos escriptos ensinem ou contenham a philosophia da historia? Batalhas, negociações, intrigas da côrte, vida e morte dos principes, mudança de dynastias ou de governos; eis o fundo commum de todas as narrações historicas. Do individuo, de suas idéas, sentimentos, necessidades, gostos, caprichos, costumes, nem palavra; nada que nos faça assistir á vida intima das familias e dos povos; nada que no estudo da historia nos faça comprehender a marcha da humanidade. Sempre na politica, isto é, na superficie; sempre no avultado e ruidoso, jámais nas entranhas da sociedade, na natureza das cousas, n'aquelles successos que por reconditos e de pouca apparencia, não deixam de ser da maior importancia.

Na actualidade conhece-se esta lacuna e trabalha-se para a preencher. Não se escreve a historia sem que se procure philosophar sobre ella. Ora isto, que em si é muito bom, tem outro inconveniente, qual é, que em vez da verdadeira philosophia da historia se nos propina não raro a philosophia do historiador. Mais vale não philosophar que philosophar mal; se para profundar a historia a transtórno, melhor fôra que me limitasse ao systema de nomes e datas.

*

II

UM MEIO DE PROGREDIR NA PHILOSOPHIA DA HISTORIA

É mister lêr os historiadores, e á mingoa dos bons, aquelles que tenhamos, não obstante seus defeitos. Mas isso não basta. Ha um methodo que mais seguramente conduz ao fim: o estudo *immediato* dos monumentos; digo immediato, porque cumpre não contentar com o que d'elles diz a tradição fallada ou escripta, mas sim com os vêr com os proprios olhos.

Dir-me-hão que tal trabalho é penosissimo; impossivel para muitos; difficil para todos. D'accordo; e todavia ouso affirmar que em muitos casos este methodo poupará muito tempo e fadiga. A vista d'um edificio, a leitura d'um documento original, um facto, uma palavra, na apparencia insignificantes, e passados despercebidos ao historiador, nos dizem mais, nos fallam com mais clareza, verdade e exactidão, que as mais longas narrações.

Um historiador quer, por exemplo, pintar a simplicidade dos costumes patriarchaes: com muita fadiga e cuidados recolhe abundantes noticias sobre os tempos mais remotos, e esgota o cabedal de sua erudição, philosophia e eloquencia para fazer comprehender o que eram aquelles tempos e aquelles homens, e me offerece o que se chama uma descripção completa. Apesar de quanto nos diz, encon-

tro outro meio mais simples, qual é assistir ás scenas onde se me apresenta em movimento e vida o que trato de conhecer. Recorro aos escriptores d'aquellas épocas, que não são muitos nem muito volumosos, e ahi encontro retratos fieis que me deleitam e instruem. A Biblia e Homero nada deixam a desejar.

III

APPLICAÇÃO D'ESTES PRINCIPIOS Á HISTORIA DO ESPIRITO HUMANO

O espirito humano tem a sua historia, assim como a tem os successos exteriores. Historia tanto mais preciosa, quanto nos deve revelar o fundo de nossa natureza e as causas que sobre ella podem obrar. Muito se tem escripto sobre as diversas escólas que pertencem ao dominio da philosophia, e sobre o caracter e tendencias do espirito humano em certas épocas. Assim não faltam os historiadores de intelligencia; porém, se quereis saber mais que algumas generalidades sempre incompletas e não raro totalmente falsas, preciso vos será applicar a regra estabelecida: lêr os authores da época que se pretende conhecer. Mas não se entenda que é preciso lêl-os todos; este methodo seria impraticavel para o geral dos leitores; uma só pagina original nos dará a conhecer mais ao vivo o espirito d'um escriptor, o espirito d'uma época, que o mais minucioso historiador.

IV

EXEMPLO TIRADO DA PHYSIONOMIA DO HOMEM

Um homem estudioso póde, sem ter visto as cousas de per si, chegar a conhecimentos historicos. Todavia vão longe d'estes conhecimentos aquelles que chamaremos *intuitivos*. *Sabe* mas não *viu*. Estará em estado de contar, mas não saberá pintar. Expliquemo-nos por meio de uma comparação. Falla-se de um personagem importante que não conhecemos; e curiosos de saber alguma cousa da figura e maneiras d'este personagem, indagamos dos que o viram. Dir-nos-hão, por exemplo, que elle é de estatura mais que regular; que tem a fronte larga e descoberta, cabellos negros cahindo com certa negligencia, olhos grandes, vista penetrante e viva, o rosto pallido e cheio de expressão; que frequentemente mostra nos labios amavel sorriso, sorriso ás vezes malicioso; que sua palavra é grave e pausada, mas que, logo que se anima, se torna rapida, incisiva, cheia de fogo. D'este modo, para nos darem uma idéa tão aproximada como possivel da realidade, fazem-nos um retrato physico e moral.

Se estas indicações são exactas, se o retrato se parece com o original, temos uma idéa da pessoa e estamos nos casos de satisfazer por nossa vez a curiosidade d'outrem. Mas será o nosso conhecimen-

to perfeito? Poderemos pelo esboço crear uma imagem exactamente semelhante á realidade? Supponhamos que effectivamente um pintor de talento se propõe reproduzir esta imagem na tela, apresentará retrato parecido?

Se nos fallam circumstanciadamente da physionomia d'uma pessoa, logo nossa imaginação cria uma figura que crêmos como copiada do modêlo. Ao apparecimento do original, vêmos tão grandes differenças, que somos forçados a retocal-a em mil traços essenciaes, ou a fazer de novo a obra de nosso pensamento. É que ha cousas de que se não póde formar idéa clara e precisa, independentemente de as vêr com os olhos, e estas cousas são mui numerosas e summamente delicadas, imperceptiveis em separado, e cujo conjunto fórma o que chamamos physionomia. Como explicareis vós a differença de duas pessoas muito parecidas? Por meio da vista, não ha outro. Não sereis capazes de dizer em que duas pessoas differem; todavia ha entre ellas não sei quê que não permitte que as confundamos; este não sei quê vê-se, não se póde definir.

Eis meu pensamento: nas obras de critica, encontramos descripções sábias, extensas, escrupulosas, mesmo exactas, do estado do espirito humano em certas épocas; e, todavia, apesar das descripções não logramos conhecer estas épocas. Se depois da leitura d'um livro d'este genero, submette-

mos á nossa apreciação fragmentos tirados de differentes authores e escriptos em épocas differentes, não saberemos classifical-os segundo suas datas, nem a que authores elles pertencem. Em vão evocamos as idéas e apreciações que a tal respeito haviamos recolhido, não ficamos menos arriscados a cahir em equivocos grosseiros e nos mais estranhos anachronismos. Quanto não seria menor a difficuldade, se tivessemos lido, se tivessemos estudado os originaes! Bem póde ser que mostrassemos menos erudição, critica menos sábia; o que ousamos affirmar no entanto é que nossos juizos lograriam ser mais nitidos e decisivos. «Os pensamentos, diriamos nós, o estylo, a linguagem, revelam-nos um escriptor de tal época. Este fragmento é apocrypho, est'outro tem o cunho d'outro tempo»; e assim os iriamos classificando com acerto, sem medo de nos enganarmos, bem que nem sempre podessemos explicar o porquê de nossos juizos áquelles que, como nós, não tivessem frequentado e visto com os proprios olhos estes illustres defuntos.

«Como é que encontramos aqui tal qualidade? e como é que não encontramos uma outra? É-nos impossivel, diriamos nós, satisfazer a todos os escrupulos; mas o que podemos affirmar é que os personagens de que se trata nos são perfeitamente conhecidos.» Como se diria: «Não me posso enganar sobre sua physionomia; vi-os muitas vezes.»

CAPITULO XXI

Religião

I

INSENSATOS RACIOCINIOS DOS INDIFFERENTES EM MATERIA DE RELIGIÃO

Não pretendo apresentar aqui um tratado completo de religião; bastará ao plano que me propuz fazer algumas reflexões tendentes a dirigir o entendimento n'esta importante materia, e espero que estas reflexões provem até á evidencia que os indifferentes ou incredulos são maus pensadores.

A vida é curta, a morte certa; d'aqui a poucos annos o homem que hoje desfruta a saude mais robusta e louçã, haverá descido ao tumulo, e saberá por experiencia o que ha de verdade nos ensinamentos da religião sobre os destinos da vida futura. Nem sua incredulidade, nem suas duvidas, nem suas invectivas e satyras, nem sua indifferença, nem seu insensato orgulho destroem a realidade das cousas. Se existe outro mundo, onde se darão premios aos bons e castigos aos maus, não dei-

xará de existir, por isso que ao homem compraz negal-o; demais esta caprichosa negativa não melhorará o destino que segundo as leis eternas me haja de caber. Quando soar a ultima hora, forçoso me será morrer e encontrar-me com o nada ou com a eternidade. Este negocio é exclusivamente meu; ninguem se porá em meu lugar na outra vida privando-me do bem ou livrando-me do mal. Estas considerações me mostram, com toda a evidencia, a maxima importancia da religião; a necessidade que tenho de saber o que n'ella ha de verdade. O homem que diz: «Não me importa saber! ou seja verdade ou mentira, não quero pensar n'isso!» não é uma creatura bem insensata?

Um viajeiro encontra em sua rota um caudaloso rio que precisa atravessar. Poderá passar a vau? Não sabe. Como elle muitos viajeiros parados na margem, ponderam a profundidade das aguas e são accordes em declarar que uma morte certa espera o imprudente que ousar atravessal-o. Que me importam essas questães? diz o insensato; e se arroja ao rio, sem olhar por onde. Eis-aqui o indifferente em materia de religião.

II

O INDIFFERENTE E O GENERO HUMANO

A religião sempre foi e ainda é a preoccupação geral da humanidade. Os legisladores fizeram d'el-

la a base de suas constituições; os sabios tomaram-na por objecto de seus estudos mais profundos; os monumentos, as leis, os escriptos dos seculos passados attestam as tendencias religiosas do espirito humano; as obras theologicas enchem as bibliothecas, e, ainda hoje em dia a imprensa não cessa de as multiplicar. Mas eis o parecer do indifferente: «Tempo perdido! diz elle, questões futeis! Para julgar que preciso eu conhecer? Estes sabios são uns insensatos, estes legisladores são uns nescios, a humanidade inteira é uma miseravel illusa, todos perdem lastimosamente o tempo em questões que nada importam.» Ó orgulhosa fraqueza! deploravel degradação do espirito humano! Parece-me vêr os sabios e legisladores de todos os tempos levantarem-se e responder: «Quem és tu para assim nos ultrajar, para desprezar os mais profundos sentimentos do coração, as mais queridas tradições da humanidade, para declarar sem importancia o que sempre foi a preoccupação da terra inteira? Quem és tu? Descobririas por ventura o segredo de vencer a morte, pó que o vento dispersará ámanhã? Sabes a sorte que te espera na região desconhecida, ou esperas poder mudal-a a teu bel-prazer? São para ti cousa indifferente o castigo ou a recompensa? E se existir esse juiz, de quem não queres occupar-te, quando te chamar perante seu tribunal responder-lhe-has que não te importas de suas determinações e existencia? Antes de soltar

essas palavras insensatas, passa uma vista sobre ti mesmo, pensa n'essa debil organisação que o mais debil accidente é capaz de transtornar, e que breve tempo basta para consummir! Assenta-te então sobre um tumulo, concentra-te e medita!

III

PASSAGEM DA INDIFFERENÇA AO EXAME

Curado o pensador da doença do indifferentismo, convencido de que a religião é o mais ponderoso interesse da vida, deverá proseguir ainda e raciocinar assim: Será provavel que todas as religiões não sejam mais que um montão de erros, e que a doutrina, que as rejeita a todas, seja a verdadeira?

Deus! eis o que todas as religiões estabelecem ou suppõem em primeiro lugar. Ha um Deus? O universo foi creado? e por quem? Levanta os olhos ao céo, distende a vista pela face da terra, estuda-te a ti mesmo, e vendo em tudo uma ordem e grandeza admiravel, dize, se assim o ousas: «O acaso é que fez o mundo, eu sou obra do acaso; a obra me espanta, porém o obreiro não existe; o edificio é admiravel, mas construiu-se a si mesmo e sem architecto. Reina a ordem sem ordenador, sem sabedoria para conceber o plano, sem poder para executal-o.» Este raciocinio que é manifestamente absurdo, ainda quando se applica ás obras mais insi-

gnificantes, será admissivel quando se trata das estupendas maravilhas do universo? Loucura nas obras do homem! Sabedoria nas grandes obras de Deus!

IV

NÃO É POSSIVEL QUE TODAS AS RELIGIÕES SEJAM VERDADEIRAS

São muitas e muito varias as religiões que dominam nos differentes pontos da terra. Será possivel que todas sejam verdadeiras? O *sim* e o *não*, com respeito a uma cousa, não podem simultaneamente ser a verdade. Os judeus ainda esperam o Messias; os christãos affirmam que veio á terra e cumpriu a missão que tinha a cumprir.

Os musulmanos proclamam Mahomet como grande propheta; os chrisãos accusam-no de impostor. Os catholicos admittem a infallibilidade das discussões da Igreja em materias de dogma e de moral; os protestantes negam esta infallibilidade. Ora a verdade não póde ser e deixar de ser ao mesmo tempo: ou uns ou outros se enganam. Pretender que todas as religiões são verdadeiras é portanto um absurdo. Ainda mais; todas as religiões se proclamam descidas do céo. A que conseguir provar esta origem essa será a verdadeira; as outras não passam de illusão e engano.

V

É IMPOSSIVEL QUE TODAS AS RELIGIÕES SEJAM IGUALMENTE AGRADAVEIS A DEUS

Será possivel, que todas as religiões, que todos os cultos sejam agradaveis a Deus? Mas a Verdade infinita não póde amar o erro; mas o mal não póde agradar á infinita Bondade. Affirmar, portanto, que todas as religiões são igualmente boas, que por meio d'um culto, qualquer que elle seja, o homem preenche seus deveres para com Deus, é blasphemar da verdade, é insultar a sabedoria e bondade do Creador.

VI

É IMPOSSIVEL QUE TODAS AS RELIGIÕES SEJAM INVENÇÃO HUMANA

«Filhas da superstição, do interesse ou do medo, todas as religiões, diz o incredulo, são invenções humanas.» E quem foi o inventor? A origem das religiões perde-se na noite dos tempos. Por toda a parte aonde chega a sociedade dos homens, ahi vêmos tambem apparecer um sacerdote, um altar, um culto. Quem foi pois este genio inventor cujo nome se apagou da memoria dos homens, e do qual as gerações, por toda a face da terra, transmittiram

as doutrinas? Se a invenção teve origem n'um povo civilisado, como é que os povos barbaros e até os selvagens a adoptaram? E, se a barbaria foi seu berço, então como entrou no coração das nações cultas? Direis: «A religião é uma necessidade, data das mais antigas sociedades.» Mas a quem foi revelada esta necessidade? Quem primeiro achou os meios de corresponder a este profundo instincto? por quem foi concebido este systema tão proprio a domar e dirigir o homem? e uma vez feito o descobrimento, quem teve em sua mão todos os entendimentos, todos os corações para lhes communicar essas idéas e sentimentos que fizeram da religião uma verdadeira necessidade, e, para assim dizer, uma segunda natureza?

As descobertas mais uteis e necessarias permanecem, por seculos, privilegio de certos povos; ainda com auxilio das relações, só se transmittem com extrema lentidão, mesmo ás nações mais visinhas; porque não se deu o mesmo com a religião? Como é que, d'esta maravilhosa invenção, todos os povos tiveram conhecimento, sem distincção de lingua, de costumes, de paiz, de clima, de civilisação ou barbaria?

Aqui não ha meio termo. Ou a religião procede d'uma revelação primitiva ou d'uma inspiração da natureza. Se ha revelação, Deus fallou ao homem; se não ha, escrevêra Deus a religião no fundo de nossa alma. Não; a religião não é invenção

humana; e, posto que, em differentes seculos, em differentes paizes, esta filha do céo tenha sido desfigurada, aviltada, desacreditada, conserva sempre alguma cousa de sua origem immortal. Nossa alma a guarda como celeste perfume. No meio das monstruosidades que nos apresenta a historia, não deixam de ser visiveis os vestigios d'uma revelação primitiva.

VII

A REVELAÇÃO É POSSIVEL

É possivel que Deus haja revelado ao homem certas verdades? Tanto vale perguntar se aquelle que nos deu o dom da palavra, o Verbo unido á intelligencia, é inferior á obra de suas mãos. Se o homem dispõe de meios de communicar aos outros seus pensamentos e affeições, tambem o Ente infinito, poderoso e sabio deve poder communicar com a sua creatura e transmittir-lhe sua vontade. Elle creou as intelligencias, e não as poderá esclarecer?

VIII

SOLUÇÃO D'UMA DIFFICULDADE CONTRA A REVELAÇÃO

Mas Deus, objectará o incredulo, é demasiado grande para se humilhar a ponto de conversar com a creatura; mas então objecte-se tambem que Deus

é demasiado grande para haver-se occupado em crear-nos. A creação nos tirou do nada; a revelação completa a obra. Terá o obreiro menos merito, por isso que aperfeiçôa a obra? Todos os nossos conhecimentos nos provéem de Deus; é d'Elle que recebemos a faculdade de conhecer, quer tenha gravado as idéas em nosso entendimento, quer tenha dado o poder de as adquirir por meios que nos são incognitos. Se Deus, sem nada perder de sua grandeza, nos póde communicar uma certa ordem de idéas, não será absurdo pretender que elle se rebaixaria, communicando-nos verdades de ordem differente por meios sobrenaturaes? Por tanto, negar esta possibilidade é negar a omnipotencia e até a existencia do mesmo Deus.

IX

CONSEQUENCIAS DOS PARAGRAPHOS PRECEDENTES

Infinitamente nos importa conhecer a verdade em materia de religião (parag. 1 e 2). Não podem ser verdadeiras todas as religiões (parag. 4). Se ha uma religião revelada, deve esta ser a verdadeira (parag. 4).

A religião não póde ser uma invenção humana (parag. 6). A revelação é possivel (parag. 7). Resta-nos saber se ella existe, e onde se deve procurar.

X

EXISTENCIA DA REVELAÇÃO

Existe a revelação? Verifiquemos primeiro que tudo um facto que, só de per si, constitue poderosa presumpção em favor da affirmativa. Todos os povos da terra teem conservado a lembrança d'uma revelação; ora a humanidade não pôde concertar-se para tramar uma impostura. Não provará este facto uma tradição primitiva, transmittida de paes a filhos, e que, posto que profundamente alterada, posto que desfigurada pelo tempo e pelas paixões, não desappareceu jámais inteiramente da memoria dos homens?

Objectar-se-ha que a imaginação póde converter em vozes o ruido do vento, em apparições mysteriosas os phenomenos da natureza; e do mesmo modo o fraco mortal se creu rodeado de sêres desconhecidos que lhe dirigiam a palavra, e lhe descobriam arcanos d'outros mundos. Não se poderá negar que é especiosa a objecção; sem embargo, não será difficil mostrar que é de todo insubsistente e futil.

É possivel que um homem na crença de que existem sêres desconhecidos que se possam pôr em relação com elle, se incline a suppôr ou a crêr que ouve sons propheticos, e que vê espectros vindos

d'outros mundos. Mas não é assim; não poderia tal acontecer ao homem que nem sequer suspeitasse a existencia de sêres d'esta especie. N'este caso d'onde procederia a illusão? Não se comprehende.

Ensina-nos a experiencia que as creações de nosso cerebro, as mais incoherentes, são formadas d'uma reunião de imagens cuja realidade existe, e com que temos sido impressionados aqui e além, em tempos diversos. Nossa imaginação sobre-excitada ou doente não faz mais que evocal-as, reunil-as, formar com ellas um todo bizarro. Os palacios encantados dos romances de cavallaria, com suas castellãs, seus anões, salões vastos, seus subterraneos, encantos e mil extravagancias devem sua existencia a esta faculdade do espirito. — Sobre um fundo verdadeiro, com auxilio de circumstancias conhecidas, abstrahidas do mundo real, o romancista architecta maravilhas. Acontece o mesmo no facto de que nos occupamos. A razão e a experiencia estão d'accordo na explicação d'este phenomeno ideologico.

Se não tiveramos idéa d'outra vida, além da presente, ou d'um mundo differente do nosso, se não conheceramos outros viventes além dos que povoam a terra, poderiamos inventar ou imaginar gigantes, anões, monstros e outras entidades phantasmagoricas, mas nunca sêres invisiveis, nunca revelações vindas d'um céo que não conheceriamos.

Este novo mundo, ideal, phantastico nem se-

quer nos occorreria, porque, para assim dizer, tal occorrencia não teria ponto de partida; além d'isso admittamos contra toda a possibilidade, que esta ordem de idéas se offerecesse a um individuo; como havia a humanidade inteira de chegar a participar d'esta descoberta? Viu-se jámais semelhante contagio intellectual e moral?

Qualquer que seja o valor d'estas reflexões, passemos aos factos, deixemos o que poderia ter sido e examinemos o que realmente foi.

XI

PROVAS HISTORICAS DA EXISTENCIA DA REVELAÇÃO

Existe uma sociedade que pretende ser a unica depositaria, a unica interprete das revelações com que o céo favoreceu a raça humana. Pretensão tão alta deve chamar a attenção do philosopho que aspire á verdade.

Que sociedade é essa? dura ha pouco tempo? Conta dezoito seculos de duração, e estes seculos não os considera senão como um periodo da sua existencia, e subindo mais acima, vai explicando sua ininterrompida genealogia e se remonta até ao principio do mundo. Que esta sociedade conta dezoito seculos de existencia, que sua historia se confunde com a d'um povo cuja origem se perde na

mais remota antiguidade, verdades são estas tão certas como a existencia das republicas de Roma e da Grecia.

Que provas apresenta ella em apoio da sua doutrina? — Está de posse do livro mais antigo que se conhece; este livro contém a mais pura moral, um admiravel systema de legislação, uma historia cheia de prodigios.

Até ao presente, ninguem tem posto em duvida o merito eminente d'este livro, o que deve espantar tanto mais, quanto elle nos foi transmittido por um povo cuja civilisação esteve longe de igualar a de muitas outras nações da antiguidade.

E não offerece a alludida sociedade outros titulos que justifiquem suas pretensões? Independentemente dos mais numerosos e imponentes testemunhos, eis um que só de per si bastaria: affirma que a transição da sociedade antiga para a moderna se effectuou do modo que annunciava o livro mysterioso; que no tempo predicto appareceu sobre a terra um Homem-Deus, que foi ao mesmo tempo o complemento da lei antiga e o author da nova lei; que a antiguidade não era mais que sombras e figuras e que este Homem-Deus foi a realidade; que fundou a sociedade que chamamos Igreja catholica, prometteu-lhe sua assistencia até á consummação dos seculos, sellou com seu sangue a doutrina que trouxe á terra, quebrou, ao terceiro dia depois de seu supplicio, as cadêas da mor-

te, enviou seu Espirito, como promettera, e que ha-de vir no fim dos seculos para julgar os vivos e mortos.

É verdade que n'este homem se cumpriram as antigas prophecias? — É innegavel. Ao lêr algumas d'ellas parece estar-se lendo as narrações evangelicas.

Este homem deu provas da sua divindade? — Attestam-na numerosos milagres; e o que elle proprio prophetisou aconteceu ou vai acontecendo com maravilhosa exactidão.

Qual foi sua vida? — Passou sobre a terra espalhando o bem a mãos largas; desprezou as riquezas e o fausto, supportou com serenidade as privações, os ultrajes, os tormentos, a morte affrontosa, em fim: tanto a sua vida, como a sua morte foram superiores á fraca humanidade.

E sua doutrina? — Jámais o espirito humano se elevára tão alto; tal é a sua moral, que os seus mais violentos inimigos se teem visto forçados a fazer-lhe justiça e a inclinar-se diante d'ella.

Que mudança operou este homem na sociedade? — Recordai-vos do que era o antigo mundo romano, e vêde o que o mundo é hoje. Comparai os povos nos quaes ainda não penetrou o christianismo, aos que, desde seculos, teem vivido debaixo da sua influencia e conservam ainda seus preceitos, bem que entre alguns se achem desfigurados.

De que meios dispoz elle? — Não tinha de seu

onde repousar a cabeça; enviou doze homens escolhidos entre a infima classe do povo, nas mais humildes condições; estes dispersaram-se aos quatro ventos da terra, e a terra ouviu sua voz e teve fé!

Esta religião passou pelo crisol das perseguições? Não soffreu contrariedades de nenhuma especie? — Ahi está o sangue de infinitos martyres, ahi os escriptos de numerosos philosophos que a examinaram, ahi os muitos monumentos que attestam as tremendas luctas que sustentou com os principes, com os sabios, com as paixões, com os interesses, com as preoccupações, com todos os elementos de resistencia que era possivel combinarem-se na terra.

De que meios se valeram os propugnadores do christianismo? — O exemplo e a predica, confirmados pelos milagres. E estes milagres não póde a critica mais escrupulosa refutal-os; e se os refutára, resultaria d'isso o maior dos milagres, — a conversão do mundo sem milagres.

O christianismo sempre contou, e ainda hoje no numero de seus filhos conta intelligencias das mais elevadas, corações dos mais nobres. A civilisação christã foi muitissimo além da civilisação dos mais celebres povos antigos. Não ha religião sobre que tanto se tenha disputado e escripto. As bibliothecas estão cheias de obras criticas, dogmaticas, philosophicas, scientificas, litterarias, obras capitaes

devidas a homens que humildemente submetteram a sua intelligencia á disciplina da fé. Não se póde accusar o christianismo de não ter florescido senão entre povos ignorantes e barbaros; possue todos os caracteres de religião verdadeira, de procedencia divina.

XII

OS DISSIDENTES E A IGREJA CATHOLICA

N'estes ultimos seculos, romperam-se entre os christãos os laços da unidade; uns permaneceram ligados á Igreja catholica; outros, repellindo certos dogmas, só conservaram do christianismo o que lhes pareceu; mas, em virtude do livre exame, estabelecido por elles como principio fundamental, principio que deixa a fé á discrição do crente, fraccionaram-se em innumeraveis seitas.

Onde estará a verdade? Os dissidentes datam de hontem; a Igreja prova a successão de seus pastores, remontando até Christo. Os primeiros variaram e variam incessantemente em seu ensino e doutrina; a Igreja catholica sempre conservou e conserva, unica, invariavel, intacta, a fé recebida dos Apostolos. D'uma parte a novidade, a mobilidade, isto é, a duvida e inquietação; d'outra parte, a unidade, a antiguidade, isto é, o repouso na fé, a consagração da razão dos seculos e do respeito dos

antepassados ás nossas crenças. Bemdito seja Deus pelo beneficio que nos fez.

Ainda mais: a Igreja catholica cnsina que só ella tem o deposito da verdade; que só ella póde conduzir o homem pelo caminho da salvação. Os dissidentes reconhecem que entre nós outros nada se crê nem pratíca que possa acarretar-nos a condemnação eterna. Uns só teem a sua opinião em favor da possibilidade de salvação na Reforma; os outros teem duas, a da propria Igreja e a dos mesmos dissidentes. Ainda quando não houvesse motivos mais poderosos, bastaria a prudencia humana para nos aconselhar a perseverança na fé de nossos paes.

Esta breve resenha nos parece conter a substancia dos raciocinios que póde fazer qualquer catholico, que, dando razão de sua fé, queira provar que seguindo os ensinamentos da Igreja não se desvia da logica e bom senso. Assignalemos no entanto certos escolhos contra os quaes frequentemente naufragam os incautos.

XIII

METHODO EMPREGADO POR ALGUNS IMPUGNADORES DA RELIGIÃO

No exame das materias religiosas seguem muitos o errado caminho de tomar como objecto de suas investigações um dogma particular, separal-o

do conjunto dogmatico a que pertence, e as difficuldades que levantam sobre uma verdade particular as crêem sufficientes para concluir a negação absoluta de todo o systema religioso. Este modo de proceder prova não menos presumpção que ignorancia.

Com effeito, não se trata de saber se a nossa intelligencia está á altura dos dogmas revelados, ou se estamos em estado de resolver todas as difficuldades que se possam levantar contra tal ou tal dogma. A propria religião nos adverte que os segredos de Deus, os mysterios, estão acima da nossa razão, que durante nossa curta passagem sobre a terra, nos devemos resignar a não vêr as verdades senão através de sombras. É por isso mesmo que de nós se exige a fé.

Dizer: não creio, porque não comprehendo, é enunciar uma contradicção. Se comprehendessemos, a fé deixaria de ser uma virtude ou qualquer outra cousa. Fazer arma contra a religião da incomprehensibilidade de seus dogmas, e voltar contra ella uma verdade que ella reconhece, que aceita, verdade sobre a qual, digamos assim, assenta o edificio inteiro, offerece por ventura garantias de veracidade? Está ao abrigo de erro em seus ensinos? Eis o que se deve examinar. Estabelecei a infallibilidade da religião, e todas as difficuldades se esvaem. Não conseguirá dar um passo quem se não apoiar sobre este principio. Um viajeiro digno

de fé conta-nos cousas que não comprehendemos; devemos por isso negar-lhe confiança? Não, sem duvida. Pois assim deve ser a respeito da Igreja. Sabemos que não póde enganar-nos, que importa que seus ensinos sejam superiores á nossa razão? Basta que taes ensinos não repugnem ou não sejam contrarios á razão.

Se a impotencia do nosso espirito em resolver certas difficuldades fosse sufficiente para justificar a duvida, em que poderiamos nós crêr? Onde estaria a verdade? É sabido quanto é difficil desembaraçar dos laços d'um habil sophista. A seu belprazer poderiam pois certos espiritos semear a incerteza e a duvida! A Providencia ter-lhes-hia outorgado como mero joguete a consciencia e fé do resto dos homens!...

Nas sciencias, nas artes, até nas cousas mais simples da vida, a cada passo topamos com o incomprehensivel. Duvidamos por isso? Não comprehendemos tal phenomeno, mas testemunhas fidedignas attestam sua existencia; curvamos a cabeça lembrados dos estreitos limites do nosso entendimento.

Nada mais trivial do que ouvir-se estas palavras: — O que conta este homem é impossivel; mas é veridico: elle sabe o que diz; não acreditaria se outro o dissesse; mas como elle o affirma, a cousa é verdade. Ora o que dizemos d'um homem hesitaremos em o dizer da Igreja?

XIV

A MAIS ALTA PHILOSOPHIA D'ACCORDO COM A FÉ

Imaginam alguns passar por grandes pensadores quando recusam crêr o que não comprehendem. Estes justificam o famoso dito de Bacon : — pouca philosophia aparta da religião, muita philosophia conduz a ella.

Na verdade, se houvessem penetrado nas profundezas da sciencia, veriam que no fundo de todas as cousas está o mysterio ; que a natureza nos occulta o maior numero de seus segredos, que os sêres, apparentemente os mais faceis de comprehender, nos escapam em sua essencia e em seus principios constitutivos. Ignoramos o que é o universo, esta immensidade que assombra nossa intelligencia ; ignoramos o que é o nosso corpo, o que é o espirito que o anima ; somos um enigma para nós mesmos. Saberiam que a sciencia, apesar de todos os seus esforços, não logrou, até hoje, penetrar os phenomenos que constituem e nos fazem sentir a vida. Reconheceriam que o mais precioso fructo de nossas indagações, meditações e trabalhos de toda a sorte, é a profunda convicção de nossa fraqueza e ignorancia ; que, moderar o desejo de saber e conhecer, não ter em muito as forças e luzes de nosso espirito, é tão conforme ás lições da sã philosophia

como ás da fé! Saberiam, finalmente, que o ensino religioso nos eleva desde a infancia aonde nunca chegariam os esforços da sabedoria humana.

XV

O QUE ABANDONA A RELIGIÃO CATHOLICA NÃO SABE ONDE REFUGIAR-SE

Temos seguido o caminho que conduz á religião catholica; vejamos ainda o que fóra d'este caminho se encontra. Abandonando a fé da Igreja, onde nos refugiaremos? Para qual das numerosas seitas dissidentes? Que razões se nos offerecem para preferirmos uma ás outras? Decidiremos ás cegas? Seria testemunhar igual desprezo a todas. Recorrer ao philosophismo? Mas que é o philosophismo? Duvidas, negações, trevas, desespero. Buscaremos um symbolo fóra do dogma christão? Mas qual? a menos que o islamismo ou a idolatria não seduzam nossa razão.

Portanto, abandonar o catholicismo é abjurar implicitamente toda a crença dogmatica; é deixar que corram os annos, que nossa vida chegue ao termo fatal, sem guia para o presente, sem luz para o porvir; é tapar os olhos, abaixar a cabeça e arrojar-se a um abysmo sem fundo.

Todas as garantias de verdade que a razão póde offerecer á fé; todas as garantias de verdade

que as necessidades do coração, os instinctos religiosos, as necessidades individuaes e sociaes podem dar á razão, nós as achamos no catholicismo; a lei que nos impõe é suave, justa, recta, e ao mesmo tempo bemfazeja. O que a cumpre torna-se semelhante aos anjos. Aproxima-se da belleza ideal, realisa em si a mais alta poesia que a humanidade possa sonhar. Esta lei consola-nos no infortunio, cerra nossos olhos em paz; apresenta-se-nos tanto mais indubitavel, tanto mais radiante de verdade, quanto nos aproximamos da hora extrema. Em sua bondade, quiz a Providencia collocar á borda do tumulo aquellas santas inspirações como arautos que nos avisam de que vamos pisar os umbraes da eternidade!...

CAPITULO XXII

Do ensino pratico

I

CLASSIFICAÇÃO DOS ACTOS

Os actos praticos do entendimento são aquelles em virtude dos quaes nós obramos. D'ahi duas questões: Que fim nos propomos na acção? Quaes os melhores meios para conseguir esse fim?

Nossas acções podem exercer-se, ou sobre os objectos da natureza submettidos á lei da necessidade, e aqui se comprehendem todas as artes; ou sobre a natureza moral e o que pertence ao livre arbitrio, e isto comprehende as regras de conducta relativamente a nós mesmos e aos demais, abraçando a moral, a urbanidade, a administração domestica e a politica.

As regras dadas sobre a arte de pensar, em geral, me dispensam de tratar em particular cada

um d'estes differentes assumptos. Com effeito, quem estiver bem compenetrado d'estas regras, deve saber, antes de praticar a acção, qual o fim que se propõe, e qual os melhores meios de o realisar. Todavia, sem sahir dos limites postos á natureza d'esta obra, ajuntaremos algumas reflexões que talvez não sejam inuteis.

II

NEM SEMPRE É FACIL PROPOR-SE O FIM DESEJADO

Não fallo aqui do fim ultimo, da felicidade da outra vida; á religião pertence conduzir-nos a elle. Só trato dos fins secundarios, como, por exemplo: alcançar conveniente posição na sociedade, levar a bom termo um negocio qualquer, sahir airosamente d'uma situação difficil, grangear a amizade de uma pessoa, organisar um systema politico, administrativo ou domestico, destruir costumes prejudiciaes e outras cousas d'este genero.

Á primeira vista, parece que todos os actos suppõem, no pensamento do agente dotado de razão que o produz, um fim determinado; porém a observação nos ensina que são raros, muito raros os homens, ainda os mais activos e energicos que não confiem ao acaso uma parte de sua fortuna e de si mesmos.

Succede mil vezes que aos homens chegados ao

fastigio do poder e da gloria attribuimos planos premeditados em todas as cousas, projectos vastos e profundos, maravilhosa previsão dos obstaculos removidos, apreciação cheia de sabedoria nos meios de que dispõe; e como nos enganamos! Em todas as condições, em todas as circumstancias da vida, não importa o brilho ou humildade; o homem permanece o que é, cousa muito pequena, muito limitada; não conhecendo nem a si proprio, não tendo jámais idéa verdadeira do que vale, exagerando ora sua força, ora sua fraqueza, não sabendo aonde vai nem aonde deve ir, vivendo na duvida e na incerteza. Ignora muitas vezes os seus interesses mais caros, e a duvida sobre o que por ventura possa valer augmenta com a duvida do que deva desejar.

III

EXAME DO PROVERBIO: « CADA QUAL É FILHO DE SUAS OBRAS »

É falso que o interesse particular seja um guia infallivel, e que sempre preserve do erro o que segue suas inspirações. N'isto, como em muitas outras cousas, caminhamos nas trevas. Pois não trabalhamos ás vezes para a propria desgraça? Triste experiencia que deveria dissipar nossas illusões!

No entanto o proverbio é verdadeiro: — feliz ou desgraçado, o homem é filho de suas obras.

No mundo moral, como no physico, o acaso

não é mais do que uma palavra. Verdade é que o fluxo e refluxo das cousas humanas desconcertam algumas vezes os planos mais bem concertados, arrebatando-nos os fructos das mais engenhosas combinações, dos trabalhos mais merecedores, ao passo que favorecem outros planos, outras combinações, outros trabalhos sem valor; mas isso não é tão commum como vulgarmente se diz e crê. O trato da sociedade, acompanhado da conveniente observação rectifica muitos juizos que se haviam formado ligeiramente sobre as causas da boa ou má fortuna que cabe a differentes pessoas.

Não ha desgraçado que se não julgue victima dos homens ou da sorte. No entanto, estudando a fundo o caracter, os costumes, o juizo, a conducta do maior numero; seus habitos, suas conversações, suas relações de familia ou d'amizade, não será raro que descubramos muitas, senão todas as causas que contribuem para o infortunio.

Só sabemos vêr o acontecimento que decide da sorte da pessoa, sem reflectir que este ultimo facto estava preparado por muitos outros anteriores, ou que deve sua influencia decisiva e funesta á posição particular em que o infeliz se havia collocado pela serie de seus erros passados, seus defeitos ou faltas.

Rarissimas vezes a boa ou má fortuna tem só uma causa. Em geral complicam-se com uma infi-

nidade de causas mui diversas. Mas como não podemos seguir o fio dos successos através das fórmas moveis e multiplas da vida, consignamos como facto unico, principal ou dominante, o que apenas é occasião, a gotta d'agua em um vaso cheio.

IV

O HOMEM ABORRECIDO

Vêdes este homem de quem os amigos d'outr'ora se desviam, ou o tratam com indifferença; que os parentes aborrecem; que não encontra na sociedade quem se interesse por elle, cujo nome desperta animadversão geral? a explicação que dá do seu isolamento é — a injustiça dos homens; é a inveja que não póde soffrer o brilho do merito, é o egoismo universal que sacrifica a si a familia, a amizade, o reconhecimento. Accusa o genero humano de se haver conspirado contra elle, de se obstinar em reconhecer seu merito, suas virtudes, a elevação de seu coração e espirito. O que ha de verdade n'esta apologia, se verá talvez da mesma apologia. Não será difficil notar ahi a vaidade insoffrida, o caracter aspero, a petulancia, a maledicencia que terão attrahido o odio d'uns, o desvio dos outros, em fim o isolamento de que injustamente este homem se queixa.

V

O HOMEM ARRUINADO

Queixa-se est'outro, — que a sua excessiva bondade, a infidelidade d'um amigo, desgraças imprevistas arruinaram sua fortuna, mallogrando as mais prudentes e seguras combinações.

A bondade do coração, a infidelidade d'um amigo, as suas desgraças, tudo o que avança é verdade. Mas não está ahi a causa de sua desgraça; procure-se em suas concepções superficiaes e rapidas, na nobreza de seus juizos, em seu ardor em formar projectos, em sua precipitação e temeridade. Assás numerosas são estas causas, para que seja superfluo fazer intervir as boas qualidades. A ruina d'este homem, longe de ser um capricho do acaso, é a consequencia ultima d'uma serie de desatinos que ha muito tempo a preparavam. Podéra facilmente evitar a desgraça, se tivesse prevenido a infidelidade do amigo, posto ao abrigo das tristes circumstancias d'esta infidelidade, se tivesse sido mais discreto, se menos imprudentemente tivesse prestado sua confiança, se tivesse velado sobre si mesmo, se tivesse tido mais cuidado, mais vigilancia em seus negocios.

VI

O HOMEM INSTRUIDO INSOLUVEL E O RUSTICO RICO

Intelligencia, espirito, saber, tudo tem por sua parte. Como é então que não só não tem augmentado os seus haveres, mas até se tem deitado a perder; ao passo que o visinho, homem grosseiro e desprovido de toda a cultura, tem centuplicado a sua fortuna? Acaso, fatalidade, má estrella! Assim dizem, sem reflectir que se confundem deploravelmente as idéas mais oppostas; que se associam uns aos outros, que se faz depender uns dos outros factos que nenhuma relação teem entre si.

Na verdade o primeiro é homem de espirito, cheio de instrucção, homem de representação na sociedade: o outro completamente ignorante. Mas o que se trata não é de obras d'arte, é de negocios; de compras e vendas e não de obras litterarias. Convenho em que o primeiro dispõe de mais facil locução, idéas mais variadas, observações mais picantes, replicas mais promptas e incisivas; porém nenhuma relação existe entre esta ordem de cousas e aquillo de que tratamos, a habilidade em negocios. Passemos d'um facto particular a factos inteiramente differentes.

Observai com attenção estes dous homens, e fico certo que não tardareis a reconhecer que tanto

a prosperidade d'um como a ruina do outro teem causas muito naturaes.

Um, concordo n'isso, falla, escreve, fórma projectos, calcula com extrema facilidade; aprecia tudo, responde a tudo; vantagens, inconvenientes, alternativas prosperas e adversas, tudo viu, tudo disse, tudo previu: a materia está esgotada.

O outro tem a palavra, o juizo, a penetração menos rapidos; mas, em compensação, vê mais claro, mais profundamente, com mais justeza e segurança. Não sabe oppôr calculos a calculos, raciocinios a raciocinios; mas o tacto, o discernimento, desenvolvidos n'elle pela observação, pela experiencia, como que o advertem de modo infallivel. Todas as suas faculdades se resumem n'uma só, o bom senso. Não importa que a vista d'este homem abrace menor horisonte, uma vez que veja melhor o que deve vêr. Que importa carecer d'essa facilidade em pensar e fallar, qualidades tão a proposito para brilhar, quanto inuteis e inconducentes para o objecto de que se trata?

VII

OBSERVAÇÕES. O ESPIRITO DE SOPHISMA E O BOM SENSO

A vivacidade não é penetração; a abundancia de idéas nem sempre suppõe clareza nas mesmas idéas, e a exactidão do espirito; é com razão suspeito o juizo muito rapido; o sophisma occulta-se

muitas vezes em seus raciocinios onde a subtileza derrota a razão e toma insensivelmente seu lugar.

Distinguir e assignalar o sophisma envolto nos encantos da palavra ou do estylo constitue um trabalho cheio de difficuldades. Infinitos são os recursos do espirito; homens ha que possuem qualidades tão attractivas, sabem apresentar os objectos com tanta arte, que o bom senso, o saber, o juizo mais seguro, reduzidos ao silencio, vêem-se algumas vezes forçados a appellarem para o tempo, para a experiencia, para ensejo opportuno, a fim de darem a razão de seus sophismas.

Effectivamente, ha cousas que melhor se sentem do que se comprehendem, vêem-se e não se provam. Ha circumstancias minuciosas, relações cheias de delicadeza, que não se podem demonstrar, que permanecem para sempre occultas, se á primeira vista se não comprehendem. Ha pontos de vista tão fugazes, que em vão se buscam por quem não logrou collocar-se n'elles em momento opportuno.

VIII

SÓ A PRATICA REVELA CERTOS PHENOMENOS INTELLECTUAES

Revelam-se no exercicio da intelligencia, ou mesmo em qualquer das outras faculdades da alma, phenomenos que as palavras não podem exprimir. Para comprehender a quem d'elles falla, é mister

havel-os experimentado em si mesmo. Tentar tornar-se intelligivel a quem de modo algum os não haja sentido, é tentar dar ao cego de nascimento idéa das côres.

Estes phenomenos particulares, estes matizes, se assim me posso exprimir, abundam em todos os actos praticos do espirito. Não deve pois abandonar-se o espirito a vãs abstracções, nem formar systemas phantasticos, puramente convencionaes; precisa de tomar as cousas, não como as imagina ou deseja, senão como ellas são; do contrario, ao passar da idéa para os objectos, encontrar-se-ha em desaccordo com a realidade, e verá desconcertados todos os seus planos.

Observemos ainda que na pratica, e mórmente no que toca ás relações que os homens teem entre si, a influencia do entendimento não é isolada, e que as outras faculdades se desenvolvem simultaneamente com esta faculdade. Não ha sómente communicação de intelligencia com intelligencia, mas de coração com coração. Além da influencia reciproca das idéas, ha a influencia não menos viva dos sentimentos.

IX

OS ABSURDOS

Não esqueçamos, e esta observação nos será utilissima na pratica da vida, que ha homens mal do-

tados, a quem faltam certas faculdades do espirito e do coração. São, relativamente aos que possuem estas faculdades, o que é o infeliz privado d'um ou muitos orgãos para o homem bem constituido.

Quem não tem sorrido alguma vez dos esforços tentados pelos espiritos de boa fé sobre certas intelligencias refractarias? Um homem enuncia a sangue frio um absurdo; trava-se discussão e vós esforçaes-vos por provar, a quem vos não póde comprehender, uma verdade incontestavel. Trabalho inutil. É a intelligencia que falta a vosso adversario? Não, falta-lhe o senso commum. Suas disposições naturaes, seus habitos fizeram o que elle é; vereis que um espirito capaz de admittir e sustentar um absurdo não estará em estado de se compenetrar da força dos argumentos dirigidos contra este absurdo.

X

ESPIRITOS FALSOS

Ha homens, cujo espirito é naturalmente defeituoso (pelo menos parece-o), porque nada vêem sob verdadeira luz. Será isto loucura? ausencia completa de juizo? Não. Estereis por excesso de abundancia, caracterisa-os insupportavel loquacidade; ligam e desligam, com desesperada facilidade, argumentos sem valor; pronunciam ousadamente sobre todas as cousas, e quasi sempre falsamente. Se

por acaso encontram o bom caminho, passam sem se deterem; o sophisma os arrasta. Uma ou outra vez succede entrevêr-se em seus raciocinios seductoras perspectivas, miragens que enganam a elles proprios, porque as tomam por realidades solidamente estabelecidas. O segredo de seus erros, eil-o: avançam como incontestavel um facto duvidoso, inexacto ou completâmente erroneo; estabelecem como principio de eterna verdade uma supposição gratuita; tomam a hypothese como realidade. Impetuosos, precipitados, não fazendo caso das observações dos que os ouvem, sem outro guia que a propria falsada razão, levados pelo prurido de discorrer e fallar, arrastados, por assim dizer, na turva corrente de suas proprias palavras e idéas, esquecem-se completamente do seu ponto de partida, não notando que tudo quanto edificam é puramente phantastico, por carecer de cimento.

XI

SUA INCAPACIDADE PARA OS NEGOCIOS

Desgraçados dos negocios em que entram estes homens, e desgraçados tambem d'elles se se abandonam á sua propria direcção! As qualidades essenciaes para o entendimento pratico são a madureza de juizo, o bom senso, o tacto; e estas qualidades lhes faltam. Para chegar á verdade é preciso passar das idéas ás cousas, e elles esquecem ge-

ralmente as cousas para não se occuparem senão das idéas. Na pratica da vida importa raciocinar, não sobre o que as cousas deveriam ou poderiam ser, mas sim sobre o que são, e elles não se occupam do que as cousas são, mas do que poderiam ou deveriam ser. O que um espirito recto vê claramente, não logra de modo algum percebel-o um espirito falso. Factos, fóra de toda a duvida para um, parecem muito contestaveis para outro. O primeiro expõe uma questão muito simples, e naturalmente o segundo encara-a logo debaixo d'um outro aspecto. Um d'estes homens, como affectado de estrabismo intellectual, desconcerta e confunde o que vê os objectos em sua verdadeira direcção.

XII

ESTE DEFEITO INTELLECTUAL NASCE ORDINARIAMENTE D'UMA CAUSA MORAL

Se buscarmos o porquê d'esta aberração, achal-a-hemos muitas, muitissimas vezes, antes no coração que no cerebro. A vaidade é o vicio dominante que mais afflige os espiritos d'esta ordem. Um mal entendido amor-proprio os leva a singularisarem-se em todas as cousas; e não querendo pensar nem fallar como o resto dos homens, insensivelmente chegam a pôr-se em lucta com o senso commum.

A mesma constancia de sua opposição prova que, só entregues á sua razão, contrariam mais fre-

quentemente a verdade; prova que suas extravagancias são menos erros do juizo que ridiculo desejo de se singularisarem, convertido em habito. Se este defeito fosse só do juizo, não tomariam elles a contradictoria em todas as questões. Cousa notavel! Um meio seguro de os trazer á verdade, é sustentar o erro em sua presença.

Convenho em que o mais das vezes os homens d'este caracter não se dêem conta de seu modo de ser; que não tenham consciencia bastante clara d'esta inspiração da vaidade que os subjuga e dirige; mas nem por isso ella deixa de existir. Se dão por tal vicio, natural é que o mal não fique sem remedio, principalmente se a idade, a posição social, a lisonja ainda não teem pervertido sua razão. Muitas vezes amargos desgostos, crueis humilhações resultam do abuso que tem feito de seu espirito. Abatidos pela adversidade, instruidos pela experiencia e pela dôr, costumam ter intervallos lucidos de que póde aproveitar-se um amigo sincero, para fazer-lhes ouvir os conselhos d'uma razão judiciosa.

Mas quando a realidade ainda não tem conseguido desenganar seu amor-proprio; quando, no accesso da paixão, estes homens se entregam á vaidade de seus projectos, de suas paixões e de suas phantasias, não lhe resistaes: isso seria inutil; guardai silencio, e, com os braços inclinados e a fronte abaixada, esperai com impassibilidade estoica que

passe a avalanche. Esta frieza produzirá talvez salutares effeitos; o silencio remove todo o motivo de disputa; ninguem faz objecção, quando não tem adversario. Não é raro vêr estes intrataveis altercadores, reduzidos a sangue frio pelo silencio, entrarem em si mesmos destituidos de sua vivacidade. Espiritos ardentes, inquietos, vivendo da contradicção, precisando de a ensaiar a seu turno, desgostam-se logo que não ha occasião de lucta; mórmente se chegam a comprehender que longe de terem em sua presença um adversario resolvido, sempre prestes a combater, só tem perante si uma victima involuntaria, immolando-se quotidiamente a seu triste defeito.

XIII

A HUMILDADE CHRISTÃ EM SUAS RELAÇÕES COM OS NEGOCIOS MUNDANOS

A humildade christã, essa virtude que nos faz conhecer o limite de nossas forças, que nos revela os proprios defeitos, que não permitte exagerar nosso merito, nem exalçar-nos acima dos demais, que não consente que a ninguem depreciemos, que nos inclina a aproveitar os conselhos de todos, ainda os inferiores, que nos faz vêr como frivolidades indignas d'um espirito serio o andar á busca de applausos, o saborear o fumo da lisonja; que

jámais nos deixa crêr que havemos chegado ao cume da perfeição em nenhum sentido, nem cegar-nos até ao ponto de não vêrmos o muito que nos resta adiantar, e a vantagem que nos levam os outros; essa virtude, que bem entendida é a verdade, porém a verdade applicada ao conhecimento do que somos, de nossas relações para com Deus e para com os homens; a verdade guiando nossa conducta para que nos não extraviem as exagerações do amor-proprio; essa virtude, repito, é de summa utilidade em tudo quanto diz respeito á pratica, ainda nas cousas puramente mundanas.

Sim, a humildade christã, em troca de alguns sacrificios, produz grandes vantagens, ainda nos assumptos mais distantes da devoção. O soberbo compra mui caro a propria satisfação; e não adverte que a victima que immola a esse idolo levantado em seu coração, são ás vezes seus mais caros interesses, sua reputação, talvez sua gloria que com tão inquieto ardor proseguia.

XIV

PERIGOS DA VAIDADE E DO ORGULHO

Quantas reputações menoscabadas ou perdidas pela miseravel vaidade! Quão promptamente se dissipa a emoção respeitosa que nos inspira um grande nome, se no individuo que d'elle goza en-

contramos um homem que só falla de si, que tudo refere a si! A ser modesto tel-o-hiamos admirado; porém o proprio orgulho o perde, provoca a satyra. A affectação de superioridade, ainda quando legitima, tem alguma cousa de irritante e ridiculo ao mesmo tempo; a loucura é filha do orgulho. O orgulhoso aventura-se a empresas desastrosas; desacredita-se e perde-se porque não tem confiança senão nos proprios pensamentos. Que lhe importam as reflexões, o saber, os ensinamentos d'outrem? Se por ventura se digna escutar um conselho, teme rebaixar-se em o seguir; o falso deus não desce ás regiões onde vegetam os humildes mortaes.

Vêde! sua fronte altiva parece ameaçar o céo, sua vista imperiosa exige o respeito; nos labios respira o desdem; em toda a sua physionomia se pinta um contentamento supremo, confiança absoluta; seus gestos affectados, compassados, revelam o homem cheio de si mesmo, e que quer sustentar a propria superioridade com ciosa e respeitosa veneração. Se toma a palavra, exige que vos caleis! se tentaes responder-lhe, elle vos interrompe e prosegue. Se insistis pela vossa vez, o mesmo desdem; mas d'esta vez acompanhado d'uma vista imperial que impõe a attenção. Cala-se, finalmente, cançado e esgotado; se quereis aproveitar o ensejo, ha muito tempo esperado, de expôr vossa opinião, vãos esforços! o semi-deus não vos escuta, está distrahido; dirige-se a outros; a menos que, absorvido em pro-

funda meditação, sobrancelhas carregadas e os labios entre-abertos, o oraculo não se prepare para desenrolar de novo as solemnes maravilhas da sua eloquencia.

Como não cahiria em grandes erros um homem tão profundamente enfatuado com seu merito? Mas note-se; ha orgulhosos d'esta laia, bem que nem sempre o orgulho assuma estas deploraveis proporções. Desgraçado d'aquelle que desde os primeiros annos se não acostuma a repellir a lisonja e a avaliar quanto vale o louvor; que não sabe entrar em si mesmo e estar precavido contra os perfidos conselhos do amor-proprio! Quando chega para elle a idade da acção e independencia, quando se acha feita sua reputação benemerita ou demerita, quando chega a ter inferiores, e os amigos se tornam menos independentes e sinceros, os lisonjeadores mais numerosos; abandonado á vaidade que deixou germinar em seu coração, deixa-se ir cegamente por onde o levam suas inspirações, embrenha-se cada vez mais em seu isolamento, na confiança absoluta de si proprio e em suas luzes: já não é o amor-proprio o de que está possuido, é de idolatria.

XV

O ORGULHO

A vangloria nem sempre se revela sob os mesmos aspectos. Nos homens de tempera forte e in-

telligencia elevada, este sentimento torna-se orgulho; permanece vaidade nos espiritos e caracteres mediocres. O objecto é o mesmo; os meios são differentes. O orgulho é uma especie de hypocrisia da virtude; a vaidade tem a franqueza de sua fraqueza. O orgulhoso repelle o louvor com medo de prejudicar pelo ridiculo o seu renome. Com grande verdade se tem dito do orgulhoso que é muito altivo para ser vão. No fundo, não deixa de experimentar pelo louvor grande attracção; porém conhece que o louvor deixa de ser honroso a quem por elle se deixa embriagar. Assim jámais vos metterá o thuribulo na mão, antes saberá exigir que lh'o tenham a distancia.

O deus permitte que se lhe erijam templos magnificos; ama o culto esplendido, mas quer ficar occulto nas mysteriosas profundezas do santuario.

Esta paixão, mais culpavel aos olhos de Deus do que a propria vaidade, está todavia menos exposta ao ridiculo. Sómente digo *menos exposta,* porque é bem difficil que o orgulho se apodere d'um coração sem degenerar em vaidade; não póde a ficção prolongar-se indefinidamente. Estimar os louvores e testemunhar que se desprezam, ter como objecto principal os gozos da gloria e fingir sentimentos inteiramente differentes: tal dissimulação está acima das forças humanas. Cedo ou tarde se rasga em fim o véo e se deixa vêr a verdade em toda a sua vergonhosa nudez.

O orgulhoso não póde pois confundir-se com o homem vão. Inspira-nos um sentimento ainda mais desfavoravel: como o homem vão provoca a zombaria, e tambem a indignação.

XVI

A VAIDADE

A vaidade não irrita, desperta compaixão, e fornece o pabulo á satyra. Longe de desprezar os outros homens, o vaidoso os respeita, admira-os talvez e aceita suas opiniões. Mas é devorado pela sêde de louvores.

Estes louvores, precisa elle ouvil-os sem intermediario; precisa saber que é elle, exactamente elle, o elogiado; comprazer-se longamente n'este supremo gozo, mostrar-se reconhecido ás almas benevolas que assim lisonjeam sua fraqueza; exprimir-lhe com innocente sorriso sua intima alegria, sua felicidade, sua profunda gratidão. Praticou uma acção boa? por piedade, fallai!... que elle saiba que vos é conhecida e que admiraes essa acção; não o façaes consumir-se; não vêdes que morre por fazer cahir a conversação sobre o assumpto amado? Cruel! não quereis comprehender que o bom do homem vos põe em caminho; que o obrigaes, com vossas distracções, a tornar-se mais explicito, a vos supplicar, emfim!...

Approvasteis o que elle diz, escreve ou faz: que

alegria! Mas notai que tudo elle deve á inspiração, á fecundidade de sua veia, que não houve preparação! Não notaes tantas bellezas, tantos traços felizes? Por piedade, não aparteis a vista de tantas maravilhas; não falleis d'outra cousa; deixai-o gozar a sua felicidade! elle não é altivo, nem desdenhoso, nem mesmo exclusivo. Não se irrita com os outros serem elogiados, com tanto que elle tenha a sua parte.

Com que ingenua complacencia conta seus trabalhos, suas aventuras! sua vida é uma verdadeira epopêa. Os factos mais insignificantes tornam-se episodios do maior interesse; as vulgaridades, rasgos de genio; as soluções mais naturaes, o resultado de combinações profundas. Tudo refere a si, a historia de seu paiz e de seu tempo é um grande drama de que elle é o heroe; só lhe agrada aquillo em que entra o seu nome.

XVII

NOS NEGOCIOS É MAIS FUNESTA A INFLUENCIA DO ORGULHO DO QUE A DA VAIDADE

Este defeito não tem, na pratica, os mesmos inconvenientes, ainda que é mais ridiculo. Como é antes uma inclinação para o louvor do que paixão de superioridade, não exerce sobre o entendimento tão malefica influencia. É o cunho dos caracteres fracos, como o prova a facilidade com que o

homem vão se deixa ir á sua inclinação. Longe de repellir os conselhos como o orgulhoso, busca-os algumas vezes: um, nada quer dever senão a si proprio e despreza toda a honra partilhada; o outro aceita de todas as mãos, e respiga de boa mente no sulco alheio. Algumas lisonjarias colhidas depois d'um successo, um perfume de louvores, qualquer que seja, eis o bastante para o vanglorioso.

XVIII

COMPARAÇÃO DO ORGULHO COM A VAIDADE

O orgulho encerra mais malicia, a vaidade mais fraqueza; um concentra as faculdades da alma, a outra as dissipa; o orgulho póde inspirar grandes crimes, a vaidade suggere ridiculas pequenezas; o orgulho é acompanhado d'um sentimento energico de independencia e superioridade, a vaidade allia-se com a desconfiança de si, e até com a submissão; o orgulho torna inflexiveis as molas da alma, a vaidade as relaxa; o orgulho é violento, a vaidade é carinhosa; o orgulho busca gloria, mas com certa dignidade, com lentidão, com imperio: não se degrada; a vaidade a busca tambem, mas com abandono, com molleza, com certa languidez; a vaidade é, se assim me posso expressar, a effeminação do orgulho; assim é mórmente particular ás mulheres. A infancia tem mais vaidade que orgu-

lho; o orgulho é, por excellencia, o defeito viril, o defeito da idade madura.

Bem que theoricamente estes dous vicios se distinguem pelos caracteres que acabamos de assignalar, não se deve crêr, todavia, que na pratica se encontrem com signaes tão caracteristicos.

Commummente manifestam-se no coração humano misturados, confundidos, tendo cada qual não só suas épocas, senão seus dias, suas horas, seus momentos. Dir-se-hiam duas côres apenas distinctas; sómente por certos matizes, certas irregularidades, reflexos particulares, as distinguem os olhos exercitados.

Em summa, o orgulho e a vaidade não são senão uma e a mesma cousa: a fórma, a apparencia mudam segundo os irradiamentos da claridade, os reflexos da luz; no fundo, ambos são a exageração do amor-proprio, o culto de si mesmo. O idolo ou se cobre com um véo, ou se apresenta á adoração com rosto affavel e risonho, mas é o mesmo idolo, o homem! o homem que, n'um altar que levanta em seu coração, se queima o incenso dos louvores, e quereria vêr a seus pés o resto dos mortaes.

XIX

DE QUANTO ESTA PAIXÃO É GERAL

Podemol-o affirmar, o orgulho é a mais geral de todas as paixões. Á parte algumas almas privi-

legiadas, submersas nos ardores do amor divino, não ha excepção. O orgulho cega tanto o ignorante como o sabio, tanto o pobre como o rico, tanto o fraco como o forte, tanto o joven como o velho. Tudo verga sob o peso de sua lei. Domina o libertino e perturba o coração do homem austero; domina no grande mundo, e penetra nos mais humildes e retirados claustros; resplende na physionomia da mulher altiva que reina nos salões por nascimento, belleza e talentos, e se deixa perceber na palavra timida ou sob o véo da reclusa, que, sahida d'uma familia obscura, se internou em uma casa de paz, e ahi, ignorada dos homens, só espera as sombras d'um tumulo humilde.

Ha corações castos, corações isentos de cubiça, de inveja, de odio, de vingança; mas não ha coração inteiramente livre d'esta exageração d'amor proprio que, segundo a fórma que reveste, se appellida orgulho ou vaidade! O sabio compraz-se em sua sciencia; o ignorante saborêa a propria parvoice; o homem corajoso gosta de contar suas proezas, o homem do mundo suas aventuras, o aváro sua economia, o prodigo sua generosidade, o leviano sua vivacidade, o espirito tardio o seu peso; o libertino alardêa suas desordens; o homem austero deleita-se na idéa de que o seu semblante mostre aos homens a mortificação e o jejum.

É universal esta paixão; é a mais insaciavel

das paixões quando se lhe largam as redeas, a mais insidiosa ou a mais habil em se subtrahir ao jugo. Se pela elevação, pela maturidade de espirito, pela energia de caracter, o homem chega a senhorear-se d'ella, logo o orgulho volta suas nobres qualidades contra si mesmas: impelle o coração victorioso a se comprazer na contemplação das proprias virtudes. Ainda quando resistis ao orgulho com as unicas armas verdadeiramente poderosas, a abnegação christã, elle se não confessa vencido: temei suas traições, suas emboscadas. Até na humildade elle se occulta; o reptil arrancado de vosso seio se arrasta e rola ainda a vossos pés: esmagaes-lhe a cabeça e elle vos morde o calcanhar.

XX

NECESSIDADE DE LUCTA CONTINUA

Visto que o orgulho é uma das imperfeições da nossa humanidade; visto que devemos viver com este inimigo em lucta sem treguas, não o percamos jámais de vista; encerremol-o no mais estreito circulo; levantemos incessantemente contra elle novas barreiras. Se o mal é incuravel, saibamos pelo menos deter seus progressos e collocar-nos ao abrigo da ultima desgraça. Senhor do orgulho, o homem é senhor de si mesmo; seu juizo se amadurece e se aperfeiçôa; faz progressos mais rapidos no co-

nhecimento das cousas e dos homens; a mesma gloria, gloria tanto mais meritoria quanto menos elle a procura, torna-se muitas vezes o fructo d'esta conquista.

XXI

O ORGULHO NÃO É O UNICO DEFEITO QUE NOS INDUZ A ERRO AO PROPOR-NOS UM FIM

A fim de nos não enganarmos na escolha do fim a que devemos tender, para que nos proponhamos um fim realisavel, é mister antes de tudo conhecermo-nos a nós mesmos. Já o dissemos: a maior parte dos homens caminham á ventura, ou porque não fixam a seus esforços um fim determinado, ou porque o que se propõem não está em relação com seus meios. Tanto na vida particular como na publica não é facil conhecer bem o que se póde. O homem illude-se immensamente sobre o alcance das proprias forças, sobre o uso que d'ellas deve fazer, sobre o momento em que d'ellas se deve servir. A vaidade as exagera, assim como a pusillanimidade as attenua além dos limites da verdade. O nosso coração é um abysmo de contradicções. Com extrema facilidade levantamos immensas torres de Babel na insensata esperança de attingir o céo. Passa-se um dia; a timidez succede á audacia, e nem ao menos ousamos edificar uma choupana. Verdadeiras crianças, que ora es-

peram, subindo a collina, tocar com a mão a abobada dos céos, ora tomam por estrellas que brilham a immensa distancia no mais elevado do firmamento, baixas e passageiras exhalações da atmosphera sublunar. Talvez que estas crianças ousem ás vezes mais do que podem, mas tambem não é raro que nada possam, porque nada ousam.

Qual é pois aqui o meio de chegar á verdade? pergunta difficil de responder e sobre a qual só cabem reflexões mui vagas. O homem ignora-se a si mesmo; como conhecerá pois o que póde ou deixa de poder? Com a experiencia, dir-se-ha. A experiencia é com effeito um habil mestre, mas não se adquire senão vagarosamente e muitas vezes só dá fructos ao declinar da vida. Não digo que esta verdade esteja fóra de nosso alcance; pelo contrario tenho indicado em muitos lugares d'esta obra os meios de a conseguir. Assignalo a difficuldade, não a impossibilidade; ora esta difficuldade, longe de nos abater, deve encorajar nosso ardor e inspirar-nos diligencia.

XXII

DESENVOLVIMENTO DE FORÇAS LATENTES

Ha no espirito humano certas faculdades que permanecem no estado de forças latentes até que alguma occasião as desperte e ponha em movimento. Os que as possuem nem ao menos as suspeitam.

A maior parte dos homens descem ao tumulo sem ter dado por este thesouro, sem que um raio de sol se tenha reflectido sobre este diamante puro que um acaso feliz podera collocar, como primeiro talvez, em brilhante diadema.

Quantas vezes uma scena, uma leitura, uma indicação, remove o fundo da alma e d'ella faz brotar inspirações mysteriosas! Fria, insensivel, inerte, um momento depois quando ninguem o suspeitava é como cratera aberta, lançando turbilhões de fogo. Que aconteceu? Foi removido um pequeno obstaculo que impedia a communicação com o ar livre; apresentou-se á massa electrica um corpo attrahente e o fluido se lançou; saltou com a rapidez do raio.

O espirito desenvolve-se com o contacto dos outros espiritos, pela leitura, pelas viagens, pela contemplação das grandes scenas da natureza ou das grandes obras d'arte, e, cousa notavel, menos em virtude do que recebe de fóra do que das descobertas que faz dentro em si mesmo. Se a faculdade que um feliz encontro revelou ao homem se conserva n'elle viva e inteira, pouco importa que esqueça o que por ventura tem ouvido ou lido nos livros. A luz está accesa; arde sem se extinguir: que precisão tem elle da scentelha que a accendeu?

Uma alma experimentada dorme o somno da innocencia: seus pensamentos são os pensamentos

do anjo sob a vista de Deus; suas illusões ou sonhos tem a pureza d'estes flocos de neve que o vento de inverno amontôa no flanco das serras; mas soou uma hora, hora fatal: cahe o véo, a illusão cede a vez á realidade, desapparece o mundo placido da innocencia e o horisonte calmo e sereno cobre-se com um mar de fogo e tempestades. Uma leitura, uma conversação imprudente, a presença de objectos seductores, eis a historia do despertar de nossas paixões; esta é tambem a historia do despertar de grande numero de nossas faculdades. Ligada ao corpo por incomprehensiveis laços, nossa intelligencia foi creada para estar em contacto com as outras intelligencias; certas de seu poder, permanecem encadeadas até que algum impulso exterior venha quebrar seus laços.

Se nossas aptidões particulares nos fossem conhecidas, ser-nos-hia facil, applicando-as aos objectos de sua escolha, desenvolvel-as e tirar d'ellas todo o partido. Mas acontece frequentemente que uma vez tomada a carreira da vida, não póde o homem volver atraz e desfazer o caminho que a educação, a profissão escolhida ou imposta lhe hajam feito percorrer; é preciso que aceite as cousas taes como ellas são, aproveitando-se do bem e evitando o mal: n'isto se cifra toda a sabedoria humana.

XXIII

AO PROPOR-NOS UM FIM DEVEMOS GUARDAR-NOS AO MESMO TEMPO DA PRESUMPÇÃO E DA EXCESSIVA DESCONFIANÇA

Em todas as carreiras, em todas as posições, e quaesquer que sejam seus talentos, seus gostos, seu caracter, deve o homem servir-se da razão, quer para descobrir e propôr-se um fim realisavel, quer para buscar e empregar os meios convenientes para chegar a esse fim.

O fim deve ser proporcional aos meios, e estes são as forças intellectuaes, moraes ou physicas e os demais recursos de que possa dispôr. Visar a um fim fóra de seu alcance é despender inutilmente as forças; porém permanecer em inacção, ou não aspirar ao que a experiencia e a razão nos mostram como fim legitimo é d'algum modo desconhecer as vistas da Providencia; é resistir a seus designios sobre nós.

XXIV

A PREGUIÇA

Se é prudente desconfiar da presumpção, se convém não andar de leve ao resolver empresas difficeis e perigosas, importa do mesmo modo não esquecer que a preguiça se póde occultar sob uma

apparencia de resistencia ás inspirações do orgulho e da vaidade.

O orgulho é mau conselheiro e mau guia; difficil é preservar-nos de seus embustes. Pois na preguiça acha um digno rival d'elle. O homem ama as riquezas, a gloria, os prazeres; mas ama tambem o *não fazer nada;* verdadeiro gozo a que algumas vezes sacrifica sua reputação e bem-estar. Bem conhecia Deus a natureza humana, quando a puniu com o trabalho. Comer o pão com o suor do rosto é para o homem castigo continuo e frequentemente mui duro.

XXV

UMA VANTAGEM DA PREGUIÇA SOBRE AS OUTRAS PAIXÕES

A preguiça, isto é, a paixão do repouso, tem para triumphar, uma vantagem sobre as demais paixões; é que nada exige de nós. Com effeito, o objecto da inacção é puramente negativo. Não se póde conseguir uma posição elevada sem muita actividade, esforços e constancia. Um nome glorioso suppõe titulos que o mereçam, e estes titulos não se adquirem sem fadiga. O amor das riquezas impõe trabalho perseverante, combinações habeis; até os prazeres mais effeminados se não alcançam sem os procurar; são o premio de certos esforços. Toda a paixão demanda labor, só a preguiça é que nada exige. Satisfal-a-heis melhor assentados que

de pé, melhor deitados que assentados, melhor a dormir que acordados. A sua tendencia é o nada; o nada é seu limite extremo. Quanto mais o preguiçoso se aniquila em sua existencia, tanto mais é feliz.

XXVI

ORIGEM DA PREGUIÇA

Em nossa organisação e no modo como se exercem em nós as funcções vitaes encontraremos a origem da preguiça. Toda a acção demanda certo emprego de forças, de maneira que contém um principio de fadiga e por tanto de dôr. Quando a despeza de força é insignificante ou não se exerce senão durante o tempo necessario ao desenvolvimento das forças organicas, o soffrimento é nullo; póde até haver prazer. Mas logo que a perda se torna sensivel começa a fadiga. Eis por que os mesmos preguiçosos não raro emprehendem certos trabalhos com alegria. Note-se que dizemos *emprehendem*. É talvez por igual razão que os homens mais vivos raramente são laboriosos. O ardor e intensidade de seus esforços devem excitar n'elles, antes que nas organisações calmas, a sensação do cansaço; acostumam-se mais facilmente a olhar o trabalho com aversão.

XXVII

PREGUIÇA DO ESPIRITO

Como todo o exercicio das faculdades intellectuaes é acompanhado de certos actos organicos, a preguiça desempenha notavel papel nos phenomenos activos da intelligencia, como nos do corpo, não é o espirito que se cança, mas sim os orgãos corporaes que d'elle estão ao serviço. D'ahi vem que ás vezes se experimenta, para pensar ou querer, a mesma repugnancia que para os mais pesados trabalhos manuaes. Note-se que estas preguiças não são necessariamente simultaneas e póde existir uma sem a outra.

A fadiga do corpo, a fadiga puramente muscular, nem sempre produz prostração intellectual ou moral; todos temos observado isto. Do mesmo modo, depois de intensos ou demorados trabalhos do espirito, quando se acham completamente esgotadas as forças intellectuaes, exercemos algumas vezes as forças physicas com verdadeiro prazer. Este phenomeno explica-se por este facto: as alterações do systema muscular estão longe de ser proporcionadas ás alterações do systema nervoso.

XXVIII

RAZÕES QUE CONFIRMAM O QUE DEIXAMOS DITO SOBRE A ORIGEM DA PREGUIÇA

Para confirmar que a preguiça é um instincto de precaução contra o soffrimento, podemos fazer as seguintes observações: 1.º Que a acção, longe de repugnar, se torna attrahente quando tem por objecto o prazer; 2.º que ao fim d'um trabalho a repugnancia é maior, porque, para pôr os orgãos em acção, é preciso particular esforço; 3.º que a repugnancia é nulla quando, feitos já os movimentos, ainda não tem decorrido bastante tempo para fazer-se sentir o cansaço que nasce do esgotamento das forças; 4.º a repugnancia reapparece e augmenta á medida que o cansaço se produz; 5.º que os homens de grande vivacidade são mais atreitos a experimentar esta repugnancia, porque são os primeiros a experimentar a dôr; 6.º que os caracteres moveis e ligeiros raramente são isentos d'este defeito, por isso que o esforço exigido pelo trabalho não é o unico que lhes é imposto, pois teem de vencer tambem a inclinação a mudar de objecto.

XXIX

A INCONSTANCIA; SUA NATUREZA E ORIGEM

A inconstancia, apparentemente excesso de actividade, pois que nos impelle incessantemente para novos objectos, não é, no fundo, senão uma preguiça disfarçada. A inconstancia substitue um trabalho a outro para evitar o enfado de sujeitar sua attenção e para se eximir á continuidade de acção determinada. Assim é que, geralmente, os preguiçosos são grandes forjadores de projectos. Os projectos, vasta carreira aberta a divagações, nenhuma sujeição exigem do espirito. É tambem por isso que successiva ou simultaneamente gostam de emprehender muitas cousas, com a condição, todavia, de nenhuma levar a cabo.

XXX

PROVAS E APPLICAÇÃO

Quantos homens não sacrificam á sua inconstancia os interesses e deveres mais sagrados! São-lhes impostos certos trabalhos: — abandonam-n'os por outros, talvez mais penosos, mas que elles mesmos escolheram; — um negocio importante os chama; o tempo urge: — esquecem-se em inuteis conversações. Deve-se tratar em sua presença, questões do mais alto interesse; com algumas horas de

estudo, alguns esforços, pôr-se-hiam em estado de dar o seu parecer com conhecimento de causa: — estas horas, que o dever reclama, empregam-n'as elles em vãs discussões. A politica, a guerra, as sciencias, a litteratura, tudo lhe serve de agradavel assumpto, uma vez que não seja obrigatorio.

Mas, passear, conversar, discutir, é obrar; é exercer as faculdades do corpo, ou as do espirito; e no entanto os passeadores e os falladores abundam, ao passo que os homens verdadeiramente laboriosos são rarissimos. E porque? É que o passeio, a discussão, a conversa não contrariam a inconstancia, não exigem esforço e admittem variedade e mudança, trazem comsigo alternativas de exercicio e de repouso, inteiramente sujeitos á vontade e ao capricho.

XXXI

O JUSTO MEIO ENTRE OS EXTREMOS

Evitar a pusillanimidade sem fomentar a presumpção, sustentar, excitar a actividade sem despertar o amor-proprio, dar ao espirito o sentimento de suas forças sem o cegar pelo orgulho: sciencia é mui difficil quando se trata de outrem, bem mais difficil ainda quando se trata de si mesmo. É esta a sciencia que o Evangelho ensina; é o triumpho da razão. Os escolhos que assignalamos, nós os devemos costear incessantemente, não com es-

peranças de os evitar todos e de lhes escapar sempre, mas com desejo e esperança de sobreviver aos naufragios.

A virtude é difficil, mas não é impossivel. O homem não a alcança aqui na terra sem mescla de muitas difficuldades que a deslustram; porém não carece dos meios sufficientes para a aperfeiçoar. A razão é um monarcha condemnado a uma lucta sem treguas contra vassallos revoltados; mas Deus lhe deu as forças necessarias para combater e vencer: lucta terrivel, cheia de azares e perigos, mas, por isso mesmo, mais digna de tentar as almas generosas. Em vão n'este seculo se tenta proclamar a omnipotencia ou ascendente irresistivel das paixões sobre a razão humana. Emanação sublime da Divindade, não foi a alma immortal abandonada por seu Creador. Não, não é dado a poder algum extinguir o sentimento da moral, quer no individuo, quer nas sociedades: no individuo, sobrevive este sentimento a todos os crimes; nas sociedades sobrevive a todos os tempos. No criminoso, o remorso reclama e vinga todos os seus direitos esquecidos nas sociedades, protestam em commum os votos de heroicas dedicações.

*

XXXII

A MORAL É O MELHOR GUIA DO ENTENDIMENTO PRATICO

A moral! eis o guia por excellencia do entendimento pratico. No governo dos povos, a politica pequena é a dos interesses bastardos, da intriga, da corrupção; a grande politica é a do interesse geral, da razão e do direito. Na vida particular, a conducta pequena é a dos manejos ignobeis, das vistas mesquinhas, do vicio; a conducta grande é a que inspiram a generosidade e a virtude.

O justo e o util parecem ás vezes andarem separados, mas esta separação não é muito duradoura; apparentemente seguem caminhos oppostos, mas o fim a que se dirigem é o mesmo. Assim quer Deus experimentar a constancia do homem, bem que nem sempre remette para a outra vida a recompensa de seus esforços. E se acontece uma ou outra vez, será pequena recompensa o descer ao tumulo com a alma tranquilla, sem remorsos, e com o coração cheio de esperanças?

Sim, a arte de governar não é outra cousa que a moral e a razão applicada ao governo dos Estados. Sim, a arte de bem se conduzir não é outra cousa que o Evangelho em acção. Nem as sociedades, nem os individuos esquecem impunemente os eternos principios da moral; se a estes principios oppõem os vis conselhos do interesse, cedo ou tar-

de se perderão nas proprias combinações. O interesse que se erige em idolo não tarda a tornar-se victima : a experiencia ahi está para o attestar. Esta verdade acha-se escripta em todas as paginas da historia com caracteres de sangue!

XXXIII

A HARMONIA DO UNIVERSO PROTEGIDA PELO CASTIGO

Toda a culpa recebe um castigo. O universo está submettido a uma lei de harmonia; quem perturba esta harmonia soffrerá em sua organisação ou no seu coração. Ao abuso das faculdades physicas segue-se a dôr material; ás prevaricações do espirito succedem o arrependimento e o remorso. Tal que proseguia a gloria com excessivo ardor encontra o ridiculo e a vergonha; tal outro que, em seu desmesurado orgulho, queria vêr o universo a seus pés, subleva contra si a indignação, a resistencia, as humilhações e o insulto. O preguiçoso adormece na inacção, mas esta inacção devora seus recursos; bate-lhe á porta a necessidade; é mister que o excesso do trabalho e actividade venha substituir o repouso culpavel. O prodigo dissipa seus haveres nos prazeres e ostentação; porém não tarda a chegar um vingador de seus desvarios na pobreza andrajosa e famelica, que lhe impõe em vez do gozo privações, em vez do luxo e ostentação, escassez e vergonha. O aváro accu-

mula thesouros com medo da pobreza, e no meio de suas riquezas soffre os rigores d'essa mesma pobreza que tanto o amedronta. A nada se aventura para nada perder, desconfia até das pessoas de quem é mais amado (isto se o aváro póde ser amado); no silencio da noite, no seio das trevas visita os thesouros, a fim de se assegurar de que seu ouro, isto é, sua alma está no mesmo sitio. Mas eis que um visinho, um criado infiel, penetrou seu segredo, o thesouro desapparece, e a pobreza em toda a sua realidade entra em sua casa.

Nas artes, na litteratura, no trato quem muito quer agradar arrisca-se a desagradar : o excesso da delicadeza degenera em mau gosto; o sublime toca o ridiculo; a fineza torna-se affectação, o excessivo amor da symetria produz os contrastes mais discordantes.

No governo das sociedades, o abuso do poder arrasta á ruina do mesmo poder; o abuso da liberdade conduz á servidão. O povo que pretende estender demasiado suas fronteiras, vê-se obrigado a recuar muito para dentro das naturaes; o conquistador que se obstina em accumular corôas sobre a cabeça arrisca-se sempre a perdel-as todas, e tal que não póde contentar-se com o dominio de gigantescos imperios, vai finar-se sobre uma arida rocha solitaria na immensidade do oceano. Dos que ambicionam o poder supremo, o maior numero encontra a proscripção ou a morte. Appetecem o pa-

lacio d'um monarcha, e ficam sem lar domestico; sonham em um throno e encontram o patibulo.

XXXIV

OBSERVAÇÕES SOBRE AS VANTAGENS OU DESVANTAGENS DA VIRTUDE NOS NEGOCIOS

Não deixou Deus indefensas as suas leis; deu-lhes por escudo o castigo que segue o crime, até n'este mundo. Eis por que os calculos baseados em interesses oppostos á moral, geralmente, são enganosos. A immoralidade cahirá nos laços que ella propria arma. Mas entendamo-nos bem; não quero dizer que as condições de lucta entre o homem de bem e o mau não sejam muitas vezes desvantajosas ao primeiro. Sim, aquelle a quem nenhuma consideração detem, para quem todos os meios são legitimos, uma vez que levem ao fim desejado, convenho n'isso, tem grandes vantagens sobre o homem de bem, a quem só a idéa da injustiça torna espavorido. Não ter senão um meio para se defender é arriscar-se a ser vencido: mas se é verdade que em certos casos isolados a vantagem pertence aos maus, não o é menos que com o tempo a balança se restabelece; a Providencia encarrega-se do contrapeso, e ouso affirmar que não é raro vêr, a final, o homem recto em suas vistas e conducta conseguir o fim que discretamente se propoz, ao passo que o immoral expia, á hora marcada, as

suas iniquidades ou seus crimes, encontrando a propria perda no fim de seus tortuosos caminhos.

XXXV

UMA ACCUSAÇÃO INJUSTA CONTRA A VIRTUDE

Os homens virtuosos e desgraçados teem certa propensão para assignalar suas virtudes como origem de suas desgraças; pois que a isto os inclina o desejo de ostentar sua virtude e occultar suas imprudencias; que mui grandes imprudencias se commettem tambem com a intenção mais recta e mais pura. A virtude não é responsavel pelos males que a imprevidencia e leviandade arrastam; e todavia accusam-na com extrema facilidade. Minha boa fé me perdeu, exclama o homem de bem, victima d'uma perfidia. O que o perdeu não foi a sua boa fé, mas sim uma confiança irreflectida e absurda, quando tudo o advertia a que tivesse cuidado. Acaso os maus não são tambem victima dos outros maus? e os perfidos dos outros perfidos? A virtude nos ensina o caminho que devemos seguir, mas não se encarrega de descobrir os laços que n'elles podemos encontrar: isto pertence á penetração, á previdencia, ao bom juizo, isto é, a um entendimento claro e atilado. Estes dotes não excluem a virtude, vivem com ella em perfeita harmonia, mas não são uma e a mesma cousa. Como fiel amigo da humanidade, alberga-se sem repugnancia no cora-

ção de toda a classe de homens, quer n'elles brilhe esplendente e puro o sol da intelligencia, quer o escureçam espessas nuvens da ignorancia.

XXXVI

UMA ACCUSAÇÃO INFUNDADA CONTRA A SCIENCIA

Crêem alguns que os grandes talentos propendem naturalmente para o mal: isto é uma como blasphemia contra a bondade do Creador. Acaso a virtude necessita de trevas? Por ventura os conhecimentos e virtude da creatura não emanam da mesma origem, do pelago de luz, e santidade que é Deus? Se a elevação da intelligencia conduzisse ao mal, a maldade dos entes estaria em proporção com sua altura; adivinhaes a consequencia? porque não tiral-a? A sabedoria infinita seria a maldade infinita: eis-nos no erro dos manicheus, estabelecendo no alto da escala dos bons um principio mau: mas que digo? peor fôra este erro do que o de Manes; pois que n'elle não se poderia admittir um principio bom. O genio do mal presidiria sem rival e inteiramente só aos destinos do mundo; o rei do Averno deveria collocar seu throno de negra lava nas esplendentes regiões do empyreo.

Não, não deve o homem fugir da luz com medo de cahir no mal, a verdade não teme a luz e o bem moral é uma grande verdade. Quanto mais illustrado esteja o entendimento, melhor conhecerá

a ineffavel belleza da virtude, e conhecendo-a melhor, menos difficuldades terá em pratical-a. Rara vez ha grande elevação nas idéas, sem que d'ella participem os sentimentos; e os sentimentos elevados ou nascem da mesma virtude ou são uma disposição mui a proposito para a alcançar.

Até ha em favor do talento e do saber uma razão fundada em a natureza das faculdades da alma. Sabe-se que certas faculdades não se aperfeiçoam em nós senão á custa d'outras faculdades menos cuidadosamente desenvolvidas. Ora cultivar as qualidades superiores é diminuir a força das paixões grosseiras, fonte dos vicios.

A historia do espirito humano confirma esta verdade: geralmente fallando, os homens de entendimento muito elevado não tem sido perversos; muitos se distinguiram por suas eminentes virtudes; outros foram debeis como homens, mas não malvados; e se um ou outro chegou a este extremo deve ser considerado como excepção, e não como regra.

Sabeis porque um malvado de grande talento compromette, por assim dizer, a reputação dos demais, occasionando que d'alguns casos particulares se tirem deducções geraes? Porque n'um malvado de grande talento todos pensam, e d'um malvado nescio ninguem se lembra; porque formam um vivo contraste a iniquidade e o grande saber, e este contraste torna mais sensivel o extremo feio; por a

mesma razão que se repara muito mais na relaxação d'um sacerdote que na d'um secular. Assim, ninguem repara nas manchas d'um crystal desluzido, ao passo que n'um crystal puro e brilhante o mais leve defeito attrahe as attenções de todos.

XXXVII

AS PAIXÕES SÃO BONS INSTRUMENTOS, MAS PESSIMOS CONSELHEIROS

Vimos no capitulo XIX quão pernicioso é o influxo das paixões para impedir-nos o conhecimento da verdade, ainda a especulativa; porém o que alli se disse em geral tem muita mais applicação referindo-se á pratica.

Quando tratamos de executar alguma cousa, as paixões são ás vezes excellente auxiliar, mas para preparal-a em nosso entendimento, são conselheiros mui perigosos.

O homem sem paixões seria frio, teria alguma cousa de inerte, por carecer d'um dos principios mais poderosos de acção que Deus concedeu á natureza humana; porém em troca, o homem dominado pelas paixões é cego, deseja e procede á maneira dos brutos.

Examinando attentamente o modo de obrar de nossas faculdades, vê-se que a razão é propria para dirigir e as paixões para executar; e assim é que aquella attende não só ao presente, mas tambem ao passado e futuro, em quanto que estas só consi-

deram o objecto no momento actual e pelo modo como nos affecta.

A razão como verdadeira directora faz-se cargo de conhecer tudo o que póde damnar ou favorecer, não só agora senão tambem para o futuro; porém as paixões unicamente encarregadas de executar, só cuidam do momento e das impressões actuaes. A razão não se detem só no prazer, senão em utilidade, moralidade e no decoro; as paixões prescindem do decoro, da moralidade e da utilidade, de tudo que não seja impressão agradavel ou desagradavel, que no acto se experimenta.

XXXVIII

A HYPOCRISIA DAS PAIXÕES

Pela palavra paixões não entendo tão sómente estas affecções violentas e cheias de tormento, que são em nossa alma o mesmo que as tempestades no oceano, mas ainda estas inclinações mais dôces e mais espiritualisadas, que parecem aproximar-se das regiões superiores da alma e a que se dá o nome de sentimentos. Tempestuosas ou ternas, as paixões no fundo são o mesmo: não differem senão na fórma, na intensidade, no modo de se applicarem ao objecto. Tanto mais formidaveis quanto menos inspiram temor, sua delicadeza é demais uma seducção.

Quando a paixão se apresenta em toda a sua disformidade e violencia, abalando brutalmente o espirito e empenhando-se por o arrastar por maus caminhos, este toma as devidas precauções contra o adversario, prepara-se para a lucta, resultando talvez que a impetuosidade do ataque provoque heroica defensão. Porém se a paixão depõe seus modos violentos, se se despoja, por assim dizer, de seus trajes grossciros, cobrindo-se com o manto da razão; se suas suggestões se chamam conhecimentos, e suas inclinações vontade illustrada, porém decidida, então tomará por traição a praça que não podéra tomar por assalto.

XXXIX

EXEMPLO. DUAS FÓRMAS DE VINGANÇA

Um homem tem nas mãos a solução d'um negocio importante de que depende a sorte d'um seu inimigo; este homem pensa nas offensas recebidas, e o resentimento se desperta em sua alma, ao resentimento succede a colera, e á colera a sêde de vingança. Porque se não vingará elle? A occasião não póde ser mais favoravel. Que prazer! vêr com os proprios olhos o desespero do inimigo! o inimigo trahido em suas esperanças, escarnecido pela sorte, mergulhado na miseria ou obscuridade! — Vingança! e que este homem detestado saiba que a vingança parte de ti! Retribue-lhe o mal com o mal.

Regosijou-se com a tua desgraça, triumpha agora da sua: resacia-te com suas lagrimas. Tem innocentes filhos que partilham a sua desgraça; — não importa! que elles morram, e com elles toda a sua raça inteira! O seu pai já encanecido morrerá de pezar! — pois que morra tambem! D'este modo mais numerosos serão os golpes vibrados no teu inimigo; assim derramarás em sua alma toda a amargura, todo o fel que um dia derramára na tua. Vingança! nada de piedade para quem tão desapiedado foi! nada de generosidade para quem tão longe esteve de ser generoso!

Assim falla o odio exaltado pela colera; mas esta linguagem é muito dura, muito violenta; não a poderá ouvir um coração generoso; o mesmo amor-proprio se revoltará contra os odiosos conselhos. Pois que! regosijar-me-hei com a ruina d'uma familia! precipitarei na miseria os filhos innocentes! levarei ao tumulo um miserando velho! Não! não são estes os ensinamentos da honra! A vingança é um prazer baixo e cruel; a generosidade é a virtude das grandes almas. Se meu amigo procedeu sem piedade, serei generoso para com elle; a sua vista se abaixará diante de mim, subir-lhe-ha o rubor ás faces; seu coração sentirá remorsos: far-me-ha justiça e ficarei vingado.

O espirito de vingança havia-se mostrado imperioso, duro, exigente, absoluto, a alma por tanto revoltou-se. A piedade, a justiça, um nobre orgulho,

vieram em seu auxilio: estes sentimentos fizeram pender a balança. Outro talvez teria sido o resultado, se a vingança tivesse disfarçado seu aspecto repugnante; se, occulta nas dobras mais secretas do coração, e distillando de lá seu mortal veneno, tivesse adoçado sua voz e fallando em nome da justiça: « Elle! merecer tal favor! é mil vezes indigno d'elle. A indignidade de teu inimigo, eis o unico motivo de tua opposição! Talvez experimentes secreto e vivo prazer em poder contrarial-o, abatel-o, perdel-o, porém este sentimento não te domina; o bem publico pede, tu obedeces. Se, a pezar teu, dás alguma redea a teus rancores, a prudencia, a justiça, a razão, são pelo menos concordes com o pendor de teu coração; e o mal não é grande, uma vez que proceda com precaução. Procede com serenidade a fim de que se veja que não obras com espirito de odio e parcialidade, antes que usas d'um direito, e procedes segundo a voz imperiosa do dever. »

A vingança impetuosa, violenta, francamente injusta, fôra vencida; a vingança pacifica, insidiosa, hypocritamente disfarçada sob a mascara da razão, da justiça e do dever triumpha sem esforços.

Eis por que tão funestos são os odios exercidos em nome do zelo. Uma alma odienta, illudindo-se a si mesma e crendo obedecer a inspirações legitimas, talvez, á mesma caridade, é como a ave fas-

cinada pela serpente; fascinação tanto mais perigosa, quanto menos a alma dá por ella.

É então que a inveja calumnía sem remorsos as mais puras e brilhantes reputações; os rancôres tornam-se inexoraveis e avançam denodamente ao fim que se propõe; então a vingança implacavel se compraz nas agonias, nas convulsões, no descspero de suas victimas.

O Salvador do mundo cumpre sua missão sobre a terra, os povos se atropellam seguindo seus passos; Elle passa por entre os homens derramando o bem. Affavel para com os pequenos, cheio de compaixão para com os infelizes, indulgente para com os criminosos, espalha a mãos-cheias os thesouros da sua omipotencia e de seu amor. Só palavras de perdão e doçura tem para todas as miserias do coração; dir-se-hia que só para os hypocritas reserva a linguagem d'uma santa e terrivel indignação; sua vista magestosa e severa penetrou no fundo de seu coração e pôz a descoberto sua falsidade. Os hypocritas não podem perdoar-lhe a confusão com que os cobriu; devora-os a sêde de vingança. Mas fallarão elles em nome do odio? Obrarão em nome da vingança? Não! « Este homem é um blasphemador, dizem elles ao principe dos sacerdotes, seduz o povo; é inimigo de Cesar. A fidelidade ao principe, a tranquillidade publica, a religião exige que elle morra. » Mercadeja-se a traição d'um discipulo: o innocente cordeiro é arrastado perante um

tribunal. Sua tranquillidade sublime, suas respostas de verdade redobram a raiva dos falsos doutores; o chefe da synagoga despedaça os vestidos exclamando: Blasphemou! e o povo enganado pede a morte do justo.

XL

PRECAUÇÕES

Nunca o homem medita demasiado sobre os mysterios do coração; nunca vela com demasiada vigilancia ás portas por onde a iniquidade se insinua; nunca se guarda demasiado dos laços que se arma a si proprio. Não é pois quando as paixões se apresentam taes como realmente são, de rosto descoberto, que ellas se devem temer. Se o senso moral, se os germens de virtude não se acham ainda extinctos no homem, á vista do vicio, do vicio hediondo e desnudado, ouve levantar-se em sua alma um como grito de indignação e de espanto. Mas que perigos se não corre quando as paixões, mudando de nome, disfarçando as feições, se nos apresentam á sombra da razão, do direito, do dever, quando nos applicam aos olhos um prisma enganador, através do qual as cousas serão vistas differentemente do que na realidade são!

O escolho mais perigoso para a innocencia não é pois o arrastamento brutal de paixões grosseiras; temei antes o enlevo dos sentimentos que encan-

tam por sua delicadeza e seduzem pela doçura. O medo penetra nos corações nobres sob a mascara da prudencia; com o nome de economia, de sabia previdencia se insinúa a avareza nas almas generosas e as avilta; o orgulho occulta-se á sombra da dignidade pessoal; a vaidade respiga seus gozos pueris, sob o vão pretexto de ouvir e fazer critica; a vingança adorna-se com o nome de justiça; a cólera chama-se santa indignação; a preguiça invoca a necessidade do repouso; e a inveja, implacavel abutre, a inveja que atassalha as reputações de mais merito, que mancha com seu halito impuro as mais santas virtudes, exerce seu damnado mister fallando de justiça, de amor, de verdade, dos perigos d'uma admiração ignorante e d'um enthusiasmo pueril.

XLI

HYPOCRISIA DO HOMEM PARA COMSIGO MESMO

O homem emprega a hypocrisia talvez mais para comsigo mesmo do que para com os outros; é raro que se dê conta exacta e escrupulosa do mobil de suas acções; é por isto que ainda as virtudes mais puras tem alguma cousa de escoria. O amor divino, eis o ouro sem liga! mas este amor puro não é da terra. Em nossas provações no mundo, nutrimos em nós um principio mau que mata, enfraquece ou vicía nossas virtudes. Obstar a que

este germen fatal nos invada, é a obra, é o labor de toda a vida, obra difficil, labor penoso e cheio de angustias. Todavia, qualquer que seja nossa fraqueza, recebemos da mesma mão de Deus uma luz para nos guiar; luz que jámais se extingue e nos ajuda a distinguir o bem do mal; razão que nos esclarece ou consciencia que nos pune. Procuramos illudir-nos a nós mesmos, porque receamos esta luz, isto é, a opposição da consciencia a nossas inclinações, fechamos os ouvidos para não ouvir os queixumes d'esta inflexivel conselheira a que nada corrompe, procuramo-nos persuadir, pelo menos, que os principios que ella impõe não são applicaveis ás circumstancias presentes. N'este intento, correm as nossas paixões a ajudar d'um modo deploravel, prestando-nos o apoio de seus sophismas. O homem não se resigna a parecer mau, mesmo a seus proprios olhos; falta-lhe animo para isso, torna-se hypocrita.

XLII

CONHECIMENTO DE SI MESMO

O defeito que acabamos de assignalar reveste todas as fórmas e se modifica até ao infinito. Eis por que muito convém nunca perder de vista este preceito dos antigos, tão profundamente sabio: *Conhece-te a ti mesmo!* Se ha certas qualidades communs a todos os homens, tomam estas um caracter

particular em cada um d'elles. Cada um de nós tem, para assim dizer, uma mola secreta a que obedece e que importa conhecer. Esta mola é a inclinação dominante. Todas as nossas paixões participam d'esta inclinação; ella se subordina e as submette todas a seu objecto; entra em todos os actos da vida e constitue o que se chama caracter. Se nos é necessario descobrir esta mola em outrem para regular nossas relações com o mundo, quanto nos não é vantajoso descobril-a antes em nós? Este conhecimento é o segredo das grandes cousas, boas ou más.

XLIII

O HOMEM FOGE DE SI MESMO

Se não tivessemos a funesta inclinação de fugir de nós mesmos, se a contemplação de nosso interior nos não repugnára em tão alto grau, não nos fôra difficil descobrir qual a paixão que em nós outros predomina. Desgraçadamente de nada fugimos tanto como de nós mesmos, nada evitamos tanto como a vista de nossa alma: o primeiro de nossos interesses é apenas a nossa ultima preoccupação. Quantos homens descem ao tumulo não sómente sem se conhecerem, mas sem jámais se procurarem conhecer! Deveriamos ter sempre a vista fixa sobre nosso coração para conhecer suas inclinações, penetrar seus segredos, refrear seus impetos, cor-

rigir seus vicios, evitar seus extravios; deveriamos viver n'esta vida intima em que o homem se dá conta de seus pensamentos e affectos, e não se põe em relação com os objectos exteriores, senão depois de haver consultado sua razão e dado á sua vontade a direcção conveniente. Mas isto não se faz; o homem consagra-se aos objectos que o incitam, vivendo tão sómente esta vida exterior que não lhe deixa tempo para pensar em si mesmo. Vêem-se entendimentos claros, corações bellissimos que não guardam para si nenhuma das preciosidades com que o Creador os enriquecera: que derramam, para assim dizer, nas ruas e nas praças o aroma exquisito, que guardado no fundo de seu interior poderia servir-lhes de conforto e regalo.

Refere-se de Pascal que tendo-se dedicado com grande affinco ás sciencias mathematicas e naturaes, se enfadou d'este estudo pela razão de encontrar poucas pessoas com que conversar sobre o objecto de suas occupações favoritas. Desejoso por encontrar materia que não tivesse este inconveniente, se dedicou ao estudo do homem; porém depressa conheceu por experiencia, que os que se occupavam em estudar o homem eram ainda em menor numero que os affeiçados ás sciencias mathematicas.

Isto se verifica na actualidade como no tempo de Pascal. Observe-se o que se passa no mundo, e veremos quão raros são os que se dedicam a este

genero de estudos, principalmente para d'elles fazerem applicação a si mesmos.

XLIV

BONS RESULTADOS DO ESTUDO SOBRE AS PAIXÕES

Conhecer as paixões, analysal-as, determinar suas tendencias, não é vencel-as. Póde o homem ter consciencia e envergonhar-se de suas fraquezas e ceder no entanto a suas paixões. Todavia se as conhece, desconfia de sua cegueira; é este um principio de sabedoria. O que jámais entra em si mesmo, o que se entrega, de olhos fechados, a todos os caprichos de seu coração, esse corre necessariamente á sua perda. O instincto, a vontade, os conselhos da razão, os impulsos do organismo tornam-se para elle uma e a mesma cousa. A razão não manda, obedece; em vez de dirigir, de moderar, de corrigir as inclinações revoltadas, torna-se a cumplice de suas desordens, escrava aviltada, provisioneiro sem repouso e sem pudor de seus insaciaveis caprichos!

XLV

SABEDORIA DA RELIGIÃO CHRISTÃ NA CONDUCTA DAS ALMAS

A religião christã, convidando-nos a reflectir sobre nossas inclinações, a nos estudarmos, está d'accordo com a mais sã philosophia e revela pro-

fundo conhecimento do coração humano. O que, em geral, falta ao homem não é o conhecimento especulatativo do bem, mas sim a sciencia pratica, o conhecimento circumstanciado do bemfazer. Quem não sabe e não tem repetido mil vezes que as paixões nos transviam e nos perdem? Mas bastará saber isso? Conhecer a paixão que em tal ou tal caso faz pender a balança, a paixão que em nós predomina; conhecer o disfarce sob o qual ella se apresenta ao espirito que pretende seduzir; saber como é preciso repellir seus ataques ou livrar de seus estratagemas; e sabel-o, não mais ou menos, mas de modo exacto, nitido, preciso; de sorte que tenhamos sempre, para assim dizer, as armas promptas, e que possamos, instantaneamente, tomar resolução, qualquer que seja a circumstancia; eis o que muito importa. Arte difficil na verdade, mas a primeira de todas as artes.

Nas sciencias, o que distingue o homem superior do homem mediocre, é que o primeiro possue a fundo e praticamente o que o outro não sabe senão confusa e imperfeitamente. A superioridade não está pois no numero, mas na quantidade das idéas. Com effeito, o primeiro nada sabe que não seja conhecido do segundo; ambos tem as vistas voltadas para o mesmo objecto; mas a vista d'um é mais perfeita que a do outro, um vê melhor que o outro.

Acontece assim na pratica da vida. Um homem

profundamente immoral póde fallar da moral de modo que prove que bem conhece suas regras; mas d'estas regras é que elle nunca fez applicação. Não tem experimentado de per si os obstaculos que podem embaraçar a pratica. Não logra reconhecer com bastante segurança o momento decisivo de se servir d'ellas. Nem sua vontade escuta, nem sua intelligencia comprehende outra voz que a voz das paixões. Tem os principios moraes encerrados no mais fundo de seu coração como em archivos, e nem sequer por curiosidade para ahi lança os olhos com medo de acordar os remorsos.

Mas quando a virtude tem lançado em uma alma vivas e profundas raizes, estas mesmas regras tornam-se uma especie de genio familiar que preside a todos os pensamentos como a todos os actos da vida; este genio desperta-se e se põe álerta ao menor perigo; promette recompensas antes da lucta, e atormenta a consciencia logo que ella desobedece. A presença permanente das regras moraes no espirito é o beneficio da virtude, a qual deve tambem a esta intimidade sua força e duração; assim a religião recommenda instantemente esta pratica na persuasão de que cedo ou tarde dará bons fructos.

XLVI

OS SENTIMENTOS MORAES COMO AUXILIARES DA VIRTUDE

Em ajuda das idéas moraes véem os sentimentos que tambem os ha muito moraes, poderosos e bellissimos. Se Deus permitte ás tempestades que se desencadêem em nosso coração, tambem faz soprar as brizas com que cahem e se esvaecem as vagas sublevadas. O habito de obediencia ás regras moraes desenvolve e vivifica os sentimentos moraes.

É então que em seus esforços para o bem póde o homem oppôr ás boas inclinações as inclinações más. A lucta deixa de offerecer tantos perigos para elle, e deixa principalmente de ser dolorosa. A influencia d'uma paixão combate a paixão contraria; a alegria d'um triumpho compensa a dôr d'um sacrificio, e fica-se ao abrigo das dilacerações que a alma experimenta quando a razão se acha só na lucta contra as inclinações do coração.

Desenvolver os sentimentos moraes, chamar em auxilio da virtude as mesmas paixões, e, por sua intervenção, dissipar as trevas que os maus instinctos levantam na intelligencia, é fazer guerra á custa do inimigo, e em seu proprio territorio: regra de conducta de incontestavel sabedoria.

N'esta opposição de paixões, as combinações são infinitas. A dignidade pessoal contrabalança o amor

dos prazeres; o temor de se tornar odioso encadêa o orgulho; a vaidade refreia-se com medo de se tornar ridicula; o amor de gloria estimula a preguiça; a colera se apaga para não parecer descomposta; a honra que segue a generosidade tempera a sêde de vingança. O bem serve de contrapeso ao mal. Neutralisam-se os germens impuros que fermentam no coração humano, e o homem é virtuoso sem deixar de ser sensivel.

XLVII

UMA REGRA PARA OS JUIZOS PRATICOS

Conhecida a mola principal do nosso coração, tendo os sentimentos nobres e generosos recebido o desenvolvimento de que são susceptiveis, resta-nos ainda conhecer a maneira de dirigir nosso entendimento para a verdade nos juizos praticos.

A primeira regra que se deve ter presente é não julgar nem deliberar com respeito a objecto algum em quanto o espirito esteja debaixo da influencia de paixão relativa ao mesmo objecto. Se estamos encolerisados, qualquer palavra, qualquer gesto, qualquer facto insignificante nos faz desatinar. «Não sómente o offensor teve intenção de nos ferir, mas ajuntá o insulto ao mal que nos faz. Só o sangue póde lavar tal affronta: sem duvida, convém conter-nos e perdoar; mas a honra tem suas exigencias! sem duvida, é bom ser prudente; mas

deixar-se calcar aos pés está longe de ser prudencia.» Assim raciocina a colera. Dir-nos-hão: a colera não raciocina, erra! a colera raciocina, porque subjuga a intelligencia e a fórça a servir seus interesses; e os serviços que d'ella recebe os retribue a seu turno com usura. Sabe-se a energia que as paixões dão ao espirito, e os imprevistos recursos que o espirito desenvolve debaixo de sua inspiração.

Aplacada a colera, o edificio dos raciocinios que ella havia levantado ruirá de per si; o que prova que esta paixão nos occultava a verdade. Julgaremos do mesmo modo antes e depois? O coração recto acabará por reconhecer com franqueza o proprio erro diante do homem, de que, pouco antes, se pedia a vida.

XLVIII

OUTRA REGRA

D'estas observações nasce outra regra, e é que ao sentir-nos debaixo da influencia d'uma paixão, devemos esforçar-nos por imaginar, um momento sequer, qual seria o nosso proceder, se estivessemos no estado normal. Semelhante reflexão, por rapida que seja, muito contribue para acalmar a paixão e excitar no animo idéas differentes das suggeridas por a inclinação cega.

Por rapida que seja a reflexão, lançando a al-

ma em uma nova ordem de idéas e sentimentos, e, por assim dizer, em uma outra atmosphera, deve acalmal-a. Uma impulsão quebranta-se ao choque de impulsão contraria. Supprimir em nós tudo o que lhe faça opposição, sobre-excitar tudo o que as favoreça, eis o segredo das paixões, o segredo de seus successos e poder. Logo que a attenção se dirige a outra ordem de idéas, vem a comparação, e por conseguinte cessa o exclusivismo. Entretanto se desenvolvem outras forças intellectuaes e moraes não subordinadas á paixão, e esta perde de sua primitiva energia por ter de compartir com outras faculdades o imperio que antes desfrutava só.

Não é sómente sobre a experiencia, mas sobre a mesma natureza de nossa organisação que se apoia a regra pratica que acabamos de indicar. Todo o acto de nossas faculdades intellectuaes ou moraes é logo seguido d'um acto organico. Ora nossos orgãos materiaes receberam certa somma de força vital que despendem em differentes proporções, de tal sorte que uns vão enfraquecendo á medida que outros se fortalecem. Se é verdade que a energia das paixões diminue em proporção com a actividade dada aos orgãos da intelligencia, é util exercer estes como contrapeso das paixões.

Observemos todavia que para obter o resultado pretendido, deve o esforço da intelligencia ser dirigido em sentido contrario das más inclinações; que, se a intelligencia em vez de luctar contra es-

tas inclinações, as segue, semelhante cooperação a sobre-excita excessivamente. O que n'esse caso podem perder, por diversão, em energia puramente organica, o conseguem centuplicadamente em energia moral, pela multiplicação de meios proprios para alcançar o objecto, e por esta especie de *bill* de indemnidade que o espirito parece dar-lhes apoiando-as em vez de as combater.

Este trabalho sobre paixões não é uma simples theoria. A experiencia o confirma. Verdade é que nem sempre se encontra meio seguro para moderar, conduzir, abafar a paixão, já senhora dominante; que mesmo depois de se haver encontrado, póde tal meio permanecer inutil em mãos inhabeis; porém o que o procura vai exercendo grande vigilancia sobre si; aprende a resistir aos primeiros movimentos e possue, em seus juizos praticos, uma regra de verdade que falta aos que jámais aprenderam a reagir sobre seu proprio coração.

XLIX

O HOMEM RINDO-SE DE SI PROPRIO

Ha uma arma que a observação nos ensina a empregar utilmente contra nós mesmos. Esta arma temivel ás paixões é o ridiculo; o ridiculo, sal collocado no coração e nos labios do homem como preservativo contra a corrupção intellectual e mo-

ral; o ridiculo, que não sómente corrige os defeitos alheios, mas que, estigmatisando nossos proprios defeitos, amedronta nosso amor-proprio e nos inspira aversão ao mal, pelo medo da satyra. Author e espectador simultaneamente, o homem vê desapiedadamente desvelados seus defeitos e extravagancias, flagellados desapiedadamente por um adversario mordaz e de bom humor; este adversario é elle proprio. A victima é elle tambem. E não é certo que sobre os outros recahe a zombaria que empregamos contra nós mesmos?

Ha dous homens em cada homem que jámais accordam entre si, que em lucta incessante, encarniçada, disputam o imperio. Depois de ter em vão opposto a força da vontade, a authoridade da razão ao homem cego, immoral, insensato, que se revolta, o homem intelligente, moral, sabio, prudente, chama a satyra em seu auxilio: satyra que deve ser tanto mais graciosa e livre, quanto carece de testemunhas, não fere a reputação, nada faz perder na reputação dos demais, pois que não chega a ser expressada com palavras, e o sorriso mofador que faz assomar aos labios se extingue ao nascer.

Um pensamento mofador, lançado no meio da exaltação das paixões, é como estes traços incisivos, penetrantes, ironicos, cheios de sal e a proposito, atirados por um orador habil ao meio d'uma assembléa em tumulto. O effeito é o mesmo. Quan-

tas vezes se não tem visto um simples olhar expressivo mudar o estado do espirito d'um dos circumstantes, moderar ou extinguir uma paixão exaltada? E que exprimia este olhar? Um appello ao sentimento das conveniencias, ao respeito, ao lugar, ou ás pessoas; uma lembrança de amizade, uma ironia delicada, talvez nenhuma outra cousa que uma appellação ao senso commum. A paixão cahiu como a espuma logo que as ondas cessam de ser batidas pelos ventos. Ora esta influencia que deixamos a outrem ter sobre nós, porque a não exerceremos sobre nós mesmos?

L

PERPETUA MENINICE DO HOMEM

Se o homem facilmente se deixa extraviar, é tambem certo que pouco basta para o reconduzir a bom caminho.

Mais fraco que mau, não se obstina no mal pelo unico facto de ter começado a fazer o mal; não, entra, com deploravel facilidade em uma ou outra via, segundo a impulsão que recebe. Menino até á velhice quer principalmente passar por serio exteriormente, por isso disfarça como póde, sob exteriores de gravidade, a sua eterna meninice, bem que no fundo conheça o que vale e se envergonha de si mesmo. Disse alguem que não ha homem grande para o seu criado do quarto. Isto é uma in-

contestavel verdade; o homem visto de perto perde o seu prestigio. As virtudes humanas exigem certa perspectiva. É tambem certo que o homem se conhece a si melhor do que o conhecem os outros; e eis porque, até em seus melhores annos, elle precisa de se occultar a puerilidade do seu coração.

O menino ri, brinca, salta, e logo geme e se enfurece, chora muitas vezes sem saber pelo quê. O menino soffre a influencia de seu organismo, do bom ou mau estado de sua saude, do vento, do sol, das nuvens que passam; esquece o momento passado, e o futuro é para elle como se não existira. Não acontece o mesmo ao homem serio e grave, ao mais sabio dos homens, bem que seus caprichos tomem outro nome? É um perfeito menino, menos as graças da infancia.

Intelligencia unida a um corpo que mil influencias modificam, mobil como a folha, o homem cede a qualquer influencia do vento; suas impressões succedem-se com incrivel rapidez; muda incessantemente e suppõe que os objectos é que tem mudado, attribue-lhes a propria inconstancia.

LI

UMA MUDANÇA NA VIDA

X entrou, passado certo numero de annos de que faz mysterio, em idade madura. Homem de

juizo, saber e experiencia, não se deixa jámais levar pelas impressões do momento... pesando todas as cousas na balança de uma razão placida, e só dando ás paixões a influencia que não consegue tirar-lhes.

Tem a seu cargo o projecto d'uma especulação consideravel, para o que se conta com sua habilidade particular n'este genero de negocios. Entra resolutamente no projecto que lhe apresentam, offerecendo uma parte notavel de sua fortuna. Que tem elle a temer com effeito? Os obstaculos? Sabe como os desviar; os rivaes? tem vencido outros mais poderosos. Além d'isso negocios teem passado por suas mãos, e jámais em sua honra ficou a mais leve mancha. Embebido no pensamento que o lisonjeia, exprime-se com maravilhosa facilidade, as idéas abundam, os gestos se multiplicam, accende-se-lhe a vista, sua physionomia torna-se expressiva; dir-se-hia ter voltado ás suas vinte e cinco primaveras, se algumas cans indiscretas, espreitando por debaixo da cabelleira que as occulta, não revelassem traiçoeiramente os trophéos dos annos.

O negocio acha-se concluido; faltam ainda alguns promenores; mas ficaes emprazado para os completar em proxima entrevista. Ámanhã? Não, nada de dilações; é preciso que seja hoje. É assim que X concebe e dirige os negocios; por tanto, esta tarde!

Á hora marcada compareceis fielmente no lugar designado. Está um calor de asphyxiar, por isso ides encontrar o bom do homem com o vestido em bastante descompostura. Meio estendido sobre um sophá, vos sauda com affectuoso esforço; porém com evidentes signaes de enojo.

— Vamos, senhor, se ficamos concordes definitivamente...

— Temos tempo de fallar...

E o enojo se retrata de cada vez mais na physionomia do interlocutor.

— Como v. me havia indicado esta tarde...

— Vejo que é de grande pontualidade, mas emfim...

— Será quando v. quizer.

— Sem duvida... É bom reflectir maduramente, e...

— Difficuldades, bem sei que as ha; mas como estava tão resolvido esta manhã, entendi que tudo se arranjaria.

— Resolvido, sim! e ainda o estou... Todavia, não nos apressemos... é preciso vêr... Emfim fallaremos logo — acrescentou elle com expressão de quem deseja que o não compromettam.

X já não é o mesmo. Exprime esta tarde o que sente, como o exprimia esta manhã: a audacia, a actividade, os meios de levar a empresa a seu fim, tudo desappareceu! Os obstaculos de nada que eram, tornaram-se insuperaveis. Os ri-

vaes não tinham valor algum e tornaram-se invenciveis.

Tomaria informações? — não viu ninguem de quem as tomar. Meditaria sobre o negocio? — não tinha pensado em tal antes de vossa chegada. — Mas então qual a causa de revolução tão repentina? Que aconteceu? — nada; a explicação do phenomeno é mui simples: não procureis grandes causas, são muito poquenas. Em primeiro lugar a atmosphera está pesada, faz um calor atroz, ao passo que de manhã uma fresca briza circulava no ar. X está summamente abatido. Escolhestes má hora para lhe fallar. O céo cobre-se de nuvens e ameaça tempestade. A comida era alguma cousa indigesta; o somno da sésta foi demasiado breve. Que mais se quer? Não são bastante poderosos estes motivos para transtornar o espirito d'um homem grave e modificar suas opiniões? Apesar de todas as urgencias, quem vos levou a sua casa debaixo de tão infausta constellação?

Tal é o homem: a menor cousa o desconcerta e muda. A vontade de que se julga senhor, obedece á nuvem que encobre a luz do sol e á briza que passa fagueira.

*

LII

OS SENTIMENTOS DE PER SI SÓ SÃO POUCO SEGURO GUIA

Entregar-se o homem só á mercê do sentimento, é lançar o navio sem piloto para cima das ondas agitadas; é proclamar a infallibilidade das paixões; é dizer ao homem: «Escuta tão sómente os conselhos do instincto, e obedece cegamente a todos os movimentos do coração»; é despojar-se de sua intelligencia e seu livre arbitrio; é converter-se em instrumento passivo da sensibilidade.

Os grandes pensamentos véem do coração, disse um escriptor celebre; é do coração que véem igualmente os grandes erros, as grandes extravagancias, os grandes crimes. Todas as cousas ahi teem sua origem. Harpa maravilhosa que desfere todos os sons, desde os ruidos lugubres e temiveis da habitação da morte e do espanto, até ás mais delicadas, ás mais suaves harmonias das regiões da paz e do repouso eterno.

O homem que não tem outro guia do que seu coração torna-se o joguete das mais contradictorias inclinações. Como a palha secca que o vento leva, elle vai, vem, volta-se, levanta-se e torna a cahir sem treguas e sem repouso. Contai os sentimentos que, em poucas horas, podem atropellar-se em sua alma: menos numerosas são as arêas do mar e as estrellas do céo. O homem passa, repentinamente,

e sem conhecer a causa da sympathia ou antipathia, do amor ao odio; agora cheio de coragem e ardor, logo indeciso, abatido, timido. Quem desconhece a influencia que sobre elle exerce a idade, o tempo, o estado, a posição social e muitas outras circumstancias? Tudo que affecta sua intelligencia e seu organismo, como quer que isto se faça, modifica ao mesmo tempo sua maneira de sentir. D'ahi vem a inconstancia dos que se abandonam a suas paixões; d'ahi, esta mobilidade das organisações muito sensiveis, que não souberam vigiar sobre si mesmas, reagir corajosamente sobre si mesmas, domar as proprias paixões.

As paixões foram dadas ao homem como estimulantes, como meios d'acção e não para esclarecer sua intelligencia, para regular sua conducta. Diz-se frequentemente: — o coração não engana! — Erro deploravel! Que é então a vida? Um tecido de illusões urdido por nosso coração. Se algumas vezes, entregando-nos ás inspirações do sentimento, encontramos a verdade, quantas mais vezes estas inspirações nos seduzem e nos extraviam!

Sabeis porque ao coração se attribue tão seguro instincto? É porque seus menores successos teem por sua mesma raridade, o privilegio de excitar no mais alto grau a nossa admiração; é porque nos maravilhamos de o vêr, no meio da propria cegueira, achar a verdade, quando a temos procurado em vão á luz do entendimento. Deslumbra-nos a

excepção; esquecemos os errores a que nos leva o coração e damos-lhe a honra d'um discernimento que não tem nem póde ter.

Dar por base á moral o sentimento, é edificar sobre a arêa movediça; regular a conducta pelas inspirações do sentimento, é condemnar-se a caminhar ao acaso, e muitas vezes por maus caminhos. Em nossa época a litteratura franceza, litteratura que se esforça por se introduzir na Hespanha, divinisa as paixões: este sensualismo é gravissimo perigo. Que são, com effeito, as paixões divinisadas, senão extravagancia, immoralidade, corrupção?

A desgraça e o crime são pela maior parte os fructos amargos d'esta arvore maldita.

LIII

NÃO AS IMPRESSÕES SENSIVEIS, SENÃO A MORAL E A RAZÃO

A conducta do homem, assim com respeito á moral como com relação ao util, não deve governar-se por meras impressões, senão por regras seguras e constantes; nos actos moraes, por as maximas eternas da verdade; no que toca aos interesses materiaes, pelos conselhos d'uma razão sabia e previdente.

O homem é creatura limitada; só relativamente as cousas n'elle são perfeitas. As impressões que recebe, modificações de sua propria natureza, em

nada alteram as leis eternas. Uma cousa justa não deixa de o ser pelo facto de lhe desagradar; uma injustiça não deixa de ser injustiça por isso que elle a approva. O homem implacavel que se vinga sente feroz prazer enterrando um punhal no peito do inimigo; todavia esta acção não deixa de ser um crime. O anjo da caridade que, sob o dôce nome de irmã vela á cabeceira do doente, experimenta muitas vezes crueis desgostos e no entanto a sua acção não deixa de ser um acto heroico de virtude.

Até fóra da ordem moral, é preciso encarar as cousas não pelo modo com que ellas nos affectam, mas segundo o que realmente são. A verdade não está essencialmente em nossas impressões, mas sim nas cousas. Se nossas impressões estão em desaccordo com as cousas, taes impressões nos enganam e nos extraviam. O mundo real não é o dos poetas e romancistas. Saibamos vêl-o tal qual elle é, e regulemos nossa conducta por esta vista. Nada de vãs phantasias; o positivo, o pratico, o prosaico, eis o que é o mundo.

LIV

A EXAGERAÇÃO PÓDE A UM SENTIMENTO BOM TORNAL-O MAU

A religião não procura destruir e supprimir os sentimentos; modera-os e dirige-os. A prudencia não repelle o auxilio das paixões; sómente recusa

dar-lhes o imperio. A harmonia estabelece-se no coração do homem não pela elevação absoluta, não pelo desenvolvimento simultaneo de suas inclinações, mas por sua repressão.

Não é sómente nas paixões contrarias que acharemos um contrapeso aos sentimentos que deixamos obrar em nós; é principalmente na razão e na moral. A opposição das inclinações boas ás inclinações más deixa de ser salutar, quando a razão não preside a esta lucta; as inclinações boas não são taes, senão tanto quanto a razão as modera: abandonadas a si mesmas, exageram-se e pervertem-se.

Um militar está encarregado da defensa d'um ponto perigoso; o perigo augmenta de instante para instante; em volta d'elle cahem os companheiros ametralhados, como espigas sob a fouce do ceifador; aproximam-se os inimigos; é impossivel a resistencia, e não chega a ordem de se retirar. O desanimo está prestes a entrar no coração do bravo: «para que morrer sem utilidade para a sua causa? Exigirá por ventura a disciplina e a honra um sacrificio inutil? Não valerá mais abandonar seu posto, invocando junto do general a imperiosa lei da necessidade? Não, não! responde o seu coração generoso, seria a fraqueza a encobrir-se com o nome de prudencia! Que diriam os amigos? que diria o exercito? Entre a morte e a vergonha, a morte! sem hesitação, a morte!»

Póde-se culpar essa reflexão com que o bravo official procurára sustentar-se a si mesmo contra as tentações da cobardia? Esse desejo da honra, esse horror á ignominia de passar por cobarde, não foi n'elle um sentimento? Sim, um sentimento nobre, generoso, cujo ascendente fez pender a balança do lado do dever. Sob a metralha e a vista da morte, entre os gemidos dos feridos, o bravo teve um momento de hesitação. A razão, entregue a si mesma, teria succumbido talvez; mas elle chamou em seu auxilio uma paixão mais poderosa que o temor da morte; o sentimento da honra e a razão triumpharam; a paixão dirigida para um fim legitimo produziu feliz resultado.

Chegada a ordem de retirada, o official se reune a seu corpo, havendo perdido no posto fatal a quasi todos os seus soldados. — Já o tinhamos por morto — lhe diz sorrindo um companheiro d'armas — mas já vêmos que soube guardar o tal respeito ás leis da Providencia. O official crê-se ultrajado; pede uma satisfação ao imprudente mofador, e poucos momentos depois deixa este de existir. O mesmo sentimento que gerára um acto heroico occasiona agora uma especie de assassinato. A honra e o temor de passar por cobarde, tingem em fim as mãos d'este homem com o sangue d'um amigo. A paixão, regulada, dominada pela razão, engrandecera-se até ao heroismo; entregue á sua cega impetuosidade, degradou-se até ao crime.

A emulação lucta vantajosamente contra a preguiça, contra o abandono de si mesmo, contra todas as inclinações que servem de obstaculo ao desenvolvimento de nossas faculdades. Com auxilio d'este sentimento, o mestre estimula seus discipulos, o pai de familias combate as más inclinações de seu filho; um grande caudilho obtem de suas tropas prodigios de constancia, de braveza, de dedicação. Desejo de progredimento legitimo, amor do successo e do dever, temor das censuras, vergonha de nos vêrmos excedidos por aquelles que podiamos exceder, são sentimentos mui justos, mui nobres, excellentes para nos fazer progredir no caminho do bem. Nada ha n'elles de reprehensivel; são o manancial de muitas acções; virtuosas e sublimes inspirações.

Porém, este sentimento que fortifica a alma e a eleva, por assim dizer, acima de si mesma, se se exagera torna-se em veneno mortifero que a róe e corrompe. A emulação converte-se em inveja; o sentimento no fundo é o mesmo, porém exagerado no segundo caso. O desejo legitimo do progredimento torna-se em devoradora sêde de successo; o pezar de se vêr excedido, em rancor mortal contra o vencedor. Já não é esta nobre rivalidade susceptivel de se olhar com amizade, que se esforçava por adoçar a humilhação do vencido com provas de ternura e sinceros louvores, que ficava satisfeita com ter conquistado os louros, e os occultava para

poupar o amor-proprio dos vencidos: é um verdadeiro furor; é um pezar que compunge menos pelos proprios revezes, do que pelos triumphos alheios; é um odio profundo contra o rival feliz; um desejo ardente de rebaixar seu merito; é uma maledicencia amarga, um desdem falso e mau, sobre o qual a custo se encobre um odio mal comprimido; é um sorriso sardonico que não chega a dissimular os tormentos da alma.

Que cousa mais conforme á razão do que o sentimento da dignidade pessoal? sentimento que se revolta contra o conselho das paixões degradadas, que chama o homem ao dever da honra; sentimento que, segundo as circumstancias e em todas as condições da vida, inspira ao homem de coração a attitude conveniente; sentimento que enche de magestade ao magistrado encarregado de pronunciar as sentenças da justiça; que dá á physionomia d'um pontifice a unção augusta e a gravidade santa; que brilha na vista de fogo dos grandes capitães e em sua attitude ousada e imponente; sentimento que nem á prosperidade permitte desregrada alegria, nem ao infortunio ignobil abatimento; que assignala a opportunidade com prudente silencio, ou suggere uma palavra decorosa e firme; que estabelece os justos limites entre a affabilidade e a excessiva familiaridade, entre a franqueza e o abandono, entre a naturalidade dos modos e a grosseira liberdade; sentimento emfim que fortifica o

homem sem o endurecer, que lhe ensina a docilidade sem fraqueza, a flexibilidade sem inconstancia, a constancia sem obstinação.

Porém este mesmo sentimento, se deixa de ser regulado e dirigido pela razão, torna-se em orgulho, o orgulho que incha o coração; o orgulho que dá á physionomia um caracter aggressivo, ás maneiras uma affectação tão irritante como ridicula; o orgulho, cheio de presumpção que se cria obstaculos e torna impossiveis os successos; o orgulho, pai de todos os vicios; o orgulho, que provoca o odio e o desprezo, que torna o homem insupportavel aos outros e muitas vezes insupportavel tambem a si mesmo.

Haverá sentimento mais razoavel que o que nos leva a assegurar-nos do necessario, e preparar o bem-estar dos que nos são caros, dos que o dever confia a nossos cuidados? Este sentimento previne a prodigalidade e o excesso; ensina a sobriedade e a moderação nos desejos; favorece o gosto do trabalho. Levado além dos limites, este mesmo sentimento impõe mortificações que Deus não pede nem aceita; inspira culpavel negligencia para a saude, aconselha o desprezo dos parentes em suas doenças; enche a familia de privações, fecha o coração á amizade, o coração e a mão ás miserias dos pobres; torna-se insensivel a todos os infortunios; atormenta o espirito com suspeitas e vãos terrores; prolonga as vigilias, gera as insomnias e persegue com si-

nistras apparições os curtos momentos do somno do avarento.

> Desperta o rico avaro no seu leito,
> Banhado no suor que dá o terror.

> El rico avaro en él angosto lecho,
> Y que sudando con terror despierta.

A virtude acaba onde o excesso principia. Os melhores sentimentos tornam-se maus pela exageração; o sentimento só de per si é guia pouco seguro e muitas vezes perigoso. Á razão incumbe o conduzir consoante os eternos principios da moral, e guial-o para o bom e para o util. Jámais o homem se estuda com todo o devido cuidado. Nenhum esforço é de mais para adquirir aquelle criterio moral e acertado que nos ensina a verdade pratica, a verdade que deve presidir a todos os actos de nossa vida. Proceder á ventura, abandonar-se cegamente ás inspirações do coração, é expôr-se a todos os perigos e a todas as maculas; é lançar-se de erro em erro, de queda em queda, até ás bordas d'este abysmo d'onde o homem cahido não mais se levanta, porque a vertigem passa-lhe do coração á razão; creatura tanto mais miseravel depois de sua queda quanto não vê, não conta, não sente ainda assim as proprias feridas.

LV

UTILIDADE DO SABER RELATIVAMENTE Á PRATICA

Em tudo que diz respeito aos objectos submettidos ás leis necessarias, isto é, á materia, é evidente que o conhecimento das leis a que estes objectos estão sujeitos é pelo menos d'uma grande utilidade, se tal conhecimento não é indispensavel. Considerar a theoria como inutil, e não ter em conta senão a pratica, é privar-se d'um poderoso meio de progresso. A sciencia, quando é digna d'este nome, propõe-se descobrir as leis que regem a natureza. O auxilio da sciencia por tanto póde e deve ser em todas as cousas de decisiva importancia. Temos d'esta verdade irrefragavel prova em o que se tem passado na Europa, ha tres seculos a esta parte. Desde que se começou a cultivar as mathematicas e as sciencias naturaes, os progressos das artes teem sido assombrosos. No seculo actual vão-se fazendo continuamente engenhosos descobrimentos; e que são estes, senão applicações da sciencia?

A rotina que desdenha da sciencia, mostra com semelhante proceder nescio orgulho, filho da ignorancia.

O homem distingue-se dos brutos pela razão com que o dotou o author da natureza; e não querer empregar as luzes do entendimento para a direcção das operações, ainda as mais simples, é

mostrar-se ingrato á bondade do Creador. Para que nos foi dado este archote illuminador do espirito? Se á sciencia devemos tão grandes concepções, porque a não consultaremos? porque lhe não pediremos que nos guie na pratica?

Verdade é que todas as sciencias parecem ter partes puramente especulativas, e por assim dizer de luxo, que alguns tem crido inuteis; porém, penetrando-se nas pretendidas inutilidades, facilmente se perceberá que se não póde destacal-as do conjunto sem destruir toda a sciencia, ou que ellas teem com a arte relações immediatas que estavamos longe de suspeitar. A inutilidade é só na superficie; não raro o tempo e o genio se encarregam de tirar d'estas partes obscuras ondas de luz e consequencias praticas tão uteis como inesperadas.

Poderiamos citar innumeros exemplos comprovativos d'esta verdade. Nada mais puramente especulativo e mais esteril, apparentemente, que as fracções continuas; e todavia é com seu auxilio que Huygens chegou a determinar as dimensões das rodas dentadas na construcção da sua machina planetaria.

A pratica sem theoria permanece estacionaria ou só marcha com extrema lentidão; assim como tambem a theoria sem a pratica fica esteril. A theoria não se consolida sem o concurso da observação, e a observação apoia-se na pratica. Que seria da sciencia agricola sem a experiencia do lavrador?

Os que se destinam pois á profissão d'uma arte devem, se fôr possivel, estar preparados com os principios da sciencia em que aquella se funda. Quanto mais habeis não foram os nossos artistas se estabelecessem sua experiencia sobre os elementos bem comprehendidos da chimica, da geometria, da mecanica e outras sciencias correlativas! se empregassem no estudo preparatorio das sciencias em relação á carreira que devam abraçar, o tempo miseravelmente perdido nas escólas publicas em exercicios que para nada servem! Pense-se n'isto seriamente e, ousamos affirmal-o, o Estado, os individuos, a familia, a sociedade inteira virão a tirar mais fructos dos sacrificios que se impõem.

Bom é que um mancebo cultive as letras; mas de que lhe servirão os conhecimentos unicamente litterarios, quando, n'um estabelecimento commercial ou manufacturario, tiver precisão de apreciar as qualidades ou defeitos d'uma machina, as vantagens ou inconvenientes de tal ou tal processo? A cada cousa seu lugar, a cada arvore seu fructo, a cada um sua obra e sua especialidade; é esta uma lei de harmonia tanto na ordem moral como na ordem material, e principalmente na ordem pratica. O architecto, o engenheiro aprenderão, por ventura, em estudos litterarios, philosophicos ou politicos, a construir um edificio elegante, solido, proprio para o fim a que se destina, a traçar habilmente o plano para uma estrada ou canal, a diri-

gir as obras com intelligencia, a levantar uma calçada, a suspender uma ponte?

LVI

INCONVENIENTES DA UNIVERSALIDADE

Lenta e penosamente se adquire a sciencia, e a vida é curta. Não obstante o homem dispersa as suas faculdades sobre mil diversos objectos, acariciando d'est'arte a vaidade e a preguiça simultaneamente: a vaidade porque esta apparente universalidade lhe dá um certo verniz de saber, a preguiça porque é muito mais difficil e mais penoso o fixar-se n'uma sciencia, aprofundal-a, abraçal-a inteiramente, que adquirir algumas noções vagas e geraes sobre todos os ramos dos conhecimentos humanos.

Todos os dias se aprecia na industria as vantagens da divisão do trabalho, e não se pondera que este principio é igualmente applicavel á sciencia. Rarissimos são os homens nascidos com felizes disposições para todas as cousas. E alguns que poderiam vir a ser brilhantes especialidades entregando-se particular ou mesmo exclusivamente a certos estudos, tornam-se inuteis por affectação da universalidade. Assim se consommem sem fructo as forças que, postas em acção convenientemente, poderiam prestar bons serviços á sociedade. Vaucanson

e Watt fizeram prodigios na mecanica; nas bellas-artes ou na poesia, indubitavelmente não teriam passado de mediocridades. La Fontaine immortalisou-se com suas fabulas, e como negociante, fôra sem duvida um dos mais inhabeis.

Verdade é, todavia, que os conhecimentos adquiridos são como degraus por meio dos quaes nos elevamos a novos conhecimentos, e que a luz que se projecta d'uma sciencia sobre outra facilita o trabalho da intelligencia abrindo-lhe novos horisontes. As differentes partes da sciencia como que formam uma cadêa cujos fuzis, apesar de sua diversidade, compõem um todo harmonioso e completo; mas poucos homens ha capazes de congregar estes fuzis esparsos, de percorrer toda a cadêa, e persisto em pensar que o maior numero deve circumscrever e concentrar seus esforços.

Assim nas sciencias como nas artes, importa escolher, segundo a aptidão particular, a carreira que se deve seguir, e, feita a escolha, dedicar-se a ella particular ou exclusivamente.

A multiplicidade de meios de instrucção, livros, jornaes, encyclopedias, não faz de algum modo senão multiplicar a ignorancia, convidando a tudo tocar pela superficie. A abundancia, herança dos seculos que deveram sua gloria ao trabalho, tornou-se um escolho em vez de vantagem. Muitos espiritos perdem em profundeza o que ganham em extensão. Quantos falsos sabios se comprazem em sua

sciencia universal, que em ultima analyse só tem de universal a presumpção e a ignorancia!

Uma só sciencia, que se queira saber a fundo, basta para absorver a mais longa vida. Dá-se o mesmo nas profissões. Esquecida esta verdade, as forças do espirito vão-se disseminando sem ordem e se consommem sem resultado; dá-se o mesmo n'uma machina mal construida; a força motriz se paralysa pelo defeito de concentração ou pela disposição defeituosa das molas encarregadas de distribuir esta força a cada uma das partes do mecanismo.

Pergunta-se a causa da triste esterilidade do movimento intellectual em nossa época, apesar da actividade sempre crescente dos espiritos. Talvez que as observações que deixamos feitas levem á razão d'esse facto. As forças excessivamente individualisadas, fraccionadas até ao infinito, dissipam-se e perdem-se, á mingoa de direcção; as intelligencias marcham sem fim determinado e como á ventura. Os que professam com fructo uma carreira, abandonam-na por outra que pareça apresentar mais vantagens, ou que mais lisonjeie sua vaidade. D'ahi a desordem, a deslocação. O advogado aspira á diplomacia, o militar á vida politica, o banqueiro ao governo do Estado; o juiz torna-se economista; o homem do nada que era torna-se omnipotente. A vertigem das idéas, e da ambição, que ora vai augmentando de dia para dia, oppõe gravissimos obstaculos a todos os progressos.

*

LVII

FORÇA DA VONTADE

Quasi sempre ha no homem grande somma de forças que elle deixa inactivas. O explorar-se acertadamente constitue um maravilhoso segredo para fazer muitas e grandes cousas. A gente fica confundida de espanto diante de certos trabalhos realisados pela necessidade. Sob o imperio da necessidade, o homem se transforma e muda para assim dizer de natureza. A intelligencia se engrandece; adquire uma penetração, uma lucidez, uma precisão maravilhosas; o coração se dilata; nada assombra sua audacia; até o corpo adquire mais vigor. E porque? Crearam-se por ventura novas faculdades no homem? Não, mas n'elle se despertaram faculdades que dormiam. Onde tudo era repouso tudo se tornou movimento, tudo convergiu para um fim determinado. Aguilhoado pelo perigo, a vontade se desenvolve em sua resistivel potencia; ordena imperiosamente a todas as faculdades que concorram para a acção commum; presta-lhe sua energia e sua decisão. Espanta-se o homem ao sentir-se inteiramente mudado; o que apenas ousaria imaginar, o impossivel de hontem, torna-se o facto realisado do presente.

O que pratíca nas circumstancias extremas e sob o imperio da necessidade nos deixa vêr o que

podemos no curso ordinario da vida. Para obter, é mister *querer;* mas querer com vontade decidida, resoluta, inconcussa; com vontade que caminha para o fim sem desanimar com os obstaculos ou fadigas. Mas parece-nos ter vontade, quando só temos velleidades. Quereriamos, mas não queremos. Quereriamos, se não fôra preciso romper com nossa preguiça, affrontar certos perigos, vencer certas difficuldades. Escasseando de energia a nossa vontade, mollemente desenvolveremos nossas faculdades e cahiremos desfallecidos a meio do caminho.

LVIII

FIRMEZA DE VONTADE

Querer com firmeza! Esta firmeza assegura o successo nas empresas difficeis; por meio d'ella nos dominamos a nós mesmos, condição indispensavel para dominar as cousas. Ha dous homens em cada homem: um, intelligente, activo, elevado, nobre em seus pensamentos e em seus desejos, submettido ás leis da razão, cheio de ousadia e generosidade; outro inintelligente, sem arrojo, sem expediente, não se atrevendo a levantar nem a cabeça nem o coração acima do pó da terra, envolvido inteiramente nos instinctos e nos interesses materiaes. O ultimo é um sêr de sensações e de gozos; nem lembrança d'hontem, nem previsão de ámanhã; para

elle, a hora presente, o gozo presente é que constituem a felicidade; tudo o mais é nada. Pelo contrario, o primeiro instrue-se com as lições do passado, sabe lêr no futuro, ha para elle outros interesses que os de momento; não circumscreve em tão estreito circulo o que se chama a vida, a aspiração da alma immortal. Sabe que o homem é uma creatura formada á imagem de Deus; levanta o pensamento e o coração para o céo; conhece a sua dignidade; compenetra-se da nobreza da súa origem e de seus destinos, paira acima da região dos sentidos. Que direi ainda? ao gozo prefere o dever.

Nenhum progresso solido e permanente é possivel se não se favorece a parte nobre da alma sujeitando-lhe o homem inferior. O que se domina a si mesmo, facilmente domina as circumstancias. Uma vontade firme e perseverante, além d'outras qualidades, liga ou subjuga as vontades mais fracas, e lhes impõe naturalmente e sem esforço a sua superioridade.

A obstinação é defeito gravissimo, pois que fecha nossos ouvidos aos conselhos; porque a despeito de toda a consideração de prudencia ou de justiça, nos encadêa a nossos sentimentos, pensamentos e resoluções: planta vivaz cuja raiz é o orgulho.

Entretanto, os perigos da obstinação são menores talvez que os da inconstancia: se uma nos ce-

ga concentrando nossas faculdades em um só ponto, ás vezes em um erro, a outra enerva estas faculdades, já deixando-as ociosas, já applicando-as, com mobilidade sem repouso, a mil diversos objectos. A inconstancia torna-nos incapazes de terminar qualquer empresa; colhe o fructo antes da maturidade, recúa diante dos mais insignificantes obstaculos: uma leve fadiga, um leve perigo a amedronta; deixa-nos á mercê de todas as paixões, de todo o successo, de todo o homem que possa ter interesse em nos dominar; finalmente fecha os ouvidos aos conselhos da justiça, da razão e do dever.

Quereis adquirir vontade perseverante e firme e premunir-vos contra a inconstancia? formai-vos convicções firmes, traçai-vos um systema de conducta, e nada confieis ao acaso do que lhe poderdes subtrahir. Os successos, as circumstancias, a vossa previdencia de curto alcance não raro vos obrigarão a modificar os planos que houverdes concebido; não importa: não deve esse ser motivo para de novo os não formar; isso não vos authorisa a vos entregardes cegamente ao curso das cousas e a caminhar á ventura. Pois não nos foi dada a razão como um guia e como apoio?

Traçar-se de ante-mão a linha de conducta e só obrar depois de maduras reflexões, é proceder com notavel superioridade sobre os que se conduzem ao acaso. O homem que se guiar por estes principios,

ouso affirmal-o, levará incontestavel vantagem sobre os que se conduzam d'outro modo. Se estes são seus auxiliares, naturalmente os porá debaixo de suas ordens, e se verá constituido em seu caudilho sem que elles o pensem nem o proprio o pretenda; se são seus adversarios ou inimigos, os desbaratará, ainda que com menos recursos.

Consciencia recta e tranquilla, vontade firme, plano bem concebido, eis os meios para levar a bom termo as empresas difficeis. Isto pede-nos alguns sacrificios, convenho n'isso; suppõe trabalho interior, energico e perseverante, pois que é mister começar por se vencer a si proprio; mas, assim na ordem intellectual e moral, como na physica, nas cousas do tempo, como nas da eternidade, só merece e obtem a corôa o que sabe na lucta affrontar as fadigas e os perigos.

LIX

FIRMEZA, ENERGIA, IMPETUOSIDADE

Vontade firme, vontade energica, vontade impetuosa não são a mesma cousa. A primeira differe da segunda e ainda mais da terceira, que differe tambem das outras duas.

Todas tres distinctas, todas tres independentes não é mesmo raro que estas vontades se excluam. A impetuosidade é um accesso de paixão, uma convulsão da vontade, arrastada pela paixão; é, por

assim dizer, a mesma paixão. Um accesso momentaneo não constitue a energia; e energia suppõe a força com certa duração.

Na impetuosidade ha explosão: dispara-se o tiro, mas o projectil cahe a menos distancia. Ha igualmente explosão na energia, talvez com menos fracasso, mas o arremesso vai mais longe.

A firmeza não requer nem impetuosidade, nem energia, e algumas vezes as repelle a ambas; todavia admitte a paixão, ou antes exige-a geralmente, mas a paixão constante, fixa em sua direcção, a paixão regular. A impetuosidade n'um momento ou destróe todos os obstaculos, ou se despedaça; a energia prolonga mais a lucta, mas despedaça-se igualmente, depois de certos esforços. A firmeza, se lhe é possivel, desvia as difficuldades; senão, as evita ou as rodeia. Se por acaso as não póde evitar nem rodear, detem-se e attende. Não se creia no entanto que, em certos casos, a firmeza não possa tornar-se energia ou impetuosidade. Depois de ter longo tempo contemporisado, acaba por se irritar. Uma resolução extrema é tanto mais formidavel quanto mais de espaço tem sido premeditada. Os homens frios na apparencia, mas em que arde comprimido um fogo interior, são terriveis quando chega o momento decisivo, quando dizem: «É agora!» É então que no objecto cravam a vista chammejante, e a elle se lançam rapidos como um raio, certeiros como uma flecha.

As forças moraes são como as physicas; necessitam ser economisadas. Os que as economisam e as teem em reserva as acham mais poderosas no momento opportuno. As vontades mais fortes não são as que se chocam de continuo contra qualquer cousa; pelo contrario, os muito impetuosos cedem quando se lhes resiste, e atacam quando se lhes cede. A firmeza não se prodigalisa, nem faz a cousas de pouca monta a honra de se medir com ella. Assim, na pratica da vida, os homens fortes são, geralmente, condescendentes, faceis, promptos a ceder; acommodam-se sem repugnancia á vontade d'outrem. Porém chegada a occasião, quer por se apresentar negocio importante em que convenha empregar as forças, quer porque algum dos pequenos tenha sido levado a extremo em que se não possa mais condescender, e seja preciso dizer *basta,* então não é mais impetuoso o leão, se se trata de atacar, nem é mais firme a rocha, se se trata de resistir.

Esta força de vontade que dá a bravura nos combates, a firmeza na dôr, que triumpha de todas as resistencias, que não recúa diante de obstaculo algum, que os revezes não removem, que os mais duros choques não são capazes de quebrar; esta vontade que, segundo o tempo e as circumstancias, se torna gelo ou vulcão; que desenha na physionomia as tempestades que vão na alma, ou na mesma physionomia imprime uma serenidade

ainda mais aterradora; esta força de vontade que é hoje o que era hontem, e que o será ámanhã, e sem a qual impossivel fôra terminar empresa difficil ou de longa duração; esta força de vontade, caracter distinctivo dos homens que deixaram na humanidade o vestigio de seus passos, dos homens que vivem ainda nos monumentos que levantaram, nas instituições que fundaram, nas revoluções que fizeram; esta força de vontade que possuiram os fundadores de imperios, os chefes de seitas, os descobridores de novos mundos, os inventores que consummiram a vida em busca de seu invento, os politicos que com mão de ferro moldaram a sociedade em novas fórmas, imprimindo-lhe um sello que, depois de largos seculos, ainda se conserva; esta força de vontade que, d'um humilde monge, faz um Sixto V ou um Ximenes; esta força de vontade que detem como um muro de bronze o protestantismo no cume dos Pyrenéos, que arroja sobre Inglaterra uma armada gigantesca, que escuta impassivel a nova da ruina d'esta armada, que submette Portugal, vence em S. Quintino, levanta o Escurial, e que, do sombrio angulo d'um mosteiro contempla com vista serena a morte que se aproxima; em quanto que

Estranha agitação, tristes clamores
Echôam no palacio de Philippe;
No claustro e no povo ao mesmo tempo
Com pranto angustioso se diffundem.

Esta força de vontade, digo eu, exige duas condições, ou antes resulta da acção combinada de duas cousas: uma idéa e um sentimento: uma idéa clara, viva, fixa, poderosa, que absorve o entendimento, que o possue, que o penetra inteiramente; um sentimento forte, energico, senhor exclusivo do coração, e complemento subordinado á idéa. Se falta uma d'estas condições, a vontade enfraquece e vacilla.

Quando a idéa não é auxiliada pelo sentimento, a vontade é nulla; tambem se o sentimento se não apoia sobre uma idéa, a vontade fluctua, é inconstante. A idéa é a luz que indica o caminho; é o ponto luminoso que fascina e attrahe; o sentimento é o impulso, a força que põe em movimento e lança a vontade.

Logo que a idéa carece de vivacidade, a attracção diminue, a incerteza começa, a vontade fica suspensa; quando a idéa não é fixa, permanente, quando o ponto luminoso muda de lugar, a vontade fluctua incerta; offuscada ou substituida a idéa, a vontade muda de objectos, torna-se inconstante; e quando o sentimento não é sufficientemente forte, quando não está em justa proporção com a idéa, o entendimento contempla esta idéa com prazer, com amor, com enthusiasmo talvez, mas a alma não ousa medir-se com ella e se acha inferior; não póde seu vôo elevar-se até lá; a vontade nada tenta ou desanima e cahe á primeira tentativa.

É incrivel o que podem estas forças unidas, e o que é estranho é que seu poder não é só com respeito ao que as possue; é mormente expansivo e sympathico. Que maravilhoso ascendente não exercem os homens que d'elle são dotados sobre os outros homens! A força da vontade, sustentada, dirigida pela potencia d'uma idéa tem alguma cousa de mysterioso que parece investir o homem d'um direito superior e dar-lhe o mando. É ella que inspira a confiança sem limites, a obediencia cega aos heroes assignalados com este caracter; as ordens que elles dão, embora desacertadas, ninguem ousaria tel-as como taes; attribuem-se o plano secreto que os profanos não comprehendem. «Elle bem sabe o que faz», diziam os soldados de Napoleão, e corriam á morte.

Nos actos ordinarios da vida, as qualidades de que fallamos não são precisas em grau eminente; mas possuil-as em justa medida, proporcionalmente ao talento, ao caracter, á posição social, cousa é utilissima e muitas vezes indispensavel. Certos homens devem a este dom a sua superioridade no amanho dos negocios, e podemos affirmar que a ausencia completa d'estas qualidades accusa radical incapacidade.

As grandes cousas exigem grandes forças; para as cousas pequenas, pequenas forças bastam; mas o que é certo é que nada se faz sem o emprego d'uma força qualquer. A differença está na in-

tensidade da força ou no objecto a que se applica, não em a natureza das difficuldades ou em seu desenvolvimento. No homem grande como no vulgar, a intelligencia dirige; a vontade e a paixão dão o impulso. Em um e outro, a permanencia da idéa e a força do sentimento são dous principios, a vontade communica firmeza e energia. O mais tenue pó que o vento arrebata está sujeito ás mesmas leis que a massa d'um mundo.

LX

CONCLUSÃO E RESUMO

A arte de chegar á verdade é a primeira, a mais util de todas as artes, a arte pratica por excellencia. A verdade nas cousas é a realidade das cousas; a verdade no entendimento, consiste em conhecer as cousas taes como ellas são; a verdade na vontade consiste em querel-as conforme as regras da moral; a verdade na conducta, é a acção submettida ás leis da vontade recta. Para o que se propõe um fim, a verdade é, segundo as circumstancias, a conveniencia e a justiça; finalmente, na escolha dos meios, a verdade é a moralidade dos mesmos meios e a sua aptidão para preencher o fim a que se propõe.

As verdades são de muitas especies, porque differentes especies ha de realidades, meios diversos

para se chegar á verdade. As cousas não devem ser todas consideradas do mesmo modo; cada uma o deve ser pelo lado que melhor permitta a sua comprehensão. Multiplas são as faculdades do homem; nenhuma inutil, nenhuma má em si; mas nós é que d'ellas fazemos mau uso; de nós provém a sua esterilidade ou malicia. A boa logica deve abranger o homem na sua totalidade, porque a verdade apresenta relações com todas as faculdades do homem: desenvolver uma e negligenciar a outra, é muitas vezes prejudicar a primeira e paralysar a segunda. O homem é um pequeno mundo. Numerosas e diversas são as suas faculdades, e é mister haver entre ellas harmonia: ora não póde haver harmonia sem justa combinação de todas as cousas, e não póde haver justa combinação, a menos que cada cousa esteja em seu lugar, e só a seu tempo entre em movimento. Tem-se comparado o homem a uma harpa; as faculdades de sua alma são como cordas harmoniosas. Se deixa inactivas algumas d'estas faculdades, o instrumento fica incompleto; desafina-o se puxa as cordas demasiado, ou o toca inhabilmente. A razão é fria, mas vê claramente; aqueça-se sem a obscurecer. As paixões são cegas, porém cheias de energia; dê-se-lhe direcção, aproveite-se sua força. O entendimento submettido á vontade, a vontade submettida á moral, as paixões submettidas ao entendimento, e á vontade, todas as faculdades esclarecidas, dirigidas

pela razão, eis o homem completo, o homem por excellencia! Em tal homem a razão dirige e alumia com seu archote as realidades da vida; a imaginação pinta, o coração vivifica, a religião divinisa.

FIM

NOTAS

Nota 1.ª a paginas 7

Verum est id quod est, disse Santo Agostinho (Lib. 2. *Solil.* cap. 5). Póde distinguir-se entre a verdade da cousa e a verdade do entendimento; a primeira que é a mesma cousa, poder-se-ha chamar objectiva; a segunda, que é a conformidade do entendimento com a cousa, chamar-se-ha formal ou objectiva. O ouro é um metal, eis uma verdade objectiva, independentemente de nosso conhecimento. O entendimento conhece que o ouro é um metal, eis uma verdade formal ou objectiva.

Muita presumpção seria desprezar as regras para bem pensar. «É de homens ligeiros, dizia Cicero, affirmar que para as grandes cousas não ha arte, quando d'ella carecem as mais pequenas.» (Lib. 2. *De offic.*) Na utilidade das regras teem concordado os sabios antigos e modernos. A difficuldade pois está em saber quaes estas são, qual o melhor modo de as ensinar a praticar. *Dom dos deuses* chamou Socrates a logica; infelizmente, não nos aproveitamos bastante d'este dom precioso, e as cavillações dos homens o fazem inutil para muitos. Os aristotelicos foram accusados de embrulhar

o entendimento dos principiantes com abundancia de regras e discussões abstractas; em compensação, as escólas que lhes succederam e particularmente os ideologicos mais modernos não estão livres de todo de cargo semelhante. Alguns reduzem a logica a uma analyse das operações do entendimento e dos meios com que se adquirem as idéas; o que encerra as mais altas e difficeis questões que offerecer-se possam á humana philosophia.

Quizeramos um pouco menos de sciencia e um pouco mais de pratica; recordando o que diz Bacon de Verulamio sobre a arte de observação, quando lhe chama uma especie de sagacidade, de olfato caçador, mas sciencia. *Ars experimentatis sagacitas potius est et odoratio quædam venatica quam scientia.* (*De augm. scient.* lib. 5. cap. 2).

Nota 2.ª a paginas 18

O homem que se dedica a uma profissão para a qual não estava destinado é como uma peça deslocada. Ainda que cheio de ardor e boa vontade, os seus esforços ou são impotentes, ou os resultados enganam os esforços. Todos teem mais ou menos observado as tristes consequencias do deslocamento.

Todo o homem tem sua missão particular a preencher, e portanto sua prestancia particular. Um dos talentos mais eminentes que conheci no

tocante ás sciencias moraes e politicas, o considero abaixo de mediocre com respeito ás exactas; pelo contrario, tenho visto outros das mais felizes disposições para adiantar estas; e mui pouco capazes para aquellas.

E não é sómente com respeito ás sciencias cujo objecto é diverso ou contrario, que as aptidões differem; no ensino das mathematicas, por exemplo, não raro acontece que o mesmo alumno, ao passar da arithmetica para a algebra ou para a geometria, se mostra inteiramente differente do que antes era; tal cujo espirito é incapaz de generalisar, brilha na applicação: tal que é mau geometra póde ser um excellente algebrista. É sobre tudo na demonstração dos theoremas e na solução dos problemas que estas differenças sobresahem de modo mais tocante. Este construe, dispõe, opéra com maravilhosa facilidade, mas não passando da superficie, sem ir ao fundo; aquelle, mediocre no primeiro exercicio, generalisa, descobre e deduz com espantosa sagacidade. Uns são homens praticos; os outros, homens de sciencia. Aos segundos convém o estudo, aos primeiros a acção.

Ora se estas differenças de aptidão se notam em relação ás diversas partes d'uma mesma sciencia, que será quando se trata das sciencias que versam sobre objectos os mais distantes entre si? E no entanto, quem cuida em observar as aptidões especiaes e dirigir os meninos por caminho

que lhes convenha? A todos, por assim dizer, nos vasam no mesmo molde. Quando se trata da escolha de profissão, a tudo se attenderá, menos ás disposições particulares de cada um. Quantos deploraveis erros, quantos processos de inintelligente rotina em materias de educação e instrucção!

E todavia do que se trata na escolha de carreira? não sómente do successo e da fortuna, mas da felicidade de toda a vida. O homem que segue uma profissão para a qual nasceu, com facilidade supporta o peso das cousas da vida e até no meio dos mais rudes trabalhos encontra regosijos. Pelo contrario, o infeliz que se vê constrangido a desempenhar uma tarefa que lhe repugna e para a qual não havia sido talhado, deve luctar contra seus dissabores, violentar suas inclinações e vencêl-as antes de se achar ao nivel da mediocridade; direi mais: antes de ahi chegar deverá encher o vacuo de suas aptidões por meio de esforços sobrehumanos, muitas vezes impossiveis.

Tudo leva a crêr que o maior numero dos homens celebres com que as sciencias e a humanidade se honram, não passariam de mediocridades, fóra de sua vocação especial. Entregava-se Mallebranche ao estudo das linguas e da historia, sem mostrar superioridade alguma, quando em casa d'um livreiro, onde por acaso havia entrado, lhe cahiu nas mãos o *Tratado do homem,* de Descartes. Abre o livro, percorre algumas paginas, e tal

é sua emoção, que se viu obrigado a interromper para comprimir as pulsações do coração. Desde então, Mallebranche entrou na posse de si mesmo e encontrou o seu caminho; dez annos depois apparecia a sua famosa obra da *Investigação da verdade*. Um feliz acaso havia dado a Descartes seu mais illustre discipulo. Corregio exclamára diante d'uma obra prima de Miguel Angelo: «Tambem eu sou pintor!» Do mesmo modo Mallebranche ouvia uma voz dentro em si: «Tambem eu sou philosopho!»

Conta-se o mesmo de La Fontaine. Havia chegado aos vinte e dous annos sem ter descoberto seu talento tão original como profundo. A ode de Malherbe sobre o assassinato de Henrique IV foi para elle o appêllo de Deus. Ora quem desconhecia a inhabilidade do bom, do inimitavel La Fontaine para os negocios?

Disse eu que muito convém examinar o talento particular de cada menino, para o dedicar á carreira que melhor se lhe adapte; e que seria bom observar o que diz e o que faz quando se encontra na presença de certos objectos. — Insisto n'este conselho. Que preciosas indicações nos não daria a natureza estudada no facto alludido! Conta Madama Perier, na *Vida* de seu irmão Pascal, que sendo este ainda menino se achou um dia fortemente impressionado, n'um jantar de familia, com a diversidade de sons que dava um vaso de prata

tocado com uma colher, conforme applicava o dedo ao mesmo vaso ou deixava de o applicar, e que depois de haver muito tempo meditado, escreveu um pequeno tratado sobre a materia. E não annunciava já este espirito de observação o physico que, mais tarde, na experiencia de Puy-de-Dome, devia confirmar as descobertas de Torricelli e Galileu?

Vaucanson, esperando sua mãi n'uma ante-sala, esquece as horas na curiosa e reflectida contemplação d'um relogio cujas rodas e machinismo procurava conhecer, e em seguida, com uns bocados de pau, fórma uma obra prima d'este genero. D'est'arte revelava o seu assombroso genio o inventor, o illustre constructor do *flautista*, e do *aspide de Cleopatra*.

Bossuet na idade de dezeseis annos improvisava no palacio de Rambouillet um sermão que, pela copia de pensamentos e facilidade de expressão e estylo, causava admiração ao concurso composto dos talentos mais escolhidos que então contava a França.

Repito: esquecem-se as mais simples noções do bom senso e da experiencia, menosprezam-se até sobre o importantissimo objecto da educação da juventude. Nosso seculo tão innovador, tão ousado no erro, não ousa olhar a verdade! Será difficil abrir os olhos e vêr? — E todavia vai-se seguindo a rotina, até que, desabando inteiramente o edifi-

cio, sepultará sob as mesmas ruinas não só o que era mister conservar, mas tambem o que cumpria destruir.

Nota 3.ª a paginas 32

Disse que a theoria das probabilidades auxiliada pela das combinações manifesta a impossibilidade que chamei do senso commum, calculando, por assim dizer, a immensa distancia que vai da possibilidade do facto á sua existencia; distancia que nol-o faz considerar pouco menos que absolutamente impossivel.

Para dar d'isto uma idéa, supponhamos sete letras: *A, n, t, o, n, i, o,* d'onde queremos formar a palavra Antonio, misturando estas letras e lançando-as ao acaso. É claro que nenhuma impossibilidade intrinseca ahi existe, pois que todos os dias vêmos operar-se esta combinação, mediante a intelligencia do compositor. Mas se considerarmos que o numero das differentes combinações entre as quantidades é igual a $1 \times 2 \times 3 \times 4 \ldots (n-1)$ n, exprimindo n o numero dos factores; no presente caso, elevando-se a sete o numero das letras, o das combinações possiveis será igual a $1 \times 2 \times 3 \times 4 \times 5 \times 6 \times 7 = 5040$.

Se tivermos em vista que a probabilidade d'um facto está na relação do numero dos casos favoraveis com o numero dos casos possiveis, resulta que

a possibilidade aqui de sahir por acaso as sete letras precedentes dispostas de modo que formem a palavra Antonio é igual a $\frac{1}{5040}$.

A possibilidade aqui seria igual á de tirar uma esphera negra d'uma urna que contivesse 5039 brancas. Se tal é o numero dos casos desfavoraveis para um numero formado de sete letras, o que será d'um escripto em que haja muitas paginas, e por tanto grande numero de palavras? Assombra-se a imaginação ao considerar a inconcebivel pequenez da probabilidade quando se attende ao seguinte: 1.º A formação regular d'uma palavra é quasi impossivel; que dizer então de muitas mil palavras? 2.º As palavras não fariam sentido se não fossem collocadas de certa ordem. Sete palavras exigiriam os mesmos casos favoraveis e dariam tanto trabalho a conseguir como as sete letras. 3.º O que aconteceria ainda se as palavras fossem dispostas em linhas? Sete linhas offereceriam as mesmas difficuldades que as sete palavras e as sete letras. 4.º Observemos ainda que se trata aqui d'uma palavra composta tão sómente de sete letras, e que muitas ha compostas de muito maior numero; que todas as linhas deveriam ser formadas de certo numero de palavras e todas as paginas de certo numero de linhas. 5.º Em fim, que se tenha em conta aonde deve chegar um numero que se fórma em virtude d'uma progressão como esta: $1 \times 2 \times 3 \times 4 \times 5 \times 6 \times 7 \times 8 \ldots (n-1)\, n$.

Basta seguir por algum tempo a multiplicação para nos convencermos de que o producto excede toda a ponderação.

Nota 4.ª a paginas 42

Entre os exemplos de falsificação, se não provados ao menos provaveis, só citaremos um caso grave e hodierno relativamente aos *Pensamentos* de Pascal. É conhecido o valor d'esta obra, traduzida em todas as linguas, e a reputação de que goza. Innumeraveis são as edições. Ora eis que no anno da graça de 1845, se levantou vivissima polemica e de importancia capital entre M. Faugère e M. Cousin, sobre certas passagens dos *Pensamentos* de Pascal. M. Cousin pretendia ter restabelecido á sua pureza o texto de Pascal, fazendo desapparecer as correcções que Porto-Real havia intercalado.

M. Faugère publicou uma nova edição, e provou que só elle consultára o manuscripto autographo; e que M. Cousin, o escriptor de merito, o eminente philosopho se limitára, em geral, a revêr as copias.

Nota 5.ª a pagina 62

Vou compendiar em poucas palavras o mais util que dizem os dialecticos sobre a percepção,

juizo, e raciocinio; termo, proposição e argumentação.

Segundo os dialecticos, percepção é o conhecimento da cousa, sem affirmação ou negação; o juizo é a affirmação ou negação; raciocinio é o acto do entendimento pelo qual d'uma cousa inferimos outra.

Penso na virtude sem affirmar ou negar nada d'ella; tenho uma percepção. Affirmo interiormente que a virtude é louvavel; fórmo um juizo. D'aqui infiro que para merecer a verdadeira gloria é preciso ser virtuoso; é um raciocinio.

O objecto interior da percepção chama-se idéa.

O termo ou vocabulo é a expressão da cousa percebida. A palavra *America* não exprime a idéa do novo mundo, senão o mesmo novo mundo. É certo que não existiria o termo se não existisse a idéa, e que esta serve como de nó para prender o termo com a cousa; porém não o é menos, que quando dizemos *America,* entendemos a cousa mesma e não a idéa. Assim dizemos a America é um paiz formoso, e é evidente que não affirmamos isto da idéa.

Ao pensar nos metaes, conheço que o sêr *metal* é commum a muitas cousas que por outra parte são differentes, como a prata, o ouro, o chumbo, etc.; ao pensar nos brutos, vejo que ha n'elles alguma cousa, que convém ao camêlo, á aguia, á serpente, á borboleta, e a todos os demais, a saber, o *viver*

e *sentir,* ou o serem animaes. Quando expresso o que convém a muitos, dizendo *animal, corpo, homem justo, mau,* etc., o termo chama-se commum.

Em geral, o termo commum é aquelle cuja idéa convém a muitos; porém como póde convir a muitos, ou sómente quando se considerem reunidos, ou quando se applique qualquer d'elles em separado, costuma dizer-se que no primeiro caso o termo é collectivo, e no segundo distributivo. *Academia* é termo commum collectivo, porque exprime collecção de academicos; porém não de tal sorte que a cada um d'elles se possa chamar *academia.* Sabio é termo commum distributivo, porque se applica a muitos, de modo que qualquer individuo que possua sabedoria se póde chamar sabio.

Termo singular é o que exprime um só individuo: como Pyrenéos, mar Negro, Madrid, etc.

Parece-me que o termo collectivo não deveria contar-se como uma especie de commum, porque então ha o inconveniente de que a divisão não está bem feita. Diremos que o termo é commum ou singular. O commum divide-se em collectivo ou distributivo. Para que uma divisão seja bem feita requer-se que de dous membros oppostos um não pertença ao outro, o que se verifica se adoptarmos a divisão expressa. Com effeito, a palavra *nação* é commum, distributivamente, porque convém a todas as nações; e collectivamente, porque se ap-

plica a uma reunião. França é commum collectivo, porque se applica a um conjunto de homens, e singular porque exprime uma só nação, um verdadeiro individuo da especie das nações. Logo o termo collectivo não deve contar-se entre os communs, como contrapostos ao singular, pois que ha numeros collectivos communs e ha-os singulares.

O termo commum divide-se em univoco, equivoco e analogo. Univoco é o que tem para muitos significado identico: como homem, animal. Equivoco é o que tem significado differente, como leão, que tanto exprime um animal como um signo celeste. Analogo o que tem em parte significado identico, e em parte differente: como são, que se applica ao alimento que conserva a saude, ao medicamento que a restabelece, e ao homem que a possue; piedoso, que se applica á pessoa, a um livro, a uma acção, e a uma imagem.

Existem muitos termos que encerram idéas geraes e vagas, as quaes se podem prestar a innumeras modificações; de as empregar sem as definir resulta muitas vezes irremediavel confusão de idéas e estereis discussões. Assim, a cada passo usamos d'estas palavras: rei, monarcha, soberano, etc., e cada um lhe dá um sentido particular, sobre o qual estabelece seu systema, suas admirações, ou sua antipathia. E sem embargo é impossivel deixar de cahir em gravissimos erros, se, em cada caso, não fixamos escrupulosamente o sentido

que damos a taes palavras. Soberano é o sultão, soberano é o imperador da Russia, soberano é o rei de Portugal, soberana é a rainha de Inglaterra, e não obstante, em nenhum d'estes casos a soberania exprime o mesmo.

Definição é a explicação da cousa. Se explica a essencia da cousa, chama-se essencial; se se contenta com dál-a a conhecer, sem penetrar em sua natureza, chama-se descriptiva. Quando a cousa explicada é a significação d'uma palavra, chama-se definição de nome ou nominal: *definitio nominis*. Convém não confundir a definição de nome com a etymologia; porque sendo esta ultima a explicação da origem da palavra, acontece não raro que o sentimento usual é muito differente do etymologico. A etymologia illustra para se conhecer o verdadeiro significado, porém não o determina. Assim, por exemplo, a palavra bispo, *episcopus*, que, segundo a etymologia grega, significa vigilante, e na accepção latina, superintendente, nos indica em certo uso as attribuições pastoraes; porém dista muito de determinal-as em seu verdadeiro sentido. Entre os latinos significava o magistrado encarregado de prover o pão e outros comestiveis. Escrevendo Cicero a Attico, lhe diz: *Vult enim Pompeius me esse quem tota hæc Campania et maritima ora habeant episcopum, ad quem delectus et negotii summa referatur*. (Lib. 7. *Epist.*).

As qualidades de uma boa definição são a cla-

reza e a exactidão. Será clara, se todos a comprehenderem, desde que entendam o sentido das palavras; será exacta, se nem ajunta nem tira cousa alguma.

A melhor regra para nos assegurarmos da bondade d'uma definição, é applical-a desde logo ás cousas definidas, e observar se as comprehende a todas e só a ellas.

A divisão é a distribuição d'um todo em suas partes; segundo estas toma differentes nomes, chamando-se actual quando existem na realidade, e potencial quando não são mais que possiveis. A actual subdivide-se em metaphysica, physica e integral. Metaphysica é a que distribue o todo em partes metaphysicas, como o homem em animal e racional; physica, a que distribue em partes physicas, como o homem em corpo e alma; integral, a que distribue em partes que exprimem quantidade, como o homem em cabeça, pés, mãos, etc. A potencial é a que distribue um todo n'aquellas partes que nos outros podemos conceber. Assim, considerando como um todo a idéa abstracta *animal*, podemos dividil-a em racional e irracional. Se o expresso pela divisão potencial pertence á essencia da cousa, chama-se essencial, se não, accidental. Será essencial se divido o animal em racional e irracional; será accidental se o divido por suas côres, e outras qualidades semelhantes.

A boa divisão deve: 1.º abranger o todo; 2.º

não lhe attribuir partes que não tenha; 3.º não incluir uma parte em outras; 4.º proceder com ordem, quer esta se funde em a natureza das cousas ou na geração e distribuição das idéas.

Se affirmo uma cousa d'outra, fórmo um juizo: se o enuncio com palavras, tenho uma proposição. Affirmo interiormente que a terra é um espheroide; eis um juizo: digo ou escrevo: a terra é um espheroide; eis uma proposição.

Em todo o juizo ha relação de duas idéas, ou melhor dos objectos que ellas representam; o mesmo succede na proposição; o termo que exprime aquillo de que affirmamos ou negamos chama-se sujeito; o que affirmamos ou negamos chama-se predicado; e o verbo *ser*, que expresso ou subentendido se acha sempre na proposição appellida-se união ou copula, porque representa o enlace das duas idéas. Assim, no exemplo anterior: a terra é um espheroide; *terra*, é o sujeito; *espheroide*, o predicado; e *é*, o verbo.

Se ha affirmação, a proposição chama-se affirmativa, se ha negação, negativa. Convém, porém, advertir que para que uma proposição seja negativa, não basta que a particula *não* affecte algum de seus termos, senão que affecte o verbo. — A lei não manda pagar. — A lei manda não pagar. A primeira é negativa; a segunda affirmativa; o sentido torna-se muito differente só com a mudança do adverbio *não*.

As proposições dividem-se em universaes, indefinidas, particulares e singulares, segundo o sujeito é singular indefinido, particular ou universal. Todo o corpo é grave; é proposição universal, por causa da particula *todo*. O *homem* é inconstante; é proposição indefinida, porque não designa se o são todos ou algum. *Alguns axiomas* são enganosos; proposição particular, porque o sujeito está restringido pelo adjunto *alguns*. Gonçalo de Cordova foi insigne capitão, é singular esta proposição, porque o é tambem o sujeito. Para que a proposição seja singular não é forçoso que o nome sea proprio; basta que uma palavra qualquer o determine: como quando digo: *esta* moeda é falsa.

Tocante ás proposições indefinidas, póde perguntar-se se o sujeito se toma em sentido universal ou particular, e a esta questão dão origem dous motivos: 1.º o não estar aquelle acompanhado do termo universal nem particular; 2.º o observar-se que o uso lhes assignala um sentimento universal, e a outras não.

A proposição indefinida equivale á universal em sentido absoluto, se se trata de materias pertencentes á essencia das cousas, ou alguma das propriedades que possa considerar-se necessaria; equivale a universal moral, isto é, para a maior parte dos casos, se versa sobre qualidades que assim o demandam; e por fim a particular, se assim o indica a cousa de que se falla. Os corpos são pe-

sados — equivale a dizer que todos os corpos são pesados. Os allemães são meditabundos: não equivale a dizer que todos o sejam, senão que este é um dos caracteres d'aquella nação.

As proposições são simples ou compostas. As simples são as que exprimem a relação d'um só predicado com um só sujeito; como todos os dos exemplos anteriores. As compostas são as que exprimem mais d'um sujeito ou mais d'um predicado; e por isso explicita ou implicitamente, comprehendem mais de uma proposição. Com a explicação e os exemplos se conhecerá melhor em que consiste uma proposição composta. Os dialecticos costumam distribuil-as em varias classes; indicarei as principaes.

Proposição copulativa é a que exprime o enlace de duas affirmações ou negações. O ouro e a prata são metaes. Equivale a estas reunidas: o ouro é metal; a prata é metal. O ouro é amarello, o ouro é ductil. Para que estas proposições sejam verdadeiras é mister que o sejam suas duas partes; porque a affirmação não se limita a uma senão que se estende ás duas. Á mesma classe podem reduzir-se estas negativas: nem a avareza nem a soberba são virtudes; a temperança não é damnosa nem á alma nem ao corpo, etc.

Disjunctiva é a proposição em que entre dous ou mais extremos se affirma a existencia d'um. As acções humanas são boas ou más. A estas horas se

haverá executado o designio ou nunca se executará. Para a verdade d'estas proposições se exige que não haja meio entre os extremos assignalados. Um papel ou é branco ou negro: esta proposição é falsa, porque póde ser d'outras côres.

Proposição condicional é aquella em que se affirma uma cousa com condição. Se o vento sopra, o tempo será frio. Se nevar, os fructos se perderão. Para a verdade d'estas proposições necessita-se que na realidade a primeira parte traga comsigo a segunda, porque isto é o que se affirma; mas não que a segunda traga a primeira, porque d'isto se prescinde. Assim no ultimo exemplo se diz que o gelo trará comsigo a perdição dos fructos; porém não que, em se perdendo os fructos haja gelo; porque não se affirma que os fructos não possam perder-se por outras causas.

Pouco direi sobre as fórmas da argumentação. Os dialecticos as tem distribuido em muitas classes, assignalando-lhes abundantes regras, tudo com muito engenho. Já indiquei o que de sua utilidade pensava. Para inventar de pouco ou nada servem; para expôr servem de muito; e em geral o acostumar-se a ellas por algum tempo, deixa no entendimento uma clareza e precisão que não se perdem facilmente e se fazem sentir em todos os estudos.

Syllogismo é a argumentação em que se comparam dous termos com um terceiro, para se inferir a relação que teem entre si. O simples é incor-

ruptivel, a alma é simples, logo é incorruptivel. Os extremos são *alma* e *incorruptivel;* o termo medio é *simples.*

Enthymema é um syllogismo abreviado. A alma é simples, logo é incorruptivel.

Dilemma é uma argumentação fundada sobre uma proposição disjunctiva, que por todos os lados prende o adversario. O christianismo diffundiu-se por meio dos milagres, ou sem elles: se foi por meio de milagres, o christianismo é verdadeiro; se independente de milagres, o é tambem, pois maior milagre é ter-se diffundido sem milagres; em todo o caso é pois obra de Deus.

Nada diremos do sorites, do epicrema e outras fórmas de argumentações, pois que todas ellas se podem reduzir ao syllogismo ou ao enthymema.

FIM DAS NOTAS

*

INDICE

Pag.

PREFACIO..... V

CAPITULO I

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

I — Em que consiste o pensar bem. Que é a verdade?..... 1
II — Differentes maneiras de conhecer a verdade..... 2
III — Diversidade dos espiritos..... 3
IV — A perfeição das profissões depende da perfeição com que se conhecem os objectos d'ellas..... 5
V — A todos interessa pensar bem..... 6
VI — Como se deve ensinar a arte de pensar bem?..... 7

CAPITULO II

A ATTENÇÃO

I — Definição da attenção, sua necessidade 8
II — Vantagens da attenção e inconvenientes de sua falta..... 10

Pag.

III — Como deve ser feita a attenção. Espiritos frivolos e concentrados 11
IV — As interrupções 12

CAPITULO III

ESCOLHA DA CARREIRA

I — Vaga significação da palavra talento... 14
II — O instincto nos indica a carreira que melhor se nos adapta 15
III — Meios para discernir as aptidões particulares d'um menino 17

CAPITULO IV

DA POSSIBILIDADE

I — Classificação dos actos de nosso entendimento. Questões a propôr 19
II — O possivel e o impossivel. Classificação 20
III — Em que consiste a impossibilidade metaphysica ou absoluta 21
IV — A impossibilidade absoluta e a omnipotencia divina 22
V — A impossibilidade absoluta e os dogmas 23
VI — Impossibilidade physica ou natural 24
VII — Modo de julgar da impossibilidade natural 24
VIII — Solução d'uma difficuldade sobre os milagres 26
IX — Impossibilidade moral ou ordinaria 29
X — Impossibilidade do senso commum, impropriamente confundida com a impossibilidade moral 30

CAPITULO V

DA EXISTENCIA; CONHECIMENTOS ADQUIRIDOS PELO TESTEMUNHO IMMEDIATO DOS SENTIDOS

Pag.

I — Necessidade do testemunho dos sentidos; differentes modos com que nos apresentam as cousas 33
II — Erros a que estamos sujeitos por occasião dos sentidos. Meios de os remediar. Exemplos 35
III — É mister, em certos casos, empregar mais d'um sentido a fim de comparar seu testemunho 37
IV — Os sãos do corpo e doentes do espirito.. 38
V — Sensações reaes, mas sem objecto externo 40
VI — Os maniacos e os scismaticos..... 42

CAPITULO VI

CONHECIMENTOS ADQUIRIDOS MEDIATAMENTE PELOS SENTIDOS

I — Transição do conhecido para o desconhecido, do que é percebido pelos sentidos para o que elles não percebem 44
II — Coexistencia e successão 46
III — Duas regras sobre a coexistencia e a successão..... 48
IV — Causalidade. Observações. Uma regra de dialectica..... 51
V — Razão d'um acto que nos parece puramente instinctivo 52

CAPITULO VII

A LOGICA D'ACCORDO COM A CARIDADE

Pag.

I — Sabedoria da lei que prohibe os juizos temerarios 54
II — Exame da maxima: «julga mal das cousas e não te enganarás» 55
III — Algumas regras para julgar da conducta dos homens 57

CAPITULO VIII

DA AUTHORIDADE HUMANA EM GERAL

I — Duas condições para avaliar um testemunho 65
II — Exame e applicações da primeira condição 66
III — Exame das applicações da segunda condição 67
IV — Uma observação 68
V — É difficil chegar á verdade, quando ella está longe pelo tempo e pela distancia 69

CAPITULO IX

OS JORNAES

I — Uma illusão 71
II — Os jornaes não dizem a verdade toda sobre as pessoas 72

Pag.

III — Os jornaes não dizem a verdade toda a respeito das cousas..... 74

CAPITULO X

RELAÇÕES DE VIAGENS

I — Duas partes mui differentes nas relações de viagens..... 76
II — Origem e composição de certas relações de viagens..... 77
III — Maneira de estudar um paiz..... 81

CAPITULO XI

HISTORIA

I — Importancia dos estudos historicos. Modo de estudar a historia..... 83
II — Distincções entre o facto e as circumstancias do facto. Applicações 84
III — Algumas regras para o estudo de historia 86

CAPITULO XII

CONSIDERAÇÕES GERAES SOBRE OS MEIOS DE CONHECER A NATUREZA DOS SÊRES, SUAS PROPRIEDADES E RELAÇÕES

I — Uma classificação das sciencias..... 95
II — Prudencia scientifica; meios de a adquirir..... 97
III — Os grandes homens. Evocação..... 103

Pag.

III — Modificações que em nossos dias tem soffrido a authoridade scientifica..... 165
IV — O talento de invenção. Carreira do genio 167

CAPITULO XIX

A INTELLIGENCIA, O CORAÇÃO E A IMAGINAÇÃO

I — Direcção e uso das faculdades da alma. Dido. Alexandre..... 169
II — Influencia do coração sobre a razão. Causas e effeitos 171
III — Um só dia da vida 174
IV — Uma opinião politica..... 179
V — Devemo-nos premunir contra as influencias que o coração exerce sobre o uizo 183
VI — Um exemplo..... 185
VII — Cavillosas variações dos juizos politicos 187
VIII — Perigos d'uma excessiva sensibilidade. Os grandes talentos. Os poetas..... 189
IX — Necessidade de ter idéas fixas..... 191
X — O poeta e o mosteiro..... 191
XI — Deveres do escriptor, do poeta, do orador e do artista 194
XII — Pensamentos revestidos de imagens. Fonte de erros..... 197

CAPITULO XX

PHILOSOPHIA DA HISTORIA

I — Philosophia da historia ; o que ella é ; difficuldades d'esta sciencia 198
II — Um meio de progredir na philosophia da historia..... 200

Pag.

III — Applicação d'estes principios á historia do espirito humano 201
VI — Exemplo tirado da physionomia do homem 202

CAPITULO XXI

RELIGIÃO

I — Insensatos raciocinios dos indifferentes em materia de religião..... 205
II — O indifferente e o genero humano..... 206
III — Passagem da indifferença ao exame 208
IV — Não é possivel que todas as religiões sejam verdadeiras 209
V — É impossivel que todas as religiões sejam igualmente agradaveis a Deus 210
VI — É impossivel que todas as religiões sejam invenção humana..... 210
VII — A revelação é possivel..... 212
VIII — Solução d'uma difficuldade contra a revelação..... 212
IX — Consequencias dos paragraphos precedentes..... 213
X — Existencia da revelação..... 214
XI — Provas historicas da existencia da revelação..... 216
XII — Os dissidentes e a Igreja catholica 220
XIII — Methodo empregado por alguns impugnadores da religião..... 221
XIV — A mais alta philosophia d'accordo com a fé 224
XV — O que abandona a religião catholica não sabe onde refugiar-se 225

CAPITULO XXII

DO ENSINO PRATICO

Pag.

I — Classificação dos actos 227
II — Nem sempre é facil propôr-se o fim desejado 228
III — Exame do proverbio: «cada qual é filho de suas obras» 229
IV — O homem aborrecido 231
V — O homem arruinado 232
VI — O homem instruido insoluvel e o rustico rico 233
VII — Observações. O espirito de sophisma e o bom senso 234
VIII — Só a pratica revela certos phenomenos intellectuaes 235
IX — Os absurdos 236
X — Espiritos falsos 237
XI — Sua incapacidade para os negocios 238
XII — Este defeito intellectual nasce ordinariamente d'uma causa moral 239
XIII — A humildade christã em suas relações com os negocios mundanos 241
XIV — Perigos da vaidade e do orgulho 242
XV — O orgulho 244
XVI — A vaidade 246
XVII — Em os negocios, é mais funesta a influencia do orgulho do que a da vaidade ... 247
XVIII — Comparação do orgulho com a vaidade. 248
XIX — De quanto esta paixão é geral 249
XX — Necessidade de lucta continua 251
XXI — O orgulho não é o unico defeito que nos induz a erro ao propôr-nos um fim 252

Pag.

XXII — Desenvolvimento de forças latentes 253
XXIII — Ao propôr-nos um fim devemos guardar-nos ao mesmo tempo da presumpção e da excessiva desconfiança..... 256
XXIV — A preguiça..... 256
XXV — Uma vantagem da preguiça sobre as outras paixões..... 257
XXVI — Origem da preguiça..... 258
XXVII — Preguiça do espirito..... 259
XXVIII — Razões que confirmam o que deixamos dito sobre a origem da preguiça..... 260
XXIX — A inconstancia; sua natureza e origem 261
XXX — Provas e applicação..... 261
XXXI — O justo meio entre os extremos 262
XXXII — A moral é o melhor guia do entendimento pratico..... 264
XXXIII — A harmonia do universo protegida pelo castigo 265
XXXIV — Observações sobre as vantagens ou desvantagens da virtude nos negocios.... 267
XXXV — Uma accusação injusta contra a virtude..... 268
XXXVI — Uma accusação infundada contra a sciencia 269
XXXVII — As paixões são bons instrumentos, mas pessimos conselheiros..... 271
XXXVIII — A hypocrisia das paixões..... 272
XXXIX — Exemplo. Duas fórmas de vingança.... 273
XL — Precauções 277
XLI — Hypocrisia do homem para comsigo mesmo 278
XLII — Conhecimento de si mesmo..... 279
XLIII — O homem foge de si mesmo..... 280
XLIV — Bons resultados do estudo sobre as paixões..... 282

Pag.

XLV — Sabedoria da religião christã na conducta das almas 282
XLVI — Os sentimentos moraes como auxiliares da virtude 285
XLVII — Uma regra para os juizos praticos 286
XLVIII — Outra regra 287
XLIX — O homem rindo-se de si proprio 289
L — Perpetua meninice do homem 291
LI — Uma mudança na vida 292
LII — Os sentimentos de per si só são pouco seguro guia 296
LIII — Não as impressões sensiveis, senão a moral e a razão 298
LIV — A exageração póde a um sentimento bom tornal-o mau 299
LV — Utilidade do saber relativamente á pratica 306
LVI — Inconvenientes da universalidade 309
LVII — Força da vontade 312
LVIII — Firmeza da vontade 313
LIX — Firmeza, energia, impetuosidade 316
LX — Conclusão e resumo 322
NOTAS 325

FIM DO INDICE

Gomes Leal

Fim do mundo (sátiras modernas).
Mulher de luto.

Guerra Junqueiro

A Velhice do Padre Eterno, edição ilustrada.
Pátria.
Finis Patriae
Vitória de França
Baptismo de Amor.
O Crime.
Lágrima.
Oração ao pão.
Oração à luz.
Poesias avulsas.
Clarões espirituais, no prélo.
Horas de luta, no prélo.

Guilherme Gama

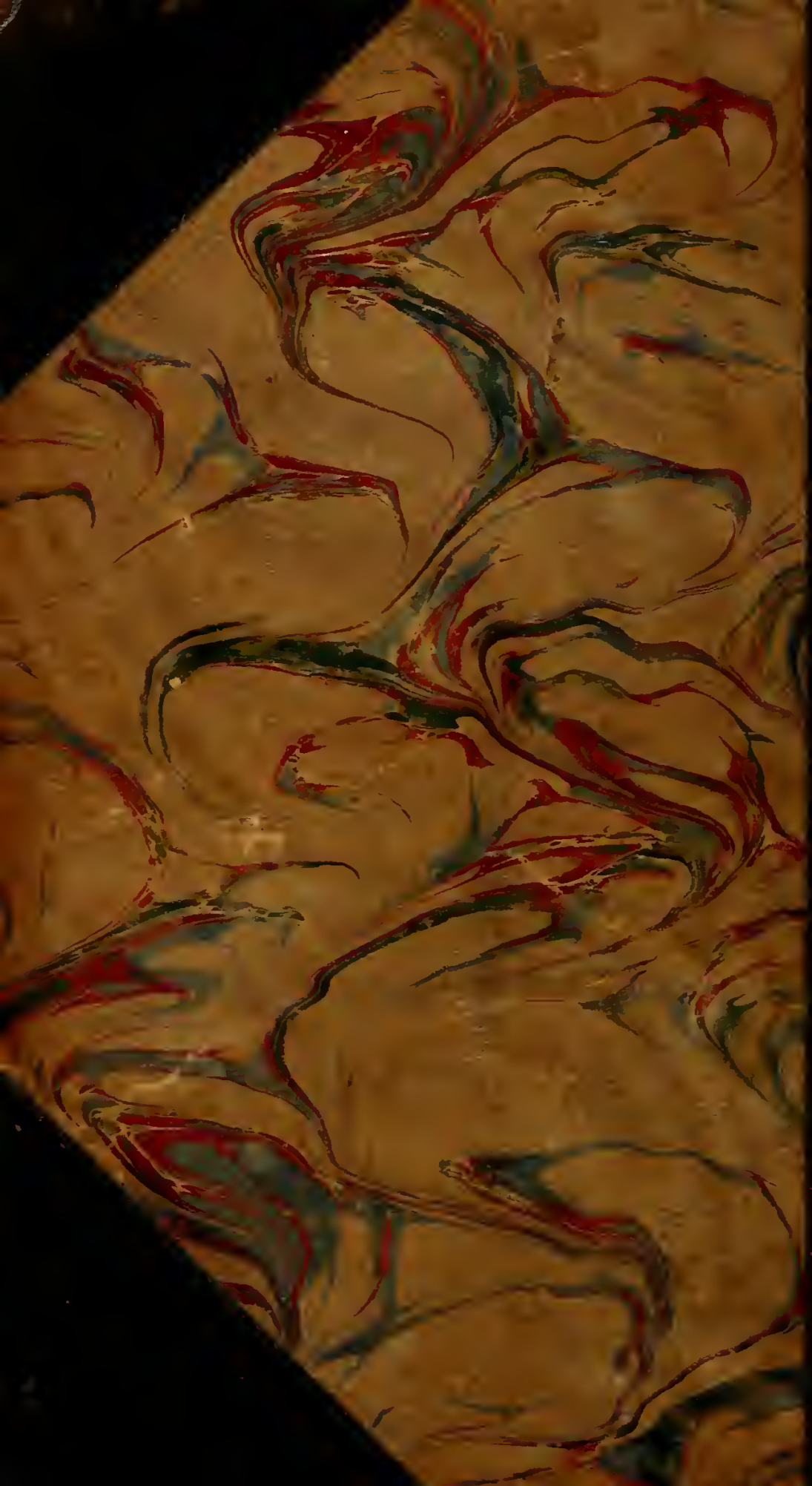
Prosas simples.
Amar é sofrer.

Gustavo Flaubert

Traduções do Dr. João Barreira

Salammbô.
Tentação de Santo Antão.
Educação Sentimental, romance.
Madame Bovary, 2 vol.

João Chagas

História da revolta do Pôrto (obra ilustrada)
As minhas razões.

Preços, vêr a tabela em vigor.
Todos estes volumes vendem-se igualmente encadernados.